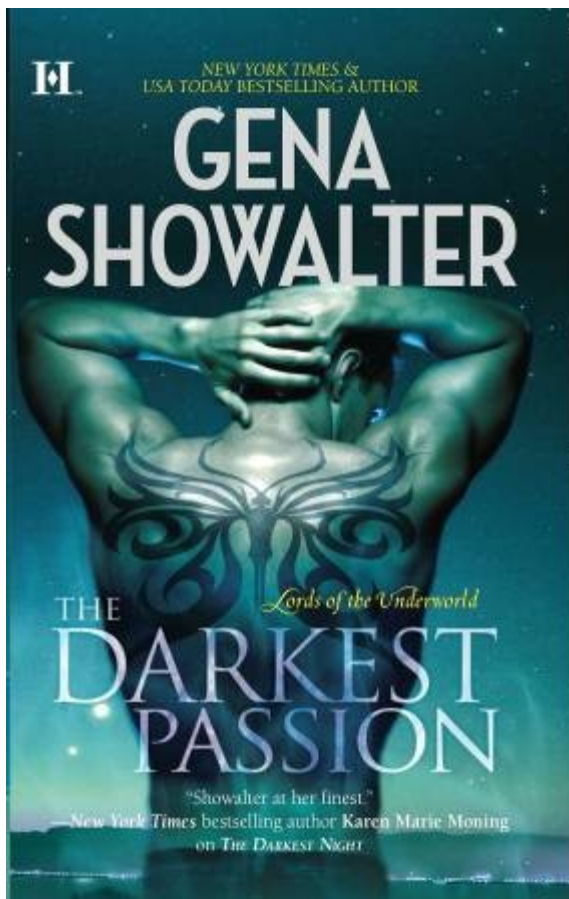




A Paixão Sombria

Gena Showalter

Durante semanas, Aeron, antes um guerreiro imortal dos deuses, tem sentido uma inquietante presença. Uma presença que quer fazer-se conhecida. Olivia é um anjo, "um demônio assassino" e antes de destruí-lo como ordenaram, ela decide salvá-lo. O preço, entretanto, é alto. Suas asas são arrancadas cruelmente e lhe tiram sua imortalidade. Mas para Aeron, quem sempre desprezou a debilidade, a confiança e o amor de Olívia serão sua ruína.

Capítulo Um



— Não parecem se importar que estejam morrendo.

Aeron, um guerreiro imortal possuído pelo demônio da Ira, estava sentado no beiral dos apartamentos Bubajos¹ no centro de Budapeste, olhando para baixo aos humanos que tão alegremente passavam a tarde. Alguns estavam às compras, outros falando e rindo, e uns poucos lanchando enquanto caminhavam. Mas nenhum deles caía de joelhos e suplicava aos deuses por mais tempo nesses débeis corpos. Nem tampouco estavam chorando porque não o conseguissem.

Desviou a atenção das pessoas a seu redor. A luz da calada lua derramada do céu, mesclando-se com o resplendor âmbar das luzes e lançando sombras nas vias pavimentadas. Os edifícios se estendiam por toda parte, alguns dos pontos mais altos envoltos em toldos verdes claro, o contraste perfeito para as árvores esmeraldas que se elevavam em suas bases.

Bonito, tanto como o eram os caixões.

Os humanos sabiam que estavam se desvanecendo. Demônios, cresciam sabendo que teriam que abandonar tudo e a todos os que amavam, e, entretanto, como já tinha observado, não exigiam nem sequer pediam mais tempo. Mas como... Fascinava-o. Se Aeron soubesse que logo seria separado de seus amigos, os outros guerreiros possuídos por demônios que passou os últimos milhares de anos protegendo, faria qualquer coisa — sim, inclusive implorar — para trocar seu destino.

Assim por que não os mortais? O que eles sabiam que ele desconhecia?

— Não estão morrendo. — Disse seu amigo Paris a seu lado — Vivem enquanto têm a oportunidade.

Aeron soltou um bufo. Essa não era a resposta que procurava. Mas como poderiam viver enquanto tivessem a oportunidade quando sua “oportunidade” não era mais que uma mera piscada de tempo?

— São frágeis. Destroem-se facilmente. Como bem sabe.

Cruel por sua parte dizê-lo por que... A namorada? Amante? Fêmea escolhida? De Paris, o que fosse, foi recentemente assassinada a tiros diante dele. Ainda assim, Aeron não podia lamentar as palavras.

Paris era o guardião da Promiscuidade, obrigado a ir à cama de diferentes humanas cada dia ou se debilitaria e morreria. Não podia permitir o luxo de chorar a perda de uma amante em concreto. Especialmente uma amante inimiga, caso de sua pequena Sienna.

Aeron odiava admitir, mas em certo grau, alegrava-se de que a mulher estivesse morta. Ela teria utilizado as necessidades de Paris contra ele e finalmente o teria arrastado à ruína.

Eu, entretanto, garantirei sua segurança para sempre. Era uma promessa. O rei dos deuses tinha dado a Paris uma escolha: O retorno da alma de sua mulher ou a liberdade de Aeron de um horrendo frenesi de sangue que constantemente dançava com pensamentos de mutilação e assassinato por sua mente. Pensamentos, estava envergonhado de admitir, sob os quais tinha agido. Uma e outra vez.

Por causa dessa maldição, Reyes, o guardião do demônio da Dor, quase tinha perdido a sua amada Danika. De fato, Aeron tinha estado preparado para abater esse golpe mortal, a folha afiada, levantada... Caindo para seu bonito pescoço. Mas justo antes do contato, Paris tinha escolhido Aeron e a loucura o tinha deixado

¹ “Encantador” em Húngaro.

imediatamente, perdendo a vida de Danika.

Uma parte de Aeron ainda se sentia culpado pelo que quase tinha ocorrido e sobre as consequências da escolha de Paris. Uma culpa que era como ácido nos ossos, o devorando. Agora Paris sofria enquanto ele se deleitava em sua liberdade. Isso não significava, entretanto, que demonstraria a Paris misericórdia neste assunto. Amava muito seu amigo para isso. Mais que isso, Aeron devia a ele. E Aeron sempre pagava suas dívidas.

Daí a razão pela qual se encontravam neste telhado.

Cuidar de Paris, entretanto, não era uma tarefa fácil. Durante as passadas seis noites Aeron tinha conduzido aqui a seu amigo em meio de incessantes protestos. Paris só tinha que escolher uma mulher, então Aeron procurava e se assegurava de que os dois estivessem a salvo, enquanto tinham sexo. Mas cada noite, a escolha se fazia mais tarde. E mais tarde.

Aeron tinha a sensação de que desta vez Paris e ele se sentariam aqui e falariam até a saída do sol.

Se o guerreiro agora deprimido tivesse evitado a estes fracos mortais como fazia Aeron, agora não desejaria o que não podia ter. Não estaria desesperado por isso, negando-lhe para toda a eternidade.

Aeron suspirou.

— Paris. — Começou. Então se deteve. Como deveria continuar? — Seu lamento deve terminar. — Bem. Ao ponto, como ele preferia. — Debilita-se.

Paris passou a língua pelos dentes.

— Como se você pudesse falar de debilidade. Quantas vezes foi a cadela da Ira? Incontáveis. E quantas dessas incontáveis vezes culpou aos deuses? Só uma vez. Quando esse demônio o alcança, perde todo o controle de suas ações. Assim não adicione à hipocrisia a sua lista de pecados, de acordo?

Não se deu por ofendido. Por desgraça, a afirmação de Paris era irrefutável. Às vezes Ira tomava o controle do corpo de Aeron e voava pela cidade, golpeando a todo mundo a seu alcance, os machucando e fartando-se de seu terror. Nesses casos, Aeron era consciente do que estava acontecendo, embora incapaz de deter o açougue.

Não é que sempre quisesse deter o açougue. Algumas pessoas mereceram o que obtiveram.

Mas, sim, o aborrecia perder o controle do corpo, como se fosse simplesmente uma marionete com fios. Ou um macaco que dançava a uma ordem. Quando se via reduzido a tal estado, desprezava seu demônio, mas não tanto como desprezava a si mesmo. Porque com o ódio, também experimentava orgulho. Dentro da Ira. Arrebatando as rédeas de seu controle requeria poder e o poder de qualquer tipo devia ser valorizado.

Calma. A competição de força amor/ódio o inquietava.

— Pode ser que não tenha querido dizê-lo, mas acaba de provar minha colocação. — Disse, saltando de novo à conversa. — A debilidade dá origem à destruição. Sem exceções.

No caso de Paris, angustiar-se era simplesmente outra palavra para distrair-se. E como distração poderia resultar fatal.

— O que isso tem a ver comigo? O que tem isso a ver com os humanos ali em baixo? — Assinalou Paris.

Grande retrato do tempo.

— Essas pessoas. Envelhecem e se deterioram em um batimento de tempo.

— E?

— E me deixe terminar. Se apaixonar-se por uma delas, poderia tê-la durante a melhor parte de um século. Talvez, se não adoecesse ou não lhe ocorre um acidente. Mas será um século dedicado a vê-la murchar e morrer. E durante tudo isso, saberá que te espera uma eternidade sem ela.

— Que pessimismo. — Paris estalou a língua, apenas a reação que Aeron tinha esperado. — O vê como um século que passa perdendo o que é incapaz de proteger. Eu o vejo como um século que passo desfrutando de uma grande bênção. Uma bênção que o auxiliará o resto da eternidade.

Auxílio? Absurdo. Quando perde algo precioso, as lembranças se convertem em um atormentador aviso do que nunca poderia ter de novo. Essas lembranças acrescentadas a seus problemas, o distraíndo — a diferença de Paris, ele não envolveria a palavra em um bonito laço — em lugar de te fortalecer.

A prova: assim é como se sentiu a respeito de Baden, guardião da Desconfiança e uma vez seu melhor amigo. Faz muito tempo, tinha perdido ao homem que tinha gostado inclusive mais do que teria gostado de um irmão de sangue, e agora, cada vez que estava sozinho, imaginava Baden e se perguntava sobre o que poderia ter sido.

Não queria isso para Paris.

Esqueça a grande situação. Tempo para ser um pouco mais implacável.

— Se é tão capaz de aceitar a perda, por que continua chorando por Sienna?

Um raio de luz da lua golpeou o rosto de Paris, e Aeron viu que tinha os olhos ligeiramente frágeis. Obviamente, tinha estado bebendo. Uma vez mais.

— Não tive meu século com ela. Embora tive alguns dias. — Com tom lacônico. Não se detenha agora.

— E se tivesse passado cem anos com ela antes de morrer, agora estaria em paz com sua morte?

Houve uma pausa.

Não tinha pensado.

— Suficiente! — Paris bateu o punho contra o telhado e o edifício inteiro se sacudiu. — Já não quero falar mais disto.

Lástima.

— A perda é perda. A debilidade é debilidade. Se não nos permitimos estar conectados aos humanos, não nos importará quando nos deixarem. Se endurecemos nossos corações, não desejaremos o que não podemos ter. Nossos demônios nos ensinaram isso muito bem.

Cada um de seus demônios uma vez tinha vivido no inferno, desejando a liberdade, e juntos lutaram para sua saída. Só terminaram trocando uma prisão por outra, e a segunda tinha sido muito pior que a primeira.

Em lugar de suportar enxofre e chamas como o haviam feito antes, passaram uns mil anos presos no interior da caixa de Pandora. Mil anos de escuridão, desolação e dor. Não tinham tido nenhuma independência, nem esperança de algo melhor.

Se esses demônios tivessem sido mais fortes, não teriam desejado ardentemente o que lhes estava proibido e não teriam sido capturados.

Se Aeron tivesse tido uma vontade mais forte, não teria ajudado a abrir essa

caixa. Não teria sido então amaldiçoado alojando dentro de seu próprio corpo o mesmo mal que ele tinha desatado. Não teria sido chutado dos céus, o único lar que alguma vez tinha conhecido, para passar o resto da eternidade nesta caótica terra onde nada permanecia igual.

Ele não teria perdido Baden enquanto brigavam com os Caçadores, desprezíveis mortais que aborreciam aos Senhores, culpando-os pelo mal do mundo. Um amigo morria de câncer? É óbvio que os Senhores eram os responsáveis. Uma adolescente descobria que estava grávida? Os Senhores claramente tinham golpeado de novo.

Se tivesse sido mais forte, ele não teria sido apanhado nessa guerra uma vez mais, brigando, matando. Sempre matando.

— Alguma vez desejou uma mortal? — Perguntou Paris, o tirando de seus escuros pensamentos. — Sexualmente?

Uma tranquila risada lhe escapou.

— Dar a boa vinda a uma fêmea em minha vida um dia, só para perdê-la ao seguinte? Não.

Era mais inteligente que isso.

— Quem diz que tem que perdê-la?

Paris extraiu um frasco do interior de sua jaqueta de couro e tomou um longo gole.

Ainda mais álcool? Suas poucas palavras de ânimo claramente não haviam feito a seu amigo nenhum bem.

Depois de engolir, Paris adicionou:

— Maddox tem Ashlyn, Lucien tem Anya, Reyes tem Danika e agora Sabin tem Gwen. Inclusive a irmã de Gwen, Bianka a Terrível, tem um amante. Um anjo com o que tive que lutar luta livre, por isso chega. Não falaremos dessa parte.

Luta livre? Sim. Melhor evitá-la.

— Esses casais se têm um ao outro, embora cada uma dessas mulheres tem uma habilidade que a distingue de outros de sua espécie. São mais que humanas.

Entretanto, isso não significa que vão viver para sempre. Inclusive os imortais poderiam ser assassinados. Ele tinha sido o encarregado de recolher a cabeça de Baden, sem o corpo do guerreiro. Tinha sido o primeiro em vislumbrar essa eternamente congelada expressão de choque.

— Bom, olá, solução. Encontre uma mulher com uma habilidade que a distinga. — Disse secamente Paris.

Como se fosse tão fácil. Além disso...

— Tenho Legion, e ela é tudo o que posso lidar neste momento.

Imaginou a pequena demônio como uma filha para ele e sorriu. Quando estava de pé, só lhe chegava à cintura. Tinha escamas verdes, dois diminutos chifres que tinham brotado justo em cima de sua cabeça e afiados dentes que produziam saliva venenosa. Os diademas eram seu acessório favorito e a carne fresca sua comida favorita.

O primeiro desfrutava permitindo-lhe, o segundo estavam trabalhando nisso.

Aeron a tinha conhecido no inferno. Bom, tão perto do abrasador fosso como um homem poderia conseguir chegar sem derreter-se dentro de suas chamas. Tinha estado encadeado ao lado, por assim dizê-lo, ébrio com essa maldita sede de matar, decidido a assassinar inclusive a seus amigos, quando Legion tinha cavado seu

caminho para ele, sua presença de algum jeito esclarecendo sua mente, lhe dando a força que mais estimava. Tinha-o ajudado a escapar, e tinham estado juntos após isso.

Exceto agora. Sua preciosa menina tinha retornado ao inferno, um lugar que ela desprezava, e tudo porque um anjo íntegro-para-os-deuses tinha estado vigiando Aeron, espreitando nas sombras, invisível, na espera de... Algo. O que, não sabia. Só sabia que esse intenso olhar não estava sobre ele agora mesmo, mas retornaria. Sempre o fazia. E Legion não podia suportá-lo.

Inclinou-se para trás e olhou para o céu noturno. As estrelas desta noite eram vívidas, como diamantes dispersos em cetim negro. Às vezes, quando ansiava inclusive a ilusão da solidão, elevava-se tão alto quanto as asas o levassem e então caía, rápido e seguro, só desacelerando segundos antes do impacto.

Quando Paris engoliu outro gole de seu licor, o aroma da ambrosia² flutuou na brisa, tão suave e doce como o fôlego de um bebê. Aeron sacudiu a cabeça. Ambrosia era a droga preferida de seu amigo, a única coisa capaz de adormecer a mente e o corpo para os homens como eles, mas seu uso lhe estava escapando de controle, fazendo descuidado ao uma vez feroz soldado.

Com Galen, líder dos Caçadores e um guerreiro possuído por um demônio como eles, vagando pelas ruas, necessitava a seu amigo lúcido no mínimo. Enfocado no anjo, e bom, ele necessitava a seu amigo em plena forma para a luta. Os anjos, como ele recentemente tinha aprendido, eram assassinos de demônios.

Este anjo queria matá-lo? Não estava seguro, e o consorte de Bianka, Lysander, não o diria. Entretanto, a resposta realmente não importava. Planejava estripar ao covarde, macho ou fêmea, no momento que tivesse bolas e aparecesse frente a ele.

Ninguém o separaria de Legion. Não sem sofrer por isso. Legion inclusive poderia estar agora ferida, mental e fisicamente. Com esse pensamento, as mãos de Aeron se crisparam com tanta força que os ossos quase se fraturaram. Os irmãos de sua pequena adorada desfrutavam zombando dela por sua bondade e compaixão. Também desfrutavam perseguindo-a e os deuses sabiam o que lhe fariam se realmente a pegassem.

— Por muito que ame Legion, — Começou Paris, outra vez arrastando Aeron da lama agudamente emaranhada de seus pensamentos. Lançou uma pedra ao edifício frente a eles antes de apurar o resto do frasco. — ela não pode satisfazer todas as suas necessidades.

O que significava sexo. Poderiam abandonar este assunto de uma vez por todas? Aeron suspirou. Não tinha se deitado com uma mulher em anos, possivelmente séculos. Elas simplesmente não valeriam a pena o esforço. Por causa de Ira, seu desejo de machucá-las logo pesava mais que o desejo de agradá-las. Além disso, tão tatuado e endurecido como era Aeron, tinha que brigar por cada migalha de afeto que recebia. As mulheres se assustavam com ele, e com razão. O abrandamento lhe requeria tempo e paciência que não tinha. Depois de tudo, havia mil outras coisas mais importantes que podia fazer. Coisas como o treinamento, a vigilância de sua casa, o amparo a seus amigos. Permitir a Legion cada capricho.

— Não tenho tais necessidades. — E em sua maior parte, isso era verdade. Disciplinado como era, rara vez se entregava aos prazeres da carne. O único momento em que o fez foi quando esteve sozinho. — Tenho tudo o que desejo.

² Bebida deliciosa, considerada o néctar, a bebida dos deuses ou semideuses da mitologia grega. Não existe uma formulação definida, alguns historiadores dizem ser feita à base de mel, outras de laranja.

Agora, viemos aqui para compartilhar nossos sentimentos ou encontrar uma amante para você?

Com um grunhido, Paris jogou o frasco vazio onde tinha lançado a pedra. Chocou-se contra a parede do edifício, as nuvens de pó e rocha enchendo o ar.

— Um dia, alguém o fascinará, o atrairá, pegará você e a desejará com todas as células do corpo. Espero que o deixe louco. Espero, ao menos durante um tempo, que ela o renegue, levando-o a uma alegre perseguição. Talvez então compreenda um indício de minha dor.

— Se isso for o necessário para devolver o favor que me fez, então com muito gosto aguentarei esse destino. Inclusive rogo aos deuses por ele.

Aeron não podia se imaginar algum dia gostando de uma mulher, imortal ou humana, tanto que desestabilizasse sua vida. Não era como os outros guerreiros, que constantemente procurava companhia. Realmente era mais feliz quando estava sozinho. Melhor dizendo, a sós com Legion. Além disso, era muito orgulhoso para perseguir alguém que não lhe devolvia seu ardor.

Mas tinha querido dizer o que disse. Por Paris, suportaria qualquer coisa.

— Ouviu isso, Cronos? — Gritou aos céus. — Envie-me uma mulher. Uma que me atormente. Uma que me negue.

— Bastardo arrogante. — Paris riu entre dentes. — E se realmente enviar a essa fêmea inalcançável?

Deuses, essa diversão o agradava. Parecia-se muito ao velho Paris.

— Duvido.

Cronos queria que os guerreiros se concentrassem em derrotar Galen. O qual tinha sido sua obsessão desde que Danika havia predito que o rei deus ia morrer nas mãos de Galen.

Como o Olho que todo vê, as previsões de Danika sempre eram exatas. Inclusive as más. Mas havia uma fresta de esperança: essas visões poderiam usar-se para conseguir a mudança. Ao menos em teoria.

— Mas e se o fizer? — Apressou Paris quando o silêncio se prolongou muito tempo.

— Se Cronos responder minha súplica, desfrutarei da viagem. — Mentiu Aeron com um sorriso. — Agora, basta de mim. Vamos fazer o que devemos fazer aqui. — Se endireitou e olhou para a rua, examinando a diluída multidão.

Para conservar as vias, aos carros não era permitido entrar nesta parte da cidade, assim que todo mundo tinha que ir a pé. É por isso que tinha escolhido este lugar. Tirar uma mulher de um veículo em movimento não era algo que desfrutasse. Desta maneira, Paris só tinha que fazer sua seleção e Aeron estenderia as asas e deixaria voar ao guerreiro. Um olhar dos formosos olhos azuis do demônio, e a fêmea escolhida se deteria e ofegaria. Às vezes um sorriso era tão único se necessitava para convencê-la de que se despisse, ali mesmo, em público, onde qualquer pessoa que espreitasse nos becos poderia olhar.

— Não encontrará ninguém. — Disse Paris. — Já olhei.

— O que acontece... ela? — Assinalou a uma gordinha, uma loira levemente vestida.

— Não. — Nenhuma vacilação. — Muito... Óbvio.

Aqui vamos outra vez, pensou com temor, mas fez um gesto para outra mulher.

— E ela? — Esta era alta e perfeitamente curvilínea com um curto cabelo vermelho. E estava vestida de forma conservadora.

— Não. Muito masculina.

— Que diabos significa isso?

— Que não a quero. Seguinte.

Durante a hora que seguiu, Aeron assinalou potenciais companheiras de cama e Paris as rechaçou por diversas – ridículas — razões. Muito pura, muito enrugada, muito bronzeada, muito pálida. O único rechaço que importava era “a tive antes” e tantas como Paris tinha tido, Aeron ouviu muito disso.

— Vai ter que se decidir por uma. Por que não nos economizamos o aborrecimento, fecha os olhos e assinala. A quem quer que esteja apontando será a ganhadora.

— Joguei esse jogo uma vez antes. Terminou. — Paris se estremeceu. — Não importa. Não é bom andar por esse caminho de lembranças em particular. Assim não. Simplesmente não.

— O que acontece..? — Suas palavras se detiveram abruptamente quando a mulher que tinha estado observando desapareceu nas sombras. Não se tinha desvanecido da vista, como teria sido natural. Normal. Simplesmente tinha deixado de existir, em um momento estava, ao seguinte se foi, a sombra de algum jeito a puxava como se tivesse sido sacudida por uma corrente.

Aeron deu um salto, as asas automaticamente empurrando das aberturas das costas nua e expandindo-se.

— Temos um problema.

— O que ocorre? — Paris também se levantou de um salto. Embora cambaleasse ligeiramente pela ambrosia, ainda era um soldado e empunhava uma faca.

— A mulher de cabelo escuro. Viu-a?

— Qual?

Isso respondia a pergunta de Aeron. Não, Paris não a tinha visto. Se o tivesse feito, o guerreiro não teria necessitado perguntar de quem falava Aeron.

— Vamos. — Aeron arrastou os braços ao redor da cintura de seu amigo e saltou do edifício. O vento açoitou através das mechas multicoloridas de Paris, fustigando vários fios contra seu rosto enquanto a terra se elevava perto... Ainda mais... — Procuramos uma mulher com o cabelo negro comprido até os ombros, reta como um alfinete, mais ou menos um metro e setenta e cinco de altura, de uns vinte anos, vestida de negro. O mais provável é que seja mais que humana.

— Matá-la?

— Capturá-la. Tenho perguntas para ela. — O modo de como tinha desaparecido dessa maneira. Como: por que estava aqui? Como: para quem trabalhava?

Os imortais sempre tinham uma ordem do dia.

Justo antes que golpeassem o concreto e a pedra, Aeron bateu as asas. Diminuiu justo o suficiente para aterrissar em posição vertical com apenas uma leve sacudida. Soltou a sua carga e eles imediatamente se bifurcaram em direções separadas. Depois de milhares de anos de lutar juntos, sabiam como proceder sem esboçar antes cada movimento.

Quando Aeron correu para o beco de sua esquerda, a direção aonde a mulher se dirigiu, pregou as asas de novo sob as aberturas. Viu várias pessoas, um casal agarrado pelas mãos, um vagabundo bebendo uma garrafa de uísque, um homem que passeava com seu cão, mas nenhuma mulher de cabelo escuro. Chegou a uma parede de tijolo e se girou. Maldita seja. Ela era como Lucien? Capaz de transportar-se rapidamente a qualquer lugar com apenas um pensamento?

Franzindo o cenho, recuou com o gesto. Revistaria cada beco na zona se fosse necessário. Só que, a meio caminho, as sombras a seu redor se espessaram, o consumindo, afogando o brilho dourado das luzes. Milhares de gritos apagados pareciam filtrar-se da escuridão. Gritos torturados. Gritos angustiados.

Deteve-se, para evitar se chocar com algo – ou alguém – e empunhou duas lâminas.

— Que demônios foi..?

Uma mulher — a mulher — saiu das sombras, apenas a uns metros de distância dele. Era a única luz nesse repentino e vasto espaço de escuridão. Seus olhos eram tão negros como a penumbra a seu redor, com os lábios tão vermelhos e úmidos como o sangue. Era bonita, de uma forma selvagem.

Ira assobiou dentro da cabeça.

Por um momento, Aeron temeu que Cronos realmente o tivesse escutado depois de tudo e tivesse enviado uma mulher para atormentá-lo. Mas enquanto a olhava fixamente, não houve calor nas veias, nenhuma agitação nos batimentos, como tinha ouvido os outros Senhores manifestar cada vez que alguém encontrava uma fêmea que simplesmente “tinha que ter”. Ela era como qualquer outra para ele: facilmente esquecível.

— Bom, bom, bom. Não sou uma garota com sorte. Você é um deles, um Senhor do Submundo, e veio até mim. — Disse ela, com uma voz tão abrasiva como a fumaça. — Nem sequer tive que perguntar.

— Sou um Senhor, sim. — Não havia nenhuma razão para negá-lo. As pessoas da cidade o conhecia e aos outros de vista. Alguns até pensavam que eram anjos. Os Caçadores os conheciam de vista, igualmente, mas eram muito rápidos em rechaçá-los como demônios. De qualquer maneira, a informação mal poderia ser usada em seu contrário. — E vim buscá-la.

Com sua fácil confirmação, o rosto dela revelou um toque de surpresa.

— Uma grande honra, certamente. Por que estava me procurando?

— Quero saber quem é.

Melhor pergunta: o que era?

— Talvez não seja tão afortunada como pensava. — Esses exuberantes lábios vermelhos se inundaram em uma careta e fingiu enxugar uma lágrima. — Se meu irmão não me reconhece.

Bem, agora tinha parte de sua resposta: Era uma mentirosa.

— Não tenho uma irmã.

Ela arqueou uma sobrancelha negra.

— Está certo disso?

— Sim. — Não tinha nascido de uma mãe e um pai; Zeus, rei dos deuses gregos, simplesmente lhe tinha dado a existência. Quão mesmo a todos os Senhores.

— Teimoso. — Estalou a língua, recordando a Paris. — Deveria ter sabido que

nos pareceríamos. De todos os modos, é tão agradável pegar finalmente a um de vocês a sós. A quem conseguiu? Fúria? Narcisismo? Tenho razão, não? Admite, é Narcisismo. Por isso é que encheu seu corpo com tatuagens de seu próprio rosto. Bonito. Posso chamá-lo de Narci?

Fúria? Narcisismo? Nenhum de seus irmãos levava a esses demônios. Dúvida, Enfermidade, Miséria e muitos outros, sim, mas não esses. Ele sacudiu a cabeça, só para recordar que outros imortais possuídos por demônios estavam ali fora. Imortais que nunca tinha conhecido. Imortais que se supunha deviam encontrar.

Como seus amigos e ele tinham sido os únicos em abrir a caixa de Pandora, sempre tinham assumido que eram os únicos amaldiçoados para alojar sua maldade. Embora Cronos tivesse corrigido recentemente essa falsa hipótese, dando de presente aos Senhores os pergaminhos com os nomes de outros como eles. Aparentemente, tinham sido mais demônios que guerreiros, e com a caixa desaparecida, os gregos, os deuses no poder nesse momento, tinham colocado os demônios restantes dentro dos prisioneiros imortais do Tártaro.

Um descobrimento que não pressagiava nada bom para os Senhores. Como os antigos sentinelas da elite de Zeus, tinham encerrado a muitos desses prisioneiros e os criminosos frequentemente viviam só para a vingança. Algo que Ira o tinha ensinado bem.

— Olá. — Interrompeu a mulher. — Há alguém em casa?

Piscou para ela, amaldiçoando-se. Tinha permitido ser distraído na presença de um possível inimigo. Idiota.

— Quem sou não é da sua conta.

Essa era informação que poderia utilizar-se contra ele. Sobretudo porque ultimamente, Ira era tão fácil de provocar pela mais inocente declaração o podendo enviar — e por conseguinte Aeron — a essa loucura assassina, pondo a esta cidade e todos seus cidadãos em perigo.

Culpou ao anjo que o espreitava.

Embora não pudesse culpar ao anjo quando Ira começava a grunhir dentro da mente, arranhando seu crânio, desesperado para sair. Para danificar. A capacidade mais aguda do demônio era e sempre o tinha sido, perceber os pecados de alguém próximo. E os desta mulher, logo se deu conta, eram enormes.

— Tomarei seu gesto repentinamente escuro como um não. Você não é Narci e não há ninguém em casa.

— Deixe... De falar...

Apertou-se as têmporas, as frias lâminas pressionando contra a pele, tentando deter o bombardeio mental que sabia ia chegar, outra distração que não podia permitir-se. Inútil. A multidão de seus pecados reproduzindo-se na cabeça de uma vez, como filmes em monitores separados. Ela recentemente tinha torturado a um homem, tinha-o encadeado a uma cadeira e lhe ateou fogo. Antes disso, tinha estripado uma fêmea. Tinha enganado e roubado. Tinha sequestrado uma criança de seu lar. Tinha atraído a um homem a sua cama e talhado a garganta. Violência... Tanta violência... Tanto terror, dor e escuridão. Ele podia ouvir os gritos de suas vítimas, podia cheirar a carne queimada e saborear o sangue.

Talvez ela tivesse tido uma boa razão para fazer essas coisas. Talvez não. De qualquer maneira, Ira queria castigá-la, usando seus próprios crimes contra ela.

Primeiro a encadearia, depois a estriparia, logo lhe cortaria a garganta e a incendiaria.

Esse é o proceder do demônio de Aeron. Espancava a espancadores, assassinava a assassinos, assim como também tudo o de um meio. Assim sim, à instâncias de Ira, Aeron fazia essas coisas. Muitas vezes. Agora, agarrou com força cada músculo do corpo, travando os ossos em seu lugar. Firme. Não pode perder o controle. Tem que permanecer cordato. Pelos deuses, a necessidade de castigar... Tão forte... Uma necessidade que gostava mais do que deveria. Como sempre.

— Por que está aqui em Budapeste, mulher? — Bem. Isso era bom. Pouco a pouco ele baixou os braços.

— Caralho. — Disse, ignorando a pergunta. — Isso foi uma grande demonstração de controle.

Tinha sabido ela que seu demônio queria machucá-la?

— Deixe-me adivinhar. — Bateu levemente o queixo com a unha. — Não é Narci, assim tem que ser... Chauvinista... Correto outra vez, não? Acredita que uma coisa bonita como eu não pode dirigir a verdade. Engano. Mas não importa. Guarda seus segredos. Saberá, entretanto. Oh, sim, saberá.

— Está me ameaçando, mulher?

Outra vez o ignorou.

— O rumor que corre pela rua é que Cronos lhes deu os pergaminhos e planejam usá-los para nos capturar. Para nos usar. Talvez inclusive nos matar.

O estômago de Aeron tocou fundo. Um, sabia dos pergaminhos quando ele e seus amigos justo acabavam de descobrir. Dois, sabia que estava nessa lista. O qual significava que esta mulher era de fato uma imortal — e uma criminosa — e se era o que acreditava, também estava possuída por um demônio.

Aeron não a reconheceu, o que significava que seus amigos e ele não eram os que deveriam encarcerá-la. Isso significava que tinha chegado antes do tempo aos céus. E isso significava que era uma Titã e uma ameaça maior, pois os Titãs eram muito mais selvagens que seus homólogos gregos.

Pior ainda, os Titãs agora liberados estavam no comando. Ela poderia ter ajuda divina.

— Que demônio leva? — Perguntou ele, sem usar seus pontos fracos contra ela. Ofereceu-lhe um malicioso sorriso, em um duro tom claramente divertindo-a.

— Você não compartilhou essa informação comigo. Por que deveria compartilhar algo com você?

Mulher exasperante.

— Diga-me. — Olhou por cima do ombro dela, meio esperando que alguém lhe saltasse em cima e o atacasse. Tudo o que viu foi escuridão... E tudo o que ouviu foram mais desses apagados gritos. — Onde estão outros?

— Inferno se sei. — Estendeu os braços, as mãos para cima e vazias, como se não acreditasse que ele justificasse o uso de um arma. — Eu vou por minha conta, como sempre, e essa é a maneira como eu gosto.

Provavelmente outra mentira. Que mulher abordaria a um temível Senhor do Submundo, sem respaldo? Não relaxou a guarda quando se encontrou com seu olhar.

— Se estiver aqui para guerrear conosco, deve saber...

— Guerrear? — Pôs-se a rir. — Quando eu poderia matar a todos enquanto dormem? Não, só estou aqui para entregar uma advertência. Chamem os cães ou

apagarei sua presença deste mundo. E se alguém pode fazê-lo, sou eu.

Depois das atrocidades que tinha visto em sua mente, acreditou. Ela atacava na penumbra, um fantasma que não dava nenhum aviso. Sem lugar a dúvidas, não havia nenhum crime que ela encontrasse muito vil. Isso não significava que ele prestaria atenção a suas demandas.

— Pode se acreditar muito poderosa, mas não pode derrotar a todos nós. A guerra é o que obterá se continuar emitindo tais advertências.

— O que for, guerreiro. Disse o que quis dizer. Melhor rezar para que esta seja a última vez que me vê. — As sombras se espessaram de novo, envolvendo-a e sem deixar absolutamente nenhum sinal de sua presença. Até que, justo ao lado da orelha, ele escutou. — Oh, e uma última coisa. Esta foi minha visita de cortesia. Na próxima vez, não jogarei de forma agradável.

Então o mundo a seu redor se paralisou de novo enfocando-se: os edifícios aos lados, as bolsas de lixo atiradas sobre o cimento, o bêbado passando frio. Finalmente Ira se acalmou.

Aeron se manteve em estado de alerta, os olhos examinando, o corpo preparado. Escutou, só ouviu o pausado arrasto de sua própria respiração, o tamborilar dos passos humanos mais à frente do beco e o canto das aves noturnas.

Uma vez mais estendeu as asas e se disparou no ar, decidido a encontrar Paris e retornar à fortaleza. Os outros Senhores tinham que ser avisados. Quem quer que fosse a fêmea sedenta de sangue, o que fosse que pudesse fazer, precisavam ocupar-se dela. Logo.

Capítulo Dois

— Aeron! Aeron!

Ante a fortaleza, as botas de Aeron golpearam o balcão que levava a seu dormitório.

Sacudido pela desconhecida voz feminina, soltou Paris.

— Aeron!

Ante o terceiro grito feminino de terror e desespero, ambos, ele e Paris, giraram-se para olhar para a colina sob eles. As grossas árvores esfaqueavam o céu, obstaculizando a visibilidade, mas ali, entre os salpicados verdes e marrons, podia distinguir uma figura vestida de branco.

Uma figura que se precipitava para seu lar.

— A Garota Fantasma? — Perguntou Paris. — Como fez para atravessar nossa grade com tanta rapidez? E a pé, nada menos?

Aeron tinha explicado o acontecido com a mulher do beco ao longo do caminho.

— Essa não é ela. — Sua voz era mais elevada, rica e muito menos confiante. — A grade... Não sei.

Fazia semanas, depois de que ele e Paris se recuperaram das feridas de batalha infringidas pelos Caçadores, tinham erguido uma grade de ferro ao redor da fortaleza. Aquela cancela se elevava uns quatro metros e meio de altura, estava envolvida com arame de espinheiros e tinha pontas bastante agudas de vidros quebrados. Também

vibrava com bastante eletricidade para provocar a um humano um ataque cardíaco. Qualquer que tentasse escalá-la não viveria o bastante para procurar o outro lado.

— Acredita que ela é uma isca? — Paris inclinou a cabeça, seu estudo dela intensificando-se. — Poderia ter sido lançada de um helicóptero, suponho.

Os caçadores eram conhecidos por utilizar lindas mulheres humanas para enrolar aos Senhores a sair a campo aberto, distraíndo-os e capturando-os para torturá-los. Essa certamente parecia encaixar no clichê, possuindo um comprido e ondulado cabelo cor chocolate, pele tão pálida como uma nuvem e um curvilíneo e etéreo corpo. Aeron não podia distinguir ainda seus traços, mas apostava que seriam deliciosos.

As asas se renderam nas aberturas quando respondeu:

— Possivelmente.

Malditos Caçadores e sua perfeita coordenação. A metade de seus amigos estavam fora. Tinham viajado a Roma para procurar o Templo dos Tácitos, as ruínas que recentemente se elevaram do mar. Esperavam encontrar algo que os conduzisse aos desaparecidos artefatos divinos. Quatro artefatos que, quando se utilizavam juntos, conduziriam então à localização da caixa de Pandora.

Os caçadores esperavam utilizar a caixa para prender aos demônios de novo em seu interior, destruindo aos Senhores, já que o homem não podia viver sem o demônio. Os Senhores simplesmente esperavam destruí-la.

— Há arames soltos aí fora. — Quanto mais Paris falava, mais Aeron advertia um tremor em sua voz. Por causa da Garota Fantasma, como a tinha chamado Paris, não tinha havido tempo de levá-lo a cama de alguém na cidade, assim que sua força estava se drenando. — Só tenha cuidado... Inclusive se for uma isca, não merece morrer dessa maneira.

— Aeron!

Paris apertou o corrimão do balcão e se inclinou para baixo para ver melhor.

— Por que está chamando por você?

E por que estava usando seu nome com tanta familiaridade?

— Se for uma isca, os Caçadores provavelmente estejam aí fora agora mesmo, esperando por mim. Tentarei ajudá-la e eles atacarão.

Paris se endireitou, o rosto repentinamente banhado pela lua. Tinham-lhe formado olheiras sob os olhos.

— Vou atrás dos outros e nos encarregaremos dela. Deles.

Já se afastava antes que Aeron pudesse replicar, atravessando o dormitório a passos longos e as botas ressoando contra o chão de pedra.

Aeron manteve sua atenção sobre a garota. À medida que continuava sua carreira ascendente, aproximando-se mais e mais dele, deu-se conta que o tecido branco drapejado era na realidade uma túnica. E as costas desta, a qual não tinha sido capaz de ver antes, era de um vermelho brilhante.

Não usava sapatos, quando seus pés nus escorregaram em uma rocha, caiu, e essa massa de cabelo chocolate se estendeu em cascata ao redor de seu rosto. Havia flores tecidas entre os cachos, algumas sem pétalas. Também havia raminhos, mas não acreditava que os tivesse colocado ali intencionalmente. As mãos lhe tremiam quando se levantou e afastou as mechas.

Finalmente, as feições ficaram à vista, e cada músculo no corpo saltou,

esticando-se. Ela era deliciosa, tal como tinha suposto. Inclusive com os arranhões e os sulcos das lágrimas que exibia. Tinha uns enormes olhos azul céu, um nariz perfeitamente inclinado, bochechas e queixo perfeitamente esculpidos, ambos só um pouco arredondados, e perfeitos lábios que formavam um exuberante coração.

Não a tinha visto nunca antes ou o teria recordado, mas havia algo quase... Familiar nela.

Ela se cambaleou ficando em pé, fazendo uma careta e gemendo, então começou a avançar. Uma vez mais, caiu. Um doloroso soluço escapou dela, mas, contudo, insistiu ascendendo, bordejando para a fortaleza. Isca ou não, tal determinação era admirável.

De algum modo, as deu um jeito para evitar todas as armadilhas, as rodeando como se soubesse onde estavam, mas então bateu com outra rocha e se cambaleou para o chão pela terceira vez, permanecendo abaixo, tremendo e chorando.

Abriam-lhe os olhos desmesuradamente quando estudou suas costas. O vermelho... Isso era... Sangue? Fresco, ainda úmido?

O metálico aroma deste cavalgou na brisa e entrou nas fossas nasais de Aeron, confirmando suas suspeitas. Oh, sim. Era-o.

Dela? Ou de alguém mais?

— Aeron. — Já não era um grito, a não ser mais um patético soluço. — Ajude-me.

As asas se expandiram antes que pudesse pensar em algo. Sim, os Caçadores feririam de propósito à isca antes de lhe enviar à cova dos leões, esperando ganhar a simpatia do objetivo. Sim, provavelmente acabasse com flechas e balas nas costas – outra vez – mas não ia deixá-la aí fora, ferida e vulnerável. Não ia permitir que seus amigos arriscassem suas vidas para salvar – ou destruir – a sua pequena visitante.

Por que eu? Perguntou-se enquanto se lançava do balcão. Ascendeu, elevou-se para cima antes de cair para ela. Ziguezagueou para evitar converter-se em um objetivo, mas não se ouviu o assobio de nenhuma flecha nem o som de armas de fogo. De todos os modos, em lugar de aterrissar ao lado dela, incrementou a velocidade, esticando os braços e recolhendo-a sem reduzir sequer a marcha.

Possivelmente, ela tivesse medo de altura e essa era a razão de sua repentina tensão. Possivelmente, tinha esperado que a matasse antes de alcançá-la e quando tinha chegado a agarrá-la com força, havia-se posto rígida pelo medo. De todas as formas, não lhe importava. Fazia o que tinha que fazer. Tinha-a pego.

Ela começou a remover-se fracamente contra o agarre, grunhindo ante o choque e a dor.

— Não me toque! Solte-me! Deixe ir, ou te juro...

— Fique quieta, ou pelos deuses, que a deixarei cair.

Tinha-a agarrada pelo estômago, sua cara apontando para o chão. Dessa maneira, ela poderia ver desde que altura cairia.

— Aeron? — Esticou o pescoço para vê-lo. No momento em que os olhares se encontraram, ela se relaxou. Inclusive sorriu lentamente. — Aeron. — Repetiu com um suspiro de prazer. — Tinha medo de que não viesse.

Aquele prazer, impoluto e sem toque de malícia, surpreendeu-o e confundiu. As mulheres nunca o olhavam dessa maneira.

— Seus temores estão equivocados. Deveria ter temido que viesse.

Seu sorriso se desvaneceu.

Melhor. A única coisa que o incomodava agora era o canal silencioso de seu demônio. Como com a Garota Fantasma, as imagens e a urgência deveriam havê-lo bombardeado já. Preocuparia-se disso mais tarde.

Continuando com o ziguezagueio, entrou voando em seu dormitório, sem deter-se no balcão como fazia normalmente. Precisava cobri-lo mais rápido possível. Só se por acaso. Mas, quando retraiu as asas, estas golpearam ambos os lados da soleira e o fogo se precipitou da parte superior dos arcos.

Aeron ignorou a dor quando pousou deslizando-se. Quando se equilibrou, dirigiu-se à cama e depositou brandamente sua carga sobre o colchão, de barriga para baixo. Deslizou a ponta de um dedo ao longo de sua coluna e seus lábios em forma de coração se separaram em um agônico soluço. Tinha esperado que tivesse estado empapada com o sangue de outro, mas não. Suas feridas eram reais.

O conhecimento não o abrandaria. Provavelmente, teria se infringido machucados nela mesma, ou tinha permitido aos Caçadores que o fizessem, só pela compaixão que isto pudesse evocar. Nenhuma compaixão por minha parte. Só irritação. Quando se dirigiu a seu armário, pregou as asas às costas, mas quebradas como estavam agora, não caberiam sob as aberturas. Isso só incrementou sua irritação com ela.

Não tinha roupa e não queria deixar o quarto para procurar alguma, assim agarrou duas das gravatas que Ashlyn lhe tinha dado no caso de que quisesse “disfarçar-se”. Voltou para a cama a passos largos.

Ela havia virado a cabeça para ele, pressionando a bochecha no colchão, seu olhar rastreando cada um dos movimentos, como se não pudesse fazer menos que o olhar e não com repulsão como o faziam a maioria das mulheres. Observava-o com algo parecido ao desejo.

Uma atuação, certamente.

E contudo, esse desejo... Havia algo familiar nisso. Algo inquietante. Isso era o que tinha notado antes, pensou. Quando ela disse seu nome, esse mesmo desejo tinha sido evidente, e profundo, sabia que o tinha encontrado antes. Quando? Onde?

Dela?

Continuou olhando-a, precaveu-se que Ira ainda estava em silêncio. Esta era, supostamente, a primeira vez que tinha estado em sua presença, e, contudo seu demônio não lhe projetou seus pecados através da mente. Isso era... Estranho. Só tinha ocorrido uma vez. Com Legion. O porquê, nunca o entendeu. Os deuses sabiam que sua pequena tinha pecado.

Então por que estava acontecendo de novo? Com uma possível isca nada menos?

Esta mulher, não tinha pecado alguma vez? Alguma vez tinha dedicado uma palavra pouco amável a outro? Nenhuma vez havia feito tropeçar alguém deliberadamente ou roubado algo como um simples caramelo? Esses puros olhos azuis diziam que não. Ou, como Legion, tinha pecado, mas, por qualquer que fossem os motivos, evitavam o radar de Ira?

— Quem é você?

Os dedos rodearam um de seus frágeis pulsos – humm, cálida e suave pele – e a ancoraram a um poste da cama com a gravata. Repetiu a ação com o outro pulso.

Nenhuma só vez protestou. Como se tivesse esperado – e aceito já – receber tal trato.

— Meu nome é Olivia.

Olivia. Um bonito nome. Preciso. Delicado. Em realidade, a única coisa que não era delicada nela era sua voz. Capa após capa do... Que era? A única palavra que podia pensar que o descrevia era honestidade, e logo que fluiu dela, golpeou-lhe com força.

Apostaria que essa voz nunca havia dito uma mentira. Não podia fazê-lo.

— O que está fazendo aqui, Olivia?

— Estou aqui... Estou aqui por você.

Outra vez, esta verdade era uma força que flutuava até os ouvidos, através do corpo e o deixava assombrado. Não havia lugar a dúvidas. Nenhuma somente. Simplesmente se viu obrigado a acreditá-la.

Sabin, o Guardião de Dúvida, a haveria adorado. Nada agradava tanto ao demônio do guerreiro como derrubar a confiança de outro.

— É uma isca?

— Não.

De novo, acreditava. Não tinha escolha.

— Está aqui para me matar? — Endireitou-se e cruzou os braços sobre o peito, fulminando-a com o olhar, esperando.

Sabia o feroz que se via, mas de novo, ela não reagiu como estavam acostumados a fazê-lo as mulheres: tremendo, cobrindo-se e soluçando. Ela bateu as asas de suas longas e negras pestanas, parecendo ferida de que ele tivesse interpretado mal seu caráter.

— Não, é óbvio que não. — Se deteve. — Bom, já não.

Já não?

— Assim. Alguma vez, quis me matar?

— Uma vez me enviaram para fazê-lo, sim.

Tal honestidade...

— Por quem?

— Ao princípio, fui enviada pelo Único Deus Verdadeiro simplesmente para observá-lo. Eu não queria assustar a sua pequena amiga. Só estava tentando fazer meu trabalho. — Frescas lágrimas encheram os olhos, convertendo essas lindas íris azuis em poços de arrependimento.

Não se abrande.

— Quem é o Único Deus Verdadeiro?

Puro amor iluminou sua expressão, afugentando momentaneamente o brilho de dor.

— Seu Deus, meu Deus. De longe mais poderoso que seus deuses, embora principalmente se contente permanecendo nas sombras e raramente o reconhece. O pai dos humanos. O pai dos... Anjos. Como eu.

Anjos. Como eu. Quando essas palavras lhe ecoaram na cabeça, Aeron abriu desmesuradamente os olhos. Não era de estranhar que seu demônio não pudesse sentir nenhuma maldade nela. Nem por que seu olhar lhe era tão familiar. Era um anjo. O anjo, em realidade. O único enviado para matá-lo, por sua própria admissão. Embora “já não” planejava acabar com ele. Por quê?

E isso importava? Esta delicada criatura tinha sido, em certa ocasião, seu designado verdugo.

De repente queria rir. Como se ela pudesse haver dominado a ele.

Não pôde vê-la. Teria sido realmente capaz de detê-la, se tivesse ido atrás de sua cabeça?

O pensamento lhe golpeou e perdeu a diversão. Ela era a única que lhe tinha estado vigiando todas aquelas semanas. Ela era a única que o tinha seguido, sem ser vista, afugentando a uma aflita Legion.

O qual trazia a pergunta de por que Ira não estava reagindo como sempre o fazia Legion. Com temor e inclusive agonia física. Possivelmente o anjo controlava o que sentiam os demônios, considerou. Isso seria uma habilidade prática para possuir, mantendo a suas vítimas ignorantes de sua presença — e intenções.

Esperou a que a brutal raiva o enchesse. Raiva que ele tinha prometido liberar sobre esta criatura uma e outra vez se revelasse ela mesma. Quando a raiva não apareceu, esperou a resolução. Devia proteger a seus amigos a todo custo.

Mas isso, também, parecia inesperadamente fora de seu alcance. O que conseguia em troca? Confusão.

— Você é...

— O anjo que esteve te vigiando, sim. — Disse, confirmando suas suspeitas. — Ou melhor, era um anjo. — As pálpebras se fecharam, as lágrimas capturadas nas pestanas. O queixo tremente. — Agora já não sou nada.

Ele acreditava. Como podia não fazê-lo? Essa voz... Na realidade, queria duvidar dela em algo, qualquer coisa, mas não podia consegui-lo. Aeron estendeu uma tremente mão. O que é, um menino? Endireite-se, homem.

Franzindo o cenho ante sua demonstração de debilidade, estabilizou a mão e lhe afastou o cabelo, cuidadoso de não tocar sua pele ferida. Beliscou o recolhido pescoço de sua túnica e o rasgou facilmente. O suave material se rompeu com facilidade, revelando a extensão de suas costas.

Uma vez mais, os olhos se abriram desmesuradamente. Entre suas omoplatas, onde deveriam ter se sobressaído às asas, havia dois sulcos de pele rachada, os tendões destroçados para a coluna, músculos rasgados e inclusive o sobressalente osso. Eram feridas selvagens, violentas e sem piedade, com o sangue ainda supurando delas. Tinham-lhe arrancado suas próprias asas uma vez à força e tinha sido a ferida mais dolorosa de sua muito longa vida.

— O que ocorreu? — A rouquidão da voz o atravessou.

— Eu cáí. — Pigarreou, a vergonha gotejando de seu tom. Enterrou o rosto no travesseiro. — Já não sou um anjo.

— Por quê?

Não tendo conhecido nunca antes um anjo — bom, além de Lysander, mas o bastardo não contava porque se negava a falar com os Senhores de algo de importância — Aeron não sabia muito sobre eles. Só sabia o que Legion lhe havia dito e, é óbvio, havia uma muito boa possibilidade de que tivesse sido adornado por seu ódio para eles. Nada do que havia descrito encaixava com a fêmea sobre a cama.

Os anjos, havia dito Legion, não tinham emoções, criaturas sem alma com um único propósito: a destruição de sua contraparte escura, os demônios. Também tinha clamado que, de quando em quando, um anjo sucumbia aos prazeres da carne,

intrigados pelos mesmos seres que ele – ou ela – supunha-se que aborreciam. Esse anjo seria jogado de um chute diretamente ao Inferno, onde aos demônios aos que tinha vencido uma vez finalmente lhes permitiria uma pequena vingança.

O que era o que teria acontecido a esta? Perguntava-se Aeron. Uma viagem ao Inferno onde os demônios a tinham atormentado? Possivelmente.

Deveria desatá-la? Seus olhos... Tão ingênuos, tão inocentes. Agora lhe diziam me ajudem. E me salve.

Mas mais que nada, diziam-lhe me abrace e não me deixe ir nunca.

Ele tinha sido enganado antes por tal inocência, pensou, detendo-se antes de poder agir.

Baden também tinha sido enganado e tinha morrido por isso.

Um homem inteligente aprenderia primeiro um pouco mais desta mulher, decidiu.

— Quem arrancou suas asas? — A pergunta emergiu com brutalidade, e assentiu com satisfação.

Ela engoliu, estremecendo-se.

— Uma vez que me jogaram...

— Aeron, estúpido idiota. — Disse uma voz masculina, fazendo-a calar. — Diga-me que não há... — Paris irrompeu no quarto, mas se deteve quando descobriu Olivia. Os olhos se estreitaram e passou a língua sobre os dentes. — Assim, é verdade. Realmente saiu aí fora e a trouxe.

Olivia ficou rígida, mantendo a cara oculta de vista. Os ombros começaram a sacudir-se como se estivesse soluçando. Assustada por fim? Agora?

Por quem? As mulheres adoravam Paris.

Concentre-se. Aeron não tinha que perguntar como Paris sabia o que tinha feito. Torin, o guardião do demônio Enfermidade, fiscalizava a fortaleza e a colina sentado as vinte e oito horas do dia, sete dias por semana — ou assim parecia.

— Pensei que estava reunindo os outros.

— Torin me enviou uma mensagem e fui primeiro a ele.

— E o que te disse a respeito dela?

— Ao vestibulo. — Disse seu amigo, indicando a porta com uma inclinação do queixo.

Aeron negou com a cabeça.

— Podemos falar dela aqui. Não é uma isca.

Outro golpe da língua sobre os lisos e brancos dentes.

— E eu pensava que era estúpido no que se referia às mulheres. Como sabe o que é? Disse-lhe isso e você não pôde fazer outra coisa exceto acreditar nela? — O tom era de mofa.

— Ela é um anjo, déspota. A que estive me vigiando.

Isso apagou o desprezo da expressão de Paris.

— Um anjo de verdade? Do céu?

— Sim.

— Como Lysander?

— Sim.

Muito lentamente, Paris a olhou. Tão entendido em matéria feminina como era — ou estava acostumado a sê-lo — provavelmente saberia tudo o que teria que saber do

corpo dela. O tamanho de seus seios, a voluptuosidade de seus quadris, o comprimento exato de suas pernas. Isso não incomodou Aeron. Ela não significava nada para ele. Nada, exceto problemas.

— Independentemente do que ela seja, — Disse Paris, menos zangado do que tinha estado. — não quer dizer que não esteja trabalhando com nosso inimigo. Tenho que lembrá-lo que Galen, o maior presunçoso do mundo, diz que ele é um anjo.

— Sim, mas ele está mentindo.

— E não poderia fazê-lo também ela?

Aeron esfregou uma mão pelo rosto repentinamente cansado.

— Olivia. Está trabalhando com o Galen para nos ferir?

— Não. — Resmungou ela e Paris tropeçou para trás, como havia feito Aeron, agarrando o peito.

— Meus deuses. — Ofegou seu amigo. — Essa voz...

— Sei.

— Ela não é uma isca e não está ajudando Galen. — De fato, agora Paris fez uma declaração.

— Sei. — Repetiu Aeron.

Paris sacudiu a cabeça como se clareasse os pensamentos.

— Contudo, Lucien quer rastrear a colina em busca de Caçadores. Só para prevenir.

Uma das muitas razões pelas quais Aeron sempre tinha seguido Lucien. O guerreiro era inteligente e cauteloso.

— Quando terminar, convoque uma reunião com todos os que estejam aqui e lhes fale da outra mulher. A do beco.

Paris assentiu e de repente houve um brilho nos olhos azuis.

— Foi uma tarde que teve até agora, não é? Pergunto-me a quem conhecerá esta noite.

— Os deuses me ajudem se houver algum outro. — Murmurou.

— Não deveria ter desafiado Cronos, meu amigo.

O estômago de Aeron se encolheu quando seu olhar voltou para a anjo. Realmente teria respondido o deus a seu atrevimento? Deveria ser Olivia quem o conduzisse a uma alegre perseguição? Seu coração pulsava acelerado, deu-se conta, e seu sangue estava se esquentando.

Apertou os dentes. Não importava que fosse ou não ela. Não poderia tentá-lo, inclusive ela, com essa cascata de cabelo chocolate, ternos olhos azuis e uns lábios em forma de coração, falharia.

— Não me arrependo de minhas palavras.

Verdade ou mentira, ele não sabia. Não havia pensando que Cronos tivesse poder sobre os anjos. Assim o que, como haveria feito o Rei dos Deuses para enviá-la aqui? Ou ele não era o responsável? Possivelmente Aeron estivesse equivocado e Cronos não tinha nada a ver com isto.

De novo, isso não importava. O anjo não só falharia em tentá-lo, se não se asseguraria de que ela partisse antes que tivesse tempo para lhe causar um simples momento de preocupação.

— Só para que saiba, — Disse Paris. — Torin esteve observando a colina com suas câmeras ocultas. Diz que ela se abriu caminho escavando para sair da terra.

Sair da terra. Queria dizer isso que ela tinha sido lançada ao Inferno e tinha sido obrigada a procurar a maneira de sair? Não podia imaginar a mulher de frágil aparência capaz de tal coisa e sobreviver, de fato. Mas então recordou a determinação que tinha mostrado correndo para a fortaleza.

Possivelmente.

— Isso é verdade? — Olhou-a agora com novos olhos.

Com certeza, teria sujeira sob as unhas e arranhões sobre os braços. Além do sangue, entretanto, sua túnica estava absolutamente limpa.

De fato, quando a olhou, o rasgão que havia feito à malha voltou a se unir, como fazia seu corpo quando era ferido. Uma peça de roupa com propriedades regenerativas. Alguma vez cessariam as maravilhas?

— Olivia. Responde.

Ela assentiu sem olhar. Ele ouviu como fungava. Sim, estava soluçando.

Uma dor lhe floresceu no peito, mas a ignorou. Não importa o que é ou o que tenha suportado. Não se abrandará. Ela assustou e feriu Legion e se foi.

— Um verdadeiro anjo, vivo. — Disse Paris, claramente intimidado. — A levarei a meu quarto, se quiser, e...

— Está muito ferida para trocá-la de cama. — Estalou Aeron.

Paris o olhou com estranheza durante um momento, então sorriu abertamente e negou com a cabeça.

— Não estava avaliando-a nem nada, assim deixe ir seu ciúme.

Isso não merecia uma resposta. Nunca tinha experimentado os ciúmes e não ia começar agora.

— Então por que está oferecendo levá-la a seu quarto?

— Para assim poder enfaixar suas feridas. Quem é o déspota agora?

— Eu me ocuparei dela.

Possivelmente. Poderiam tolerar os anjos a medicina humana? Ou lhes faria mal? Ele conhecia bem os perigos de dar a uma raça algo que estava destinada a outra. Ashlyn quase tinha morrido quando bebeu o vinho destinado só para imortais.

Deveria ter chamado Lysander, mas o anjo guerreiro de elite estava atualmente vivendo nos céus com Bianka e se havia uma maneira encontrá-lo, a Aeron não haviam dito. Além disso, Lysander não gostava e não era dos que estava acostumado a oferecer informação sobre sua raça.

— Quer ser o único responsável, bem. Mas admite-o. — Paris lhe dedicou outro sorriso. — Está sentando uma reclamação sobre ela.

— Não. Não o faço.

Não tinha sequer o mais mínimo desejo de fazê-lo. Era só que estava ferida e não podia ocupar-se de si mesma, e, portanto, não estava em condições de ser a companheira de cama de ninguém. E isso era tudo o que Paris queria dela. Sexo. Não importava o que dissesse o guerreiro.

Além disso, ela tinha chamado Aeron. Tinha gritado o nome de Aeron.

Sem alterar-se, Paris continuou:

— Um anjo não é tecnicamente humano, sabe? Um anjo é algo mais.

Aeron apertou a mandíbula. De todas as coisas o homem tinha que lhe recordar sua conversa anterior.

— Disse que não estou fazendo reclamação alguma.

Paris riu.

— O que você disser, compadre. Desfrute de sua mulher.

As mãos de Aeron se curvaram em punhos, a risada de seu amigo não era bem-vinda agora.

— Vá e conte ao Lucien tudo o que discutimos e sob nenhuma circunstância informe às mulheres que temos aqui a um anjo ferido. Correrão a meu quarto esperando conhecê-la, e agora não é momento para isso.

— Por quê? Planeja sair com ela?

Apertou com tal força os dentes que temeu que logo não seriam mais que uma lembrança.

— Decidi interrogá-la.

— Ah. Assim é como o chamam os meninos nestes dias. Bem, divirta-se. — Com isso, um sorridente Paris saiu do quarto.

A sós uma vez mais com sua carga, Aeron baixou o olhar para ela. Seu silencioso soluçar tinha terminado, ao menos e o olhava de novo.

— O que está fazendo aqui, Olivia? — Dizer seu nome não deveria tê-lo afetado tanto, depois de tudo já o havia dito antes, mas o fazia.

O sangue lhe esquentou outro grau. Deviam ser aqueles seus olhos... O perfurando...

Um tremente fôlego escapou dela.

— Conhecia as consequências, sabia que estava entregando minhas asas, minhas habilidades, minha imortalidade, mas o fiz de todos os modos. É só... Que meu trabalho tinha mudado. Ele já não dava alegria. Só morte. E odiava o que eles queriam que fizesse. Não podia fazê-lo, Aeron. Simplesmente não podia.

Seu nome em seus lábios, pronunciado com tal familiaridade, também o afetou. Respirou com força. O que lhe ocorria? *Endureça-se. Seja o frio e duro guerreiro que afirma ser.*

— Observei você, — Continuou — como também aqueles a seu redor, e me... Doe. Queria você, e queria o que tinham eles: liberdade, amor e diversão. Queria brincar. Queria beijar e tocar. Queria desfrutar de mim mesma. — Seu olhar se encontrou com o seu, triste e quebrado. — Ao final, só havia uma escolha. Cair... Ou matá-lo. Decidi cair. Assim aqui estou. Sou sua.

Capítulo Três

Sua. Ela não deveria haver dito isso.

Olivia se congelou de horror, um pensamento explodiu através da mente, mais forte que nenhum outro: simplesmente tinha arruinado tudo.

Teria que ter aliviado Aeron ao lhe dizer a verdade. Depois de tudo, cada vez que se aproximou dele nas passadas últimas semanas, tinha-a ameaçado com a agonia e a morte. Que ela tivesse sido invisível não importou. Tinha sabido que ela estava perto. Como? Ainda não o tinha descoberto. Teria que ter sido imperceptível, tão insubstancial como um fantasma da noite. E agora que estava aqui, em carne e derramando seus segredos, ele provavelmente a via como uma ameaça a mais.

Provavelmente a via como a um de seus inimigos.

Provavelmente? Riu sem humor. O fazia. Suas perguntas a tinham açoitado e talhado profundamente. Sim. Ela tinha se arruinado. Ele não queria ter nada a ver com ela. Bom, exceto para lhe outorgar essa agonia e morte prometida.

Você não abriu caminho desde o inferno para ser sacrificada nesta fortaleza. Tinha lutado a sua maneira para sair do inferno para ter uma oportunidade com Aeron. Apesar da probabilidade de fracasso.

Pode fazê-lo. Tinha-o estado olhando sigilosamente uma e outra vez, sentia que o conhecia muito bem. Era disciplinado, distante e brutalmente honesto. Não confiava em ninguém mais que em seus amigos. A debilidade não era um traço que tolerasse. E ainda assim, com os que amava, era amável, cuidadoso e solícito. Colocava o bem-estar deles acima do dele. Eu quero ser amada dessa mesma maneira.

Se tão só a tivesse visto antes que fosse expulsa do único lar que tinha conhecido. Se tão só a tivesse visto antes que lhe tivessem arrebatado sua capacidade de voar. Antes que a habilidade recém-descoberta para a criação de armas aéreas lhe tivesse sido arrebatada. Antes que a capacidade para blindar-se contra o mal deste mundo lhe tivesse sido arrancada.

Agora...

Era mais fraca que um ser humano. Depois de ter confiado nas asas em lugar das pernas através dos séculos de sua longa existência, nem sequer sabia como caminhar corretamente. E se não podia fazer nem sequer isto?

Um soluço lhe escapou. Tinha abandonado sua casa e a seus amigos pela dor, a humilhação e a impotência. Se Aeron a jogasse também, não teria aonde ir.

— Não chore. — chiou Aeron.

— Não posso... Evitar... — Replicou entre estremeceiros gemidos. Só uma vez tinha derramado lágrimas antes e estas tinham surgido por causa de Aeron, assim se deu conta de que seus sentimentos por ele eclipsavam seu sentido de autoconservação.

A magnitude do que havia feito agora gritava com força dentro da cabeça. Estava sozinha, presa em um corpo fraco que não entendia, e dependendo da mercê de um homem que às vezes causava caos mortais em um público despreparado. Um público que ela, como portadora da alegria, tinha tido a responsabilidade de fazer feliz.

— Tente-o, maldita seja.

— Pode... Talvez... Não sei... Abraçar-me? — Disse entre ofegos.

— Não. — Parecia horrorizado ante a ideia.

Poderia simplesmente desistir imediatamente. Se estivesse em casa, seu mentor, Lysander, a teria abraçado e murmurado até que se acalmasse. Ao menos, isso foi o que pensou que faria, mas sua teoria nunca tinha sido provada.

Pobre, doce Lysander. Sabia que ela se foi? Sabia que nenhuma vez poderia retornar? Sabia que estava fascinada por Aeron, que ocupava todos seus momentos livres neste plano para observá-lo em segredo, que não podia terminar a terrível tarefa a qual tinha sido atribuída, mas Lysander nunca esperou que ela abandonasse tudo por este homem.

Para ser honesta, ela tampouco o tinha sabido. Não realmente.

Talvez seus problemas tivessem começado antes que pusesse os olhos pela primeira vez sobre Aeron.

Fazia uns poucos meses, o dourado tinha aparecido nas suas asas. O ouro era a cor dos guerreiros, um guerreiro que ela nunca tinha desejado ser. Apesar de que tinha subido de categoria.

Recordando sua infelicidade, suspirou. Havia três castas de anjos. A Elite dos Sete, como Lysander, trabalhavam diretamente com a verdadeira Divindade. Eles tinham sido selecionados no princípio dos tempos e nunca vacilavam em sua função de treinar a outros anjos e monitorar os sucessos malignos. A seguir estavam os guerreiros. Eles destruíam aos demônios que conseguiam escapar de suas prisões de fogo. E por último se encontravam os portadores de alegria, o que Olivia tinha sido uma vez.

Muitos de seus irmãos tinham sentido imediatamente inveja quando o ouro tinha coberto suas asas – nada malicioso, é óbvio – mas pela primeira vez em sua existência, estava insegura a respeito de seu caminho. Por que ela tinha sido escolhida para este dever?

Tinha amado o trabalho que tinha. Tinha amado sussurrar afirmações bonitas nos ouvidos dos humanos, com o que lhes dava confiança e prazer. A ideia de fazer mal a outro ser vivo, inclusive a um que o merecesse... A estremecia.

Foi então quando se encontrou com os primeiros pensamentos que provocaram sua queda, ocasionaram que iniciasse uma nova vida. Tinha tido pensamentos inocentes, em realidade. O que acontecia e talvez...? E quando viu Aeron todos esses pensamentos se intensificaram. O que aconteceria se eles pudessem estar juntos? Talvez pudessem viver felizes para sempre.

Como seria ser um humano?

Assim no momento, o Conselho Celestial Superior, uma imponente massa composta por anjos das três castas, tinha-a chamado à câmara do tribunal, tinha esperado ser castigada por sua dificuldade para destruir Aeron. Em lugar disso, tinha recebido um ultimato.

Permaneceu no centro da branca e espaçosa sala, com o teto abobadado e as paredes formando um círculo perfeito. As colunas se estendiam por tudo ao redor, inclusive a herá trepadeira era de um rígido e imaculado branco. Um trono se assentava entre cada uma das colunas, de uma forma majestosa.

— Sabe por que está aqui Olivia? — Perguntou-lhe uma voz ressoante.

— Sim. — Apesar de que tremia, as asas nunca cessaram o grácil deslizamento. Eram longas e majestosas, as plumas de um glorioso branco misturado com o dourado, que brilhava à luz da lua. — Para discutir a volta de Aeron ao Submundo.

— Fomos pacientes durante semanas, Olivia. — A voz sem emoção ecoou como um tambor de guerra em sua cabeça. — A brindamos com as oportunidades para demonstrar sua valia. E falhou em cada uma.

— Não estou destinada a fazer isto. — Respondeu com voz trêmula.

— Estava. Está. Não há melhor maneira de semear a alegria que salvar os humanos do mal. E isso é o que poderá obter ao acabar esta tarefa. É sua última oportunidade. Termine com a vida de Aeron ou vamos terminar com a sua.

A ameaça do Conselho não tinha sido feita com crueldade, sabia. Simplesmente, era o costume nos céus. Uma só gota de veneno poderia arruinar um oceano, por isso

cada gota corrosiva tinha que ser eliminada antes do golpear das ondas. Entretanto, ela tinha protestado de todos os modos.

— Não podem me matar sem a bênção da Divindade Verdadeira. — E Ele não a daria. Ele era todo ternura e amabilidade. Preocupava-se com os de seu povo, todo seu povo. Inclusive dos anjos desencaminhados. Simplesmente, Ele era amor.

— Mas podemos envia-la longe, pondo fim à vida como a conhece. — Se o orador fosse mulher, sua voz não teria sido menos aguda.

Por um momento, Olivia tinha tido problemas para recuperar o fôlego, e as faíscas de luz tinham começado a dançar ao redor dos olhos. Perder seu lar? Acabava de adquirir uma nova, e maior nuvem. Tinha prometido encarregar-se do turno de uma de suas amigas portadoras de alegria, para que pudesse sair de férias e nunca tinha quebrado uma promessa. Ainda assim, insistiu.

— Aeron não é mau. Não merece morrer.

— Isto não é sua decisão. Fez caso omisso de uma antiga lei e deve ser castigado por isso antes que os outros pensem que também podem fazer o mesmo sem consequências.

— Duvido inclusive que soubesse o que havia feito. — Ela estendeu os braços, rogando. — Se tão só o permitisses me ver e escutar minha voz, eu poderia falar com ele e lhe explicar...

— Então estaríamos ignorando essa antiga lei.

Certo. A fé se apoiava no fato de acreditar no que não se podia ver. Só a Elite dos Sete tinha permitido revelar-se no plano mortal, como prêmio às pessoas com essa fé.

— Sinto muito. — Disse ela, inclinando a cabeça. — Não deveria ter pedido isso a vocês.

— Está perdoada filha. — lhe responderam em uníssono.

O perdão era facilmente conseguido aqui. Bom, exceto quando ignorava os mandamentos. Pobre Aeron, pensou, mas tudo o que pôde dizer foi:

— Obrigada.

Só que... Aeron a atraíu. Tinha todo o aspecto de um demônio com sua carne tatuada, mas ao vê-lo pela primeira vez tinha despertado desejos em seu interior que tinham sido muito fortes para ignorá-los. Como seria tocá-lo? Como seria ser tocada por ele? Conheceria por fim a alegria que ela tinha brindado a outros?

Ao princípio, esses pensamentos a tinham envergonhado. E quanto mais conhecia Aeron, mais forte era o desejo que sentia por ele, até sua queda, estar com ele era em quão único podia pensar.

Por último, deu-se conta de que era aceitável sentir-se fortemente atraída por ele, apesar de seu aspecto, apesar do que o Conselho disse, era bonito e bom. E se ele era honesto e bom, ela poderia fazer o mesmo, e ser honesta e boa, também. Mais que isso, estaria bem porque ele, protetor como era, manteria-a a salvo. Dos outros, e dela mesma.

E, entretanto, se ele morresse, ela viveria o resto da eternidade sem saber como... Quão delicioso teria podido ser a experiência com ele, em todos os sentidos. Arrependeria-se. Choraria.

Mas para lhe salvar, por sua própria mão, significava ao menos, renunciar a tudo o que conhecia, tal como o Conselho tinha proclamado. Além de perder seu lar e as

asas, ficaria presa em um mundo onde o perdão não se concedia sempre, a paciência era rara vez recompensada e a rudeza era uma forma de vida.

— É seu primeiro assassinato Olivia, assim entendemos sua relutância. Mas não pode permitir que isso a arruíne. Deve estar por cima disso ou terá que pagar o preço de sempre. O que escolhe?

Esse tinha sido o último esforço do Conselho para salvá-la. Entretanto, ela tinha levantado a cabeça e pronunciou as palavras que tinham estado dando voltas em seu interior durante todas essas semanas, as palavras que a tinham conduzido até aqui. Antes que o medo a fizesse trocar de opinião.

— Escolho Aeron.

— Mulher?

A dura voz sacudiu Olivia de seu passado; era mais profunda, mais rica que a de qualquer outra pessoa e... Necessária. Ela piscou, seu entorno enfocando-se pouco a pouco. Em um quarto que conhecia de cor. Amplo, com paredes de pedra cobertas com imagens em prata de flores e estrelas. O chão era de madeira escura, brilhante e estava coberto por um tapete de suave cor rosa. Havia um aparador, uma penteadeira e uma sala de estar para meninas.

Muitos teriam zombado do fato de que este guerreiro forte e orgulhoso, possuísse uma sala feminina, mas não Olivia. O mobiliário simplesmente demonstrava a profundidade do amor de Aeron por Legion.

Teria lugar em seu coração para alguém mais?

Seu olhar caiu sobre ele. Ainda assim estava de pé junto à cama onde estava estendida, olhando-a com... Nenhuma emoção, deu-se conta, decepcionada. E quem poderia culpá-lo? Que espetáculo deveria apresentar! As lágrimas tinham secado nas bochechas, por isso sentia a pele tensa e quente. O cabelo caía em enredos, e a sujeira raiava a pele exposta.

Enquanto isso, ele se via lindo. Era alto e musculoso, tanto que a boca dela salivava, tinha os olhos violetas mais assombrosos rodeados de longos cílios negros. Seu cabelo escuro estava cortado quase até seu couro cabeludo, e se perguntou se os fios cortados lhe cravariam a palma da mão quando os acariciasse.

Não que ele fosse lhe permitir acariciá-lo.

Estava tatuado em grande medida, inclusive nos planos perfeitamente esculpidos de seu rosto. Cada uma dessas tatuagens representava algo horripilante. Apunhalamentos, estrangulamentos, queimaduras, sangue — muito sangue — cada rosto esquelético gravado em pena. Entretanto, no meio de toda a violência estavam duas borboletas safira, uma remontando as costelas e outra abrindo as asas nas suas costas.

Os Senhores, deu-se conta, só tinham uma borboleta como marca de sua posse demoníaca, e frequentemente se perguntou por que Aeron tinha uma extra. Não é como se seu corpo albergasse dois demônios nem nada parecido.

Mais que tudo, ele desprezava a debilidade. Seria a borboleta um aviso de sua loucura? E as outras tatuagens, as violentas, outro aviso das coisas terríveis que seu demônio o tinha obrigado a fazer?

Quanto a Olivia, por que este homem não lhe provocava repulsa como ocorria aos outros anjos? Por que continuava fascinando-a?

— Mulher. — Repetiu impaciente.

— Sim? — Se arrumou para responder.

— Não está me escutando.

— Sinto muito.

— Quem me quer morto e por quê?

Em lugar de responder, lhe rogou:

— Sente-se, por favor! Levantar o olhar só me obriga a forçar o pescoço.

Ao princípio, não pensou que ele fosse obedecer. Então, surpreendeu-a ao agachar-se, com expressão gélida. Finalmente, seus olhares se encontraram e ela pôde ver suas pupilas dilatarem-se. Estranho. Isto estava acostumado a ocorrer quando os humanos estavam felizes. Ou zangados. E ele não estava de nenhuma das duas formas.

— Melhor? — Perguntou-lhe ele.

— Sim. Obrigada.

— Bem, agora me responda.

Tal como um comandante. Entretanto, não lhe importava. A recompensa era muito grande. Agora podia beber de sua maravilhosa visão sem esforço, enquanto conversava com ele como tinha sonhado fazer durante todas estas semanas.

— O Conselho Celestial Superior o quer morto, por ajudar a um demônio a escapar do inferno.

Ele franziu o cenho.

— Minha Legion?

Sua Legion? Olivia assentiu com a cabeça, e fez uma careta. A dor não era algo que tivesse experimentado nunca antes – mental ou fisicamente – e não estava segura de como a estava suportando. Com lucidez, pelo menos.

Ou talvez se soubesse. Os seres humanos produziam adrenalina e outros hormônios, e isso os adormecia um pouco. Talvez estivesse produzindo também essas coisas, agora era humana. Cada vez mais, começou a sentir-se prazerosamente distanciada do novo corpo, da dor e das emoções desconhecidas.

— Não o entendo. Legion já tinha saído arrastando-se para a liberdade quando nos conhecemos. Não fiz nada para ganhar a ira de... Ninguém. — A boca se apertou com a última palavra.

— Na realidade o fez. Sem você não teria podido sair à superfície, ela estava obrigada a permanecer em baixo da terra.

— Ainda não o entendo.

As pálpebras de Olivia, de repente se tornaram pesadas e como se fossem de papel de lixa, os olhos se fecharam — Oh, devia discutir outra coisa! — por isso se obrigou a abri-los de novo.

— Em seu maior parte, os demônios são capazes de deixar o inferno quando são convocados a terra. É uma pequena escapatória que nós não detectamos até que é muito tarde. De todas as formas, enquanto estão convocados, seu vínculo com o inferno se rompe e se vinculam com a pessoa que os invocou.

— Mas, de novo, eu não convoquei a Legion. Ela veio para mim.

— Talvez não a convocasse conscientemente, mas do momento que a aceitou como sua, foi como se o tivesse feito.

Ele flexionou e abriu as mãos, um gesto que ela sabia que fazia quando tentava manter as coisas sob controle. Possivelmente estivesse zangado.

— Ela tem todo o direito de caminhar sobre a terra. Eu sou um demônio, e fiz isso durante milhares de anos sem castigo.

Certo.

— Mas seu demônio está preso dentro de você. Você é seu inferno. Legion não tem restrições, é capaz de entrar e sair quando lhe agrada. O que significa que ela não está no inferno e isso desafia todas as regras celestiais.

Pôde ver que ele se preparava para discutir. Talvez o ajudasse se lhe explicasse as origens do inferno.

— Os demônios mais poderosos foram uma vez anjos. Anjos caídos. Eles foram os primeiros em cair, na realidade, e seus corações estavam enegrecidos, limpos de qualquer bondade neles. Assim, perderam suas asas e poderes, foram castigados a sofrer para sempre. Uma tradição que continuou com sua descendência. Não pode haver exceções. Os demônios estão ligados ao inferno. Aqueles que conseguem romper esse vínculo, são assassinados.

O vermelho se filtrou na íris de seus olhos, fazendo-os brilhar.

— Está tentando me dizer que como Legion não vive no inferno deve morrer?

— Sim.

— E também que ela uma vez foi um anjo?

— Não. Uma vez no inferno, os demônios aprenderam a procriar. E Legion é uma dessas criações.

— E acredita que deve ser castigada apesar de que não causou nenhum dano?

— Eu não, mas sim. Entretanto...

— Agora me entenda uma coisa. Não vou permitir que nada a machuque. — Disse com calma, mas não menos violento.

Olivia permaneceu em silêncio. Não ia mentir e dizer a ele o que queria ouvir. Que ele e sua Legion estavam a salvo, seus crimes esquecidos por aqueles nos céus. Cedo ou tarde, alguém deveria fazer o que ela não tinha podido terminar.

— Ela não merece estar ali. — Grunhiu ele.

— Essa não é sua decisão. — A recriminação saiu da boca, tão brandamente como pôde. Que as palavras fossem um eco do que o Conselho havia dito lhe deixou um mau sabor de boca.

Aeron respirou bruscamente, as fossas nasais dilatando-se.

— Você caiu. Por que não foi jogada no inferno?

— Os primeiros anjos em cair deram as costas à única e verdadeira Divindade, por seu coração enegrecido. Eu não lhe dei as costas. Simplesmente me limitei a escolher um caminho diferente.

— Mas, por que foi enviada a mim agora? Não como um dos anjos caídos, mas como meu carrasco? Faz milhares de anos, eu fiz coisas muito mais terríveis que algo que um pequeno demônio pudesse fazer para romper as regras do inferno. Todos os que vivemos aqui, o fizemos.

— O Conselho concordou com os deuses que você e seus irmãos eram os únicos capazes de viver aqui, e possivelmente um dia controlar a fuga dos demônios. Como disse, você é seu inferno, e você já foi suficientemente castigado por seus crimes.

A vitória se assentou em suas feições, como se ele a tivesse apanhado em uma mentira.

— Ira se libertará no momento de minha morte, escapando de seu chamado

inferno. Então o que? Ainda assim pensa me matar?

Sim, tão só essa escapatória não lhe tivesse negado...

— Uma vez nos proibiram matar aos demônios dos Altos Senhores, e isso é o que é Ira. Logo que eles escaparam das profundidades, o que nos obrigou a trocar nossas normas em consequência. Assim... Também ia matar Ira.

A admissão fez que sua expressão vitoriosa se desvanecesse.

— Você caiu. Isso significa que não estava de acordo com o decreto. Matando-me, a meu demônio e a Legion.

— Não é verdade. — Disse ela. — Acredito que deve ser salvo, sim. E Ira também, já que o demônio é uma parte de você. Se acreditar que a Legion deveria permitir viver neste mundo? Não. É uma ameaça em potencial que nem sequer conhece, e poderia causar um dano incalculável. Caí por que...

— Você quer ser livre para amar e se divertir. — Disse ele, repetindo suas palavras anteriores. Só que as suas eram uma brincadeira. — Por que foi escolhida para esta tarefa? Você assassinou antes?

Ela engoliu saliva, sem querer admitir como se desenvolveram as coisas, mas sabia que lhe devia uma explicação.

— Na escuridão. Reyes... Visitava os céus muitas vezes por sua mulher, Danika. Vi-o uma vez e o segui até aqui, tinha curiosidade pela vida que um guerreiro possuído por um demônio se construiu para si mesmo.

— Espera. — Aeron franziu o cenho para ela. — Seguiu Reyes?

— Sim. — Acaso não havia dito isso?

— Mas seguiu Reyes. — A Ira irradiava do corpo e do tom.

— Sim. — Sussurrou ela, compreendendo. De repente desejou ter guardado essa parte da história para si mesma. Sabia quão protetor Aeron era com seus amigos, e seu desgosto para ela crescia com cada minuto. — Entretanto, nunca o machuquei. Eu... Eu passei um tempo transitando entre os dois mundos. — Esperando por você, querendo. — Fui escolhida por que eu, melhor que ninguém, conhecia a respeito de sua rotina.

Ou os anciões haviam sentido seu desejo por ele, e pensaram que se a escolhessem para eliminar Aeron, esse terrível desejo desapareceria, também? O tinha perguntado frequentemente.

— Para que saiba, Reyes tem uma mulher. — Aeron arqueou uma sobrancelha, alterando a tatuagem das almas fantasmais da testa. Almas que gritavam pela condenação. — Isso pouco importa. Quero saber como pensava me assassinar.

Ela teria formado uma espada de fogo, tal como Lysander lhe tinha ensinado, e a teria levado para sua cabeça. Essa era a forma mais rápida de dar morte que um anjo podia oferecer, haviam-lhe dito. Era mais rápido e misericordioso, feito antes que uma espetada de dor se pudesse sentir.

— Há muitas maneiras. — Foi tudo o que disse.

— Mas agora caiu sem poder completar sua missão. — Respondeu Aeron, a voz tensa com o temor. — Enviarão a alguém mais em seu lugar, não?

Finalmente ele começava a compreender. Ela assentiu com a cabeça.

O cenho franzido deu passo a outro igual.

— Como disse, não vou permitir que Legion sofra algum dano. Ela é minha, e eu protejo o que é meu.

Oh, ser dele, pensou ela, o desejo em seu interior crescia com mais força causando uma dor persistente. Depois de tudo, essa era a razão pela qual estava aqui. Era melhor viver um só momento com ele que toda uma vida com alguém mais.

Teria gostado de ter mais de um momento, mas esse momento era tudo o que tinha. Quando seu substituto aparecesse, Aeron poderia morrer. O coração se afundou por um instante, mas a situação não era tão simples como isso. Aeron estaria indefeso ante um oponente ao que não podia ver, ouvir, nem tocar. Um oponente que sim podia vê-lo, ouvi-lo e tocá-lo.

E, conhecendo a justiça divina como a conhecia, esse substituto seria Lysander. Olivia tinha fracassado, por isso seu mentor poderia ser considerado o responsável por sua deficiência.

Lysander não duvidaria em dar o golpe final. Ele nunca o fazia. Sim, era diferente agora que se vinculou com Bianka, a harpia descendente do próprio Lúcifer. Mas negar-se a enfrentar Aeron, significava que Lysander também teria que cair. Teria que renunciar o céu para sempre com a Bianka, e isso não era algo que o guerreiro de Elite fosse fazer. Bianka se tinha convertido em seu tudo.

— Obrigado pela advertência. — Aeron ficou de pé. Se disse algo antes disso, ela o tinha perdido, tão distraída como estava. O que estava mal com ela? Tinha vindo aqui por ele, mas desde sua chegada, em sua maioria tinha estado distraída com seus pensamentos.

— Não há de que. Mas há algo que eu gostaria em troca. Eu... Eu queria ficar aqui. — Deixou sair às palavras. — Com você. Inclusive posso ajudá-lo com seus deveres de limpeza, se desejar. — Muitas vezes tinha observado Aeron limpar a fortaleza, queixando-se com ódio dessa tarefa.

Ele se agachou para lhe desatar os pulsos. Com movimentos tão tenros que lhe provocou elétricas pontadas de dor.

— Temo que isso não seja possível.

— Mas... Por quê? Não vou causar nenhum problema. Prometo.

— Já causou muitos problemas.

O queixo começou a tremer de novo. O intumescimento emocional que tinha experimentado, começava a desaparecer rapidamente. *Ele ainda pensa desfazer-se de mim*. Medo, confusão, desespero, todos bombardearam nela. Afundou a cara no travesseiro, não querendo ver Aeron. Já estava em suficiente desvantagem com ele.

— Mulher. — Grunhiu ele. — Disse-lhe que não chorasse.

— Então não fira meus sentimentos. — As palavras foram amortecidas pelo algodão contra os lábios... E sim, das lágrimas também.

Houve um roce de roupa, como se ele estivesse passando seu peso de um pé ao outro.

— Ferir seus sentimentos? Deveria estar agradecida de que não a matasse. Causou-me uma dor incalculável durante o mês passado. Minha leal companheira não pôde permanecer comigo e teve que retornar a um lugar que ela detesta.

Um lugar no qual merecia estar, face à afirmação de Aeron, mas que importava, disse como os Senhores acostumavam fazer.

— Sinto muito. — E era de verdade. Logo ele perderia tudo o que amava e não havia nada que qualquer dos dois pudesse fazer para evitar que acontecesse.

Não pense nisso ou começará a chorar de novo.

Ele suspirou.

— Aceito suas desculpas, mas isso não muda nada. Não é bem-vinda aqui.

Tinha-a perdoado? Finalmente, um passo para o bom caminho.

— Mas...

— Caiu, mas continua sendo imortal. Não é assim? — Não lhe deu tempo para responder. Suas roupas tinham sido reparadas, assim era razoável que pensasse que ela também tivesse sido curada. — Estará bem pela manhã. E então, quero você fora desta fortaleza.

Capítulo Quatro

Aeron andava pelo comprimento do corredor. Ele tinha estado nele por horas, mas não viu nenhuma prorrogação em seu futuro imediato. Alguém tinha que vigiar o anjo. Não dos intrusos, mas de sua invasão, apenas no caso, de que ela estivesse aqui para se movimentar furtivamente e escutar coisas que ela não deveria.

Uma racionalização que não fazia muito sentido, mas uma que ele manteria. Sim, como um anjo, ela poderia ter escutado coisas que ela não deveria, invisível e protegida, mas ela estava vulnerável agora, e ela poderia um dia ser capturada pelos Caçadores e ser usada para machucar seus amigos.

Suas mãos se fecharam em punhos, e ele forçou sua mente a recuar dos pensamentos de sua tortura e suas mortes antes que ele esmurrasse uma parede. Ou um amigo.

Além disso, quando Olivia estivesse bem o suficiente, o que devia ser à qualquer momento, parte dele esperava que ela tentasse, e escapasse de seu quarto para caçar Legion. Embora Legion estivesse ausente, isso não era algo que Aeron permitiria. Não que Olivia, caída como ela estava agora, pudesse fazer muito dano durante sua procura.

Todavia, ela podia revelar suas descobertas para outro anjo, aquele que ela previu que viria, e esse anjo poderia tentar ver o que havia sido feito.

Não na minha vigilância, ele pensou.

Seus amigos já haviam tido sua reunião — ele ouviu seus resmungos, depois suas risadas, e então seus passos à medida que eles partiam — mas ele não tinha nenhuma ideia do que tinha sido decidido. Ninguém o visitou. Eles iriam procurar a estranha fêmea que ele encontrou naquela ruela? Lucien havia achado algum sinal de Caçadores na colina?

Aeron não havia mudado de ideia; ele não acreditava que Olivia estivesse envolvida com eles. Mas eles podiam tê-la seguido até aqui. Ataques furtivos eram a especialidade deles, afinal.

E realmente, uma invasão seria o fim perfeito para esta noite terrível.

Meia hora atrás, ele havia chamado Legion para adverti-la sobre o que estava acontecendo. Normalmente, não importava a distância entre eles, ela ouvia seu chamado e vinha até ele. Não desta vez. Como Lucien, ela podia relampejar de um local até outro com apenas um pensamento, mas ela não tinha aparecido.

Ela estava machucada? Confinada? Ele estava tentado a chamá-la formalmente,

tal como ela o ensinou — entretanto, até a explicação de Olivia, ele não havia entendido o que ela pretendia — mas aquilo não era algo que ela podia ignorar. Quanto mais ele considerava a possibilidade, mais ele achava provável que o anjo — caído ou não — tinha que estar fora da fortaleza antes que Legion se sentisse confortável o suficiente para retornar. Ele se lembrou de seu medo, o modo que ela tremia por simplesmente pronunciar a palavra *anjo*.

Ele podia ter pedido à Olivia para parar de fazer o que quer que ela estivesse fazendo que afligia o pequeno demônio e não à ele. Ou seus amigos, no que dizia respeito a esse assunto. Eles nunca haviam pressentido Olivia, de jeito nenhum. Mas ele não perguntou. Ela estava se curando, e ele não quis perturbá-la.

Especialmente quando ela já havia feito tanto por ele. *Nenhum abrandamento.*

Então ele tinha deixado Legion em paz, também. Por enquanto.

Não que ele pudesse imaginar a frágil Olivia machucando alguém. Mesmo com sua força total — o que quer que isso fosse. Se isso tivesse terminado em briga, Legion teria derrotado o anjo, aquelas presas envenenadas no fundo de Olivia, em segundos.

Essa é a minha garota, ele pensou, sorrindo. Só que seu sorriso não durou. O pensamento de Olivia morrendo não assentava bem. Ela não o matou quando lhe ordenaram. Não que ela conseguisse, mas ela sequer tentou fazer isso. Nem havia prejudicado Legion, conforme ela provavelmente desejaria. Ela só queria experimentar a alegria de viver que claramente lhe foi negada.

Ela não merecia morrer.

Por um momento, só um momento, ele pensou em ficar com ela. Como Ira ficava calmo quando estava ao lado dela, não exigindo que ele a castigasse por alguma crime que ela cometeu vinte anos atrás, um dia atrás, um minuto atrás, ela seria a companheira perfeita para ele. Ela podia cuidar de suas necessidades, como Paris havia dito.

Necessidades que ele alegou não ter. Mas ele não podia negar que enquanto ele estava abaixado ao lado dela, *algo* mexeu dentro dele. Algo quente e perigoso. Ela cheirava a raio de sol e terra, e seus olhos, tão azuis e claros quanto o céu matutino, o haviam olhado com confiança e esperança. Como se ele fosse um salvador em lugar de um destruidor. E ele gostou disto.

Idiota! Um demônio, ficando com um anjo? Dificilmente. Além disso, ela está aqui para se divertir e você, meu amigo, está tão distante da diversão quanto um homem pode estar.

— Aeron.

Finalmente. Notícias. Aliviado por empurrar Olivia longe de seus pensamentos, Aeron virou-se e viu Torin apoiando um ombro contra a parede, braços enluvados cruzados sobre o peito e um sorriso irreverente curvando sua boca.

Como guardião da Enfermidade, Torin não podia tocar em outro ser, pele sobre pele, sem começar uma epidemia. As luvas protegiam a todos eles.

— Mais uma vez, um Senhor do Submundo tem uma mulher trancada em seu quarto, enquanto ele tenta resolver o que fazer com ela. — Torin riu.

Antes que Aeron pudesse responder, imagens começaram a relampejar por sua cabeça. Imagens de Torin erguendo uma espada, a expressão decidida, determinada. Aquela espada descendo... Cravando sua mira no coração... E emergindo molhada e

vermelha.

O homem que foi apunhalado, um humano, desmoronou em uma pilha no chão. Morto. Existia o desenho do número oito tatuado em seu pulso, o símbolo do infinito e a marca de um Caçador. Ele não machucou Torin, ele sequer ameaçou fazer isso. Os dois simplesmente passaram um pelo outro na rua, uns quatrocentos anos atrás, quando o guerreiro finalmente deixou a fortaleza para ficar com a mulher pela qual ele se apaixonou, mas antes ele viu a marca e atacou.

Para Ira, o ato era malicioso e sem provocação. Para Ira, o ato merecia castigo.

Aeron já tinha visto este evento específico muitas vezes, e todas as vezes ele teve que reprimir o desejo de atacar. Agora não era diferente. Ele realmente sentiu seus dedos se enrolarem em torno do cabo de seu punhal, a forte necessidade de apunhalar Torin como Torin apunhalou o Caçador.

Eu teria feito a mesma coisa, ele mentalmente gritou com o demônio. *Eu teria matado aquele Caçador, maliciosamente e sem provocação. Torin não merece castigo.*

Ira rosnou.

Calma. O braço de Aeron caiu para seu lado, sua mão vazia.

— O Demônio está querendo me atacar? — Torin perguntou, na verdade.

Seus amigos o conheciam muito bem.

— Sim, mas sem preocupações. Eu tenho o bastardo sob controle.

Ele pensou que ouviu o demônio bufar.

Quanto mais ele negasse Ira, mais seu desejo de punir cresceria — até que a necessidade atingisse Aeron tão completamente, que ele estouraria. Isso foi quando ele voou pela cidade, ninguém seguro, os pecados mais leves recebidos com crueldade e desumanidade absoluta.

Aqueles divertimentos de vingança eram o motivo pelo qual Aeron tatuou a si mesmo como ele havia feito. Como ele era imortal e propenso a se curar depressa, ele teve que misturar ambrosia seca na tinta para ficar permanentemente marcado e tinha sido como injetar fogo diretamente em suas veias. Ele se importou, entretanto? Inferno, não. Toda vez que ele olhava no espelho, ele era lembrado das coisas que havia feito — e que faria novamente se ele não fosse cuidadoso.

Mas, mais que isto, as tatuagens garantiam a ele que as pessoas que ele matou, as pessoas que não mereceram morrer, nunca seriam realmente esquecidas. Às vezes isso ajudava a aliviar sua culpa. E às vezes ajudava a escurecer seu orgulho irracional na força do demônio.

— ...certeza que você tem o controle?

— O que? — Ele perguntou, puxando à si mesmo de seus pensamentos.

Torin sorriu novamente.

— Eu perguntei se você tem certeza que você tem o controle de seu demônio. Você está piscando descontroladamente, e seus olhos estão ardendo vermelhos.

— Eu estou bem. — Diferentemente de Olivia, não existia verdade absoluta em sua voz. A mentira estava lá para todos ouvirem.

— Eu acredito em você. Realmente. Então... De volta à nossa conversa? — Torin perguntou.

Onde ele havia parado? Oh, sim.

— Eu estou certo que você não veio aqui para me comparar a nossos amigos

acasalados. Eu dificilmente sou o bobo apaixonado que todos eles eram quando eles trouxeram suas mulheres aqui.

— E simples assim, você arruinou minhas próximas três piadas. Você não é divertido.

Exatamente o que Aeron havia pensado quando Olivia mencionou seus três desejos. Ter seu conhecimento confirmado, entretanto, despedaçou-o por dentro, por razões que ele não podia explicar.

— Torin. Seu propósito, por favor.

— Tudo bem. Seu anjo já está causando problemas. Alguns de nós queremos nos livrar dela, e alguns querem mantê-la. Eu estou no time “Manter”. Eu acho que nós precisamos cativá-la para nosso lado antes que você a faça odiar a todos nós e ela decida ajudar o inimigo.

— Fique longe dela. — Aeron não queria o guerreiro em qualquer lugar próximo de Olivia. E isso não tinha nada a ver com o cabelo branco do homem, sobrancelhas pretas e olhos verdes que nunca pareciam levar qualquer coisa a sério, assegurando que Torin não precisava tocar em uma mulher para conquistá-la.

Torin girou aqueles olhos.

— Idiota. Você devia estar me agradecendo, não me ameaçando. Eu vim para lhe dizer para escondê-la. William está em meu time e ele quer ser o único a se fazer de encantador.

William, um imortal viciado em sexo. Um imortal com cabelos pretos e olhos azuis ainda mais imorais que Torin. Um guerreiro que era alto, musculoso e indomado. Um guerreiro cujas únicas tatuagens estavam escondidas debaixo de suas roupas. Se Aeron estivesse se lembrando corretamente, existia um X acima de seu coração e um mapa do tesouro em suas costas. Um mapa do tesouro que cruzava suas costelas e imergia ao redor de sua cintura, finalmente concluindo acima de sua "área de diversão."

Ele era um homem musculoso, muito atraente — se a opinião das fêmeas humanas podia ser confiável — e era o *epítome* de diversão.

Olivia provavelmente gostaria dele.

Por que Aeron de repente quis bater o rosto do homem na parede, arruinando aquela bonita aparência? Algo que ele nunca quis fazer antes, apesar da intensa necessidade de Ira de punir o homem, quebrar seu coração em centenas de pedaços, da mesma maneira que ele havia feito a centenas de mulheres. Só que Ira queria que Aeron usasse uma espada.

Aeron sempre resistiu porque ele gostava de William, que poderia não ser um Senhor verdadeiro, mas se podia contar com ele durante a batalha. O homem não tinha nenhuma limitação quando vinha para a matança.

Sem Legion, você está procurando por uma briga. Isto é tudo. Sim. Claramente ele estava no limite.

— Obrigado, Torin, pela advertência sobre William. — Ele disse, esperando que ele soasse corretamente irônico. — Entretanto, Olivia não ficará aqui tempo suficiente para ser encantada por ninguém.

— Eu tenho certeza que William lhe dirá que ele só precisa de alguns segundos.

Não reaja. Embora, se William aparecesse, Aeron poderia, acidentalmente,

perder o controle de Ira, permitindo ao demônio finalmente atacar o imortal.

Ira ronronou sua aprovação.

— Oh, ei. — Torin disse, reivindicando sua atenção. — Mudando o tema de um viciado em sexo para outro, Paris queria que eu dissesse a você que Lucien o enviou à cidade para encontrar uma mulher. Lucien planejou deixá-lo lá, então ele não voltará até manhã.

— Bom. — Seu alívio não teve nada a ver com Paris estar longe de Olivia. — Lucien viu algum sinal de Caçadores enquanto ele estava lá fora?

— Não. Não na colina e não em Buda³.

— Bom... — Aeron repetiu, repentinamente em movimento. Ele caminhou de um canto até o outro. — Encontrou algum sinal da mulher de cabelos escuros?

— Não, mas Paris prometeu continuar a procurar. Assim que ele recuperar suas forças, claro. E falando de força perdida, Paris mencionou que o anjo está ferido. Você quer que eu mande alguém ir buscar um médico?

"Buscar" significava "sequestrar" nesta casa.

— Não. Ela se curará sozinha. — Eles estavam à procura de um médico para empregar permanentemente por algum tempo, mas eles não tiveram nenhuma sorte. Agora tempo era essencial, desde que Ashlyn estava grávida. Mas ninguém sabia se o bebê seria mortal ou demônio, então eles teriam que ser cuidadosos com quem eles escolhessem.

Caçadores, como eles recentemente haviam aprendido, tinham criado imortais com mortais por anos, gerando crianças halfling⁴ na esperança de criar um exército invencível. O demônio do bebê da Violência seria o prêmio dos prêmios, alguém que todo Caçador adoraria usar. E nas mãos do médico errado, os segredos dos Senhores estariam qualquer coisa, exceto seguros.

Torin agitou sua cabeça em condolência, como se Aeron fosse muito estúpido para pensar as coisas corretamente.

— Você tem certeza que ela se curará? Ela foi expulsa do céu.

— Nós fomos expulsos do céu, e nós ainda nos curamos tão rápido como sempre. Nós até regeneramos membros. — O que Gideon, guardião do demônio da Mentira, estava fazendo agora. O guerreiro tinha sido capturado durante sua última batalha com os Caçadores e torturado por informações – informações que ele não deu. Como vingança, os Caçadores removeram suas mãos.

Gideon ainda estava confinado à cama e era uma grande dor na bunda de todos eles.

— Bom ponto. — Torin disse.

O grito da mulher de repente estourou no quarto de Aeron.

Ele parou de caminhar, e Torin se endireitou. Quando o segundo grito soou, ambos estavam correndo para o quarto, entretanto Torin manteve uma boa distância

³ Budapeste (em húngaro *Budapest*) é a capital e a maior cidade da Hungria, e a sexta maior da União Europeia. Localiza-se nas margens do rio Danúbio e possui 1 712 710 habitantes (2009) (3 271 110 na região metropolitana ou Grande Budapeste - 2009). Budapeste foi fundada em 17 de novembro de 1873 com a fusão das cidades de Buda ou *Óbuda*, na margem direita do Danúbio, com Peste, na margem esquerda. Seus habitantes chamam-se *budapestinos*.

⁴ Os halflings aparecem primeiramente em D&D (Dungeons and Dragons), certamente foram inspirados nos hobbit do romance de Tolkien, O Senhor dos Anéis. A palavra 'Halfling' vem do inglês e é uma aglutinação das palavras Half (meio, metade) Thing (coisa) o que poderia ser traduzido como 'Meia-Coisa'. No contexto da frase, quer dizer "crianças mestiças"...

entre eles. Aeron se jogou para abrir a porta, e foi o primeiro a entrar.

Olivia estava na cama, ainda deitada de bruços, mas agora espancada. Seus olhos estavam fechados, e apesar das sombras sobre seus cílios, ele podia ver aquelas contusões agora ramificadas debaixo deles. Aquele cabelo escuro estava emaranhado ao redor de seus ombros trêmulos.

Sua bata obviamente havia sido limpa, a maior parte do sangue tinha saído. Ainda existiam duas novas manchas onde suas asas já deveriam ter começado a crescer novamente, ambas brilhantes, avermelhadas e molhadas.



Os demônios a estavam arrastando.

Olivia podia sentir suas garras cravando em sua pele, cortando, picando. Ela podia sentir o limo pegajoso em suas escamas e a queimadura de seu hálito fétido. Ela podia ouvir a alegria em seu riso e queria vomitar.

— Olhem o que eu achei. — Um deles cacarejou.

— Um lindo anjo, caído direto em nossos braços. — Um outro riu.

Plumagens de enxofre e podridão espessaram o ar, e o fedor era sugado em suas narinas enquanto ela tentava respirar. Ela simplesmente havia caído, as nuvens se abrindo debaixo de seus pés, lançando-a violentamente dos céus, abaixo... Abaixo, sem fim à vista, se debatendo por alguma coisa, qualquer coisa para se agarrar e parar de cair... E quando o fim finalmente apareceu, o chão se abriu, também, as chamas do inferno engolindo-a inteira.

— Um anjo guerreiro, mesmo assim. Ela tem asas de ouro.

— Não mais.

O arrastar ficou mais duro, mais violento. Ela chutou, golpeou e mordeu, tentando lutar à sua maneira, para correr e se esconder, mas tinha muitos demônios ao redor dela, a paisagem rochosa recortada por trás deles desconhecida para ela, então seus esforços resultaram em nada. Os tendões que ancoravam suas asas em seu lugar começaram a se rasgar; a dor fervente se estendeu, consumindo-a até que cada pensamento em sua cabeça girava em torno do caminho mais fácil de acabar com isto: morrendo.

Por favor. Deixe-me morrer.

Estrelas piscavam acima de seus olhos, de repente a única coisa que ela podia ver. Todo o resto se transformou em negro. Mas o negro era bom, o negro era bem-vindo. Ainda, sem parar o riso, o arrastar continuou. A vertigem logo a inundou, e a náusea começou a bater em seu estômago.

Por que ela não estava morta? Então uma de suas asas se rasgou completamente e ela gritou, aquela dor escaldante se transformando no que ela agora sabia que era verdadeira agonia. Nem mesmo a morte poderia colocar fim a este tipo de sofrimento. Não, este a seguiria na vida após a morte.

A outra asa rapidamente seguiu a anterior, e ela gritou novamente e novamente. As garras continuaram a raspar em sua roupa, danificando ainda mais a sua pele e se afundando dentro dos ferimentos recentes em suas costas. Finalmente, ela vomitou,

esvaziando seu estômago das frutas divinas que ela havia consumido aquela manhã.

— Não é tão bonita agora, não é, guerreira?

Mãos se apertaram sobre nela, tocando-a em lugares que ninguém a havia tocado antes. Lágrimas fluíam por suas bochechas, e ela ficou lá, impotente. Então era isto. O fim. Finalmente. Exceto, um pensamento cintilou naquele mar negro: ela havia desistido de sua linda vida, só para morrer no inferno sem jamais conhecer a alegria, sem passar nenhum momento com Aeron. Não. Não!

Você é mais forte que isto. Lute! Sim, sim. Ela era mais forte que isto. Ela lutaria. Ela iria...

— Olivia.

A voz dura e familiar precipitou-se em sua mente, momentaneamente bloqueando as imagens odiadas, a dor e a tristeza. A determinação.

— Olivia. Acorde.

Um pesadelo, ela pensou, com uma pequena sensação de alívio. Só um pesadelo. Os humanos frequentemente os tinham. Mas ela sabia que o ataque tinha sido muito mais para ela. Uma memória, uma repetição do seu tempo no inferno.

Ela ainda se debatia sobre a cama, ela percebeu, suas costas até agora chamejantes, o resto de seu corpo ferido e com câimbras. Forçando a si mesma a parar, ela ergueu suas pálpebras separadamente. Ela estava arquejante, seu peito subindo e descendo rapidamente contra o colchão, o ar queimando seu nariz e garganta como se ela estivesse inalando ácido. O suor gotejava dela, encharcando sua bata em sua pele. Aquele entorpecimento santificado que ela havia experimentado anteriormente estava completamente destruído; Ela sentia *tudo*.

A morte poderia ter sido preferível, afinal.

Mais uma vez Aeron estava abaixado ao lado da cama e espreitava acima dela. Um macho — o chamado Torin, ela recordou — permanecia ao lado dele e a observava através de assombrosos olhos verdes.

Demônio, Olivia pensou. Torin era um demônio. Exatamente como os outros. Aqueles que arrancaram suas asas. As pessoas que a tocaram e zombaram dela.

Um grito penetrante saiu de sua garganta em carne viva. Ela queria Aeron, só Aeron; ela não confiava em qualquer outro. Não queria qualquer outro sequer olhando para ela agora mesmo. Especialmente um demônio. Que o próprio Aeron fosse possuído pela Ira não tinha nenhuma importância na situação. Para ela, Aeron era simplesmente Aeron. Mas tudo que ela conseguia pensar quando olhava para Torin era como aquelas mãos escamosas beliscaram seus mamilos e afundaram-se entre suas pernas. Como aquelas mãos teriam feito muito mais se ela não começasse a lutar.

Lutar. Sim. Ela chutou sua perna, mas o membro tolo baqueou inutilmente, os músculos muito tensos para funcionarem corretamente. Impotentes. Novamente. Um soluço juntou-se ao seu grito, ambos sufocando-a, enquanto ela tentava se arrastar da cama e se lançar nos braços de Aeron. Mas, mais uma vez, seu corpo fraco se recusou a cooperar.

— Faça ele partir, faça ele partir, faça ele partir. — Ela gritou, enterrando seu rosto no travesseiro. Até olhar para o recém-chegado era doloroso para ela. Ela provavelmente conhecia Torin de vista, mas ela não o conhecia como conhecia Aeron. Ela não o desejava, como desejava Aeron.

Aeron, que podia fazer tudo melhor, como ele havia feito para seu amigo Paris durante toda noite. Aeron, que podia protegê-la como ele havia protegido sua pequena Legion. Aeron, que era tão feroz que havia espantado seus pesadelos para longe.

Mãos fortes se colocaram em seus ombros e a seguraram até parar sua renovada agitação.

— Shh. Shh, acalme-se agora. Você tem que se acalmar antes que você se machuque ainda mais.

— O que está acontecendo? — Torin perguntou. — O que eu posso fazer para ajudar?

Não. Não, não, não. O demônio ainda estava aqui.

— Faça ele partir! Você tem que fazer ele partir. Agora. Agora mesmo.

— Eu não vou machucar você, anjo, — Torin suavemente disse. — eu estou aqui para...

A histeria estava borbulhando dentro dela, consumindo-a e a jogando-a para baixo.

— Faça ele partir. Por favor, Aeron, faça ele partir. Por favor.

Aeron rosnou baixo em sua garganta.

— Torin, maldição. Caia fora daqui. Ela não vai se acalmar até que você saia.

Houve um suspiro pesado, uma indicação de tristeza, então, abençoadamente, passos soaram.

— Espere. — Aeron chamou, e Olivia quis gritar. — Lucien agiu na situação como planejado no outro dia, e comprou Tylenol⁵ para as mulheres?

— Até onde eu sei, sim. — Torin respondeu.

Eles estavam conversando? Agora?

— Faça ele partir! — Olivia gritou.

— Traga-me alguns. — Aeron disse, falando acima dela.

A porta rangeu ao ser aberta. *Finalmente*, o demônio estava partindo — mas ele retornaria com medicamentos humanos. Olivia choramingou. Ela não poderia passar por isto novamente. Provavelmente ela morreria só pelo medo.

— Só jogue o remédio dentro do quarto. — Aeron adicionou, como se sentindo seus pensamentos.

Obrigada, doce Deidade misericordiosa do céu. Enquanto Olivia afundava sobre o colchão, a porta clicou se fechando.

— Ele foi embora. — Aeron disse suavemente. — Somos só você e eu agora.

Ela estava tremendo muito violentamente, a cama inteira se agitava.

— Não me deixe. Por favor, não me deixe. — O apelo só provava o quanto ela estava fraca, atualmente, mas ela não se importava. Ela precisava dele.

Aeron alisou o cabelo úmido de suor em sua têmpora, seu toque tão suave quanto sua voz. Este não podia ser seu Aeron, falando com ela muito docemente, acariciando-a muito ternamente. A mudança nele era quase muito grande para ser acreditada. *Por que* ele havia mudado? Por que ele a estava tratando, uma estranha em potencial, como ele normalmente só tratava a seus amigos?

— Você quis que eu lhe abraçasse mais cedo, — Ele disse. — você ainda deseja isto?

⁵ É um medicamento, cujo componente ativo é o paracetamol. Ele alivia dores e age diminuindo a febre.

— Sim. — Oh, sim. Qualquer que fosse a razão para a mudança, não importava. Ele estava aqui, e ele estava dando a ela o que ela desejou por tanto tempo.

Muito lentamente, ele se relaxou ao lado dela, cuidadosamente para não empurrá-la. Quando ele estava deitado, ela avançou para a frente até que sua cabeça estivesse descansando no sulco de seu ombro forte e quente. A ação lançou mais dor debilitante através dela, mas estar tão perto dele, finalmente tocá-lo, fazia valer a pena. *Este* era o motivo pelo qual ela tinha vindo aqui.

Ele envolveu seus braços ao redor de suas costas, ainda tão cuidadoso com seus ferimentos, e sua respiração morna viajou sobre sua testa.

— Por que você não está se curando, Olivia?

Ela adorou quando ele pronunciou seu nome. Como uma prece e um apelo, embrulhados no mesmo bonito pacote.

— Eu disse a você. Eu caí. Eu sou completamente humana agora.

— Completamente humana. — Ele disse, se endurecendo. — Não, você não me disse isto. Eu poderia ter trazido remédios para você antes.

Existia culpabilidade em seu tom. Culpabilidade e medo. O medo ela não entendeu, mas estava muito machucada para questionar. E então ela esqueceu tudo sobre isto. No centro do quarto, uma luz âmbar faiscou. Aquela luz cresceu... E cresceu... Clareando tanto que ela teve que piscar.

Um corpo formou-se. Um grande, musculoso corpo envolvido em uma bata branca bem parecida com a sua. O cabelo pálido apareceu em seguida, agitando-se sobre os ombros espessos. Ela viu olhos como ônix líquido e pele pálida com o mais leve pó dourado. A última coisa a encher seus olhos foram às asas de puro ouro cintilante.

Ela queria acenar, mas só conseguiu esboçar um sorriso lânguido. Doce Lysander, aqui para confortá-la, afinal, mesmo que fosse como uma invenção de sua imaginação.

— Eu estou sonhando novamente. Só que dessa vez, eu gosto desse sonho.

— Shh, shh. — Aeron sussurrou para ela. — Eu estou aqui.

— E eu também estou. — O olhar de Lysander correu pelo ambiente e seus lábios se enrolaram com desgosto. — Infelizmente, isto não é nenhum sonho. — Como sempre, ele falou a verdade, sua voz tão cheia de certeza quanto a dela.

Isto verdadeiramente estava acontecendo?

— Mas eu sou humana agora. Eu não devia ser capaz de ver você. — Realmente vê-lo, agora, era contra as regras. A menos que sua Deidade pensasse em recompensá-la? Desde que ela simplesmente havia virado suas costas para sua herança, isso dificilmente parecia provável.

Agora ele espreitava diretamente em seus olhos — diretamente, parecia, em sua alma.

— Eu implorei ao Conselho em seu favor. Eles concordaram em dar a você mais uma chance. E então, agora mesmo, uma parte de você está ainda angelical e permanecerá assim pelos próximos quatorze dias. Quatorze dias em que você pode mudar de ideia e reivindicar seu lugar legítimo.

Como um relâmpago, o choque se lançou através dela, ardente e escaldante.

— Eu não entendo. — Nenhum anjo caído jamais recebeu uma segunda chance

antes.

— Não há nada para entender. — Aeron disse, ainda tentando acalmá-la. — Eu tenho você.

— Eu sou um dos Sete, Olivia. Eu quis quatorze dias para você, e então lhe foi dado quatorze dias. Para viver aqui, para... Desfrutar. E então, retornar.

O tom ofendido de Lysander proclamava que sua posição devia explicar tudo.

Não explicava, mas a silenciosa esperança em sua voz a entristeceu. A única coisa que ela lamentava sobre sua escolha, era que ela estava machucando este guerreiro maravilhoso. Ele a amava, desejava somente o melhor para ela.

— Eu sinto muito, mas eu não mudarei de ideia.

Ele pareceu fulminado.

— Até mesmo quando o imortal for tirado de você?

Ela mal conseguiu parar seu grito horrorizado. *Eu não estou pronta para perdê-lo.* Mas fraca como ela estava, não existia nada que ela pudesse fazer para salvá-lo, e ela sabia disso.

— É por isso que você está...

— Não, não. Acalme-se. Eu não estou aqui para matá-lo. — A palavra *ainda*, não havia sido dita, contudo estava presente. — Se você decidir ficar, seu novo executor não será decidido até que seus quatorze dias tenham se passado.

Então. Ela tinha duas semanas garantidas com Aeron. Nem mais, nem menos. Isso teria que ser suficiente. Ela faria tantas memórias, elas durariam a vida inteira. Se ela pudesse convencer Aeron para que ele a deixasse ficar aqui, isto é. Tão teimoso quanto ele era...

Ela suspirou.

— Obrigada. — Ela disse a Lysander. — Por tudo. Você não tinha que fazer isto por mim. E provavelmente teve que lutar impiedosamente contra o Conselho por tal concessão, sendo um dos Sete ou não.

Ainda assim, ele fez isso, sem vacilação, só assim ela poderia experimentar a alegria e a paixão que ela almejou antes de reivindicar seu lugar no céu. Ela não diria a ele que ela não podia voltar. Não importa o que acontecesse.

Em quatorze dias, se ela retornasse, seria esperado que ela matasse Aeron, ela sabia — entretanto, ela não poderia fazer isso.

— Eu amo você. Eu espero que você saiba disso. Não importa o que aconteça.

— Olivia. — Aeron disse, claramente confuso.

— Ele não pode me ver, ouvir ou até mesmo me sentir. — Lysander explicou. — Ele agora percebe que você não está conversando com ele e pensa que você está delirando de dor. — Seu mentor andou em direção à cama. — Eu devo lembrar a você que o homem é um demônio, Liv. Ele é tudo contra o qual nós lutamos.

— Sua fêmea também é.

Ele ajustou seus ombros largos, e seu queixo se ergueu. Sempre o guerreiro teimoso, seu Lysander. Exatamente como Aeron.

— Bianka não quebrou nenhuma de nossas leis.

— Mas ainda que ela tivesse quebrado, você teria querido estar com ela. Você teria achado um modo.

— Olivia? — Aeron repetiu.

Lysander não deu nenhuma atenção a ele.

— Por que você escolheria viver com ele como um humano, Olivia? Só por alguns minutos em seus braços? Isso não lhe poderá trazer nada, além de aflição e decepção.

Uma vez mais, existia verdade não diluída em seu tom. As mentiras não eram permitidas no mundo deles — não, ela tristemente pensou — no mundo dele. Ainda assim, ela se recusou a acreditar nele. Aqui, ela faria coisas que ela desesperadamente quis fazer. Ela não só viveria como uma humana, mas ela se sentiria como uma, também.

A porta do quarto abriu-se, poupando-a de responder. Um frasco de plástico pequeno foi lançado do lado de dentro. Caiu sobre o chão, a algumas polegadas das sandálias que calçavam os pés de Lysander.

— Aqui está o medicamento. — Torin chamou. A porta se fechou antes que Olivia pudesse esboçar outro grito.

Aeron tentou se levantar, mas Olivia acomodou seu peso mais firmemente sobre ele.

— Não. — Ela disse, fazendo careta quando outro daqueles raios incandescentes a atingiram. — Fique.

Ele podia tê-la empurrado para o lado, mas não o fez.

— Eu preciso pegar as pílulas. Eles ajudarão a aliviar sua dor.

— Mais tarde. — Ela disse. Agora que eles estavam se tocando, agora que ela sentia o calor de seu corpo, se envolvendo ao redor dela, acalmando-a, ela não queria perder isto. Nem por um momento.

A princípio, ela pensou que ele ignoraria seu apelo, entretanto ele relaxou e apertou seu abraço ao redor dela. Olivia suspirou com satisfação e encontrou o olhar duro de Lysander mais uma vez. Ele estava com a cara fechada.

— É por isso. — Ela disse a ele. Abraçar não era algo que os anjos fizessem. Eles podiam fazê-lo, se eles quisessem muito, ela supunha, mas nenhum deles nunca quis. Por que eles iriam querer? Eles eram como irmãos e irmãs uns para os outros, o desejo físico não fazia parte de sua composição.

— Por que o que? — Aeron perguntou, confuso mais uma vez.

— Por que eu gosto de você. — Ela respondeu honestamente.

Ele se endureceu, mas não respondeu.

Olhos estreitados, Lysander estendeu suas asas em um leve puxão, o ouro brilhando ao luar. Uma única pena caiu ao chão.

— Eu deixarei você, para que se recupere, querida, mas eu retornarei. Você não pertence aqui. Conforme os dias passem, eu tenho o pressentimento que você, também perceberá isto.

Capítulo Cinco

Naquela primeira noite, depois que Olivia terminou sua estranha conversa com ela mesma, ela finalmente caiu adormecida, mais uma vez gemendo e murmurando com sua dor, se remexendo e se machucando ainda mais. A segunda noite, os murmúrios sobre demônios começaram. *Não me toquem, seus miseráveis imundos.*

Choro, sufocamento. *Por favor, não me toquem.* A terceira noite, uma quietude mortal a reivindicou.

Aeron quase preferia as súplicas.

Por tudo isso, ele esfregou sua sobrançelha, se manteve em sua companhia — até leu um dos romances de Paris para ela, entretanto ela permaneceu inconsciente — e forçou líquidos e comprimidos esmagados por sua garganta abaixo. Ele não teria sua morte em sua consciência.

Mais que isto, ele a queria fora de sua vida — não importa como seu corpo reagia fortemente quando ele se aproximava dela. Ou quando pensava nela. Ele não mentiu. Uma vez que ela estivesse curada, ela iria embora. *Por causa* da maneira que seu corpo reagia a ela.

Pior, a maneira que seu demônio reagia. Não por ela, mas *para* ela.

Punir, o demônio disse pela... O que? Centésima vez? *Punir àqueles que a machucam.* Durante a maldição de sangue de Aeron, o demônio falou com ele — em comandos de uma só palavra — além de relampejar imagens violentas por sua mente. Nos últimos três dias, entretanto, discursos extensos eram o método preferido de Ira se comunicar, e Aeron não estava muito acostumado a isto. Onde estava a paz que Olivia havia produzido?

Também, ele não estava certo do que Olivia tinha passado quando ela foi expulsa de sua casa, e ele não podia permitir a si mesmo descobrir. Ele poderia não ser capaz de impedir seu demônio de agir. Podia apenas parar o demônio agora. E se ele soubesse a verdade, ele poderia não *querer* parar seu demônio. Se alguma vez existiu um tempo para apreciar o que Ira podia fazer...

Não pense assim. Aeron não queria se suavizar em relação à Olivia mais do que ele já tinha, e ele não queria que ela se aprofundasse ainda mais profundamente em seus pensamentos e decisões. Sua vida tinha complicações suficientes. E ela ainda adicionava mais.

Ela queria se divertir. Como ele a assegurou, *diversão* não era uma palavra que ele conhecia, nem que ele tivesse tempo para conhecer. E ele não estava desapontado sobre isto. Sinceramente.

Ela queria amar. De nenhuma maneira ele era a pessoa certa para aquela tarefa. O amor romântico não era algo que ele traria para sua vida. Especialmente com alguém tão frágil como Olivia. E ele também não estava desapontado sobre isto. *Sinceramente.*

Ela queria liberdade. *Isso* ele podia dar a ela. Na cidade. Se ela simplesmente melhorasse, maldita!

Ela *melhoraria*, ou pelos deuses, ele finalmente soltaria seu demônio, de boa vontade e sem restrição.

Punir. Punir àqueles que a machucaram.

Por que o demônio gosta dela? E Ira tinha que gostar dela. Nada mais explicava o desejo de atingir os seres que eles não encontraram pessoalmente. Ele teve tempo para pensar sobre isto, tempo demais, e até agora nenhuma resposta tinha aparecido.

Aeron esfregou uma mão sobre seu rosto. Porque ele recusou a sair do lado de Olivia, Lucien teve que continuar observando os cuidados com Paris e assegurando que o guerreiro alimentasse seu próprio demônio corretamente. Torin, por sua vez,

teve que providenciar as refeições de Aeron, trazendo-lhe bandejas de comida ao longo do dia, mas nunca ficando para conversar com ele. Se Olivia fosse acordada e visse o macho... Ele não apreciaria uma repetição de seu terror anterior.

Infelizmente, as mulheres da casa souberam da presença do anjo e desceram em massa para dar as boas vindas a ela. Não que ele tivesse deixado que elas passassem pela porta. Sem dizer como Olivia reagiria a elas. Além disso, nenhuma delas sabia como ajudar o anjo. Ele havia perguntado. Bem. Ele rosnou.

Embora ele pudesse ter suportado os ataques de terror de Olivia se isso significasse vê-la consciente novamente. Por que infernos ela não acordava? E agora, tão quieta como ela estava... Ele rolou para seu lado, cuidadoso para não empurrá-la, e olhou fixamente para ela. Pela primeira vez, ela não se enrolou nele, mas permaneceu como ela estava. Sua pele estava de uma palidez fantasmagórica, suas veias visíveis e extravagantes. Seu cabelo era um ninho emaranhado ao redor sua cabeça. Suas bochechas estavam fundas e seus lábios feridos onde ela os mastigou.

Contudo, ela ainda estava além de bonita. Primorosa, até, de um jeito proteja-me para sempre. Tanto, que seu peito se apertou à vista dela. Não em culpabilidade, mas em uma necessidade possessiva de ser o único a protegê-la. Uma necessidade que correu profundamente em seus ossos.

Ela tinha que se curar, e ele tinha que livrar-se dela. *Logo.*

— Nesse ritmo, ela vai morrer. — Ele rosnou para o teto. Se ele estava falando com sua Única Deidade ou para os deuses que ele conhecia, ele não estava certo. — É isso que você quer? Um dos seus sofrendo inimaginavelmente antes de perecer? Você pode salvá-la.

Olhe para você, ele pensou, desgostoso consigo mesmo. *Suplicando por uma vida como os humanos nunca fazem.*

Isso não o parou.

— Por que você não?

A simples sugestão de um... Rosnado? Atingiu suas orelhas. Aeron ficou tenso. Enquanto ele pegava um dos punhais que ele havia colocado em seu criado mudo, seu olhar se ampliava por seu quarto. Ele e Olivia estavam sozinhos. Nenhum religioso havia aparecido para puni-lo por seu tom descarado.

Lentamente ele relaxou. A falta de sono estava finalmente alcançando-o, ele supôs.

A noite já tinha caído há muito tempo, o luar brilhando através das vidraças das portas que levavam à sua sacada. Tão pacífica era a visão, tão cansado estava seu corpo, que ele deveria ter finalmente caído em uma soneca. Ele não o fez. Ele não podia.

O que ele faria se Olivia morresse? Ele a lamentaria como Paris lamentou sua Sienna? Seguramente não. Ele não a conhecia. O mais provável, era que ele sentiria culpa. Muita e muita culpa. Ela o salvou, contudo ele não teria feito o mesmo por ela.

Você não a merece.

O pensamento sussurrou por sua cabeça, e ele piscou. Não pertencia à Ira, o timbre muito baixo, muito sério — e ainda, de alguma maneira familiar. Teria Sabin, guardião da Dúvida, retornado de Roma, atacando sua autoconfiança como era hábito involuntário do guerreiro?

— Sabin. — Ele cuspiu, por via das dúvidas.

Nenhuma resposta.

Ela é muito boa para você.

Neste momento, Ira resmungou dentro de sua cabeça, rondando por seu crânio, subitamente agitado.

Não era Sabin, então. Um, Aeron não ouviu Sabin retornar e, dois, ele sabia que o guerreiro não deveria chegar por mais algumas semanas. Além disso, não existia nenhum tom alegre para estas dúvidas, e o demônio de Sabin encontrava grande alegria ao espalhar seu veneno.

Então, quem tinha aquela licença? Quem possuía o poder para falar em sua mente?

— Quem está aí? — Ele exigiu.

Isso não importa. Eu estou aqui para curá-la.

Curá-la? Aeron relaxou só um pouco. Existia um aro de verdade na voz, da mesma maneira que existia na de Olivia. Seria um anjo?

— Obrigado.

Economize seu obrigado, demônio.

Tal raiva de um anjo? Provavelmente não. Ou era um deus, talvez, respondendo às suas orações? Não, não podia ser, Aeron decidiu. Os deuses apreciavam sua fanfarra e teriam aproveitado a oportunidade para se revelarem e exigir gratidão. E se fosse a Deidade de Olivia, seguramente existiria um zumbir de poder no ar, pelo menos. Ao invés, existia... Nada. Aeron sentiu, cheirou e não sentiu nada.

Eu tenho toda fé que, quando ela acordar, ela começará a ver você da forma que você realmente é.

Por causa da certeza do ser que ela acordaria, Aeron não se importou com o insulto implícito. Ele estava muito aliviado.

— E o que eu sou? — Não que ele se importasse. Mas na resposta, ele poderia aprender quem era este locutor.

Inferior, mau, malicioso, tolo, obstinado, podre, indigno e condenado.

— Diga a mim como você realmente se sente. — Ele secamente respondeu, esperando que seu sarcasmo escondesse suas ações, enquanto ele lentamente se movia acima de Olivia, usando seu corpo para proteger o dela. Malvado e malicioso — as opiniões dos Caçadores. No entanto, um Caçador teria atacado Aeron antes de oferecer ajuda a alguém. Até mesmo à sua Isca.

Novamente ele se perguntou se este recém-chegado era um anjo. Apesar daquela raiva. E claramente, apesar do ódio.

Outro grunhido ecoou.

Sua insolência só prova meu ponto. Que é o motivo pelo qual eu permitirei que ela conheça você da maneira que ela deseja, porque eu tenho um pressentimento que ela não gostará do que ela aprenderá. Somente... Não a macule. Se você o fizer, eu enterrarei você e todos aqueles que você ama.

— Eu nunca macularia um...

Silêncio. Ela acordará agora.

Para provar as palavras, Olivia gemeu. Naquele momento, a quantidade de alívio que o inundou era irracional. Demais para alguém que ele não conhecia e não lamentaria. Uma coisa ele sabia: quem quer que fosse o locutor, ele era realmente

poderoso, para extrair Olivia daquela sonolência mortal tão depressa.

— Obrigado. — Ele disse novamente. — Ela sofreu injustamente e...

Eu disse para você ficar em silêncio! Se você ousar perturbar seu processo curativo, demônio... Realmente, eu tive mais de vocês do que eu posso suportar em uma noite. Durma.

Apesar de lutar contra isto, seu corpo pareceu incapaz de recusar o comando e caiu contra o colchão, a alguns centímetros de Olivia. Suas pálpebras se fecharam e a letargia bateu por ele, arrastando-o, chutando e gritando na escuridão que ele teria previamente dado as boas-vindas. Entretanto, aquela escuridão não podia impedi-lo de agarrar Olivia e puxá-la para seu lado.

Onde ela pertencia.



Olhos ainda pesados demais para se abrirem, Olivia esticou seus braços acima de sua cabeça e arqueou suas costas, os nós de seus músculos se desfazendo. *Tão bom.* Sorrindo, ela contraiu uma respiração profunda, que trouxe com ela o odor de especiaria exótica e fantasias proibidas. Sua nuvem nunca havia tido esse cheiro... Sensual antes. Nem havia sido morna, quase decadente, também.

Ela queria ficar desse jeito para sempre, mas a preguiça não era o modo dos anjos. Hoje ela visitaria Lysander, ela decidiu. Se ele não estivesse fora em uma missão secreta como ele frequentemente estava, e se ele não tivesse se trancado com sua Bianka. Depois, ela se deslocaria para a fortaleza em Budapeste. O que Aeron estaria fazendo hoje? Suas contradições a fascinariam uma vez mais? Ele a sentiria novamente, como ele não deveria ter sido capaz de fazer, então exigiria que ela se revelasse para que ele pudesse matá-la?

Aquelas exigências sempre feriam seus sentimentos, entretanto ela não podia culpá-lo por sua raiva. Ele não sabia quem ela era ou quais eram suas intenções. *Eu quero que ele me conheça,* ela pensou. Ela era agradável. Ela realmente era. Bem, para outros anjos, ela era. Ela não estava certa do que um guerreiro imortal possuído por um demônio pensaria sobre ela, seu presumível oposto.

Só que Aeron não parecia como um demônio para ela. De jeito nenhum. Ele chamava Legion de seu "precioso bebê," comprou suas tiaras e decorou seu quarto para satisfazer sua vontade. Ele até tinha feito com que seu amigo e companheiro Senhor, Maddox, construísse uma espreguiçadeira para ela. Uma espreguiçadeira que descansava ao lado de sua cama e era drapejada com renda cor de rosa.

Olivia queria sua própria espreguiçadeira rendilhada naquele quarto.

Inveja não é uma boa aparência para você, ela lembrou a si mesma. *Você pode não ter uma espreguiçadeira rendilhada, mas você tem ajudado a incontáveis pessoas a rirem e se alegrarem e a aprenderem a amar suas vidas.* Sim, ela teve uma grande satisfação com isso. Mas... Agora ela queria mais. Talvez ela sempre tivesse querido mais, mas não havia percebido isto até sua "promoção."

Tão gananciosa, ela pensou com um suspiro.

O colchão duro como uma pedra, mas macio, gemeu debaixo de sua mudança

de posição.

Espere. Duro como uma pedra? Mudança de posição? Gemeu? Estremecendo em lucidez, Olivia agora não teve nenhuma dificuldade em erguer suas pálpebras separadamente. Ela estremeceu verticalmente diante do que ela viu — ou do que ela não viu. A névoa anil do sol nascente e as gordas nuvens inchadas estavam longe demais para serem vistas. Ao invés delas, ela viu um quarto com paredes de pedra irregulares, um piso de madeira e mobília de cerejeira.

Ela também viu uma espreguiçadeira rendilhada cor de rosa.

A compreensão bateu violentamente sobre ela. *Caída. Eu caí.* Ela desceu ao inferno, e os demônios — *não pense sobre eles.* Somente com aquela pequena memória, seu corpo começou a tremer. *Eu estou com Aeron agora. Eu estou segura.* Mas se ela verdadeiramente fosse mortal, o que fazia seu corpo se sentir tão... Ajustado?

Outra compreensão: porque ela não era verdadeiramente humana.

Quatorze dias, ela recordou Lysander dizendo, antes que ela perdesse todas as suas características angelicais. Isto significava... Será que suas asas teriam...

Mordendo seu lábio inferior, com medo de esperar, ela alcançou atrás de si e sentiu suas costas. O que ela encontrou fez com seus ombros afundassem com ambos: alívio e tristeza. Nenhuma lesão permaneceu, mas suas asas também não tinham crescido novamente.

Sua escolha. Suas consequências. Sim. Ela aceitava isto. Era estranho, entretanto. Este corpo sem asas pertencia a ela. Um corpo que não viveria para sempre. Um corpo que sentia ambos: o bom e o ruim.

E isso era certo, ela apressou a se assegurar. Ela estava na fortaleza dos Senhores, e ela estava com Aeron. Aeron, que estava debaixo dela. Que divertido. Até agora este corpo só havia experimentado o ruim, e ela estava mais que pronta para o bom.

Olivia fugiu debaixo dele e se retorceu para estudá-lo. Ele ainda estava adormecido, suas feições relaxadas, um braço jogado sobre sua cabeça, o outro ao seu lado, onde ela estava. Ele estava segurando-a próxima a ele. Os cantos de seus lábios se ergueram em um sorriso sonhador, e seu coração acelerou descontroladamente.

Ele não estava vestindo uma camiseta, e o conhecimento disso fez com que seu coração vibrasse ao ganhar velocidade. Ela esparramou-se sobre a extensão colorida de seu peito, se estendeu naqueles mamilos marrons minúsculos, naqueles cordões de músculos e naquele umbigo intrigante.

Infelizmente, ele estava vestindo calça jeans. Seus pés estavam nus, entretanto, e ela viu que até seus dedões do pé eram tatuados. Adorável.

Adorável? Realmente? Quem é você? As pessoas estavam sendo assassinadas naqueles dedões do pé. E ela ainda queria traçar as pontas de seus dedos por cima deles. Ela traçou a ponta do dedo por cima da borboleta em suas costelas. As asas enroladas em pontos afiados, destruindo qualquer ilusão de delicadeza.

Ao seu toque, o fôlego dele escapou por seus lábios, e ela pulou para trás. De modo algum ela gostaria de ser pega molestando-o. Bem, sem sua permissão. A ação provou mais forte que ela quis dizer, e ela foi impelida para fora da cama completamente, caindo no chão com uma pancada dolorosa. Cabelos dançavam sobre seu rosto, e quando ela moveu os fios para o lado, ela percebeu que tinha acordado

Aeron.

Ele estava se sentando, olhando para ela.

Olivia engoliu em seco e acenou para ele timidamente.

— Uh, bom dia.

Seu olhar vagava por ela, se estreitando.

— Você parece melhor. Muito melhor. — Sua voz estava rouca. Provavelmente por causa do sono, e não de desejo como cada célula em seu corpo esperava. — Você está curada?

— Sim, obrigada. — Pelo menos ela achava que estava curada. Seu coração ainda tinha que se acalmar, sua batida irregular continuava estranha para ela. E existia uma dor em seu peito. Nada terrível, como a dor em suas costas tinha sido, mas estranho. Seu estômago ainda estava estremecido.

— Você sofreu por três dias. Alguma complicação? Alguma dor remanescente?

— Três dias? — Ela não havia percebido que havia passado tanto tempo. E ainda, três dias dificilmente parecia tempo longo o suficiente para ela ter se curado tão completamente. — Como eu melhorei tão rápido?

Ele olhou furiosamente.

— Nós tivemos uma visita ontem à noite. Ele não me falou seu nome, mas ele disse que curaria você, e eu acho que ele foi fiel à sua palavra. Ele não gostou de mim, a propósito.

— Meu mentor. — Claro. Curá-la significava desviar-se das regras, mas Lysander ajudou a *criar* aquelas regras. Se alguém saberia maneiras de contorná-las, essa pessoa era ele. E um anjo que não havia gostado de Aeron? Era Lysander, com certeza.

Mais uma vez o olhar de Aeron passou sobre ela, como se procurando por ferimentos, apesar da verdade em sua afirmação. Suas pupilas se dilataram, devorando cada pedaço daquele adorável violeta. Não com felicidade, mas com... Raiva? Novamente? Ela não fez nada para anular sua ternura anterior. Lysander teria dito algo para chateá-lo, então?

— Sua bata... — Ele resmungou, e virou-se depressa, dando-lhe as costas. Sua segunda tatuagem de borboleta a saudou, e lhe deu água na boca. Qual seria o sabor daquelas asas pontudas? — Arrume-a.

Franzindo o cenho, ela olhou para si mesma. Seus joelhos estavam alinhados e sua bata estava embolada em sua cintura, revelando a pequena calcinha branca que ela usava. Ele não podia estar bravo por causa disto. Anya, esposa de Lucien e a deusa secundária da Anarquia, vestia muito menos diariamente. Ainda assim, Olivia alisou o suave material que fluía por seus tornozelos. Ela poderia ter permanecido e ter se juntado a ele na cama, mas decidiu não se arriscar ou ser rejeitada.

— Eu estou coberta agora. — Ela disse.

Quando ele olhou para ela, aquelas pequenas pupilas continuavam dilatadas, ele inclinou a cabeça para o lado, como se ele estivesse repetindo a conversa através de sua mente.

— Por que você tem um mentor?

Fácil suficiente para responder.

— Como humanos, os anjos devem aprender como sobreviver. Como ajudar

aqueles em necessidade. Como lutar contra demônios. Meu mentor era — é — o melhor de sua espécie, e eu me sinto abençoada por trabalhar com ele.

— Seu nome. — As duas palavras chicotearam como um açoite, duro, certo e cortante.

Por que uma reação tão negativa?

— Eu acredito que ele seja um conhecido seu, realmente. Você conhece Lysander, não conhece?

As pupilas de Aeron finalmente se retraíram, as íris violeta mais uma vez visíveis — e afogando-a em suas irresistíveis profundidades.

— O Lysander de Bianka?

Ela sorriu da descrição.

— Sim. Ele me visitou, também.

— À noite eu pensei que você estivesse conversando com você mesma. — Ele disse, movimentando a cabeça.

— Sim. — E ele planejava retornar. Isto, ela não mencionou. Lysander a amava e não machucaria Aeron — ainda — porque isso iria, por sua vez, machucá-la. Pelo menos, essa era a esperança na qual ela se agarrava.

Aeron fechou a cara.

— As visitas angelicais têm que parar, Olivia. Entre Caçadores e nossos demônios, nós já temos o suficiente com o que lidar. Embora Lysander tenha ajudado você, embora eu esteja agradecido, eu não posso permitir a interferência contínua.

Ela riu. Ela simplesmente não poderia se ajudar.

— Boa sorte com isto. — Parar um anjo era como parar o vento: em uma palavra, impossível.

Sua carranca intensificou-se.

— Você está com fome?

A mudança de assunto não a aborreceu; realmente a encantou. Ele frequentemente fazia a mesma coisa com seus amigos, mudava de um assunto a outro, sem aviso prévio.

— Oh, sim. Eu estou faminta.

— Então eu alimentarei você antes de levá-la até a cidade. — Ele disse, lançando suas pernas sobre a cama e levantando-se.

Olívia ainda permaneceu na cama, mas dessa vez, a imobilidade era porque seus membros se sentiam como se eles estivessem ancorados a rochas. Primeiro, ele era *lindo*. Todo músculos e perigo, e aquela pele colorida de dar água na boca. Segundo...

— Você ainda quer me expulsar?

— Claro.

Não se atreva a chorar.

— Por quê? — Lysander teria dito alguma coisa, como ela suspeitava?

— Pergunte melhor. Quando eu insinuei o contrário? — Ele andou a passos largos para seu banheiro e ela o perdeu de vista. Houve um farfalhar de roupas, e então uma explosão de água em porcelana.

— Mas você me segurou em seus braços a noite toda. — Ela chamou. — Você cuidou de mim por três dias. — Isso tinha que significar alguma coisa. Certo? Os homens não faziam tais coisas a menos que eles estivessem apaixonados. Certo? Em

todo o tempo passado com Aeron, ela nunca o tinha visto com uma fêmea. Bem, além de Legion, mas a pequena demônio não contava. Ele nunca a havia segurado em seus braços a noite toda. Então sua atenção com Olivia era especial. *Certo?*

Não houve nenhuma resposta. Logo, o vapor e o cheiro de sabonete de sândalo estavam se movendo pelo quarto. Ele estava tomando banho, ela percebeu, e seu coração mais uma vez ganhou velocidade, até saltando uma batida completa. Ele nunca havia tomado banho quando ela tinha estado aqui antes. Ele sempre esperava até que ela partisse.

Ver seu corpo desnudo se tornou uma obsessão.

Ele era tatuado *lá*, entre suas pernas? Nesse caso, que desenho ele havia escolhido?

E por que eu quero lambar aquele desenho do mesmo modo que eu quero lambar as borboletas? Imaginando-se fazendo isso, Olivia passou a língua por seus lábios antes de se congelar em surpresa. *Menina ruim, malcriada.* Tal desejo...

Bem, eu já não sou completamente um anjo, ela lembrou a si mesma, e ela queria vê-lo — e saboreá-lo. Depois de tudo que ela suportou, ela merecia um pequeno prazer. Ou talvez um grande prazer? De qualquer modo, ela não deixaria esta fortaleza até que ela conseguisse uma olhada.

Determinada, Olivia finalmente impulsionou seus pés. Sem suas asas para equilibrá-la, ela não teve nenhuma sensação de equilíbrio, e rapidamente caiu, dores agudas explodindo em seus joelhos e fazendo-a estremecer. Esta dor, porém, era suportável. Depois de lhe terem arrancado suas asas, *tudo* era provavelmente suportável.

Novamente, ela se levantou. Novamente ela caiu. Argh! Muito cedo, a água foi cortada. Houve uma batida de pele úmida contra o mármore, e então um deslizamento de algodão contra metal.

Se apresse! Antes que seja muito tarde.

Para se equilibrar, ela colocou um pé na frente do outro e abriu seus braços totalmente. Lentamente ela avançou para sua altura total. Ela cambaleou para a esquerda, depois para a direita, mas conseguiu ficar em pé dessa vez. *Vá!*

Então Aeron emergiu do banheiro, e a decepção a encheu. Existia uma toalha enrolada ao redor de sua cintura e outra ao redor de seu pescoço. Muito tarde. Duplo Argh!

— Você tomou banho muito rápido. Com certeza, você deixou de lavar algum lugar. — Ela disse.

Ele sequer lhe deu um olhar, mas manteve sua atenção na cômoda na frente dele.

— Não. Eu não deixei.

Oh.

— Agora é a sua vez. — Ele disse depois de colocar uma camiseta em cima da cômoda. Ele usou a segunda toalha para secar o cabelo curto que ele tinha.

Ela o chamou de lindo antes? Ela devia ter dito magnífico.

— Minha bata me limpa. — Ela soou tão ofegante para ele como soou para si mesma?

Ele fechou a cara, ainda sem olhá-la.

— Até seu cabelo?

— Sim. — Suas mãos estavam tremendo quando ela puxou o capuz acima de sua cabeça, deu-lhe tempo para realizar sua magia, e depois lançou-o de volta. Quando o tecido caiu, ela passou uma mão por seus cachos agora, sedosos e macios. — Viu? Completa.

Finalmente, ele a olhou, o olhar deslizando por seu corpo, demorando em certos lugares, aquecendo seu sangue, fazendo sua pele formigar. Quando seus olhos se encontraram, suas pupilas estavam mais uma vez dilatadas, o negro obscurecendo o violeta.

Seramente, o que ela estava fazendo para causar tanta raiva?

— Sim, ela faz. — Ele rosnou. Ele girou nos calcanhares e andou a passos largos para a frente, entrando em seu armário e desaparecendo de vista. A toalha foi descartada rapidamente e caiu em uma pilha no chão.

Ele estava nu novamente, ela pensou, esquecendo sua raiva. *Agora é sua chance.* Sorrindo, Olivia se impulsionou em movimento. Ela conseguiu dar dois passos antes de desabar e aterrissar sobre seus joelhos — então iniciou o resto do caminho, a partir de seu estômago, o ar saindo como um silvo de seus pulmões.

— O que você está fazendo?

Para cima, ela olhou para cima. Aeron estava na entrada do armário, vestido com aquela camiseta preta, agora combinando com a calça jeans. Ele também pegou um par de botas, e armas foram amarradas provavelmente por todo seu corpo musculoso. Seus olhos estavam estreitados, seus lábios contraídos em uma carranca.

Frustração novamente. Ela suspirou em desalento.

— Não importa, realmente. — Ele disse, claramente esperando por sua resposta. — É hora de irmos.

Agora?

— Você não pode me levar para a cidade. — Ela saiu apressadamente. — Você precisa de mim.

Ele gaguejou por um momento.

— Dificilmente. Eu não preciso de ninguém.

Oh, realmente?

— Outra pessoa será enviada para fazer o trabalho que eu não pude fazer, lembra? Como você não pôde sentir Lysander quando ele me visitou, você não será capaz de sentir outro anjo.

Aeron cruzou seus braços acima de seu peito sólido, a própria imagem da teimosia masculina.

— Eu senti você, não senti?

Sim, ele sentiu, e ela ainda não compreendeu como ele fez isso.

— Bem, como eu disse, você não sentiu Lysander. Eu, porém, posso ver os anjos. Eu posso advertir você quando outro se aproximar. — Não que eles viriam até que seu adiamento de quatorze dias terminasse – espere, eles tinham um adiamento de onze dias agora, já que se passaram três dias – mas ele não precisava saber isto.

Ele estalou sua mandíbula para a esquerda e para a direita, interrompendo rompendo o fluxo das imagens gravadas lá.

— Você me disse que estava com fome. Vamos procurar algo para você comer.

Novamente mudando de assunto. Dessa vez, ela odiou, mas deixou passar, sentindo que outro argumento seria inútil. Além disso, ela estava com fome. Ela

rastejou de joelhos, em seguida ficou de pé. Um passo, dois... Três... Logo ela estava na frente de Aeron, sorrindo por seu sucesso.

— O que foi isto? — Ele perguntou.

— Caminhando.

— Você demorou tanto que eu estou oficialmente, cinquenta anos mais velho.

Ela levantou seu queixo, seu orgulho não diminuindo.

— Bem, eu não caí.

Ele agitou sua cabeça – em exasperação? – e pegou suas mãos nas dele.

— Vamos, anjo.

— Caída. — Ela automaticamente corrigiu. O toque de seus dedos enrolados ao redor dos dela, mornos e fortes, fez com que ela se arrepiasse. Uma sensação que ela não tinha permissão para apreciar.

Quando ele a arrastou adiante, ela tropeçou sobre seus próprios pés. Agradecidamente, antes dela poder beijar o chão novamente, ele a puxou para seu lado, ancorando-a lá.

— Obrigada. — Ela murmurou.

Agora *isto* era a vida. Ela se aconchegou tão perto dele quanto ela podia conseguir. Ao longo dos séculos, ela viu muitos humanos sucumbirem a seus desejos mais básicos, mas até que aquele dourado aparecesse abaixo em suas asas, ela verdadeiramente não se perguntou por que eles faziam isso. Agora ela soube: cada toque era tão delicioso quanto a maçã de Eva provavelmente tinha sido.

Ela queria mais.

— Você é uma ameaça. — Aeron murmurou.

— Uma ameaça *útil*. — Talvez, se ela o lembrasse o suficiente, ele começaria a perceber que ele, de fato, precisava dela.

Ele não ofereceu uma resposta, mas a levou abaixo por um corredor, mantendo-a ereta o tempo inteiro. Muito melhor, ele teve que levá-la até a escadaria. Algo que ela teria apreciado muito mais se ela não estivesse tão distraída. As paredes eram forradas com retratos dos céus – ela reconheceu anjos voando pelas nuvens – como também do inferno. Esse último ela evitou examinar, não querendo quaisquer lembranças de seu tempo lá.

Também tinha retratos de homens nus enfileirando as paredes, a maioria descansando nas camas de seda. Ela olhou para eles, um fato que não a envergonhou. Realmente. Mesmo quando ela teve que enxugar sua saliva. Toda aquela pele... Aquela força muscular... Aquele nervo... Pena que eles não estavam tatuados da cabeça aos pés.

— Anya está decorando alguns ambientes. Você devia cobrir seus olhos. — Aeron disse, sua voz profunda cortando sua cobiça.

— Por quê? — Cobrir seus olhos seria um crime. Um que seguramente insultaria sua Deidade, por que não era seu dever admirar suas criações?

— Você é um anjo, pelo amor de Deus! Você não deveria olhar para essas coisas.

— Eu sou um anjo caído. — Ela lembrou a ele. Novamente. — E como você sabe o que eu deveria fazer?

— Somente... Feche seus olhos. — Ele soltou suas pernas, forçando-a a ficar de pé, e a conduziu ao redor de uma esquina.

Um grupo de vozes de repente assaltou suas orelhas, e ela endureceu, tropeçou, desprevenida para lidar com ninguém, exceto Aeron.

— Cuidado. — Ele disse.

Ela diminuiu a velocidade de seus passos. As pessoas eram impossíveis de prever, e seus amigos imortais mais que a maioria. E o pior, seu corpo agora era suscetível a todo tipo de ferimento. Eles podiam torturá-la fisicamente, mentalmente e emocionalmente, e ela não poderia fugir.

Nos céus, todo mundo amava todo mundo. Não existia ódio, nenhuma crueldade. Aqui, generosidade era frequentemente uma reflexão tardia. Os humanos frequentemente chamavam uns aos outros por nomes terríveis, derrubavam a autoestima uns dos outros, e propositalmente feria o orgulho dos outros.

Olivia teria ficado mais feliz se ela passasse cada minuto de sua humanidade sozinha com Aeron.

Você pesou o bem contra o mal, lembra? Você pensou que a possibilidade de prazer valia qualquer preço. Você pode negociar. Você tem que negociar.

— Você está bem? — Ele perguntou.

— Sim. — Ela estava determinada.

Eles viraram outra esquina, entrando na sala de jantar, e Aeron parou. Imediatamente, as vozes diminuíram até se silenciarem. Olivia deu uma rápida olhada e viu que quatro pessoas se sentavam à mesa com uma pilha de comida. Quatro torturadores em potencial.

O medo se acendeu em seu peito, e ela teve dificuldade para respirar. Antes de perceber o que ela estava fazendo, ela se arrancou do abraço de Aeron e avançou atrás dele, se escondendo de vista. Para permanecer em pé, ela teve que espalmar suas mãos contra as costas dele.

— Finalmente. Carne de anjo fresco. — Uma mulher disse com um risada rouca. — Nós estávamos começando a pensar que Aeron planejava manter você escondida para sempre. Não que eu teria permitido tal coisa, você entende. Eu já teria tirado minha fechadura fiel e teria um encontro marcado para a meia-noite.

“Um encontro muito prazer em conhecer” ou “um encontro o que você acha da ponta de minha espada?” Provavelmente o último. Olivia reconheceu a voz rouca como a de Kaia Skyhawk, gêmea de Bianka e irmã mais velha de Gwen. Ela era uma Harpia ladra e mentirosa, e descendente de Lúcifer. Ela também estava ajudando aos Senhores em sua busca para encontrar a caixa de Pandora, e destruiria qualquer coisa que ela encarasse como uma ameaça. Como um anjo.

Gwen, a Harpia mais jovem, vivia aqui com Sabin, entretanto o casal estava atualmente em Roma, última coisa que Olivia tinha ouvido falar, junto com vários outros, procurando um dos recentemente templos de artefatos dos Titãs que pertenceu a Cronus.

Tolo Cronus, a quem os Senhores supunham que era todo-poderoso. Se eles somente soubessem...

— Eu manteria minha boca fechada, se eu fosse você. — O único chamado de Paris advertiu a Harpia.

Olivia espiou ao redor do ombro de Aeron.

— Por quê? — Kaia perguntou, desinteressada. — Você pensa que Aeron me atacará? Você devia saber até agora que eu gosto de lutar. Em óleo.

Os lábios de Paris se franziram a lembrança desagradável de sua própria experiência de luta no óleo. Com Lysander. Algo que Olivia teria adorado assistir.

— Não, eu não acho que você devia ficar quieta por causa de Aeron. Eu acho que você devia ficar quieta porque você fica mais bonita desse modo.

Houve um feminino resfolegar, e Olivia sorriu em resposta. Não mais embriagada com dor e memórias, ela achou, para sua surpresa, que seu medo dos demônios estava se desvanecendo. Talvez ela realmente pudesse fazer isto.

— Então, Olivia... — Paris disse. — Como você está? Se sentindo melhor?

Entretanto ela não se moveu de detrás de Aeron, ela respondeu.

— Sim, obrigada.

— Mmm. Eu adoraria dar a você algo para estar realmente grata. — Este locutor era William, ela percebeu. Ele era bonito, tão malvadamente, com cabelos pretos e olhos azuis. Ele também era um patife indomável com um senso de humor estranho que Olivia nunca entendia.

— Alguém precisa remover o seu *algo*, para o bem da raça feminina. — Aquele pronunciamento veio de Cameo, a única Senhora do sexo feminino. Bem, a única sobre a qual os Senhores sabiam. Ela era possuída pela Miséria, e todos os sofrimentos do mundo descansavam em sua voz.

Nesse momento, Olivia quis dar à mulher um abraço. Ninguém aqui sabia disto, mas Cameo sempre adormecia chorando. Era devastador. Talvez... Talvez elas pudessem se tornar amigas agora, ela pensou, novamente surpreendida pelo tranquilo desvanecimento de seu medo.

— Agora que isso está fora do caminho. — Aeron disse, tomando a mão de Olívia mais uma vez e a arrastando com ele enquanto ele marchava adiante. Quando ele alcançou a mesa, ele retirou uma cadeira para ela.

Ela manteve seus olhos cabisbaixos enquanto ela agitava a cabeça.

— Não, obrigada.

— Por quê?

— Eu não quero me sentar sozinha. — Não depois que ela experimentou a felicidade de tê-lo como seu colchão e depois como sua bengala.

Suspirando, ele mesmo se estatelou na cadeira. Lutando contra um sorriso triunfante, Olivia se estatelou em seu colo. Bem, ela caiu em seu colo. Não sendo mais capaz de usá-lo como apoio, ela não tinha mais nada para se firmar. Ele endureceu, mas não a repreendeu.

Ela não tinha ideia do que todos pensavam de sua exibição porque ela manteve seu olhar cabisbaixo. No momento, ela estava tranquila e ela queria ficar daquele modo.

— Onde está todo mundo? — Aeron perguntou, retomando a conversa como se ela nunca tivesse diminuído.

— Lucien e Anya estão na cidade, ainda procurando por sua Menina das Sombras. — Paris respondeu. — Torin está em seu quarto, claro, observando o mundo e nos mantendo seguros. Danika... — Aeron vacilou no nome da menina, e Olivia deu um tapinha em sua mão para confortá-lo. Claramente, ele ainda se sentia culpado por quase matá-la. — Danika está pintando alguma coisa, mas ela não vai nos dizer o que é, ainda, e Ashlyn está examinando as listas que Cronus nos deu, tentando lembrar se ela já ouviu uma conversa sobre qualquer uma das pessoas listadas.

As listas em questão, documentavam quase todos que tinha sido possuídos por um dos demônios liberados pela caixa de Pandora, Olivia sabia. Os anjos mantiveram a vigilância sobre eles ao longo dos séculos, então ela sabia onde alguns viviam. Ela seria marcada para morrer por sua própria espécie, se ela contasse? Isso quebraria uma lei antiga?

— Deuses, sexo. Devíamos mudar o seu nome para Chato. Vamos às coisas boas. As apresentações primeiro, sim? — William começou. — Somente para ser cortês, realmente.

— Desde quando você se importa com cortesia? — Aeron vociferou.

— Desde agora.

Atrás dela, ela ouviu os dentes do seu guerreiro rangerem.

— Esta é Olivia. Ela é um anjo. — Ele disse para ninguém em particular. Seu tom severo não convidava a novas conversas.

— Anjo caído. — Ela corrigiu de qualquer maneira. Ela avistou uma tigela de uvas e não conseguiu parar seu grito de alegria. Três dias de negligência a alcançaram.

Compartilhamento e moderação, crenças que ela viveu por toda sua vida, a abandonaram quando ela agarrou a tigela e apertou contra seu peito. Uma por uma (com as mãos cheias), ela estalou as frutas deliciosas em sua boca, saboreando, gemendo com satisfação. Mas muito rápido, a tigela estava vazia e ela franziu a testa — até que ela avistou um prato de maçãs fatiadas.

— Delícia. — Olivia se inclinou para a frente. Ela teria se derrubado para o lado, mas as mãos grandes de Aeron se firmaram em seus quadris, segurando-a em seu lugar e fazendo-a se arrepiar. — Obrigada.

— De nada. — Ele respondeu com a voz rouca.

Sorrindo, ela atacou o prato e se acomodou em seu colo. Ele ficou tenso quando ela fez isso, e a cutucou nas costas, mas ela mal percebeu. As fatias, também, foram consumidas entre gemidos felizes. A comida tinha um sabor muito melhor como humana. Mais doce. Necessária, em lugar de uma reflexão tardia.

Finalmente satisfeita, ela olhou ao redor para oferecer a alguém a última fatia restante. Todos estavam olhando fixamente para ela, e a comida se acomodou como chumbo dentro de seu estômago.

— Eu sinto muito. — Ela disse automaticamente. O que ela fez de errado?

— Por que você está se desculpando? — Kaia perguntou. Não existia nada malicioso em seu tom, só genuína curiosidade.

— Todos estão me olhando, então eu pensei... — Pior, Aeron estava mais tenso que antes.

— Eu concordo com a Harpia, — William adicionou, meneando suas sobrancelhas. — eu amo uma mulher que molesta seu café da manhã.

Ela *não* fez isto. Não é?

Kaia deu um tapa na parte de trás da cabeça dele.

— Cala a boca, playboy. Ninguém se importa com suas opiniões. — Para Olivia, ela disse: — No caso de você ter dificuldade em entender o que estou querendo dizer, eu estou olhando para você porque eu estou curiosa sobre você.

Da mesma maneira que Olivia estava curiosa sobre ela, ela percebeu. As Harpias só podiam comer o que elas roubavam, mentiam descaradamente e

assassinavam com despreocupação. Em resumo, elas eram a antítese dos anjos, ainda que elas aproveitassem a vida ao máximo, razão pela qual Lysander escolheu ficar com uma.

Em breve, eu aproveitarei a vida ao máximo, também.

— Você conhece Lysander, o homem da minha irmã gêmea? — Kaia perguntou.

— Sim. Muito bem.

A Harpia apoiou seus cotovelos na mesa, agitando os pratos.

— Ele é tão implacável quanto eu penso? — O desgosto permeava sua voz.

— Provavelmente muito mais.

— Eu sabia! Pobre Byanka. — Condolência sombreou suas feições, mas rapidamente ela se animou. — Eu sei. Você e eu podemos pôr nossas cabeças juntas, porque duas lindas cabeças são sempre melhores que uma, e planejar maneiras de deixá-lo um pouco mais relaxado. Nós podemos até chegar a nos conhecermos melhor. As meninas da casa têm que se unirem.

— Não é possível. Eu estou levando Olivia para a cidade. — O aperto de Aeron, que não havia se afastado, se firmou ainda mais. — Não existirá nenhum planejamento. Nada de relaxamento. Definitivamente nada de se conhecerem melhor.

Os ombros de Olivia caíram. Aeron sempre tinha sido tão severo e ela não havia notado? Ou essa atitude era para seu benefício?

— Você tem certeza que quer se livrar de mim? — Ela perguntou a ele. — Eu sou boa para você. Eu prometo!

— Porque você pode me ajudar? — Uma pergunta quando devia ter sido uma declaração.

Ela queria sacudi-lo, que homem teimoso!

— Sim.

— Bem, nós temos ajudantes suficientes aqui, então, sim, eu tenho certeza.

— Eu também posso fazer você sorrir. Esse era meu trabalho, sabe. — Seu antigo trabalho, de qualquer maneira, e um que ela sentia falta. — Você gostaria de sorrir?

Ele não ofereceu nenhuma vacilação.

— Não.

— Eu gostaria. — William bateu palmas. — Eu gosto de sorrir quando eu estou nu na cama, então eu digo que nós ficaremos com ela.

As unhas de Aeron se enfiaram por sua bata e em sua pele, mas ela não protestou. Se ela o fizesse, ele removeria suas mãos, e ela gostava delas onde elas estavam.

— Como Kaia disse, sua opinião não importa.

— Além disso, — Kaia adicionou. — eu duvido que o grande sujeito sequer saiba como sorrir.

— Eu também duvido. — Aeron vociferou, fazendo com que todos gargalhassem.

— Tenho certeza que você duvida, Amuado. — Kaia lançou seu cabelo vermelho claro acima de seus ombros. — Escute, não há necessidade de você levá-la para a cidade. Novidade, eu estou aproveitando minha oferta e pretendo conhecê-la melhor. Eu estou totalmente impressionada pelo fato que ela conseguiu ser expulsa

dos céus, e eu preciso de todos os detalhes suculentos.

— Assim como eu.— Cameo movimentou a cabeça para enfatizar sua determinação. — Isto é, conhecê-la melhor.

— Você pode me incluir, também. — William soprou um beijo para Olivia, e suas bochechas se aqueceram com rubor. — Não precisa dizer nada. Eu já sei quais palavras estão empoleiradas em sua língua. Me interrompa se eu estiver errado, mas meu chegar à conhecer, será o seu prazer.

Aeron rosnou baixo em sua garganta.

— Ela não ficará, e não existirá nenhum prazer. Como eu disse, eu estou levando-a para a cidade e deixando-a lá. Hoje.

— Mas por quê? — Olivia perguntou. Ela podia ter odiado seus deveres como um anjo guerreiro e podia nunca ter cometido um assassinato, mas isso não significava que ela era uma fracote completa. — Você disse que não queria mais ajudantes, mas eu prometo a você, os ajudantes que você tem não podem ajudá-lo com o próximo anjo enviado para lhe matar.

Ela esperou que alguém se manifestasse e concordasse com ela, mas ninguém pareceu se importar que um assassino divino estivesse vindo para matar seu amigo. Todos à mesa, inclusive Aeron, provavelmente presumiam que o Senhor era invencível.

Então claro, ele permaneceu teimoso.

— Eu não me importo.

Ela bateu o prato de maçãs de volta onde ela o havia encontrado, agitando os pratos muito mais do que Kaia agitou.

— Eu também posso lhe ajudar à derrotar os Caçadores.

— Verdade.

— Olivia. — Ele disse, e ela não teve que olhar para ele para saber que ele estava olhando para o teto e rezando por paciência. Exceto, se ela não estivesse enganada, a oração que ela realmente o ouviu murmurar era pedindo força. — Nós somos demônios, e demônios e anjos não se misturam. Além disso, Legion não pode retornar até que você tenha partido.

O único argumento ela não podia absolutamente refutar.

— Mas... Mas... Eu estou disposta a tentar me entender com ela. — Se ele ouviu seu pânico, ele não deu nenhuma indicação. — E eu serei agradável com todos seus outros amigos, também. Como eu poderia não ser? Eu desisti de tudo para salvar você.

—Eu sei. — As palavras eram rosnados.

— O mínimo que você poderia ser...

— Eu não pedi a você para desistir de nada! — Ele explodiu. — Então, não. Não existe *o mínimo que eu possa fazer*. Você está curada. Nós estamos quites. Eu não devo nada a você.

Cameo o ignorou, apoiando seus cotovelos na mesa e se debruçou adiante, mais perto de Olivia.

— Esqueça sobre ele. Ele ainda não teve cafeína suficiente. Vamos regressar um pouco. Como você pode nos ajudar com os Caçadores?

Finalmente. Interesse, ainda que o tom de Cameo fosse mais sombrio que encorajador. Olivia levantou seu queixo um pouco mais.

— Em uma coisa, eu sei onde outros imortais possuídos por demônios estão localizados. — Felizmente, um raio não a atingiu pela confissão, e não apareceram anjos com espadas ardentes levantadas. — Você disse que estava procurando por eles, eu acredito.

Um momento se passou em um chocado silêncio, todos os olhos se fixando – e permanecendo – nela.

— Aeron. — Cameo disse.

— Não. Não importa. — Sua voz dura proclamava. — Nós temos as listas para isto.

— Sim, mas elas dão nomes, não locais. — O olhar fixo da Senhora ficou penetrante. — Sabin querera conversar com ela quando ele retornar.

— Muito ruim.

— Se aquele pedaço de merda do Sabin quiser conversar com ela, isso significa que Gwennie também irá querer. — Kaia bateu suas unhas contra o tampo da mesa. — E como você sabe, filhote de cachorro, eu lhe garanto que minha irmã consegue o que ela quer. Além disso, eu estou para morrer de enfado desde que ninguém atacou a fortaleza como prometido.

— Harpia. — Aeron explodiu. — Não tente minha paciência. Você me obedecerá e deixará o anjo ir.

— Guerreiros são tão adoráveis quando eles pensam que todos eles são duros e dominantes. — Os braços de Kaia dispararam, novamente agitando os pratos, e ela pegou um punhado de ovos. Um punhado que ela então lançou em Aeron.

Olivia se esquivou rapidamente, e os ovos bateram no rosto de Aeron. Seus lábios enrolados em uma careta quando ele limpou a bagunça amarela. Ao invés de tocá-la novamente, porém, ele espalmou suas mãos nos braços da cadeira.

Kaia riu como uma colegial.

— Não fique surpreso por nossa insistência para que ela permaneça. Paris me contou o que você disse para Cronus a outra noite no telhado. “Mande a mim uma mulher que me rejeitará”. — Ela zombou.

— Oh, realmente? Quando você e Paris tiveram tempo para um coração-para-coração? — William perguntou enquanto ele passava manteiga em um bolinho de uva.

Kaia encolheu os ombros, seu enfoque permanecendo em Aeron.

— Algumas noites atrás, eu estava procurando por um pouco de diversão, e ele parecia um pouco fraco. — Outro encolher de ombros. — Ele estava se sentindo tagarela depois.

Paris apenas movimentou a cabeça em confirmação. Toda vez que Olívia viu o guardião da Promiscuidade, ele parecia triste. Agora, ele parecia quase... Feliz, apesar de um pouco cansado. Isso deve ter sido um pouco da conversa.

— Mas eu ofereci a você um lugar em *minha* cama. — William lamentou para a Harpia.

Cama? Oh. *Oh*. Kaia e Paris aparentemente fizeram mais que conversar durante aquele coração-para-coração.

— Você é péssimo no “Guitar Hero⁶”, então eu imagino que você seja horrível

⁶ É um videogame de música desenvolvido pela Harmonix Music Systems e publicado pela RedOctane para o console Playstation 2. O jogo apresenta um controlador de jogo em forma de guitarra (semelhante a uma miniatura Gibson SG) que o jogador usa para simular a reprodução da música rock. A jogabilidade é semelhante à

com suas mãos. Além disso, outra pessoa que todos nós conhecemos e amamos já fez reivindicação prévia sobre você.

— Quem? — Olivia perguntou antes de conseguir se controlar.

Kaia a ignorou, continuando a falar.

— Então, eu escolhi Paris para me manter aquecida naquela noite. E eu mal posso esperar para dar à Bianka os detalhes sórdidos.

— Oh, não. Não, não, não. Você não pode beijar e contar⁷. — Paris estalou.

A Harpia sorriu preguiçosamente, diabolicamente.

— Apenas me observe. De qualquer jeito. Você quer que seu pequeno demônio retorne, Aeron-go-barren⁸, você terá que ir até a cidade e brincar com ela por lá. O anjo fica.

O calor da respiração de Aeron era como fogo atrás do pescoço de Olivia.

— Esta. É. A. Minha. Casa.

— Não mais.

Kaia e William falaram em uníssono. Eles compartilharam um sorriso, entretanto William ainda parecia mal-humorado por causa da escolha de companheiro de cama de Kaia.

— Sim. — Olivia disse, o queixo se erguendo ainda mais. — Não mais. — Ela queria Aeron aqui com ela, sim, mas ele aparentemente precisava de um tempo distante para refletir no quão sortudo ele realmente era por tê-la.

Não era egoísmo da parte dela, ela disse a si mesma. A verdade nunca era egoísta. Além disso, não levaria mais que algumas horas para ele perceber o quanto ele precisava dela e queria estar com ela. Ele era esperto. Para a maior parte.

Por favor, o deixe querer estar comigo.

Mais uma vez as mãos de Aeron se firmaram em sua cintura. Desta vez, ele apertou forte o suficiente para fazê-la suspirar.

— Você sabe onde está a caixa de Pandora, Olivia?

Claro que ele faria uma pergunta que ela não tinha uma resposta.

— Bem... Uh... Não.

— Você sabe onde a Capa de Invisibilidade e a Haste de Partir estão guardados?

Certo. Duas perguntas.

— Não. — Ela suavemente admitiu. O que ela sabia era que os Senhores encontraram dois dos artefatos de Cronus: a Gaiola da Compulsão e o Olho que tudo vê. O que eles não tinham, como Aeron mencionou, era a Capa da Invisibilidade e a Haste de Partir. Como a Deidade Verdadeira não teve nenhum uso para tais relíquias, sua espécie nunca procurou por elas.

Aeron colocou-a de pé e a soltou. Olivia teve que se agarrar à mesa para não cair. Ela também teve que apertar seus lábios para não gemer em decepção. *Toque-me.*

— Então, vocês a querem aqui? — Ele perguntou aos outros, sem emoção. — Ela, ao invés de mim?

GuitarFreaks, em que o jogador pressiona os botões do controlador com notas musicais na hora em que o deslocamento do ecrã do jogo.

⁷ Contar publicamente façanhas sexuais, muitas vezes com o objetivo de vingança ou ganho monetário.

⁸ “Aeron-vá-varrer”. foi feita uma brincadeira inspirada no jogo infantil chamado “Name Game” que faz rima com o nome da pessoa, como Ana Banana e rimas do gênero.

Um por um, eles assentiram. Impenitentes.

— Tudo bem. — Ele correu sua língua acima de seus dentes. — Ela é de vocês. Consigam as informações que puderem dela. Como foi sugerido, estarei na cidade. Alguém me avise quando ela for embora. Só então eu retornarei.

Capítulo Seis

Havia uma conspiração para enlouquecê-lo, pensou Aeron misteriosamente.

Primeiro, seus amigos o tinham expulsado a chutes. Em segundo lugar, seu demônio tinha gritado para ficar. *Para ficar*. Com a Olivia. Um ser que Ira deveria desprezar. Um ser que Aeron deveria desprezar. Em lugar disso, compreendia o dilema de seu demônio. Ela era encantadora.

Esta manhã, quando tinha despertado e percebeu de que ela estava completamente curada, o desejo que tinha negado só alguns dias atrás havia cobrado vida. Após, negou-se a desvanecer-se. Ela tinha caído ao chão, a túnica agrupada em sua cintura, e suas calcinhas... Merda, suas calcinhas. Muito brancas, muito puras. Faziam a um homem querer rasgá-las com os dentes e sujar o objeto um pouquinho. Tinha desejado arrancar também sua toga e devorá-la.

De algum jeito, alguma forma, tinha conseguido deter-se.

Possivelmente porque tinha compreendido e se recordou, repetidas vezes que Lysander tinha sido a voz que ele tinha escutado no dia anterior. Assim Lysander tinha sido o que curou Olivia, que a queria feliz e ilesa.

— Imaculada. — Resmungou ele.

E Lysander seria um terrível inimigo para ter. Os Senhores poderiam combater aos Caçadores, sim. Mas aos Caçadores e a um exército de anjos?

Difícilmente.

Assim Aeron finalmente se manteve o suficientemente sob controle para deixar a cama sem cair sobre Olivia em uma corrida desesperada para tocá-la e saboreá-la. Finalmente, convenceu-se de desfazer-se dela. Finalmente, felizmente, tinha esquecido que havia uma ereção palpitante entre suas pernas, enquanto ela rebojava em seu colo e fazia amor com sua comida.

Só para fazer a Ira insistir em "mais".

— Eu gostava mais quando era somente uma presença. Um desejo. — Disse agora ao demônio.

Um bufo foi a única resposta. Ao menos não houve mais súplica do demônio. Ira só se aquietou alguns minutos antes, quando compreendeu o que Aeron planejava.

Aeron esfregou a cara com tanta força que seus calos arranharam suas bochechas. Estava no apartamento de Gilly na cidade. Um espaçoso de três dormitórios no lado mais caro. Gilly era uma jovem amiga de Danika que agora vivia em Budapeste.

Torin, sua primeira linha de defesa na fortaleza, tinha carregado seu apartamento com segurança de tecnologia avançada, no caso dos Caçadores alguma vez descobrirem sua conexão com os Senhores. Embora ela fosse completamente humana e tão inocente como uma pessoa poderia ser, um milagre por mérito próprio, dado o

que Danika tinha contado aos Senhores sobre a afligida infância de Gilly. Esses bastardos não duvidariam em machucá-la.

Ela estava na escola, o instituto, isso... E indubitavelmente feliz pela distância entre eles. Ela ainda não se encontrava a vontade ao redor dele. Compreensível. Embora Gilly tivesse só dezessete, tinha visto o lado escuro dos homens e tinha estado por sua conta durante anos. Tinham-lhe dado um quarto na fortaleza, mas ela tinha desejado um lugar para si mesma. Boa coisa, também. Agora Aeron não teria que vagar sem rumo até a escuridão; ao menos poderia convocar Legion.

Estava de pé no centro da sala de estar, os sofás e cadeiras empurradas para trás para fazer espaço ao círculo de sal e açúcar que tinha polvilhado justo diante dele. Ia convocá-la em uma forma que ela não poderia ignorar.

Estendeu os braços e disse:

— Legion, quinhentos e dezesseis da Croise Sombres do Neid e Notpe hocil. — Justo como Legion lhe tinha ensinado. Era seu nome, número, e título em uma mistura de linguagens diferentes. Legion, cinco dos Cruzados Escuros de Inveja e Necessidade.

Se ele não dizia tudo, acidentalmente poderia chamar a alguém mais.

— Ordeno a você que apareça diante de mim. Agora.

Não houve o relampejo de luz que Cronos gostava de utilizar quando se materializava, nem se deteve o tempo. Um minuto Aeron estava sozinho, ao seguinte Legion estava dentro do círculo. Simples, fácil.

Ela paralisou no chão, ofegando, o suor refulgindo em suas escamas.

— Legion. — Ele se inclinou e a levantou, cuidadoso de não deixar que um só grão de sal ou açúcar a tocasse. A queimaria, havia dito ela.

Ira ronronou, feliz outra vez.

Imediatamente Legion se aconchegou em seus braços.

— Aeron. Meu Aeron.

A ação recordou Olivia. Doce, formosa Olivia, que estava agora com Kaia, uma harpia demente com um senso de humor distorcido e Cameo, uma assassina cruel com uma trágica voz. Ele tinha deixado William e Paris, dois desenfreados viciados no sexo, fora da equação. Porque se não o fazia poderiam destruir o apartamento de Gilly em um ataque de ira. Ira, não luxúria, só para ser claro. Se atreviam-se a meter-se com o anjo, estariam convidando à fúria de Lysander. E era essa perspectiva, não o pensamento da Olivia sendo atraída por algum de seus amigos, o que o enfureceu. É óbvio.

A parede de Gilly se veria melhor com alguns buracos, pensou então. Estaria fazendo um favor à garota, ajudando a sua decoração.

Mas, tão receosa como era Olivia com outros, ninguém a não ser ele mesmo, isso era, não é que estivesse orgulhoso sobre isso, poderia não estar indo bem. Até agora poderia estar escondida, chorando, rezando por sua volta.

Sem dúvida alguma o sofá de Gilly seria muito mais cômodo se o partisse em dois.

Endureça seu coração, como você tão resolutamente disse a Paris que poderia fazer.

O estado de ânimo de Olivia não importava. Suas lágrimas não importavam. Na realidade, não a ajudariam. Deixaria a fortaleza muito mais rápido.

Legion era a coisa mais importante para ele. A filha que secretamente tinha desejado, mas que nunca tinha sido capaz de ter. Não só porque nunca se comprometeu com nenhuma mulher, mas sim porque sabia quão fracos poderiam ser os bebês.

Converter-se em pai, algo que ele mesmo nunca tinha sido, não valia a agonia de observar a seu próprio filho murchar-se e morrer.

Com Legion, ele não tinha que preocupar-se. Ela viveria para sempre.

— O que acontece com você, menina linda? — Perguntou ele, levando-a para o sofá e caindo em suas almofadas. O aroma impregnante de enxofre se aferrava a ela, e Ira suspirou, claramente nostálgico. Uma vez seu demônio tinha odiado esse aroma. Mas agora que o demônio conhecia os horrores da caixa de Pandora, o inferno parecia o Paraíso.

— Eles caççando-me. — Ela esfregou a bochecha contra seu peito, erodindo pele, e ronronou. — Quase me conseguiram desssta vez.

Sua língua bífida sempre fazia que se obstruísse e prolongasse seus S, algo que ele achava encantador. Quando a tinha conhecido pela primeira vez, ainda falava como um bebê, usando os pronomes e tempos equivocados. A pedido dela, tinham estado dedicando-se a sua gramática, e ele estava muito orgulhoso de seu progresso.

— Agora está aqui. Está a salvo. — Ele esfregou os dois pequenos chifres em cima de sua cabeça, sabendo os sensitivos que eram e quanto gostava disso. — Não tem que retornar.

— O anjo morreu?

— Não exatamente. — Disse ele, evadindo a pergunta no momento.

Sentaram-se assim, silenciosos, por vários minutos, enquanto ela lutava pelo controle de sua respiração. Finalmente, acalmou-se e o ardente calor de suas escamas se esfriou. Ela se endireitou e esse olhar vermelho olhou ao redor.

— Esssta não sssua casa. — Disse ela, confusa.

Aeron examinou a seu redor, tentando ver o lugar como ela devia vê-lo.

O mobiliário em um arco íris de cores: vermelho, azul, verde, púrpura e rosado. Um piso de madeira coberto com um tapete estampado com flores. Murais salpicados com retratos com diferentes tamanhos dos céus, presentes de Danika.

— Estamos no apartamento de Gilly.

— Bonito. — Disse ela, o temor em sua voz inconfundível.

Seu sentido de feminilidade tinha deixado de assombrá-lo. Quando ele retornasse à fortaleza, daria um quarto para ela. Um quarto que pudesse decorar como desejasse. Não estava seguro quanto mais de rosa poderia suportar no seu.

— Me alegre de que você goste. Poderíamos ficar aqui um tempo.

— O que? — Seu temor foi substituído por fúria enquanto ela o enfrentava. — Está vivendo com Gilly agora? É ela a quem ama? Ou não?

— Não.

Ela se relaxou lentamente.

— Está bem, poisss, masss quero ir para casa agora. Sinto falta.

Eu, também.

— Não podemos. O anjo está lá.

Legion ficou rígida, a fúria voltando.

— Por que ela essstá lá e não nós?

Excelente pergunta.

— Está ajudando a outros com os Caçadores.

— Não. *Não*. Ajudo com o Caçççadoresss.

— Sei, sei. — Poderia ser pequena, mas era feroz. E o assassinato era um jogo para ela. Mas tinha existido tanta luta em sua vida que Aeron desejava só paz para ela agora. Não queria arrastá-la em outra batalha. Não o faria.

Ela significava muito para ele.

— Podemos estar aqui a sós. — Disse.

— Maravilha. — Outra vez, ela se relaxou contra ele. — Ficaremos, mas *ajudarei* mais que ela.

Ou Olivia perderia a cabeça. Advertência recebida. Hora de distrair a sua querida pequena.

— Quer brincar?

Saltando, sorrindo abertamente, desenredou-se de ao redor de seu pescoço, arrastando-se como uma serpente.

— Sssim, sssim, sssim.

Sempre pronta para brincar, sua Legion. Apesar de seu aperfeiçoado discurso, ela não tinha perdido suas inocentes necessidades.

— Escolhe algo. Qualquer coisa que quiser. — Ele se esticou para acariciá-la, e seu olhar caiu em seu braço. Havia um só emplastro de pele nua em seu pulso. Deveria ter uma serpente tatuada ali, para lhe recordar Legion. Uma tatuagem para lhe recordar o bom em sua vida, em vez do mau.

Sim, gostou dessa ideia.

— Quero brincar... As Roupas Opcionais.

Também conhecido como Rasgar Tudo o que Aeron vestia.

— Que tal se escolhermos algo diferente. Que tal sobre o Salão de beleza, como o que jogamos faz uma semana? Poderia pintar minhas unhas.

— Sim! — Legion bateu palmas, sua excitação evidente. — Vou procurar o esssmalte de Gilly. — Fora de si saiu correndo, desaparecendo à volta da esquina.

— O quarto de Gilly é o último à direita. — A chamou ele. Passaria uma hora ou duas consentindo-a e logo patrulharia a cidade em busca de qualquer sinal dos Caçadores, assim como também da Garota das Sombras. Depois do que Legion tinha resistido no inferno, devia-lhe um pequeno recreio, malditos seus deveres.

Devia. Apenas dizer a palavra bombardeou através de sua cabeça, e amaldiçoou. Também devia a Paris.

Apesar de que tinha proclamado que não retornaria à fortaleza até que Olivia se fosse, tinha que encarregar-se de Paris. Esse não era um dever ao que renunciaria por nenhuma razão, mas já tinha deixado que Lucien se ocupasse das necessidades de Paris durante os últimos três dias. Suspirou, decepcionado de si mesmo. Somente porque Lucien havia feito o guerreiro entrar na cidade não significava que Paris tivesse escolhido alguém.

E embora Paris pudesse haver-se deitado com Kaia à outra noite, a força que ele teria obtido dela não duraria muito. Apesar de seus sorrisos, viu-se fatigado no café da manhã. Como Aeron tinha descoberto, a fadiga era o primeiro sinal de problemas.

Aeron estava disposto a apostar que o guerreiro não tinha estado com ninguém desde Kaia. E isso só não bastaria.

Legion saltou de novo à sala de estar, segurando um recipiente púrpura de plástico e sorrindo amplamente.

— Suas unhas parecerão como arco-íris quando tiver terminado.

Arco íris. Ele supôs que isso era melhor que as labaredas rosa brilhante que lhe havia feito a última vez.

— Sinto muito, querida, mas nossa brincadeira terá que esperar. Preciso voltar para a fortaleza e me encarregar de algo, o qual significa que necessito que fique aqui.

O frasco caiu ao chão como um choque.

— Não!

— Não irei por muito tempo.

— Não! Você me convocou. Disse que ia brincar.

— Mas se Gilly retornar antes que eu o faça... — Continuou ele, como se ela não tivesse falado. — Por favor, por favor, por favor, não tente brincar com ela. Certo? — A humana não sobreviveria. — Só tenho que pegar algo. Melhor dizendo, alguém. Seja uma boa garota e me espere.

Legion o assaltou. Aplanou suas mãos em seu peito, suas garras cortando além de sua pele, tirando gotas de sangue.

— Eu irei, também.

— Não pode, querida. Recorda? — Ele se esticou e coçou a parte de trás de suas orelhas. — O anjo está lá. Ela perdeu suas asas e é agora visível, mas isso não a faz menos perigosa para você. Ela...

A pequena demônio saltou e se encarapitou em seu colo, ficando olhando acima para ele.

Os olhos já grandes se ampliaram.

— Ela já não tem asasss?

— Não. Não as tem.

— Ela então caiu?

— Sim.

Outra vez, Legion bateu palmas felizmente.

— Ouvi que um anjo tinha caído, mas não sabia que era ela. Podia ter ajudado a machucá-la! Mas posso dar um jeito nisso. Posso tirá-la de minha casa agora. Posso matá-la.

— Não. — Disse ele, mais ferozmente do que tinha intenção.

Ira reagiu ferozmente, grunhindo dentro de sua cabeça, grunhindo para Legion pela primeira vez.

Por que seu demônio queria ser o que destruiria o anjo? Não.

Aeron negou com a cabeça. Isso tinha pouco sentido, considerando o anterior desejo de Ira por "mais". Possivelmente o demônio não a queria destruída por *ninguém*.

Uma suspeita que ainda tinha pouco sentido, mas era um melhor ataque.

Por que o demônio gostava dela?

Mais tarde. Aeron segurou o queixo de Legion e a obrigou a manter sua atenção nele para saber que ela não estava já fantasiando sobre o assassinato.

— Enfoque a atenção em mim, querida. Bem. Agora. Não pode machucar a anjo.

Legion pestanejou ante ele.

— Posso! Sssou bastante forte, prometo-o.

— Sei que pode, mas não quero que o faça. Supunha-se que me faria mal, mas não o fez. — Em lugar disso, tinha abandonado tudo por ele.

Por quê? Perguntou-se pela milésima vez. Que tipo de pessoa faria isso? Ele tinha zombado dela mais cedo quando lhe tinha recordado seu sacrifício, mas verdadeiramente, estava fascinado e confuso. E humilhado.

Não o conhecia. Ou talvez o fizesse, desde que o tinha seguido durante semanas, mas isso fazia sua decisão até mais estranha. Mais que isso, não era digno de ser salvo. Não por um anjo, tudo o que era bom, correto e perfeito.

E certamente não por uma mulher que ele nunca se permitiria ter.

— Asssim? — Continuou Legion.

— Assim. Em troca, vamos ser amáveis com ela.

— O que? Não! Não, não, não. — Se ela tivesse estado parada, pisotearia seus pés. — Posso machucá-la se quiser.

— Legion. — Disse ele, usando seu tom mais autoritário. — Esta não é uma negociação. A deixará sozinha. Prometa-me isso.

Carrancuda, ela saltou de seu colo e caminhou de cima a baixo pelo comprimento do tapete em frente dele.

— Sssó quer que eu ssseja sssimpática com ssseusss amigoss. Asssim que ela tem que ssser seu amiga. Mas você não pode ssser amigo de um desssagradável anjo.

As palavras não pareciam ser dirigidas a ele, assim não respondeu. Deixou-a continuar destrambelhando, esperando que ela se desafogasse.

— É bonita? Aposssto que ela é bonita.

Outra vez, Aeron guardou silêncio. Legion, ele sabia que era sua protetora e gostava de ser o centro de seu mundo. Como não era estranho entre os filhos com um só pai, não gostava que voltasse seus cuidados a algum outro lugar.

— Gosssta dela. — O acusou.

Finalmente elevou a voz.

— Não. Não é assim. — Mas até podia detectar a incerteza em sua voz. Tinha gostado de ter Olivia em seus braços às últimas noites. Gostou muito. Ele tinha gostado de tê-la sentada em seu colo no café da manhã.

Tinha gostado de ter seu perfume de céu selvagem em seu nariz. Tinha gostado da suavidade de sua pele e a pureza de seus olhos. Tinha gostado de sua mansidão e sua determinação.

Tinha gostado da maneira em que o tinha olhado, como se ele fosse em parte salvador, em parte tentação.

— Você gosta dela. — Repetiu Legion, e desta vez houve tanta fúria em suas palavras, que quase abrasou sua pele.

— Legion. — Disse ele. — Até se eu gostar de outra mulher, isso não significa que a amarei menos. Você é meu bebê, e isso nunca mudará.

O veneno gotejou de seus dentes muito afiados, dente que ela deixou descoberto em um grunhido.

— Não sou um bebê! E você *não pode gostar dela*. Você simplesmente não pode gostar dela. Matarei-a. Matarei-a agora mesmo! — Com isso, Legion desapareceu.



— O que está pensando?

Olivia girou torpemente ante o espelho de corpo inteiro, assimilando as botas negras até os joelhos, sua saia tão curta que mal cobria seu traseiro e o top sem mangas azul cerúleo que tinha posto. A calcinha azul combinando, em que ela se colocou, subia sobre a cintura da saia. Falava de travessura.

Nunca tinha revelado tanta pele antes. Nem mesmo para si mesma. Nunca tinha havido necessidade.

Entretanto, ela o tinha pedido.

— Faça-me bela. — Havia dito a Kaia no momento que Aeron tinha saído em correria da fortaleza.

— Oh, surpresa! Uma mudança de imagem ao de uma puta. — Tinha respondido a harpia.

Os outros dois guerreiros, William e Paris, tinham gemido. Paris inclusive tinha cantarolado “*Aborre... Cido*” em voz baixa antes de sair. William tinha tentado ficar para “ajudar”, mas Kaia tinha ameaçado usar suas bolas como pingentes.

Depois disso a harpia tinha espionado Olivia com diversão.

— Quer que Aeron se dê conta de seu engano, não é?

— Sim, por favor. — Mais que isso, tinha querido despojar-se de sua imagem angelical completamente. De uma vez por todas. Tinha pensado, que tirando a túnica, também poderia eliminar seu medo e sua incerteza. Tinha pensado, que ao vestir o “traje de putinha”, também poderia vestir-se com uma capa de confiança e agressão.

E quando girou uma segunda vez para jogar uma olhada a seu traseiro, deu-se conta de que tinha tido razão. Bom, deu-se conta de que tinha razão, depois que se desvaneceu seu cambaleio.

Felizmente estava acostumando-se a usar suas pernas, algo mais e conseguiu permanecer direita.

— Eu gosto muito. — Disse ela, sorrindo abertamente. Parecia uma pessoa nova. Até parecia humana. Mas mais que tudo, via-se radiante, e já que o brilho era como nadar em uma fonte de poder.

Sou forte. Sou bela.

O que Aeron pensaria? Em todo o tempo, o tinha observado, nunca o tinha visto prestar nenhuma atenção específica a uma fêmea, além dela mesma, as últimas noites e esta manhã. Assim não estava segura de que tipo de mulher o atraía.

E era melhor desse modo, supôs. Não podia fingir ser algo que não era. De outra maneira teria ainda que estar nos céus. Assim tinha que dela gostar por ela mesma. O qual era o que mais queria. Se não podia fazê-lo, bom, então nem sequer valia a pena seu tempo.

Gostará. Como poderia não gostar dela?

A confiança era agradável.

— Esses são os objetos que fazem a um homem implorar com certeza. — Respondeu Kaia. A ruiva tinha passado a última hora rebuscando entre seu armário

para vestir Olivia exatamente bem. — As roubei de um pequeno lugar na cidade.

Espera.

— Estes objetos de vestir não foram pagos?

— Assim é.

— Sério? — Por que se sentia repentinamente mais sexy? Perguntou-se Olivia. Estava tornando-se tão má como os demônios? Talvez devesse enviar à loja um pouco de dinheiro. *Você não tem nenhum dinheiro.* Talvez devesse enviar à loja um pouco do dinheiro de Aeron.

— Agora sente-se. — Ordenou Kaia, fazendo um gesto para a cadeira diante do espelho da penteadeira com uma inclinação de seu queixo.

Cameo gemeu.

— Ainda não terminou? — Ela estava sentada sobre a cama, esperando impacientemente para que a sessão de caracterização de puta terminasse. — Tenho tantas perguntas.

Kaia deu de ombros.

— Pergunte enquanto a maquio.

Olivia estava instalada sobre a luxuosa almofada enquanto era arrumada e Kaia agachada em frente dela. A harpia já tinha escondido na palma da mão um pincel de sombras e um recipiente de pó azul. Nunca tinha usado maquiagem antes, não estava segura de como se sentia sobre essa quantidade de cor, mas não se queixou. Esta era uma das razões pelas quais ela estava aqui, depois de tudo. Para experimentar tudo o que o mundo tinha que oferecer.

— Feche os olhos. — Disse Kaia. Quando ela obedeceu, o pincel começou a dançar brandamente sobre suas pálpebras. — Toda sua, Cameo.

Não necessitou nenhum outro aviso.

— Disse que sabe onde se encontram alguns dos imortais possuídos por demônios. — Disse Cameo, começando a trabalhar a sério.

— Sim. — Outra vez, nenhum relâmpago golpeou e nenhum exército angelical desceu voando.

— Aeron conheceu uma garota na noite que a salvou. Ela estava rodeada por sombras e gritava, o que quer que isso signifique. Conhece-a?

Olivia assentiu antes que pudesse deter-se.

— Fique quieta. — Disse-lhe Kaia. — Agora tenho que arrumar seus olhos. Parece como se tivesse batido em você. Embora eu goste dessa aparência não acredito que Aeron goste.

— Sinto muito. — Ela endireitou a coluna, mantendo seu queixo imóvel. — Essa era Scarlet, filha de Rhea. Oh, e se por acaso não sabem, Rhea é a mãe autoproclamada de toda a terra e a amargurada esposa de Cronos.

— O que? — Ofegou Cameo. — A Garota Sombra é uma filha dos deuses?

E não somente alguns deuses, mas sim o rei e a rainha dos Titãs?

— Bom, um deus. Cronos não é seu pai. Rhea passou tempo proibido com um guerreiro Myrmidon quando ela e Cronos começaram a brigar ao princípio.

— Por que estavam brigando? — Perguntou Kaia. — Tenho a impressão de que deveria saber a resposta, mas nunca me mantive em dia com a política divina.

Era facilmente explicável.

— Cronos pensou em prender seus filhos, os gregos, no Tártaro porque seu

velho Olho-Que-Tudo-Vê tinha prognosticado que usurpariam seu poder. Rhea somente queria exilá-los a terra. Mas ele os prendeu, de todas as formas.

Cameo resmungou um rápido “hummm”, antes de dizer:

— Assim que esta Scarlet foi concebida... Quando?

Uma voz tão amarga... O coração de Olivia na verdade sangrou, a machucando ainda mais com cada palavra que a mulher pronunciava.

— Rhea teve seu romance enquanto elaborava formas de ajudar os gregos a se livrar do Tártaro e derrotar Cronos. Seu amante inclusive a ajudou a promulgar esse plano e morreu por seus esforços. Entretanto, os gregos foram ao final, libertados. Rhea esperou continuar dominando, mas Zeus temeu que ela mais tarde auxiliasse Cronos e a prendeu justo ao lado de seu pai. Scarlet nasceu e se criou dentro da prisão.

Enquanto ela tinha falado, a esponja e o pincel tinham sido usados em seu rosto, um após o outro. O nervosismo floresceu, queimando seu estômago. Rezou por não parecer com um palhaço quando Kaia terminasse.

— Assim que esta Scarlet está possuída por... As sombras? — Perguntou Cameo.

— A escuridão? Se for assim, não estou segura de como pode ser considerada malvada. Parecem presentes em vez de malefícios. Poder esconder-se para sempre... Golpear a seu inimigo sem ser visto...

— Pense em termos absolutos. — Esclareceu Olivia. — Seu demônio, Miséria, não é necessariamente uma maldição, tampouco, porque sem dor não poderia haver prazer. Pense nisso. Todo mundo deve experimentar as emoções escuras em algum nível para apreciar o que têm. Seu demônio é simplesmente o extremo da emoção. Como é o caso com os outros Senhores. E com Scarlet. Mas o demônio que ela leva não é nem escuridão nem sombras. O que tem em seu interior é Pesadelo.

— Está bem, bom. — Disse Kaia. — E eu que pensava que aqui os meninos eram afortunados. Isso tem que ser, como, o demônio mais maravilhoso que alguma vez tenha havido.

Pesadelos? Maravilhoso? Dificilmente.

— A escuridão que Scarlet convoca é uma ausência completa de luz. É um abismo dentro dela, um buraco interminável de tristeza. E dentro dessa tristeza jazem as mesmas coisas que os humanos mais temem.

Houve um sussurro de roupa e ela imaginou Cameo trocando de posição na cama, inclinando-se mais perto dela.

— Como sabe tanto a respeito disto?

— Encontrei a muitos demônios durante séculos. Como uma antiga portadora de alegria, vi como e por que a influência demoníaca arruinou vidas humanas.

— Ohhh, fantástico. Assim o que fez com esses demônios? — Perguntou Kaia. — Começa com como chutar traseiros e termina com enxugar o sangue?

Adorável harpia, por vê-la tão forte.

— Não os combatia eu mesma. Se minha só presença falhasse, em fazê-los fugir, teria que conjurar a um anjo guerreiro para despachá-los.

— Retrocedamos um minuto. — Disse Cameo. — Esse tipo de experiência não podia te dizer onde Scarlet estava e o que ela podia fazer.

Merda. As bochechas de Olivia se esquentaram.

— Estive observando Aeron por algum tempo e sabia que desejava encontrar-se com outros de sua espécie. Assegurei-me de estudá-los de perto. A mais próxima dos quais, simplesmente passa a ser Scarlet. Há alguns outros também dispersos, mas a maioria está escondida ao redor do mundo.

— Interessantes. Eles são...

— Não. Minha vez para fazer uma pergunta. — Proferiu Kaia. — Assim, esta Scarlet é do tipo bom ou do tipo ruim?

Olivia considerou cuidadosamente sua resposta.

— Suponho que isso depende de sua definição do bom e do mau. Ela se criou em uma prisão, rodeada por criminosos. Isso é tudo o que conheceu antes de ser vinculada com seu demônio e posteriormente enviada a Terra. Tudo o que tem feito, o fez para sobreviver.

— Como nós o fazemos. — Resmungou Cameo.

O que não era certo para Olivia. Tudo o que recentemente tinha feito, havia-o feito para satisfazer suas necessidades. Deveria sentir-se culpada por isso, pensou, mas... Não se sentia assim. Em descobrir a rota para sua felicidade, só podia descobrir Aeron.

Nenhuma "força justa" nisso, sua confiança recém-descoberta começou a falar. Finalmente Kaia terminou de lhe aplicar a maquiagem, os pincéis cessaram.

A harpia deu umas palmadas e assobiou

— Tudo preparado e demônios, sou boa.

Lentamente, Olivia abriu as pálpebras. No momento que encontrou o espelho, ficou sem fôlego. E ela se acreditou radiante antes... A sombra azul complementava a cor de seus olhos, fazendo-os parecer elétricos.

O rímel negro acrescentou tanto comprimento a seus cílios, que quase alcançaram suas sobrancelhas, oferecendo o contorno perfeito. O rubor rosado em suas bochechas lhe dava um resplendor que só provocava a cama e o batom vermelho sangue deu a seus lábios um *beije-me* vidrado.

— Não há necessidade de oferecer a seu primogênito em agradecimento. — Disse Kaia. — Só aceite contado. Agora, se tivesse como, podemos ir à cidade, procurar Anya, porque acredito que ainda está lá, pegar uma cerveja e um homem. E continuar sua má educação

Ainda encantada, Olivia se esticou e roçou a ponta de um dedo sobre o meio anel negro debaixo de seus olhos. Estavam esfumados, sensuais. Perfeitos.

Tente resistir agora, Aeron, pensou ela. O desafio.

A confiança era mais que agradável. A confiança era transformadora de almas.

— Não pode ir. — Protestou Cameo. — Não terminei minhas perguntas.

Kaia girou os olhos

— Pois as faça na cidade enquanto bebemos até a inconsciência. Tenho sede e Anya nos decapitará se não a incluirmos.

— Tem uma resposta para tudo. — Falou a Senhora.

— Sim, verdade? Não é maravilhoso?

— Dificilmente.

Enquanto as duas brincavam de um lado ao outro, Olivia riscou então seus lábios. Logo conheceria a sensação dos de Aeron. Outra vez, nenhum "poderia"

nisso. Ele não poderia resisti-la. Ela mal podia resistir a si mesma. Seriam seus lábios duros ou suaves? Saqueadores ou gentis? Não importava, realmente. Provaria-os, e isso era o que desejava mais ardentemente.

— Esssta é ela? É esssta? Bom, adivinha o que? Vai morrer, anjo! — Uma voz nova proclamou repentinamente e havia suficiente ódio nela para assassinar a um exército.

Olivia se sacudiu e se voltou, mal conseguindo permanecer direita. Um diminuto demônio estava ao outro lado do dormitório, seus olhos vermelhos brilhavam com malícia. Suas garras estavam estendidas e prontas para o ataque, seus dentes afiados e descobertos. Até suas escamas verdes pareciam realçadas, arrepiando-se como pedaços de vidro quebrado. Prontas para cortar.

Desta vez, ela não tinha caído no inferno. O inferno tinha chegado a ela.

Não! Um grito se formou em sua garganta, mas pouco antes que pudesse desdobrar-se, manteve-se como um crescente nó, assim que o que emergiu foi um som afogado.

Acalme-se, tranquila. Ela tinha captado um vislumbre desta criatura umas poucas vezes ao seguir Aeron e sabia quem era. Legion. *Não tem que temer.*

Endireitando os ombros, tentou desdobrar suas asas para equilibrar-se, só para recordar-se que já não as tinha. Engoliu saliva.

— Olá, Legion. Meu nome é Olivia. Eu não quero machucá-la.

— Sssinto muito, masss não posso dizer o messsmo.

— Seja como for. — Cameo saltou na frente de Olivia, agindo como um escudo. — Não haverá nada disso. Aqui todos somos amigos.

— Matarei você também, se meter-se em meu caminho. — Grunhiu Legion. — Afassste-ssse! Essse anjo é *meu*.

Kaia pressionou ao lado de Cameo, as duas mais que um escudo. Eram um muro.

— Bom, imagino que terá que me matar, também, então.

Elas estavam... Protegendo-a? Protegendo a ela? Apesar de seu medo, o peito de Olivia se inchou de prazer. Não a conheciam, mas a tratavam como uma dos seus. Como se ela já tivesse um lugar.

— E? — Demandou Kaia. — O que vai fazer, garota demônio?

— Aceito sua oferta. Matarei você, também. — Então Legion... Desapareceu.

Está bem. Depois de suas palavras, esse desaparecimento foi um alívio. Mas por que o faria? Ela reapareceu entre as duas mulheres guerreiras. Antes que uma ou outra tivesse tempo de desviar-se ou preparar-se, ela tinha mordido a ambas no pescoço. Ambas as mulheres paralisaram no chão, retorcendo-se e gemendo de dor.

Olivia mal teve tempo de processar o que tinha presenciado.

— Como pôde fazer algo assim! Pensei que eram suas amigas. Não a teriam machucado, só quiseram me salvar.

Esses olhos vermelhos se travaram nela, o ódio intensificando-se.

— Aeron é meu. Não conseguirá tê-lo.

— Bom, temo que não possa estar de acordo com você. — Embora Olivia tremesse, estava sozinha, desarmada, indefesa e instável, manteve sua posição. — Aeron será meu. — De uma ou outra maneira. Ela não mentiria sobre isso, nem sequer para salvar-se.

Uma língua bífida varreu sobre esses dentes bicudos.
— Vai pagar por isso, anjo. Com sua vida.
Legion saltou sobre ela.

Capítulo Sete

Sete dias. Sete malditos dias, e nenhum resultado. Strider, guardião da Derrota, secou o rosto suarento com uma toalha. Apoiou-se contra a rocha à suas costas e observou os arredores. O sol brilhava com força, mais quente aqui do que nunca tinha sido em Buda. Antiga água banhava brandamente esta ilha perto de Roma, o suave murmúrio um bálsamo para os ouvidos.

Tudo o que sobrava do Templo dos Tácitos eram as maltratadas colunas idênticas a que tinha às suas costas – algumas caídas, algumas em pé – e um altar ainda manchado e salpicado de carmesim. Havia uma vibração de energia no ar. Energia que causava que lhe deixasse o cabelo arrepiado. E, entretanto, apesar do altar e da energia, Strider sentia um estranho tipo de parentesco com o lugar. Depois de tudo, um montão de gente o considerava um tácito. Malvado e desnecessário.

Não é que estivesse de acordo. Foi emparelhado com Derrota e não podia perder um só desafio sem sofrer por isso. Onde estava o mal nisso? Não era como se matasse indiscriminadamente só para ganhar em um jogo de Xbox⁹ ou algo semelhante.

De todos os modos, a última vez que tinha estado aqui, os arqueólogos tinham estado estudando cada canto e fenda. Os Caçadores tinham estado entre seus números, esperando encontrar um dos poderosos artefatos de Cronos ou inclusive a própria caixa de Pandora. Já não estavam aqui. Por quê?

Embora o templo tivesse surgido do mar fazia só uns poucos meses, as árvores já tinham crescido, altas, frondosas e verdes. Rodeavam a área onde o templo uma vez se ergueu orgulhoso, mas não chegavam a tocar o templo. Na realidade se *arqueavam* afastando-se dele, como se temessem aproximar-se muito.

Na última visita estes ossos não tinham estado aqui. Ossos humanos. Os arqueólogos, o mais provável. O que os tinha matado, só podia adivinhá-lo. Não havia rastro de carne ou sangue. Sim, um animal poderia ter devorado a tanta gente no punhado de meses desde que tinha estado aqui, mas não havia nem rastro do banquete? Bom, além dos ossos. Uma mancha de sangue por aqui, uma parte de carne podre lá. Marcas de unhas onde os humanos tinham lutado pela liberdade. Rastros onde tinham tentado fugir.

Não havia.

Portanto, o que poderia consumi-los tão limpamente? Uma criatura divina, isso era.

Anya, deusa menor da Anarquia, noiva-incisiva-e-futura-esposa de Lucien – horror dos horrores, a pequena puta travessa tinha planejado umas bodas para si

⁹ É o primeiro console de videogame produzido pela empresa estadunidense Microsoft Corporation Em colaboração com Intel e Nvidia. O Xbox foi desenvolvido para competir com o PlayStation 2 da Sony e Gamecube da Nintendo como parte da sexta geração de consoles. Sua principal característica é o seu processador central baseado no processador Intel Pentium III. O sistema também incorpora um leitor DVD, Um disco rígido interno, porta Ethernet e, finalmente, o sistema tem quatro conectores para os controles.

mesma – não sabia muito sobre estes Tácitos, assim não podia confirmar sua ideia de que eles tinham convertido aos humanos em meals-on-heels¹⁰. Os deuses nunca haviam, bom, falado deles, disse ela, assim não estava segura do que podiam fazer. Os deuses lhes *tinham* temido, de todos os modos.

Entretanto, Strider não ia embora. Tinha que encontrar esses artefatos. Tinha que encontrar a caixa de Pandora. Tinha que destruir os Caçadores. Finalmente. Sua vida dependia disso. Infernos, a paz de sua mente dependia disso. Cada dia Derrota lhe falava um pouco mais alto dentro da cabeça, assim que cada dia lhe recordava mais e mais os primeiros dias de sua posse. Dias que queria esquecer.

Seu demônio tinha estado rugindo, um grito constante, a exaustiva necessidade de desafiar a todos o que encontrava dirigindo-se a ele. Sem importar as consequências. Matar a um amigo? Que assim seja. Enquanto ganhasse ele.

Odiou-se naquele tempo. Naquele tempo. Seus amigos provavelmente o odiaram, também. Bom, não era verdade. Tinham sido tão selvagens por seus demônios como o tinha sido ele com o seu. Tinha levado séculos aprender como controlar-se. Embora agora tivessem o controle de suas metades mais escuras, estava aproximando-se a sua perda.

— Parece que alguém decidiu tomar seu descanso antes que o resto de nós. — Brincou uma áspera voz atrás dele.

Strider se voltou. Gwen, uma beleza ruiva que era mais forte e mais cruel que qualquer um dos Senhores, aproximava-se dele, com uma reluzente garrafa de água na mão. A atirou, e ele a agarrou facilmente. Em questão de segundos, tinha tomado a coisa inteira. Deuses, o líquido frio se sentia bem enquanto lhe umedecia a garganta seca.

— Obrigado.

— Não há de que. — Sorriu lentamente, e ele soube exatamente o porquê Sabin se apaixonou por ela. As mulheres travessas mandavam. — A roubei de Sabin.

— Ouvi isso, esposa. — Disse Sabin, rodeando a rocha entre eles. Aumentou a velocidade até que alcançou o lado de Gwen, então lhe passou um braço pelos ombros.

Imediatamente ela estendeu a mão e entrelaçou os dedos com os dele. Inclusive apoiou a cabeça a seu lado, confiando em que o homem a segurasse e mantivesse a salvo. Poderiam desfrutar superando um ao outro, mas estavam unidos. Isso era evidente.

Seu emparelhamento tinha surpreendido inicialmente Strider, a verdade fosse dita. Depois de tudo, Gwen era filha de Galen e Galen era o líder de seu maior inimigo. Mais que isso, Sabin era o guardião da Dúvida e Gwen tinha sido uma tímida ratinha a primeira vez que os dois se encontraram. O demônio virtualmente a tinha comido viva.

Agora, não havia uma mulher mais confiante viva. Como os dois tinham alcançado este ponto e fazer que as coisas funcionassem, Strider não estava seguro. Só estava agradecido de não ser ele o que estivesse em uma relação comprometida. Gostava das mulheres – inclusive as não travessas. Oh, gostava das mulheres. Mas as relações? Nem tanto.

Tinha tido umas poucas namoradas durante os anos, e ao princípio, tinha-o

¹⁰ Tradução literal: algo como “refeição que corre”, acredito ser algum tipo de trocadilho com “comida que corre” dado que os humanos foram perseguidos e em seguida devorados.

amado. Amado o compromisso, a exclusividade. Quando descobriam sua afeição por ganhar, entretanto, a maioria delas tinha tentado fazê-lo funcionar em seu benefício:

“Aposto que não pode me fazer apaixonar por você”.

“Duvido que possa me convencer de que estejamos destinados a estar juntos para sempre”.

Tinha jogado esse jogo muitas vezes antes, ganhando corações que já não tinha nenhum interesse em ganhar. Agora, tinha desfrutado deles uma vez, talvez dois, bom, possivelmente três vezes e então era adeus ao velho, olá ao novo.

— O que é isso sobre descansar antes do tempo? — Sabin dirigiu Gwen para o altar e apoiou o quadril contra a pedra. Guiou-a até pô-la frente a ele, de novo a envolveu com os braços e a abraçou com força contra o peito, sua cabeça descansando sob o queixo.

Strider deu de ombros.

— Estava pensando. — Em vez de examinar as pedras procurando símbolos ou mensagens como lhe tinham ordenado.

Sabin tinha sido o líder de Strider toda sua vida. Sim, Lucien tinha sido o comandante do exército de elite quando viveram nos céus, mas tinha sido Sabin ao que Strider tinha olhado em busca de conselhos e orientação. Ainda o fazia. O homem teria degolado a sua própria mãe se isso significava que ganharia uma batalha. Não era que algum deles tivesse uma mãe. Tinham nascido completamente formados. Mas Strider valorizava esse tipo de compromisso.

— Ouvi que alguém dizia que era tempo de descanso? — Perguntou Kane, guardião do Desastre, com um sorriso dos seus enquanto girava em uma esquina. Seu cabelo, que era uma mistura de marrom e verde, brilhava a luz do sol âmbar.

Sempre tinha sido tão colorido? Perguntou-se Strider. Tinham estado juntos sempre, mas Strider não acreditava ter visto nunca o homem tão... Feliz. Quase resplandecente. Talvez harmonizasse com o templo.

Uma rajada de vento se elevou subitamente entre as árvores. Um ramo se desprende e voou para os homens. É óbvio, estampou-se contra a parte posterior da cabeça de Kane. Acostumado a este tipo de catástrofes, nem sequer diminuiu o passo. Talvez o templo *não* harmonizasse com ele.

Strider pôs-se a rir. Esse não seria o último dos males de Kane, estava seguro. As rochas tendiam a cair e o chão tendia a gretar-se quando o guerreiro entrava em cena.

Atrás dele, o cascalho rangia sob umas botas e Strider se voltou de novo. Amun, Reyes e Maddox, os últimos do grupo, estavam cortando a distância.

— Descanso? — Disse Amun, a profunda voz quase tosca por falta de uso. Era moreno dos pés a cabeça e como o guardião dos Segredos, raramente falava, muito assustado de revelar as verdades devastadoras das quais os guerreiros não seriam capazes de recuperar-se. Mas como recentemente tinha derramado muitos desses segredos, de todos os modos, para acalmar Gideon da cólera, tinha sido um pouco mais loquaz.

A mudança fez bem ao coração de Strider.

— Isso suponho. — Replicou.

Sabin girou os olhos.

— Olhe o que começou.

— O que tem de mal em um descanso? Estou cansado. E os deuses sabem que não estamos fazendo nenhum progresso. — Maddox era, talvez, seu membro mais perigoso. Ou melhor dizendo, tinha sido. Antes de ter conhecido a sua Ashlyn. Agora, havia uma doçura nos olhos violeta que nenhum dos outros Senhores possuía.

Lástima que essa doçura só se estendesse à delicada Ashlyn. Maddox estava emparelhado com o demônio da Violência e quando esse menino estalava... Ouch. Strider tinha estado no extremo receptor da necessidade do homem de ferir e mutilar uma vez ou duas. E sim, Strider tinha ganhado, inclusive então, repartindo mais golpes e cortes dos que tinha recebido. Simplesmente não podia evitá-lo.

— Estivemos procurando no chão, radiografando as pedras esperando encontrar algo em seu interior, e derramando nosso próprio sangue esperando invocar aos Táticos com um sacrifício. — Reyes, tão moreno como Amun, mas muito mais tenso, estendeu os braços, ainda cortados e sangrando da última oferenda. Ou de sua autotortura. Isso nunca se sabia com Reyes. — O que falta fazer?

Todos olharam para Sabin.

— Foram eles os que nos disseram que Danika era o Olho Que Tudo Vê. Não entendo por que não nos ajudassem de novo. — Disse o guerreiro, sua própria frustração clara.

O Olho Que Tudo Vê poderia ver no céu e no inferno. Ela sabia o que os deuses estavam planejando, o que os demônios estavam planejando, assim como os resultados de todos esses planos, mas não necessariamente no momento adequado. Os detalhes chegavam a ela a fervuras, fora de sequência.

Sabin girou em um círculo, falando.

— Tudo o que queremos saber é onde estão os outros dois artefatos. Isso é pedir muito?

— Só nos ajudem, maldição. — Gritou Kane, metendo-se no espírito.

— Do contrário, destrocerei cada pedra nesta ilha e as lançarei ao mar. — Acrescentou Maddox.

— E vou ajudá-lo. — Prometeu Strider. — Só mijarei nelas primeiro.

Enquanto a voz ressoava nas rochas, o ar parecia espessar-se com o desafio. Os insetos nas árvores inclusive se sossegaram.

— Uau, talvez não devesse ter ameaçado violando sua propriedade. — Murmurou Reis.

Oops.

Continuando, o mundo ao redor deles se desvaneceu, deixando somente os pilares e o altar. Sozinho, cada um dos pilares estava de repente em posição vertical e o altar era agora de mármore branco reluzente limpo de escombros.

Inseguros do que estava acontecendo, cada um dos guerreiros ficou rígido, endireitou-se e agarrou uma arma.

Strider dominava tanto as armas de fogo como as facas, mas geralmente preferia cortar e arder. Hoje, entretanto, faria uso de seu Sig Sauer¹¹. Manteve a boca do canhão para baixo, mas isso não queria dizer que fosse menos perigoso. Podia apontar e disparar em menos tempo que levava piscar.

— O que está acontecendo? — Sussurrou Gwen.

— Não sei, mas se prepare para qualquer coisa. — Advertiu Sabin.

¹¹ Pistola.

Qualquer outro guerreiro teria empurrado a mulher detrás das costas para protegê-la. Não era assim com Sabin. Homens e mulheres sempre tinham sido iguais para ele, e embora amasse Gwen mais que a sua própria vida e queria protegê-la mais do que queria a vitória, todos os presentes sabiam que Gwen era a mais forte entre eles. Tinha salvado já a mais de um Senhor.

Strider, entretanto, ficou centímetros à frente dela, de todos. Esse sentido do desafio... Tinha que ser o que ganhasse nesta coisa.

Seu demônio já estava cantando.

“Ganhar... Ganhar... Deve ganhar... Não pode perder”.

“Sei”, grunhiu. “Farei-o”.

Girou-se, o olhar errante, procurando. Finalmente, viu sua presa. Um homem enorme, não, essa coisa não poderia ser chamada um homem. Uma enorme besta se materializou entre dois dos pilares.

Inclusive enquanto o estômago de Strider se esticava, tomava medida de sua presa. A besta não estava vestida, certamente, não precisava de roupa. A pele era peluda como a de um cavalo. As serpentes dançavam e assobiavam na cabeça, os magros corpos em qualidade de cabelo. Duas longas presas apareciam por cima do lábio superior. Tinha mãos humanas, mas os pés eram cascos.

Os músculos se apinhavam no torso, e os mamilos estavam atravessados por dois anéis de prata de grande tamanho. Correntes metálicas lhe rodeavam o pescoço, os pulsos e os tornozelos, e essas correntes o mantinha atado aos pilares.

— Quem é? — Demandou Strider. Não precisava perguntar o *que* era a coisa. Feio como a merda que o cobria.

Não tinha esperado uma resposta, mas maldição se o silêncio que seguiu não o irritou.

Então, ao lado da besta, entre outros dois pilares, outro monstro apareceu, e Strider piscou ante a súbita incorporação. Este era varão, também, mas só a metade inferior de seu corpo estava coberta por cabelo avermelhado. Seu peito era uma massa de cicatrizes. Ele, também, estava ancorado ao lugar pelas correntes.

Apesar de tudo, essas correntes não eliminavam a ameaça que irradiava de qualquer um deles.

— Meus deuses. Olhe. — Exalou Kane, assinalando.

Uma terceira besta apareceu, e esta era fêmea. Como os homens, tinha o torso nu. Os seios eram grandes, com os mamilos também perfurados, embora com diamantes em lugar de aros de prata. Uma saia de couro rodeava a cintura e coxas. Estava de perfil, e Strider podia ver os pequenos chifres se sobressaindo da coluna vertebral. Os chifres eram algo que realmente gostava, davam a um homem algo ao que agarrar-se quando as coisas ficavam difíceis. O rosto, entretanto, era bicudo como o de um pássaro. Assim, cama com ela? Não. Ela, também, era peluda e estava acorrentada.

Em uma rápida sucessão, um quarto e um quinto apareceram, ambos tão altos e largos como montanhas viventes. Não tinham serpentes pelo cabelo, entretanto. O que tinham era pior. Um deles era calvo, mas as sombras pareciam gotejar do crânio. Espessas, negras e pútridas. O outro tinha lâminas. Pequenas mas afiadas, cravejadas no couro cabeludo, cada uma brilhando com algo claro e úmido.

Os Tácitos.

Sem lugar a dúvidas. Strider suspirou. Deviam ter constituído os Invisíveis, também. Porque maldição.

“*Ganhar*”.

“*Não se lançou nenhum desafio ainda, idiota*”. Graças aos deuses, acrescentou, só para si mesmo. Seria capaz de vencer estas coisas?

A fêmea se adiantou, sacudindo as correntes. Os Senhores mantiveram o terreno, o que parecia agradá-la. Sorriu, seus dentes muito brancos e afiados como navalhas. Felizmente, não pôde chegar longe, não podia alcançá-los, atada aos pilares como estava.

— Uma vez mais, obscureceram nossa porta. — A voz ressoou com os gritos de milhares de almas presas no inferno, tentando desesperadamente escapar. Gritavam através ela, ecoando no templo, as lágrimas virtualmente lhe molharam. — E uma vez mais, concedemos-lhes a honra de nossa presença. Mas não pensem, nem por um momento, que suas ameaças nos moveram. Profanem nosso templo, certo? Adiante. Entretanto, sugiro-lhes que digam adeus a seu membro antes de fazê-lo.

“*Ganhar!*”

“*Não é um desafio, não um desafio, não um fodido desafio. Por favor, não deixe que seja um desafio*”. Tinha a sensação que a mulher quis dizer o que havia dito. Se ele deixasse o Monstro Stridy¹² fazer suas necessidades, perderia o Monstro Stridy. E não havia maior tragédia que essa. Pergunte a qualquer um que tivesse estado com ele.

— Uh, nossas desculpas. — Disse Sabin em um esforço para suavizar as coisas.

— Aceitas. — Respondeu ela com facilidade.

Essa facilidade parecia fora do lugar. Mau.

Maldição. Onde estava Gideon quando precisava dele? Como guardião da Mentira, esse menino sabia quando alguém dizia a verdade ou não. Strider tinha estado receoso desde que as bestas tinham aparecido, mas agora se perguntava, qual era seu tortuoso plano? A pergunta lançou diretamente o receio para o temor.

— Agora, a razão de nossa aparição... — Continuou ela. — Sua determinação para derrotar seu inimigo é admirável, e optamos por recompensá-los por isso.

Uma recompensa? Dessas criaturas? O estômago antes tenso agora fez uma pequena dança: girou, girou, nó, girou, girou, nó. Mau, pensou de novo.

— Assim como nos ajudaram? — Perguntou Reyes. Incauto, enganado. — Ajudar-nos a derrotar aos Caçadores de uma vez?

Uma risada.

— Como você mesmo disse, já os ajudamos. E o fizemos sem pedir nada em troca. — Seu olhar, tão parecido com um buraco negro que já se sentia como se estivesse caindo, deslocado, aterrissou sobre ele e o imobilizou em seu lugar. — Não?

Justo aí, a compreensão despontou. Cada vez que queria enganchar a alguém à droga, dava-lhes uma primeira dose gratuita. Sua ajuda tinha sido a droga, e os Senhores agora eram viciados.

Strider se deu conta que teriam que pagar por qualquer ajuda. E pagar muito caro. Ding, ding, ding. Finalmente, *correto*.

— Talvez possamos nos ajudar uns aos outros. — Sugeriu Kane, com a terra

¹² Diminutivo carinhoso de “Strider”. Nesse caso, ele está se referindo ao próprio pênis.

rachando-se sob os pés. Saltou a um lado para evitar cair em seu próprio buraco negro.

O queixo dela se elevou com desdém altivo.

— Não necessitamos nada de vocês.

— Já veremos. — Disse Sabin, sem preocupar-se pelo tom. Mas Strider podia ver as engrenagens girando na parte de trás da mente de seu amigo. — Sabem onde está a Capa de Invisibilidade? E a Haste de Partir?

— Sim. — Ela lhes ofereceu outro sorriso, desta vez como uma pistola carregada e pronta para disparar. — Sabemos.

Sim, estou enganchado.

“Ganhar!” repetia Derrota.

Strider lambeu os lábios de antecipação, os ossos já cantarolavam ao pensar na vitória contra os Caçadores. Finalmente, a Super Bowl¹³ das vitórias, aqui para tomá-la. Uma vez que tivessem esses artefatos, poderiam encontrar e destruir a caixa de Pandora. Isso não destruiria aos Caçadores, é óbvio, mas arruinaria seus planos de usar a caixa para tirar os demônios dos Senhores, matando os guerreiros.

O homem não poderia viver sem seu demônio, já não. Eram duas metades de um todo, atadas para sempre. Derrota era tão parte dele como o Monstro Stridy.

Os demônios estavam igualmente atados, apesar de que não morreriam se o homem e o espírito se separassem. Entretanto, estariam enlouquecidos, sempre ansiosos de alimentar suas depravadas necessidades, mas incapazes de saciar-se.

Depois que os caçadores tinham matado Baden, o demônio da Desconfiança tinha surgido de seu corpo, torturado, gritando, destruindo a tudo o que encontrava. Strider o tinha visto, impotente.

Pior ainda, esse demônio ainda estava ali fora, até causando estragos.

Essa era a razão pela qual os Caçadores já não tentavam matar a ele e seus amigos. Não queriam libertar os demônios que não podiam ser capturados. Mas com a caixa, poderiam fazer ambas as coisas.

Entretanto graças a Danika, agora sabiam que os Caçadores tinham um novo plano de ação. De algum jeito, tinham encontrado o demônio da Desconfiança. Tinham conseguido capturá-lo e estavam tentando forçá-lo a possuir outro corpo. Se o obtinham... Strider se estremeceu. Não teriam que esperar a caixa. Poderiam matar aos Senhores, colocar seus demônios dentro dos corpos de sua escolha e fazer o que quisessem.

Afirmavam que queriam um mundo sem mau, mas diriam o mesmo se tivessem o controle de todo esse mau? Infernos, não. Não era fácil renunciar ao poder. Como ele bem sabia. Não havia maneira de que fosse capaz de renunciar ao dele. Gostava de ganhar, e não só por seu demônio.

— Então o que querem de nós? — Perguntou Sabin, precavido agora. — Em troca desses artefatos?

Strider quase sorriu. Sabin não gostava da má comunicação. Queria deixar os

¹³ Como é conhecido o jogo final da liga de Futebol Americano (NFL) nos Estados Unidos. Disputada desde 1967, a partir da junção das duas principais ligas do desporto no país (NFC e AFC), é o maior evento desportivo e a maior audiência televisiva do país, assistido anualmente por milhões de pessoas nos Estados Unidos e em todo o mundo. A cidade sede do evento é escolhida previamente pela NFL independentemente se o time da cidade participará ou não da final. O Super Bowl também é o dia que tem o segundo maior consumo de comida nos Estados Unidos, só atrás do Dia de ação de graças.

fatos estabelecidos de modo que todos soubessem no que se estavam colocando.

A TÁCITA pôs-se a rir, e era um som muito mais cruel que antes. Talvez porque desta vez, ela zombava com essa risada.

— Acredita que é assim simples? Acha que nos dará uma amostra e em troca lhes daremos o que mais desejam? Que equivocado está, demônio. Não são os únicos que procuram o que temos a oferecer. Observe.

Sobre o altar, o ar se espessou, coagulado, e as cores despertaram à vida antes de unir-se e formar o que parecia ser um filme de algum tipo. Strider se esforçava para decifrar as imagens, então se esticou quando Galen apareceu à vista. Seu cabelo loiro, seu formoso rosto, suas emplumadas asas brancas. Como de costume, vestia uma túnica branca, como se realmente fosse um anjo em lugar do guerreiro possuído por um demônio como o resto deles.

Junto a ele havia uma mulher alta e magra. Era bonita com uma espécie de passo firme, traços afiados, cabelo escuro e pele pálida. Tinha-a visto antes, pensou, folheando seus arquivos mentais da antiga Grécia, antiga Roma e todos outros lugares nos quais tinha estado ao longo de sua muito longa vida, mas estava em branco. Estudou minuciosamente tempos mais recentes, mas de novo... Oh, merda, não. Danika, deu-se conta. Danika a tinha pintado. Um inimigo.

Merda, pensou de novo. Danika tinha pintado a esta mulher em um conjunto de cenas por volta de vinte anos atrás, entretanto não tinha mudado em nada. Não havia nenhuma ruga sobre ela.

Não era humana, então.

Hoje estava vestida de couro negro e presa a uma mesa, mas não estava lutando contra as ataduras. Havia uma determinação em sua expressão, o seguimento de seu olhar... Não. Certamente não. Não podia ser... Não era possível... Mas enquanto Strider observava, viu uma criatura fantasmal saltar de um canto da sala a outro. Seus olhos eram vermelhos, sua cara esquelética, seus dentes longos e afiados.

Não havia dúvidas, era um demônio. Um Alto Senhor, como o mesmo que possuía Strider.

Strider deixou de respirar, cada músculo do corpo apertava os ossos.

— Baden. — Raspou Amun com essa voz sem usar dele, tanto desejo em seu tom que realmente doía ouvi-lo. Tinha havido algo sobre Baden, algo que os atraía. Algo que todos necessitavam. Tinham amado Baden mais do que amavam a si mesmos. Mais do que amavam uns aos outros.

Até o faziam, apesar de sua morte.

— De nenhuma maldita maneira. — Kane negou com a cabeça quase com violência.

Strider estava de acordo. De nenhuma maldita maneira. Esse demônio não levava a essência de seu amigo. Não poderia, possivelmente. Mas havia algo familiar nesse ser fantasmal... Algo dilacerador.

— Entre nela. — Ordenou Galen. — Entre nela e sua tortura finalizará. Finalmente terá um anfitrião. Finalmente será capaz de sentir, de cheirar, de saborear. Não recorda quão maravilhoso é isso? Finalmente será capaz de destruir, de triturar a confiança dos humanos como se propõe fazer.

Destruir a confiança dos humanos. Como desconfiança se propunha fazer. Não, pensou de novo.

O espírito gemeu e sua velocidade aumentou. Claramente, estava agitado. Sabia o que estava acontecendo? Queria outro anfitrião? Ou simplesmente estava muito louco para entender?

— Por favor. — Rogou a mulher. — Preciso de você. Preciso tanto de você.

Isso era. Estava disposta. Isso não significava que ela soubesse o que lhe aconteceria se conseguia o que desejava. Durante o primeiro século – ao menos – não haveria restos da pessoa que era. Seria totalmente demônio e muitos, muitos humanos sofreriam por causa disso.

— Faça. — Continuou Galen. — É o que quer. O que necessita. Tudo o que tem que fazer é tocá-la e terá alívio. O que poderia ser mais fácil?

Poderia entender o demônio? Perguntou-se de novo. Como guardião da Esperança, Galen podia fazer que algo ou pessoa desejasse um futuro que nunca tivessem querido sem sua influência. Inclusive um demônio. Assim era como tinha formado a seus Caçadores, os convencendo que o mundo seria um lugar melhor sem os Senhores. Uma utopia da paz e a prosperidade.

Enquanto Galen cantarolava persuasivamente, inclusive Strider se viu afetado. Ele queria tocar a mulher. Haveria alívio... Seu futuro estaria assegurado... Melhoria...

O demônio correu para a mulher, mudou de opinião, então se precipitou na outra direção. Oh, sim. Compreendia.

Não o faça, projetou Strider. Queria seu amigo de volta, sim. Mais que tudo no mundo. E em certo modo, o demônio da Desconfiança era seu amigo. Essência de Baden ou não. Mas não queria que seu amigo fosse agasalhado no corpo de seu inimigo.

— Faça isso! — Grunhiu Galen. — Faça isso! Agora.

O espírito deu voltas pelo teto da sala.

Impaciente, Galen elevou as mãos.

— Muito bem. Esquece-o. Pode passar o resto da eternidade da maneira que passou os últimos milhares de anos. Miserável. Faminto. Vazio. Vamos. — Estendeu a mão para libertar a mulher de suas ataduras.

Houve outro grunhido, depois um gemido, e então o espírito se moveu de novo como dardos de uma esquina a outra, ganhando velocidade, até não ser mais que um borrão. Caía... Caía... E finalmente se chocou contra o estômago da mulher.

Se não tivesse estado amarrada, teria se machucado, tão intensa foi a súbita surra. Surra que aumentava com cada segundo que passava. Ela grunhiu e gemeu, com espasmos nos músculos, suas feições contorcendo-se. Então começaram os gritos.

Não. Os deuses o amaldiçoaram, não. Strider quase caiu de joelhos.

Galen sorriu com um malvado sorriso de satisfação.

— Parece. Ao fim. Agora tudo o que temos que fazer é esperar e ver se sobrevive.

A porta da sala se abriu e um grupo de seus seguidores partiram em seu interior. Tal sincronização perfeita. Deviam ter estado observando por monitores nas imediações.

— Retornamos ao templo, Grandioso? — Perguntou um à frente.

A resposta de Galen se perdeu enquanto a visão vacilava, então desapareceu por

completo.

O tempo pareceu repentinamente suspender-se, presos em fios de horror e comoção.

Sabin foi o primeiro em sacudir-se.

— Que infernos acaba de acontecer?

O que aconteceu? As portas do inferno acabavam de se abrir, as repercussões do que acabava de ver repentinamente *reais*. Se a mulher sobrevivesse, os Caçadores estariam agora saindo por seu sangue, como Strider tinha temido. Já não se contentariam simplesmente ferindo os Senhores. Desejariam morte. E se seus demônios fossem liberados, esses demônios seriam capturados, emparelhados com alguém novo, e Galen poderia construir um exército demoníaco de imortais todos sob seu comando.

— Traz as imagens de volta. — Ordenou Maddox. — Mostre-nos o que segue à posse.

— Tal tom não o fará ganhar nada mais que descontentamento, Violência, posto que seu inimigo quer o que você quer. A Haste de Partir. — A Tácita abriu os braços, as unhas tão longas que se retorciam de volta aos dedos. — Nós escolheremos a quem outorgar uma bênção.

Maddox apertou a mandíbula antes de inclinar a cabeça.

— Minhas desculpas.

— O que querem de nós? Nomeia-o, e é seu. — Ao Strider não importava o que desejavam. O daria.

Ela sorriu, como se não esperasse nada menos.

— Se deseja adquirir a Haste, nos trará a cabeça de seu rei.

Houve outro golpe de horrorizado silêncio.

— Espere. Quer... A cabeça de Cronos? — Gwen deu uma olhada sobre os Senhores. — O rei dos *deuses*?

— Sim. — Nenhuma vacilação.

Strider *poderia* lhes dar isso? O rei dos deuses o tinha ajudado a ganhar em várias batalhas. O rei dos deuses estava de seu lado e faria qualquer coisa para destruir Galen e os Caçadores. Assim... Matá-lo? Matar ao mais poderoso imortal que jamais viveu? E se falhasse, fazer um inimigo dele?

— Como se supõe que faremos isso? — Exigiu Kane.

— Disse a vocês que não seria simples. Mas apesar de que ele é um deus, e lhe destruir provaria ser a mais difícil tarefa de sua existência, é muito parecido a vocês. — Replicaram os Tácitos. — Mais do que se deram conta. Usem o conhecimento em sua vantagem.

Kane sacudiu a cabeça, e uma mecha de cabelo lhe golpeou no olho.

— Mas está em nossa equipe.

— Ele está? — Outra risada cruel. — Não acredita que os matará no momento que já não precisar de vocês? Além disso, se não nos trouxerem sua cabeça, seu inimigo o fará. E receberá nosso prêmio.

Os olhos de Strider se abriram como pratos, outra resposta finalmente caindo em seu lugar. Por *esta* razão Galen tentaria conseguir a cabeça de Cronos. Isto era o porquê Danika havia predito o que fez.

Não podiam permitir a Galen ganhar o favor destes seres. As consequências

poderiam ser muito grandes, muito mais que irritar Cronos. Merda. Maldição! Merda. Não havia um palavrão que parecesse o suficientemente forte.

— Por que o querem morto? — Perguntou Strider. Como Sabin sempre dizia, o conhecimento era poder. Talvez na resposta, pudessem encontrar a redenção.

Os dentes da criatura rangeram.

— Nos fizeram escravos e não vamos tolerar esse destino. Certamente o compreendem.

Compreendiam-no, sim. Durante muito tempo, tinham sido escravos de seu demônio. Mas não havia salvação em sua resposta. Estes seres estavam decididos. Não se deixariam influenciar.

O que aconteceria se fossem libertados? Vagar sem restrições? Nada bom, isso podia adivinhá-lo.

— Necessitam tempo para pensar nisso. — Continuou ela. — Tempo lhes daremos. E para provar nossas magnânimas intenções, inclusive lhes daremos outro presente. Desfrutem. Sei que nós o faremos.

Uma misteriosa cara sorridente foi à última coisa que Strider viu antes que ele e outros se vissem transportados a outro lugar, uma selva... Com Caçadores repentinamente os rodeando.

Capítulo Oito

Olivia e Legion circularam uma a outra. Quando o pequeno demônio atacou, Olivia desviou e Legion bateu na parede. Agora, Olivia estudou seu inimigo. Ela já tinha visto este tipo de ser – um lacaio, também conhecido como demônio servo – ser derrotado antes. Todos os anjos já tinham visto, mesmo aqueles cujo único objetivo era levar paz e alegria para o mundo. Mas claro, ela nunca lutou com um.

Destruí-los nunca pareceu realmente uma batalha para os anjos guerreiros, entretanto. Não mesmo. Eles apenas estendiam seus braços e suas espadas de fogo apareciam. Uma vez que aquelas chamas – que não tinham sido criadas no inferno, pelo contrário, surgiu da boca de sua divindade, sua respiração muito mais quente do que as chamas que os demônios tanto amavam – entravam em contato com as escamas, o demônio se desintegrava. Bem, isso não seria nada parecido com aquilo.

Kaia e Cameo ainda estavam no chão, ainda contorcendo-se, suas peles agora tinham uma leve sombra verde. Como um anjo, Olivia teria sido capaz de acalmá-las, atraindo a dor para si e a despachando. Mas como ela estava presa neste corpo débil, ela não podia fazer nada.

Nada mais do que assistir. E lutar.

Se ela esperava sobreviver, ela precisava daquilo que ela nunca tinha experimentado ou adotado antes: fúria. Era isso que fortalecia os seres humanos, afinal. Não era? Eles pareciam se expandir, destruir, *vencer* quando sediavam esta emoção.

Então... O que a deixava furiosa? O tempo que passou no inferno, definitivamente.

Pensamento que a fazia preferir arrancar seus olhos, Olivia permitiu a memória

de seu tempo no inferno se jogar dentro de sua mente. As chamas... O cheiro... Aquele lodo, aquelas mãos vagando por seu corpo... As náuseas agitaram seu estômago, medo e repulsa se misturavam com a primeira faísca de fúria. Depois disto, o instinto tomou conta e o choque com Kaia e os maus tratos a Cameo entraram na briga, o medo paralisante. Apenas, felizmente, o medo.

— Você morre nesse dia, anjo.

As mãos dela se enrolaram em punhos. *Eu sou forte.*

— Você nunca poderá ficar com Aeron da forma que deseja demônio. — Ela disse, sabendo que a verdade em sua voz tinha que ser desagradável para uma criatura que se levantou entre mentiras. — Eu te digo isso não para ser cruel, mas...

— Cale-sse. Cale-sse. — Legion balançou o braço, mostrando as garras.

Olivia curvou as costas, inclinando-se fora do alcance. Sem asas para equilibrar, ela tropeçou e quase caiu no chão.

— Aeron me amaa. Ele me dissee.

A maior parte de sua fúria foi drenada, e não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso. Compaixão enraizada dentro dela, assim como estava a necessidade de proporcionar felicidade ao invés de desgosto. Mas elas desejavam a mesma coisa, ela e Legion.

— E é verdade. Ele te ama, mas não como um homem ama uma mulher. Ele te ama como um pai ama uma filha.

— Não. — Um passo forte. Um assobio. — Eu casarei com ele um dia.

— Se este fosse o caso, eu provavelmente não teria desistido de todo o meu estilo de vida para vir aqui salvá-lo. — Machucar emocionalmente o demônio era seu objetivo. Por alguma razão, Aeron gostava da... Coisa. Mas Olivia sabia como os demônios agiam e sabia que Legion a vedaria e minaria a menos que a fizesse compreender. — Eu já dormi em sua cama, enrolada a seu lado.

Legion não a acusou de mentir. Como poderia? Anjos não podiam mentir, e o pequeno demônio sabia disto. Em vez disso, ela parou e ficou boquiaberta com Olivia, sua respiração irregular, superficial. Mais veneno escorria de suas presas.

— Você quer o que não pode ter. Você inveja e você deseja. Esta é a sua natureza. — Olivia disse. — E eu entendo esta natureza agora melhor do que nunca, porque é a mesma razão que me trouxe aqui. Eu invejo e desejo. Mas o que você não entende é que você ter deixado o inferno para ficar com Aeron o sentenciou a morte. *Você* é a razão pela qual eu fui encaminhada a ele. Você é a razão pela qual eu fui ordenada a matá-lo. Você é a razão pela qual outro assassino será encaminhado em meu lugar. — Ela atraiu uma respiração. — Você é a razão pela qual ele morrerá.

— Não. Não! Eu matarei o próximo anjo sujo assim como eu planejo te matar.

Este foi o único aviso que Olivia teve. Num momento Legion estava na sua frente, no próximo estava em cima dela, e elas estavam caindo... Caindo, caindo. Olivia sentiu o peso de seu impacto, seu crânio rachou contra o parapeito da lareira e o oxigênio empurrava em seus pulmões como o calor de um míssil rastreador. Luzes brilhantes piscaram sobre sua visão, mas não o suficiente para obscurecer as presas descendo na direção de seu pescoço.

Lysander iniciou o treinamento para seus novos deveres de guerreira no mesmo dia que o dourado apareceu em suas asas, então Olivia sabia mover a palma de sua mão no queixo de Legion e impelir, fazendo as presas rangerem dolorosamente.

Ela nunca apreciou a ideia de combater demônios. Especialmente quando Lysander disse que os guerreiros deveriam se distanciar de sua tarefa completamente, deixando apenas uma determinação endurecida levar suas preces. Poderia ela?

Um choque frio floresceu em seus dedos e se espalhou em seus braços... Em seu peito... E este frio entorpeceu mais do que medo desta vez, destruindo o que restava de sua fúria, juntamente com a compaixão e repugnância.

Sim. Ela poderia, ela percebeu. *Chocada.*

Faça o que precisar, uma voz sussurrou em sua cabeça. Você é o anjo. Ela é o demônio. Deixe seus instintos te guiar. Deixe a sua fé fluir por você.

Por um momento, ela pensou que Lysander estava a seu lado. Mas, então Legion rosnou, tirando-a de seu sentimento de alívio, e não importava. Olivia estava pronta. Ao invés de usar emoções que ela não tinha experiência nenhuma, ela permitiu o que era natural para ela, a fé e o amor, consumi-la como a voz havia instruído. *Esta* era a verdadeira força.

Com um movimento de seu braço, ela jogou Legion do outro lado do quarto. O demônio bateu na parede e deslizou até o chão. Todo o tempo, aqueles olhos vermelhos permaneceram focados nela.

Levante-se. Agora.

Olivia se levantou e a pressionou contra a lareira. A nova posição limitava a amplitude de seu movimento e ela precisava de algo para equilibrá-la quando...

Legion saltou contra ela.

Olivia se abaixou e mais uma vez o demônio bateu contra a parede. Quando ela ricocheteou para trás, o ar polvilhado de gesso encheu o nariz de Olivia fazendo-a tossir. Ainda assim, ela não hesitou em chutar e impulsionar Legion para baixo. Fé – ela poderia vencer isso. Amor – o bem versus o mal. O calcanhar de Olivia deve ter passado em algum corte, porque as escamas carmesins escoaram do peito do demônio.

— Eu não permitirei que você me machuque demônio.

— Você não será capaz de me immpedir.

Novamente Legion pulou. Novamente ela se jogou contra Olivia, agarrando-a como uma videira. Dente prendendo e unhas agarrando. Olivia socou a esquerda, direita e para frente, trabalhando com o joelho entre elas para manter a distância, mas mal conseguindo se manter ereta. Legion moveu a cabeça de um lado para outro, para evitar o impacto, mas ela nem sempre foi bem-sucedida. As bochechas racharam. Seu nariz foi quebrado.

Do outro lado da sala, um vidro quebrou. Em seguida um vulto escuro alado estava lá. Com um olhar selvagem procurando... Pousando sobre as duas mulheres ainda lutando. Aeron. O olhar deles se encontraram, e o tempo repentinamente parecia suspenso. Seus lábios foram puxados para trás com uma carranca apertada, e suas tatuagens eram tão escuras que pareciam sombras em sua pele.

Uma bolha de excitação atravessou Olivia e ela perdeu o foco. Sua mão se chocou com a boca do demônio, uma área que ela tinha evitado; Legion tomou proveito e mordeu; as presas afiadas cortaram profundamente, o grosso veneno escorrendo em linha reta em suas veias.

Olivia gritou. A queimadura, como ácido, sal e fogo... Oh, Divindade. A mão dela estava se transformando em cinzas, sem dúvida. Mas quando ela olhou para

baixo, viu que a carne foi simplesmente cortada e sangrava, estava um pouco inchado.

— Olivia. — Aeron gritou correndo para ela.

Seus joelhos cederam e ela deslizou para o chão, não mais capaz de segurar o seu próprio peso. Ela apertou sua mão ao peito, respirando de repente com muita dificuldade. A dor era muito intensa, como ter suas asas arrancadas outra vez.

Antes, durante a luta, estrelas surgiram em seu olhar. Agora ela via pontos negros e eles eram mil vezes pior. Eles cresceram e se entrelaçaram, arruinando sua visão e deixando-a na escuridão da solidão e dor.

— O que você fez com ela? — Aeron rosnou, cortando a ilusão da solidão. E mesmo ele estando com raiva, ela ficou feliz com a intromissão.

— Me, me protegendo. — Olivia conseguiu dizer com os lábios trêmulos.

— Não você. — Ele disse e desta vez o tom de sua voz era gentil. Passando os dedos suavemente pela testa dela, tão gentilmente quanto movia seus cabelos de seu rosto.

Apesar da agonia ainda borbulhando crepitante em sua mão, ela lhe ofereceu um sorriso fraco. Aeron talvez não a quisesse na fortaleza, talvez até tenha fugido dela, mas em algum nível ele se importava com seu bem estar. Ele passou por Kaia e por Cameo indo diretamente para Olivia.

Sua nova confiança não fora extraviada.

Houve uma mistura de passos. Então:

— Aeron, meu Aeron. Ela não é naaada. Deixe-a e...

— A única que vai deixá-la é você. Eu te disse para ficar longe dela, Legion. Eu te disse para não machucá-la. — As mãos de Aeron caíram longe de Olivia e ela gemeu, desolada. — Você me desobedeceu.

— Masss... Masss...

— Vá para o meu quarto. Agora. Conversaremos sobre isso depois.

Silêncio. Depois um soluço.

— Aeron, por fffavor.

— Não discuta comigo. Vá. — O barulho de roupas. Ele deve ter se afastado dela. — O que você ela fez com você Olivia?

— Mã.. Mão. — Ela conseguiu dizer com os dentes rangendo. Ela ainda se sentia como se estivesse pegando fogo, e mesmo assim, agora ela estava tão fria quanto gelo. — Mordeu.

Aqueles fortes dedos calejados voltaram para ela, só que desta vez eles circularam seu pulso e levantaram sua mão. Provavelmente para inspecionar o ferimento, mas isso não importava. A ação aumentou a velocidade de seu fluxo sanguíneo, o que aumentou a intensidade da dor e ela choramingou.

— Vou fazer melhorar. — Ele prometeu.

— As outras foram mordidas antes. Ajude-as primeiro, depois me ajude.

Ele não respondeu. Em vez disso ele encaixou seus lábios quentes em torno de sua ferida e começou a chupar. Nisso, ele não foi gentil. Suas costas se arquearam e outro grito foi arrancado dela. Ela tentou empurrá-lo, mas ele permaneceu firme, chupando, chupando, e depois cuspiendo. Chupando, chupando, cuspiendo.

Gradualmente a dor diminuiu. A sensação de queimadura esfriou e o frio retrocedeu, e ela caiu no chão como uma boneca. Só então Aeron parou.

— *Agora* eu vou cuidar dos outros. — Ele disse roucamente.

O preto desapareceu de sua vista e ela olhava vagamente como ele caminhou para Cameo e deu-lhe o mesmo tratamento, chupar o veneno da ferida no pescoço e cuspi-lo. Quando a mulher guerreira finalmente melhorou, suspirando de alívio, voltou suas atenções para a Harpia.

Quando ele estava cuspendo o ultimo bocado, a porta do quarto abriu e dois guerreiros correram para dentro. Paris e William. Os dois analisaram o ambiente, armas em punho. Paris empunhava algum tipo de arma de fogo. William, duas lâminas.

— O que está acontecendo? — Paris perguntou. Torin nos encaminhou mensagens dizendo que você invadiu a janela de Kaia.

— Ótimo momento para chegar. — Aeron respondeu secamente.

— O que? — William disse todo inocente. — Nós te fizemos um favor, dando um tempo. Nós pensamos que você estava no meio de um sexo bizarro.

— Eu vou... Matar... Aquela maldita puta. — Uma obscura Kaia se arrastou para levantar. — Ela me mordeu. Ela fodidamente me mordeu.

— Eu cuidarei dela. — Aeron disse. Sua expressão era sombria, mas não menos determinada. — Não você.

Kaia apontou um dedo no peito de Aeron e se levantou nas pontas dos pés, mas mesmo assim não estavam cara a cara.

— Não, você vai mimá-la como sempre faz.

— Eu cuidarei dela. — Ele repetiu firmemente.

— Pare tudo. Eu perdi uma luta de mulheres envolvendo quatro delas. *Então*, eu descubro que alguém foi mordiscado. — A atenção de William passou a Olivia, que ainda estava deitada no chão. — Por favor, diga que o nosso pequeno e doce anjo é o vigarista. Isso me fará a querer tão mais.

Aeron rosnou baixo em sua garganta, fechou a distância e se agachou ao lado de Olivia.

— Saia daqui, *Willy*. Você não é desejado ou solicitado.

— Eu não teria tanta certeza. — William bufou.

— Ao invés de permitir que Aeron te mate, eu explicarei o que aconteceu enquanto saímos. — Cameo esfregou a mão no seu rosto antes de posicionar seu braço em espera.

William apenas arqueou a sobrancelha. Um Paris carrancudo caminhou para frente, apertou a mão dela e a puxou em pé.

— Obrigada. — Ela murmurou com um olhar irritado para William.

Ele deu de ombros.

— Você não é meu tipo, então não sinto necessidade de ajudá-la.

Ela rolou seus olhos.

— Toda mulher é seu tipo.

Aquilo deveria ter feito todo mundo no lugar rir, mas trágica como a voz de Cameo era, todo mundo se encolheu.

Aeron levantou Olivia. Boa coisa. Toda energia a tinha abandonado. Seus músculos ainda tremiam, lembrando-lhe os tremores de um terremoto. Sem dizer uma palavra aos outros, que não saíram como o planejado, ele a transportou até o hall.

— Toda vez que eu tropeço em você, você está ferida. — Disse Aeron.

Verdade, mas ela não iria pedir para ele se afastar.

— Eu suponho que tenho que lhe agradecer por me salvar.

— Você supõe, anjo? — Ele bufou.

Certo. Não havia suposição, mas de forma alguma ela admitiria isso. Ele a tinha chamado de anjo. Novamente. O que significava que ele ainda a via como ela fora antes, não como ela era agora. Ele precisava perceber que ela deixou sua doçura para trás, com o seu manto.

— Com esta atitude, — Ela disse. — você não receberá nenhum agradecimento da minha parte. Nunca.

Não houve resposta.

Ela lutou contra uma onda de decepção.

— Então? — Ela solicitou.

— Então o quê?

Homem impossível.

— Agora você assume que eu sou fraca e facilmente quebrável?

Novamente, ele não respondeu. O que significava que, sim ele assumia. Ela franziu a sobrancelha. Por mais que ele odiasse fraqueza, ela nunca conseguiria ser capaz de trabalhar rumo à cama dele – com ele nela e nu, isso – se ele continuasse pensando assim.

Ela teria que encontrar uma forma de provar o quão forte ela realmente era.

As palavras *fé* e *amor* mais uma vez vagaram a deriva em sua mente. Ela duvidava que ele estivesse pronto para qualquer uma delas, todavia. E, além disso, ela não o amava. Será que ela? Ela apenas não sabia. O que ela sentia por ele era diferente do que ela já sentiu por qualquer outra pessoa, mas ela nunca amou alguém no sentido romântico.

Tudo o que ela realmente sabia sobre este tipo de amor era que isso significava estar disposta a morrer por outra pessoa. Como Ashlyn tinha estado por Maddox. Como Anya quase morreu por Lucien. Estaria *ela* pronta para morrer por Aeron? Não. Ela não acreditava estar. Ela não ofereceu tal comprometimento ao Conselho quando teve a oportunidade, algo que eles talvez considerassem. Sacrifício sempre ganhou uma recompensa.

— Para onde você está me levando? — Ela perguntou mudando de assunto. Ela ainda estava grogue pelo ocorrido. Mais que isso, Legion estava no quarto dele e Olivia ao estava preparada para outro confronto. Se era para lá que ela a estava indo, então...

— Meu quarto. — Ele disse, e o estômago dela se fechou.

Ugh. Ele estava.

— Mas...

— Legion não está lá. Como sempre ela me desobedeceu. Eu a senti deixar este plano de existência.

Os olhos de Olivia se arregalaram de surpresa. Ela sabia que eles estavam ligados, mas aquilo... Uau.

— Você está conectado a ela neste grau?

Ele balançou a cabeça.

Talvez Legion estivesse certa. Talvez ela devesse estar com Aeron. O pensamento era como uma injeção de ácido nas veias de Olivia. Ela mesma queria

mais que o conhecimento de Aeron, queria mais que amizade. Ela queria ser sua amante. Isso nunca esteve tão claro quanto agora, neste momento, com os braços dele em torno dela a segurando bem perto. Enquanto o coração dele golpeando contra a orelha dela e seu hálito quente caminhando sobre sua pele. Mas ela não o compartilharia com Legion, não importa o quanto ela o desejava.

Você não tem que fazê-lo. Você é uma mulher confiante e agressiva agora, e vai atrás do que você quer.

Verdade.

— Eu lamento que ela a tenha machucado. — Disse rispidamente Aeron, surpreendendo-a. — Ela é apenas uma criança, e eu...

— Espere. Eu vou te interromper aqui. — Mesmo ela gostando de ouvi-lo se desculpar. — Legion não é uma criança. Ela não é tão mais jovem do que você.

Por um momento, ele só piscou para ela.

— Mas ela é tão inocente.

Inocente. Agora Olivia foi a única a bufar.

— Que tipo de vida você levou para considerar aquele pequeno demônio inocente?

Seus lábios se contraíram quando ele bateu um lance de escadas. Seu peso não parecia incomodá-lo.

— É só que... Ela balbucia, eu acho. E sua alegria em se vestir e brincar de princesa.

— Ela passou sua vida no inferno, rodeada pelo mal, com almas sendo torturada em cada canto. Claro que se vestir é divertido para ela, mas isso não significa que sua mente seja infantil. Ela te ama Aeron. — Foi o que ela disse. Legion morreria por ele? — Ela te deseja da forma que uma mulher deseja um homem. Não há dúvidas quanto a isso,

Ele parou no meio do outro corredor, um pé levantado no ar. Ele inclinou a cabeça, até que seus olhares se encontraram, suas íris violetas selvagens.

— Você está errada. Ela me ama como um pai.

— Não. Ela planeja se casar com você.

— Não.

— Sim. Você me ouve e sabe que digo a verdade.

Um músculo de sua mandíbula moveu.

— Se o que você diz é correto...

— É verdade. Novamente, você ouve a verdade em minha voz.

Aeron engoliu a seco, sacudiu a cabeça como se para desalojar a ideia. Pelo menos ele não tentou negar desta vez.

— Eu vou falar com ela, dizer que um relacionamento amoroso não é possível. Ela vai entender.

Apenas um homem pode enganar-se de tal maneira.

Ele voltou a se movimentar, em silêncio agora. Em sua porta, ele abriu caminho para dentro. Olivia ficou tensa, mas certa de que Legion não estava em nenhum lugar visível. Ela suspirou com alívio quando Aeron a deitou sobre o colchão macio.

— Aeron. — Disse ela, não pronta para deixá-lo ir e suspeitando que ele tinha a intenção de fazê-lo.

— Sim. — Ele permaneceu no lugar, pairando sobre ela e alisou a mão pelo cabelo dela.

Ela quase ronronou quando ela sentiu o toque.

— Eu não quis dizer aquilo antes. Quando eu disse que não o agradeceria. Eu realmente agradeço a sua ajuda.

O que você está fazendo. Ele nunca a verá como potencial amante se você constantemente lembrá-lo de sua natureza angelical.

— Bem, sim. — Claramente desconfortável ele tossiu quando se endireitou. — Você se machucou em qualquer outro lugar? — Ele não esperou pela sua resposta, mas lançou um olhar completo sobre ela. Talvez esse tenha sido o seu primeiro olhar completo em sua roupa nova, porque seu queixo de repente caiu. — Você... Você...

Talvez seu status de amante em potencial não fosse impossível, depois de tudo.

Confiante.

— Não é bonito? Kaia me ajudou.

Agressiva. Ela alisou as mãos para baixo, por seus seios, barriga e quadris, desejando que ele a estivesse tocando. Um arrepio irrompeu sobre sua pele. Ah, agora isso era uma surpresa. Foi bom. Muito, muito bom. Ela teria que se lembrar de se tocar assim novamente.

— Bonito. — Ele disse com uma voz grossa, quente. — Sim.

— O que você acha da minha maquiagem? — Quando o olhar dele a encontrou, ela traçou seus lábios com o dedo. — Eu espero que a Legion não a tenha estragado.

— É... Bonita. — Novamente sua voz estava grossa e quente.

Aquilo era bom ou ruim?

Será que importava? Ela o queria; ela decidiu ir atrás dele. Ela o teria.

Lambendo seus lábios – e sentindo o sabor de coco, humm – ela se sentou, sustentando seu peso sobre o cotovelo e alcançando o Aeron com o outro. Ela colocou a palma de sua mão sobre o coração batendo dele. Parte dela corou com tanta ousadia, gritando para retroceder. A outra parte gritava para alisá-lo, para continuar.

Para conseguir uma grande alegria, ela lembrou a si mesma, muitas vezes você tem que sair da sua zona de conforto.

Então saia já.

— Você pode me beijar se quiser. – *Por favor, por favor, deixe ser o que ele quer.*

Por um momento, ele parou de respirar. Pelo menos, o peito dele parou de se mover. Um incêndio irrompeu em seus olhos, ampliando suas pupilas e seus músculos se contraíram sob o controle dela.

— Eu não deveria. Você não deveria. Você é um anjo.

— Caído. — Ela o lembrou. Novamente. — Eu poderia ter morrido no outro dia. Eu poderia ter morrido hoje. Em ambos os casos eu teria morrido sem saber o seu gosto. Que pena seria, considerando que é tudo o que eu sempre realmente desejei.

— Eu não deveria. — Ele repetia, inclinando-se... Inclinando-se. Infelizmente, ele parou antes de fazer contato.

Ela tentou não gritar de frustração. Quão perto ela chegou de finalmente realizar seu desejo?

— Diga-me o porquê. — Assim ela poderia destruir cada uma das razões.

— Eu não preciso de distração. — Pelo menos ele não se afastou. — Eu não preciso de uma mulher. Eu não preciso de *nada*.

Não havia como refutar isso. Nunca um homem tinha sido mais firme sobre permanecer sozinho. Então ao invés de argumentar, ela simplesmente disse:

— Bem, eu *preciso* de uma distração. — E deslizou sua mão até o pescoço. Ela não sairia da zona desta vez, correria.

Determinada, ele o puxou para baixo.

Ele poderia ter resistido. Ele poderia tê-la impedido. Não o fez. Ele se permitiu cair em cima dela. Ficaram assim por um longo tempo, simplesmente olhando um para o outro, seu corpo a pressionando para baixo, nenhum deles capaz de recuperar o fôlego.

— Aeron. — Ela finalmente disse.

— Sim?

— Eu não sei o que fazer. — Ela admitiu, todo o anseio que ela sentia emanava das palavras.

— Talvez eu seja um tolo, mas eu assumo a partir daqui. — Respondeu ele e reivindicou a boca dela com a sua própria.

Capítulo Nove

Ela estava fraca, praticamente humana. Pior do *que humana*, Aeron lembrou-se enquanto suas línguas se entrelaçavam, mas ele não conseguia importar-se. Mais tarde, ele faria isso. Mais tarde ele iria se arrepender, mas agora, tudo o que ele queria era... Ela. Olivia. A mulher que sua pequena Legion desprezava, uma mulher que acabara de conseguir que sua bunda fosse estapeada – embora, se ele fosse honesto, ele teria que admitir que ela estava segurando o seu próprio até que ele distraído percebeu – e uma mulher que ele ia chutar para fora da fortaleza muito em breve.

A maneira como ela se ela conseguia que Ira se acalmasse e se encantasse o deixava inquieto, tirando-o de seu jogo. Mesmo agora, o demônio ronronou, apreciando o que estava acontecendo. Ansioso pelo que estava por vir.

Tolo.

Olivia era uma distração que ele não podia pagar. Ele não mentiu sobre isso. Ele não podia perder tempo se preocupando com ela, e quando ela se colocasse em apuros – e ela o faria. Ela não seria capaz de ajudar a si mesma. A mulher estava determinada a se “divertir”, pelos deuses.

Qualquer outro homem teria sido capaz de ajudá-la com isso, pensou em seguida, as mãos deslizando por ela e puxando os lençóis. Olhe para William. William sexualmente-feliz. Bastardo.

Meu. O anjo é meu.

Ira? Reivindicando alguma coisa? Risível.

Não é seu, e certamente não é meu.

Mas, oh, como ele desejava o contrário. Em sua nova roupagem, ela expunha a pele deliciosa e curvas perigosas. Ambos eram pecados por si mesmos, pura tentação que ninguém poderia esperar para resistir. Nem mesmo ele. Ela queria um beijo e

algo dentro dele que tinha exigido que ele o desse a ela. Pela primeira vez, ele não tinha forças para afastá-la. Só tinha sido capaz de pressionar os lábios juntos, abrir seus dentes com a língua, e receber. Tomar sua doçura, ter a sua inocência. Tomar tudo o que podia do beijo.

E o inferno, o gosto dela... Ela tinha gosto de uva doce, apenas um pouquinho azeda, enquanto a língua timidamente procurava a sua. Seus mamilos estavam duros e a cada poucos segundos ela arqueava para cima, para esfregar seu núcleo contra sua ereção. Em contraste, as mãos deslizavam pelo seu cabelo cortado e ficou macio, o beijo delicado dela.

Ela seria uma amante doce, assim como ele sempre preferiu.

Ele nunca tinha entendido porque alguns dos outros guerreiros gravitou para as mulheres que arranhavam e mordiam e ainda batiam durante o mais íntimo dos atos. Nunca quis fazer isso antes. Por que trazer a violência do campo de batalha para o quarto? Não havia nenhuma razão boa o suficiente. Não para ele.

As amantes do passado de Aeron, as poucas que ele permitiu-se ter, esperavam mais intensidade dele do que ele tinha sido disposto a dar. Provavelmente porque ele se parecia com um motociclista, era um guerreiro e assassino confesso, e recuou a partir do nada. Mas ele não tinha permitido que o pressionassem para ir mais rápido ou mais fortemente.

Primeiro, ele era muito forte e elas muito fracas. Ele poderia facilmente quebrá-las. Segundo, mais e mais rápido poderia ter despertado seu demônio e Aeron se recusava a participar de um trio com uma criatura que, por vezes, não conseguia controlar. Novamente, ele poderia quebrar suas parceiras, passando de amante a carrasco.

Exceto... Se ele fosse completamente honesto consigo mesmo, havia um desejo pequeno que fosse, para pressionar Olivia a passar todos os limites, para chocá-la sobre a borda de seu próprio senso de controle, tanto que ela iria atacar e defender e fazer qualquer coisa necessária para alcançar seu clímax.

O ronronar de Ira aumentou em volume.

O que estava errado com ele? O que estava errado com seu *demônio*? Com tanta interação, Aeron deveria temer ferir Olivia mais do que ele jamais temeu ferir outra. Ele não temia. Ele aprofundou o beijo, tomando mais do que ela provavelmente estava disposta a dar.

Sim. Mais.

A voz de Ira era um sussurro, mas ainda o trouxe de volta para a realidade; ele levantou a cabeça de Olivia.

Não estou à beira da sede de sangue. Você deveria ficar quieta.

Mais!

Mesmo que o demônio fosse sempre silencioso ao redor de Legion, seu bebê acalmando-o da mesma forma que Olivia fazia, Ira nunca quis beijá-la.

Por que respondia assim a Olivia, então? Um anjo?

Precisamos desacelerar, respondeu ele, sem saber o que mais dizer.

Como uma criança petulante negando o seu doce preferido, o demônio gemia. *Mais do paraíso. Por favor.*

Mais... Do paraíso? Os olhos de Aeron se arregalaram. Claro que sim. Para Ira,

Olivia deveria representar um lugar em que o demônio nunca teria sido bem-vindo, dado ser aparentemente inatingível. Embora, para ser honesto, Aeron nunca tinha suspeitado que o demônio desejasse visitar a casa dos anjos. Anjos e demônios eram inimigos, afinal.

E talvez ele estivesse errado, mas nada explicava a afeição do demônio... Por ela.

— Aeron? — Suas pálpebras se abriram, seus cílios grossos e negros, a moldura perfeita para os magníficos olhos azuis. Seus lábios estavam molhados e vermelhos, e ela lambeu-os devagar. — Seus olhos... Suas pupilas... Mas você não está com raiva.

O que tinham as pupilas?

— Não, não estou irritado. — Por que ela pensaria isso?

— Você está... Excitado, sim? — Aqueles lábios curvados em um sorriso lascivo, poupando-o de ter que responder. — Então por que você parou? Estou fazendo algo errado? Dê-me outra chance, por favor, e prometo que vou pegar o jeito.

Ele se retraiu um pouco mais e piscou para ela.

— Este é o seu primeiro beijo? — Ele sabia disso.

Eu não sei o que fazer, ela disse antes. Mas a verdade não o tinha realmente atingido até agora. Anjos ficavam totalmente inocentes, mesmo nisso? Não é de admirar que Bianka tivesse escolhido permanecer no céu com Lysander. Isso era... Inebriante.

Olivia concordou. Então, surpreendentemente, ela ofereceu-lhe um outro sorriso.

— Você não poderia dizer? Você pensou que eu era experiente?

Não inteiramente, mas ele não queria estragar sua excitação. Além disso, ele gostava de sua inexperiência um pouco demais. Ele gostava de ser o primeiro, o único. Gostou da possessividade agora o inundando e consumindo.

A possessividade que estava tão errada em tantos níveis.

— Talvez devêssemos...

— Fazê-lo novamente. — Ela se apressou. — Concordo.

Inocência e ânsia, embrulhados em um pacote tão bonito. Oh, sim. Intoxicante.

— Não é que eu ia dizer. Talvez devêssemos parar. — Antes que desse muito mais do que um beijo.

Antes de introduzir a si – e a Ira – no céu. Um céu que eles jamais desejariam deixar.

— Só desta vez... — Acrescentou ela, como se ele não tivesse falado. — Quero ficar em cima. Eu sempre quis experimentar isso. Bem, desde que te conheci.

Ela foi mais forte do que parecia e conseguiu deixá-lo de costas, pressionando o algodão fresco em sua pele nua. Sem permissão à espera, ela montou sua cintura. Sua saia era tão curta que subiu até as coxas e deu uma espiada proibida em sua calcinha. Era azul desta vez, como a blusa, e pequena. Muito, muito pequena.

Sua boca encheu de água, e ele pôs as mãos sobre os joelhos dela, afastando-os e esfregando-os contra a sua construção antes que ele pudesse parar a si mesmo. Doce paraíso. Droga, droga, droga. Paraíso. Ele não deveria estar fazendo isso.

Mais.

Gemendo, ela inclinou a cabeça para trás, e seu cabelo sedoso comprido fez cócegas em seu estômago. Seus seios arqueados para frente, seus mamilos ainda duros e visíveis através de sua camisa.

Claramente, ela não estava usando sutiã.

Isso não o agradava.

Seu olhar encontrou o dele, queimando sua alma.

— Eu não estava brincando quando disse que precisava de uma distração. Atacar Legion fez-me lembrar do que os outros demônios fizeram para mim. E eu quero esquecer, Aeron. *Preciso esquecer.*

— O que fizeram com você? — Ele se viu perguntando, mesmo que tenha dito a si mesmo que ele não se importava em saber uma vez.

Um pouco da onda de paixão a deixou, entorpeceu o lindo diafragma, e ela balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso. Quero te beijar.

Ela se inclinou para baixo, mas ele virou a cabeça.

— Diga-me. — Descobrir, de repente era mais importante do que ter prazer.

— Não. — Seus lábios mergulharam em silêncio.

— Fale. — Ele saberia a verdade e que a vingaria. Simples assim.

Ira rosnou em acordo.

Um grunhido escapou do anjo, surpreendendo os dois.

— Quem teria pensado que um homem prefere conversar do que fazer ... Outras coisas.

Seus dentes se juntaram. Mulher teimosa.

— Mesmo se nós nos beijarmos, eu não vou fod - dormir com você. — Disse ele.

O aviso de Lysander escolheu aquele momento para ecoar em sua cabeça. *Não a desgrace. Eu vou enterrar você e todos aqueles que você ama.*

Ele endureceu. Como poderia ter esquecido essa ameaça?

— Eu não pedi para você dormir comigo agora, pedi? — Soou. — Como eu disse, eu só queria mais um beijo.

Talvez fosse verdade. Talvez não fosse. Sim, a voz dela alegou que era, mas ele se recusou a acreditar. Não *queria* acreditar nisso. Não que ele jamais fosse admitir algo assim em voz alta. Se fosse dormir com ela como *ela* tão claramente quis, ela esperaria mais. As mulheres sempre esperam mais, quisesse ele ou não. E mais, ele não poderia lhe dar. Não apenas por causa de seu mentor poderoso. Complicações, ele lembrou a si mesmo. Ele não precisava disso.

Mais!

— Se eu te beijar de novo, — Disse, pensando: “*cala a boca, cala a boca*”. — eu não vou te abraçar depois. — Um beijo não era “mais”, disse a si mesmo. Um beijo não era algo que a sujasse. Um beijo era apenas um beijo, e ela estava em cima dele, pelo amor de Deus. — Não vai mudar nada entre nós. — Melhor que ela entendesse isso agora. — Além disso, espero que você me diga o que fizeram com você.

Barganhando? Sério? *Que maneira de resistir.* —

— Eu sou uma mulher, confiante, agressiva, então tudo bem com não mudar nada entre nós. — Disse ela com um casual - forçado? - encolher de ombros. — Dar uns amassos não é prioridade absoluta, de qualquer maneira. Mas falar sobre o que houve? Não posso prometer.

Será que esta mulher – confiante-e-agressiva – realmente não ligava de estar ao

seu lado e abraçá-lo apertado uma vez que seus lábios se separassem? Será que ela realmente queria lhe dar um beijo e nada mais? Isso o encantou. Verdadeiramente. Isso não o desapontou. Nem um pouco.

— Agora, só quero usar sua boca e seu corpo. — Ela acrescentou ficando vermelha. Não tão confiante quanto parecia, talvez? — Mas não se preocupe. Vou só esfregar um pouco. Então, se acabamos esta conversa, eu gostaria de chegar. — Apesar de sua decepção – uh, prazer absoluto – que ela estava disposta a beijá-lo sem esperar mais nada, o fogo deflagrou no seu sangue, forte e se espalhando. Logo suas veias eram como rios de lava, todos os músculos apertados e prontos, queimando. Usar seu corpo? Por favor, por favor, por favor.

Eu disse mais!

Que uma estranha mistura de inocência e do hedonismo era ela.

Que uma estranha mistura de relutância e entusiasmo era *ele*.

Ele deveria parar com isso agora, finalmente, antes que as coisas ficassem fora de controle.

Controle. Dane-se. Ele precisava de um pouco de exercício e de agir racionalmente, em vez de convencer-se sobre estar dentro e fora dela. Na verdade, ele precisava falar a si – e a seu demônio – a sair disso uma última vez e depois ir embora.

— Como você me lembrou, você poderia ter morrido hoje. — Disse ele sombriamente. Bom. Nada o perturbava mais do que os pensamentos de morte. — Você é facilmente quebrável. Exceto isso.

— Então?

— Então?

Ele só podia balançar a cabeça. Como os humanos que ele sempre observou, ela não parecia ligar. Ela não estava de joelhos, implorando por mais tempo e, obviamente, não tinha planos de fazer isso. Seu maxilar cerrado dolorosamente. Ela deveria estar implorando.

— Acabamos a conversa agora? — Perguntou ela, vermelha novamente. — Se não, eu acho que eu poderia me tocar um pouco mais. Eu gostava antes. Talvez eu goste de novo. — Sem esperar pela sua resposta, ela apertou os seios e gemeu. — Oh, sim. Eu gosto.

Talvez ela não estivesse corando, apesar de tudo. Talvez ela estivesse apenas lavada com prazer.

Ele engoliu em seco.

— Não, não acabamos. Por que você não tem medo de morrer?

— Tudo e todos têm um fim. — Disse ela, ministrações carnavais incessantes. — Quero dizer, você estará morto em breve, e apesar de detestar esse pensamento, você não me verá chorar por isso, também. Sei o que vai acontecer, e aceito o que não pode ser mudado. Estou tentando viver, enquanto puder. Enquanto *pudermos*. Insistir sobre o mal é o que destrói toda a pitada de alegria.

Ele sentiu um músculo contrair sob seus olhos.

— Eu não vou ser morto.

Ela acalmou, algum brilho desvanecendo de sua expressão. Ele tentou não lamentar a perda.

— Quantas vezes tenho que dizer? — Disse. — Você não será capaz de vencer o

anjo enviado para matá-lo.

— Diga-me uma coisa, então. Você deu sua imortalidade para se divertir e imediatamente veio a mim. Isso significa que espera que eu supra essa diversão. Por que você faria isso, por que você desistiria tanto e confiaria em mim tão fortemente se irei ser destruído?

Ela ofereceu-lhe um sorriso triste.

— Eu preferiria estar com alguém por um curto período de tempo do que não estar por nenhum tempo.

Sua alegação lembrou-o do que Paris tinha dito na outra noite, e ele se irritou. Não estava errado nisso. *Eles* estavam.

— Você parece um amigo meu. Um homem muito tolo.

— Então tola sou eu por não escolhê-lo em seu lugar. Melhor um tolo que joga o jogo do que aquele que permanece à margem.

Ele mostrou os dentes em uma carranca.

Nem pense em ficar com outro, quis rosnar.

Ira também entrou em erupção. Não sobre a Olivia, mas Paris. O demônio passava imagens da cabeça do guerreiro em uma bandeja – sem seu corpo.

Aeron ficou imediatamente sóbrio.

Oh, não, não. Você vai deixar Paris em paz.

Ela é minha.

Não, minha, ele agarrou, então percebeu o que fez. *Quero dizer, ela não pertence a nenhum de nós. Eu já lhe disse isso. Agora você vai calar a boca?*

— Acabou a conversa agora? — Um dos dedos Olivia desceu por seu abdômen e circularam seu umbigo. — Ou vamos deixar essa conversa mais interessante? — Ela mordiscou o lábio inferior, considerando-se. — Oh, sei que nós podemos discutir. As pessoas podem mesmo morrer de prazer?

Oh droga, não. Ela não havia perguntado isso.

Não a desonre.

— Nunca saberemos. — Sentou-se, o que significava atirá-la de lado e deixá-la aqui. Sozinha. Acordada, mas sozinha. O desejo de matar seu amigo não tinha amenizado sua necessidade, nem lembrou da ameaça de Lysander. A retirada era a sua única outra opção.

— Bem, você talvez não, mas eu prometo que vou descobrir.

Ele congelou. Quão longe se este anjo iria para descobrir a verdade? Como a questão deriva por sua mente, seu pênis pulsou. A imagem dele saindo, sua própria mão entre as pernas, afundando os dedos profundamente, o consumiu. Queridos... Deuses...

— Não. Você vai se comportar. — As palavras ecoaram dele. — Agora, eu tenho
que
ir.

Fique! Ira ordenou.

Deuses ajudassem, ele o fez. Ele ficou. Tão facilmente como se ele estivesse acorrentado à cama, sua luta foi acabada antes de ter tempo para fortificá-lo.

— Tudo bem. Mas eu realmente desejo... Não. Não! — Ela repetiu com mais força. — Você pode ir quando acabarmos. Só então. — Os braços de Olívia envolveram seu pescoço, suas mãos firmes contra o seu cabelo, as unhas afundando em seu couro cabeludo. — Eu sei o que fazer agora. — Ela sacudiu a boca dela e sua

língua instantaneamente mergulhou profundamente.

Oh, sim. Um estudo rápido.

Seus lábios inclinaram sobre o seu, seus dentes raspando. O calor... A umidade. Consumindo, destruindo a sua resolução. Tudo o que precisava, tudo o que queria a ponto de doer. Perseguindo cada pensamento, menos um de sua cabeça: fim.

Sim. Sim! Mais.

Ela gemeu, e ele engoliu o som decadente. E quando ela se esfregou contra ele, ele podia sentir como ela estava úmida, mesmo através de suas calças. Sua gentileza – desapareceu. Sua hesitação – abolida. Ele arqueou até encontrá-la. Como se isso não bastasse, ele apertou sua bunda e forçou-a a se mover mais rápido, mais forte. Mais profundo.

— Quero tocar em você em todos os lugares. — Ela murmurou. — Eu quero provar tudo.

— Eu primeiro. Eu...

Não. Não, não, não.

Não a desonre, não a desonre.

Ela beliscou seu caminho para o queixo, então para baixo, sugando no pescoço para facilitar a mordida.

Sim, por favor. Desonrá-la o dia inteiro, a noite toda.

Mais, Ira exigiu novamente.

Mais. Sim. Mais. Não! Dane-se. Ameaçá-la, Ira. Isso vai me fazer fugir da sala, certamente.

Mais.

É que a única palavra que você conhece?

Mais, porra.

Aeron rosnou. Ninguém queria colaborar hoje.

— Por que eu? — Rolou sobre Olivia, fixando-a embaixo novamente, o que não significava parar a loucura, mas lambe o buraco entre o pescoço e o ombro. Esse pulsar martelando parecia muito delicioso para ignorar. Tolo. Demônio estúpido. Mulher linda.

Mãos que procuram por sua própria vontade, ele amassou os seios. Maldito erro. Eram perfeitos, os mamilos mais firmes do que ele percebeu.

Manter a conversa. Tire as mãos.

— Devo ser tudo que o seu tipo despreza. — Afinal, suas más obras foram gravadas sobre o seu corpo para o mundo inteiro ver.

— Você é a bondade que eu conheço e a alegria que peço. — Ela enrolou as pernas em torno dele, fechando qualquer sugestão remanescente de distância. — Como não gostar disso?

Merda, merda, merda.

Outro ajuste perfeito.

— Eu não sou bom. — Não em relação a ela. Não em relação a qualquer um, realmente. Se ela soubesse de metade das coisas que ele fez ou metade das coisas que faria, estaria fugindo dele. — Como posso ser alguém como você? Você é um anjo. — Um anjo que tentava como nenhum outro.

Paraíso.

— Caído. Lembra-se? E eu estou um pouco cansada de ouvir você dizer o *meu*

tipo e alguém como eu. É irritante. E você sabe como é difícil irritar um anjo? Mesmo um dos caídos? — Suas mãos vaguearam sobre suas costas, ao longo das fendas que escondiam suas asas. Ela sondou o interior, encontrou as membranas delicadas. — Me desculpe se o meu castigo fere seus sentimentos, mas... Não. Eu não estou arrependida! — Ela acariciou.

Um rugido de êxtase entreabriu os lábios. Ele tinha que chegar à cabeça e agarrar a cabeceira para abster-se de agarrar algo ou de puncionar, tão inebriado que o influxo súbito de prazer o deixou. Maldito. Estava condenado. Não haveria resistência agora.

O suor escorria sobre a sua pele e seu sangue quente ainda numa outra temperatura. Ninguém jamais... Essa foi a primeira vez que alguém tinha... Como sabia fazer isso?

— Outra vez. — Ordenou.

Mais, Ira concordou.

Novamente, os dedos Olivia passavam por suas asas escondidas. Novamente ele rugiu na bem-aventurança, não conseguiu recuperar o fôlego. Com esse primeiro toque, o seu pensamento tinha se espalhado. Com o segundo, eles tinham alinhado, um eco da sua necessidade.

Terminar.

Mais do que um beijo? Claro que sim. Ele daria a ela.

Mais, mais, mais.

Olivia levantou a cabeça e balançou a língua sobre um de seus mamilos.

— Hummm, eu sempre quis fazer isso. — Ela lambeu novamente. E mais uma vez. Mas logo que era suficiente, e ela mordiscou o mamilo duro com os dentes.

Aeron deixou-a mordê-lo. Algo que ele nunca permitiu a uma outra mulher fazer. Ele estava perdido demais para detê-la, e *parte dele* não quis detê-la. Parte dele, como seu demônio, só queria mais. Claro, *ele todo queria*. Ao inferno com o controle.

Suas atenções se voltaram para seu outro mamilo. Não lambeu dessa vez, só mordia. Ele ficou surpreso ao encontrar-se inclinado para a mordida, antecipando-se, ansioso. Para sua surpresa, o recurso não foi um lembrete de Ira, de vingança, como ele sempre pensou que seria. Não era nem uma lembrança de sua primeira vez com uma mulher, como ele também assumiu. Uma vez que ele preferia esquecer. Foi uma declaração de excitação de sua parceira, intensa incontrolável.

E ainda queria mais. Mais rápido.

Mais!

Ele lançou na cabeceira da cama e rolou mais uma vez, colocando Olivia em cima. Ela traçou seu caminho até a barriga, raspando as unhas na sua pele, o roçar de suas calças ecoando em seus ouvidos. Ele segurou a bainha de sua camisa e puxou sobre sua cabeça, libertando aqueles seios magníficos. Ele tinha apenas tocado antes, a camisa era uma barreira odiosa, mas agora ele viu os mamilos como ameixas foscas. Fome, ele tinha fome. Ele mudou o seu olhar, antes de erguê-la, devorado. Sua barriga era maravilhosamente suave.

Ah, sim, macio, ele pensou quando ele espalhou os dedos em sua pele quente. Suas mãos tatuadas eram quase obscenas sobre uma mulher tão delicada, mas ele não pode forçar-se a afastar. *Onde está a sua valorizada força agora, hein?*

Foi embora, como seu senso de controle.

Seus dedos entrelaçaram os dele e ela olhou para o contraste que eles faziam. Inocência e malícia.

— Lindo. — Ela suspirou.

Ela achava isso?

— Vou fazer um piercing, eu acho. — Disse, traçando um dedo em torno de sua mão.

Seu olhar se disparou para o rosto vidrado de paixão.

— Colocar piercing onde?

— No meu umbigo.

— Não. — *Imaculada*. Uma joia linda brilharia contra sua pele e puxaria seus olhos para lá, constantemente. Encheria sua boca de água. Faria com que ele quisesse por a língua lá. Depois descer mais. Sujando-a. — Você não vai fazer isso. Você é um anjo.

— Caído. — Seu sorriso foi lento e perverso. — Pensei que tínhamos acabado essa conversa. Especialmente desde que estávamos fazendo algo que eu gostava muito, muito mesmo e eu queria fazer novamente. Degustação. — Ela fugiu para trás de suas pernas e lambeu seu umbigo, girando a língua em algumas de suas tatuagens.

Gemendo, Aeron se relaxou sobre o colchão. Aquela língua safada estava quente, os seus dentes ainda mais afiados, mas nada que ele não estivesse viciado à sensação deles.

Mais. Um apelo dele neste momento. Talvez todos houvessem sido apelos seus.

Até que... Os dedos trabalharam no botão de seu jeans e realmente entraram.

Você vai terminar.

Ele não podia permitir isso, lembrou a si mesmo. Muito estava em jogo.

Odiou a realidade.

Racional. *Seja racional*. Ele agarrou os pulsos dela para impedi-la.

— O que está fazendo? — Será que esse tom lhe pertencia?

— Eu quero ver o seu... — Ela lambeu os lábios, bochechas coradas de novo. — O seu pênis.

Ele quase engasgou com a língua.

Honrada. *Racional*. —

— Então eu quero chupar. — Ela acrescentou, um ligeiro tremor nas palavras.

Queridos... Deuses... Ele pensou novamente. Alguém precisava dizer a Lysander que ela já estava meio suja – da forma mais deliciosa – e não seria culpa de Aeron, se ele completasse o trabalho.

— Você não vai fazer isso comigo.

Idiota!

Veja só. Seu demônio sabia outra palavra.

Ela mexeu um dos dedos safados pelo seu estômago e ao redor de seu mamilo, com a mão trêmula, como sua voz.

— Mas eu quero. Muito.

— Você é um anjo. — Ele lembrou-lhes tanto pela milésima vez, sacudindo a cabeça para dar ênfase. E ele pode ser um assassino, mas ele não era um devasso.

Você poderia ser. O demônio?

Deuses, ele queria ser.

— Não. — Ele disse, mais uma vez para o benefício de todos.

Dele, Olivia e Ira.

Agora volte para o seu canto, ele gritou para o demônio. *Você não é mais bem-vindo aqui*. Mesmo que Ira tivesse estado em seu melhor comportamento.

— Argh! Quantas vezes eu tenho que lhe dizer? Eu caí.

— Sim, mas eu não serei responsável por sua ruína.

Estreitando os olhos, ela bateu um punho em seu peito.

— Ótimo. Como uma mulher, confiante e agressiva, eu sei que posso encontrar alguém. Queria que fosse você, mas como eu aprendi nestes últimos dias, nem sempre conseguimos o que queremos. William flertou comigo, penso eu, e é claro que ele gostaria de... Você sabe. Sexo.

Quando ela levantou-se dele, como se realmente pretendesse seguir com sua ameaça – e talvez ela pretendesse, a onça pouco determinada, apesar do vacilo na palavra sexo, provando que não estava tão confiante e agressiva como ela queria que ele acreditasse – a rosar de ódio irrompeu dele e ele a agarrou pelo braço. Ele a jogou de costas para o colchão.

William não iria tocá-la. Nunca.

Quando ela parou de se mover, ele cobriu-a com a plena medida do seu peso.

— Só porque eu não vou deixar você fazer as coisas para mim não significa que eu não vou fazer as coisas para você. Eu já estou arruinado. — Enquanto falava, ele deslizou a mão na coxa. Macia... Quente...

Minha.

Outra alegação de Ira, mas ele não podia protestar neste momento. Automaticamente separou seus joelhos. Morno? Não. Quente. Ele afastou a calcinha dela dirigindo-se para o coração dela. Ela era perfeita e molhada, pingando. Seu polegar, sacudindo-se agora, pressionado em seu ponto doce.

— Sim. — Ela ofegou. — Sim. Isso é muito bom... O que eu tinha imaginado... — Seus olhos se fecharam e ela cravou as unhas em suas costas.

Longe de suas asas, mas mesmo assim foi um estimulante para ele. Ele tinha a intenção de inserir um dedo dentro dela, mas seu grito de espanto... Louvor... Carinho... Seu desejo foi mais uma vez em espiral a novas alturas, e na verdade ele empurrou dentro dela.

Cuidado. Ela não pareceu se importar, entretanto. Não, ela parecia gostar.

—Sim—. Um gemido neste momento. Esfregou seu joelho contra o seu quadril. —Mais.

Desamparado, senão para obedecer – seria sempre assim com ela? – ele colocou um segundo dedo. Ela se contorcia e debulhou e ele pensou que ela poderia até ter desenhado o seu sangue. Seu pênis não estava livre, agradecia aos deuses, ou naquele momento, o teria socado dentro dela.

Ou melhor. Seu pênis não estava livre, *deuses amaldiçoados*, ou naquele momento ele teria socado dentro dela.

Dentro dela. Ele queria enfiar dentro dela muito mesmo.

Depois disso, depois que ela entrou em erupção em seus braços, gritando, implorando e dizendo o seu nome, ele tinha que se livrar dela. Ela causou muitos problemas, embaçou o senso comum, o distraía.

Impoluta, lembrou ele. *Leve-a para a cidade imaculada*.

Mantenha-a, Ira lamentou.

Eu lhe disse para ficar quieto, ele arrebentou. Ele não precisava de uma guerra com seu demônio, assim como com suas próprias necessidades.

E por que Ira estava tão falador? Ele perguntou novamente. Mais uma mulher, não menos, ao invés da punição de alguém. Sim, ele já descobriu que o demônio gostou do que Olivia representava. Paraíso. Estranho pensamento esse. Mas essa insistência...

Era o demônio mais parecido com ele do que percebera? Tanto gosto e desgosto que fizeram, como mataram. Ele sempre assumiu que o demônio apreciou a mania de sangue – e os resultados que se seguiam. Mas e se Ira sempre tivesse sido tão indefeso como Aeron? Tão desesperado pela absolvição?

— Aeron?

— Sim. — Ele respondeu, a voz de Olivia colando-se à sua cabeça.

— Você se acalmou. — Disse ela através de sua respiração ofegante. — Eu preciso de mais. Continue, por favor.

Revertendo a seu senso de decoro. Encantador. Mas ele não quis ouvi-la pedir-lhe mais, que só enfraqueceu a sua resolução. E ele não queria ouvir Ira, também.

Ele silenciou-lhes da única maneira que podia. Ele pressionou a boca para Olivia e beijou-a.

Ele se referia às coisas suaves, como estava acostumado, como poderia segurar, mas ela não estava com nada disso e levantou-lhe ao encontro, sua língua dançando contra a dele, seus dentes contra o seu deslizamento.

Logo ela estava se contorcendo contra ele novamente, gemendo. Mesmo presa entre seus corpos, sua mão criou túneis dentro de sua calça e segurou seu pênis. Ele sussurrou no prazer, na dor. Ela não foi gentil com isso também, e ainda que ela não soubesse o caminho dele, seus movimentos um pouco bruscos, seu toque foi tão bem-vindo, ele encontrou-se movendo em seu abraço. Firme, rápido, incontrolável.

Uma batida soou na porta.

Ele não podia ainda. Ele não podia. Ela manuseou a fenda na cabeça de seu galo, espalhando a umidade, e no espaço de alguns segundos, ele catapultou para além do ponto de retorno. A realidade não se intrometer neste momento.

— Não pare. — Disse a ela.

— É assim... Um pouco... Mais... — Seu aperto apertado. — Aeron.

Novamente ele empurrou de prazer. Ele teve que cortar um rugido quando soou uma outra batida.

— Não se atreva a parar, não! — Olivia gritou, em seguida, sua língua estava para trás dentro de sua boca, unhas em cima dele, segurando os joelhos aos seus lados.

Dentro e fora, ele ergueu os dedos. Seu aperto ainda mais apertado, puxando sua pele, mas, pelos deuses, a queimadura era boa. Tão bom. E quando o polegar encontrou novamente seu clitóris, ela gritou, alto e bom som e com tanto prazer que uma onda de orgulho o inundou – e com o orgulho veio a liberação dele.

Uma liberação tão completa que ele não se importava que estivesse jorrando em todo o seu estômago. Não se importava que estivesse gritando palavrões e batendo a mão livre na cabeceira e rachando a madeira. Não importava que o que ele tinha feito poderia amaldiçoá-lo aos olhos de Lysander.

Uma terceira batida reverberou, Aeron desabou em cima de Olivia, sua força totalmente esgotada. Ofegante, suando, rolou para o lado dele para que não a esmagasse.

— Tudo bem. — Disse ela após um momento, cedendo para o colchão. — Agora posso riscar um item da minha lista para fazer. Bom trabalho, e obrigada. Sei que os outros homens gostam de carinho, mas acho que você mencionou anteriormente que você não quer fazer isso, então...

Dispensado, ele pensou, arregalando os olhos. Assim mesmo.

Inferno. Não. Ele só estava se inclinado na direção dela, pronto para empurrá-la em seus braços e forçá-la a afagá-lo, quando outra batida reverberou. Carrancudo agora, frustrado, colocou o lençol em torno dela, bateu a seus pés e seguiu até a porta. Alguém estava prestes a morrer.

Capítulo Dez

Quem esteve aqui?

Um Aeron nu abriu a porta, e Olivia assistiu-o descaradamente. Aquela linda borboleta voou em cima de suas costas e ela tinha tocado. Na verdade, sua pele estava com vergões e sangrando onde ela o arranhou. Talvez ela devesse se envergonhar disso. O que não aconteceu. Ela estava orgulhosa. Ela marcou. Marcou o homem que ela cobiçou. E ele respondeu, ele tinha gozado. Queria fazê-lo novamente. Só que, ela queria fazer mais. Ir fundo.

Intrusos estúpidos.

Quem esteve aqui e o que queria? Se não fosse uma questão de vida ou morte, Olívia esperava que caísse da escada logo em seguida.

O pensamento violento, tão diferente dela, deu-lhe uma pausa. Ou talvez a violência não fosse tão diferente dela. Era nova e melhorada, depois de tudo.

E a Olivia nova e melhorada poderia – poderia – ter feito Aeron mudar de ideia sobre esse carinho ao mencionar subitamente o quanto outros gostavam disso. E, para ser honesto, abraçar soou mais agradável naquele segundo. Calor, força e apelo sexual selvagem, todos envolvidos em torno dela.

Talvez na próxima vez. Se houvesse uma próxima vez. Ele parecia tão certo de que este seria um negócio de uma vez só.

— O quê? — Aeron grunhiu. Seu corpo grande bloqueou sua visão, assim Olivia não podia ver quem era.

— Ouvi alguns gritos. — Cameo pisou ao lado e deu uma olhada dentro do quarto, finalmente respondendo à pergunta silenciosa de Olívia. A guerreira viu a desordem em Olivia, e sua boca abriu de espanto.

Olivia apenas sorriu e acenou. Ela não ficou constrangida com o que tinha acontecido com Aeron. Bem, não muito. Ela estava mais eufórica. Tinha desistido de tudo que já tinha conhecido pela experiência de estar aqui e os prazeres da carne, então as inibições não iriam ser toleradas.

Além do que, ao longo do tempo, ela viu os humanos fazerem todo tipo de coisas. Sexo drogas. Tanto bem, tanto mal. O que ela tinha feito tinha sido bonito.

Não havia nenhuma vergonha nisso.

— Você está bem. — Olivia disse.

— Você também. — Se a voz de Cameo não fosse tão triste, Olivia pensou que poderia ter ouvido o tom de riso.

— Olhos em mim, Cam. — Aeron disse, visivelmente irritado por algum motivo. — Por que você está aqui?

Cameo o encarou, contraindo os lábios.

— Torin assistiu algumas cenas que ele gravou na noite passada e peguei um vislumbre dos Pesadelos. Até onde ele poderia dizer, ela entrou em um prédio e nunca mais saiu.

— Do que você está falando?

— Sua Garota Sombra. Olivia disse-nos que ela é possuída pelo demônio dos Pesadelos. Enfim, vamos à cidade, uh... — O seu olhar dirigindo-se incisivamente a Olivia. — Conversar com ela. Está dentro ou fora?

Aeron enrijeceu, e houve uma onda de silêncio. Então ele disse:

— Não. — E olhou por cima do ombro para Olivia. — Não fique confortável. Você vai conosco. Enquanto estivermos lá, vamos encontrar um lugar para você ficar até que você decida onde você quer viver para sempre.

O quê? Ele ainda pretendia se livrar dela? Depois de tudo o que tinha feito? Claro, ela disse a ele que não mudaria nada, mas isso tinha sido antes dele mudar tudo. Aquele pouco gosto de prazer não seria o suficiente para ela.

Se agarre novamente nessa cama. Você pode fazer isso de novo.

— Desculpe, mas não posso fazer isso. Eu provavelmente quase morreria de novo. — Disse ela, e ela quase sorriu quando seus olhos se arregalaram. O homem tinha um grave problema com os pensamentos de sua morte, esperando a cada esquina. — Acho que vou ficar aqui. — E você vai gostar, ela projetou-se para ele. Algumas pessoas não sabem o que eles precisavam para ser felizes. Claramente, Aeron era um deles. Ela só teria que instruí-lo, como já havia planejado.

Ele massageava a parte de trás do seu pescoço.

— Nós conversamos sobre isso, Olivia. Você não pode ficar aqui. Não importa o que aconteceu entre nós.

— Ok. — Ela jogou as pernas para o lado da cama e ficou de pé, arrastando o lençol com ela.

— Então você está indo para a cidade comigo? — Ele perguntou, obviamente suspeitando.

E com raiva e alívio. Que combinação estranha de emoções.

— Claro que não. — Colocar um pé na frente do outro, enquanto os joelhos tremiam foi difícil, mas ela conseguiu fazê-lo. Sem cair.

Ela pensou em Aeron antes – oh Deidade, doçura, seu calor, sua força – e sorriu enquanto fazia o mesmo para Cameo, que piscou para ela.

Ela parou no corredor quando um pensamento lhe ocorreu.

Olhando para Aeron por cima do ombro, ela disse:

— Estou indo explorar a sua fortaleza. Oh, e Aeron. Quando você não encontrar Pesadelos, cujo nome é Scarlet, a propósito, por favor, não volte para casa e desconte seu mau humor em cima de mim. A menos que você queira me beijar melhor. Isso seria aceitável.

Ela não queria esperar por sua resposta, mas passou pelo canto.

— Olivia. — Ele chamou.

Ignorando-o, ela continuou. Ela sentiu que ele queria discutir com ela. Seu corpo ainda estava vibrando com ondas de prazer que ele tinha dado a ela, argumentando que iria estragar.

— Olivia! Você está praticamente nua.

Nua? Ela ficou estática, olhou para o lençol caído sobre seus seios nus e engoliu em seco. A nudez parcial era aceitável quando estava com Aeron, mas não se estivesse ao redor de outros. E isso não tinha nada a ver com falta de confiança, assegurou a si mesma.

Estar com Aeron havia ajudado a apagar da memória o que tinha acontecido no inferno, sim. Mas, também, nada sobre as duas experiências era parecido. Aeron procurava o prazer; os demônios procuraram a dor. Ainda assim. Ver a luxúria no olhar de alguém podia trazer essas lembranças de volta à vida.

Com um suspiro, ela correu para dentro do quarto, ignorando Aeron e sua expressão enfurecida sem comentários. Cameo já havia se afastado. Olivia deixou cair o lençol, pegou sua camisa e puxou-a sobre a cabeça. Felizmente, ela ainda estava vestindo a saia e a calcinha.

— Melhor. — Disse com um aceno de cabeça.

— Não, não está. Não para o que estamos prestes a fazer. E sim, eu estou dizendo que você vem comigo.

Ela fechou a distância entre eles, levantou-se na sua ponta dos pés e beijou sua bochecha.

— Te vejo depois. E por favor, tenha cuidado. — No final do corredor, passou novamente.

— Olivia.

Ela o ignorou, atenção concentrada nas muitas portas à frente. Ela espreitou a cabeça para a primeira, na incerteza do que iria encontrar. Claro que sim. Uma sala de treino. Ela deveria ter adivinhado, mas quantas vezes ela esteve aqui, secretamente, seu foco foi a Aeron.

— Olivia. — Ele chamou, e desta vez parecia resignado. — Ótimo. Fique. Tanto Faz. Não me importo.

Mentiroso. Pelo menos ela esperava que ele estivesse mentindo.

O segundo cômodo, ela viu, estava vazio. No terceiro, ouviu vozes flutuantes antes que ela chegasse à porta. Não se permitindo ser dissuadida por medo ou insegurança, espreitou para dentro.

Era um quarto, como o de Aeron, só que não havia nada rosa ou laços. Paredes escuras, moveis de metal em vez de madeira, e, de todas as coisas, uma estação de karaokê no canto. Uma mulher estava sentada ao lado de uma cama grande, lendo para um homem que descansava em cima do colchão.

Olivia deve ter feito barulho, por que o homem levantou o olhar sobre ela. Ele tentou levantar, mas a mulher protestou.

— Gideon. O que você está fazendo? Deite-se!

Gideon. Olivia submeteu seu cérebro. Guardião da Mentira?

— Estou descansando. — Ele resmungou para fora. — Nós estamos sozinhos.

Oh, sim. Ele realmente era o guardião da mentira, incapaz de dizer uma única

verdade, sem sofrer a dor severa. Ele também era muito, muito bonito, com cabelo azul, olhos elétricos e um piercing na sobrancelha. Mas ele estava visivelmente ferido. Ataduras brancas envolviam seus pulsos onde suas mãos deveriam estar.

Confiante. Agressiva.

— Desculpe interromper... Só estava na passando. — Verdade. — Sou Olivia. — Disse, acenando. Embora este demônio lhe desse arrepios como Torin, ela não gritaria para sair ou fugir. Antes, ela havia sido ferida e perdida para as terríveis memórias. Agora, seu corpo era mais forte – ou tão forte como um corpo humano poderia ser. Ela podia lidar com isso. — Estou com Aeron.

Isso não era mentira. Ele era um dos motivos que a trouxeram aqui. Ela acabara de beijá-lo enquanto ele estava deitado na cama e oh, seu coração ainda precisava se acalmar sobre isso. Ela nunca o tinha visto fazer isso com outra mulher.

Assim mesmo, sua mente imersa sobre o que tinha acontecido. Uau. Apenas uau... Enquanto seu corpo era duro como uma rocha, sua boca era suave como uma pétala de rosa. Suas mãos haviam se movido sobre todo o seu corpo, ela se esfregou em sua ereção massiva, e os dedos grandes tinham estado dentro dela. O prazer... O calor... O abandono surpreendente... Ela nunca havia experimentado nada parecido.

Agora ela sabia. Você realmente *poderia* morrer de prazer.

Ele tinha gosto de hortelã, doce e picante; juntos, eles tinham sido o afrodisíaco perfeito, oprimindo os sentidos. A compleição tornou-se sua única fonte de sobrevivência.

— Você é o anjo. — Disse a mulher com um sorriso acolhedor, tirando-a de seus pensamentos.

— Sim. Caído, mas sim.

Gideon relaxou contra o seu travesseiro.

— Maravilhoso.

— Não dê atenção a ele. Ele está mal-humorado de tédio. Sou Ashlyn, aliás. — Ashlyn tinha cabelos dourados, olhos dourados, e parecia tão delicada como uma íris. — A mulher de Maddox.

— Maddox, guardião da Violência. — Disse Olivia. Um homem gigante com cabelos pretos, olhos violeta, idênticos aos de Aeron e de um temperamento aparentemente indomável. — Você é casada?

— Na nossa própria cerimônia privada. — Ashlyn respondeu vermelha. Ela se levantou. — Ele não é tão ruim, aliás, juro. — Suas mãos alisaram a barriga mais arredondada. — Ele é um querido, uma vez que você o conhece.

Olivia não se conteve. Caminhou para a frente e colocou suas mãos sobre a barriga. As fêmeas grávidas sempre a tinham atraído, por que ela sempre soube que ela nunca iria ter filhos, ela mesma – um outro o desejo secreto. Os anjos foram criados, não nascidos, por isso mesmo que ela experimentasse o desejo físico com outro de sua espécie, não teria concebido.

Agora que ela era humana... Talvez houvesse uma possibilidade.

Com Aeron? Uma menina pode sonhar. Por um momento, ela imaginou como seriam as crianças deles. Eles não iriam nascer com todas as tatuagens, claro, e isso era uma pena, mas eles poderiam ter seus olhos violeta lindos, e até suas asas. Todos deveriam experimentar as alegrias da fuga, ao menos uma vez. Talvez seus filhos tivessem mesmo a casca grossa de Aeron e sua determinação, deixando-a louca e ao

mesmo tempo a encantando.

Ela suspirou, voltando a sua atenção para a tarefa.

— São fortes, seus gêmeos. — Disse, sabendo que as mães abençoavam essas notícias. — Fogo e gelo. Você vai ter suas mãos cheias, mantendo-os longe de problemas, mas você será mais feliz com eles.

A mandíbula de Ashlyn caiu e por um bom tempo, ela simplesmente piscou até a Olivia mais alto.

— Gê... Gêmeos? Como você sabe que eu terei gêmeos?

Oh, não. Ela havia estragado a surpresa, não foi?

— Saber o que cresce no ventre de uma mulher é um dom todos os anjos possuem.

— Isso... Isso simplesmente não pode ser. — Sua pele empalideceu por um segundo, tornando-se mesmo esverdeada. — Há apenas um ser dentro de mim. Quero dizer, estou progredindo normalmente. Certo?

Quanto a dizer a ela? Apenas o suficiente para acalmá-la, talvez.

— Não. Você está progredindo lentamente. Seus filhos são imortais e precisam de uma gestação muito mais longa. Mas não se preocupe. Como você me prometeu, agora eu prometo a você. Os dois, seu filho e sua filha, são saudáveis.

— Um filho? Uma filha?

Ótimo. Ela arruinou outra surpresa.

Com a mão trêmula, Ashlyn tirou uma mecha de cabelos cor de mel do rosto e colocou atrás da orelha.

— Preciso deitar. Preciso ligar para Maddox. Eu... Eu... — Seu olhar selvagem balançou a Gideon. — Você se importaria se...

— Sim. — Disse ele, sorrindo. — Eu me importaria.

Ela exalou pesadamente.

— Obrigado. — Como se ela estivesse perdida em um transe, a bela Ashlyn saiu da sala, não dando a Olivia outro olhar.

— Sinto muito. — Olivia disse. Por mais de um motivo. Agora ela estava sozinha com Mentira. Uma situação na qual ela nunca havia pensado em se encontrar. Ferido como estava, no entanto, ela não podia deixá-lo. — Será que você, ah, quer que eu continue a história? — Perguntou ela. Não esperando uma resposta, ela levantou o livro que Ashlyn havia deixado para trás – ohhh, um romance, como é decadente! – e tomou o lugar da mulher.

— Eu adoraria que você lesse para mim. — disse ele. — A sua voz não é... Assustadora.

Significando que ele não iria adorar e que era assustadora. *Rejeitada.*

Ela abanou páginas do livro, fazendo o melhor para esconder sua decepção.

— O que você está ouvindo é uma camada de verdade. Não há nada que eu possa fazer sobre isso. Bem, exceto mentir, mas isso não é algo que eu queira fazer. Tem um gosto horrível. Depois, elas são muito complicadas. Magoam sentimentos, causam brigas.

— Sim, não sei nada sobre isso. Mentiras são impressionantes. — Disse ele, mas ela sabia que estava concordando com ela. Não havia inveja em seu tom. — Eu desejo... Nada. Não desejo nada.

Coitado. Ele tem vontade de um monte de coisas.

— Então. Você ainda quer que eu o deixe?

— Sim.

— Excelente. — Progresso. — Posso ler agora?

— Sim. — Disse ele novamente. — Eu prefiro não falar.

Oh. Ainda sem romance para ela, então.

— Sobre o quê?

— Sobre você. Não tenho desejo de saber por que você está aqui.

— Então você pode me ajudar? — Ela perguntou, esperançosa. De medo à necessidade? E tão rapidamente. Talvez tivesse provado a profundidade do seu desespero para ter sucesso.

— Claro. Porque não?

Escolhendo ignorar a mentira – talvez ele simplesmente achasse que não poderia ajudá-la, mas se surpreenderia – Olivia disse a ele sobre sua decisão de queda, o que esperava ganhar e os progressos que fez com Aeron. Foi bom, ter um espectador imparcial para compartilhar. Alguém que não iria julgá-la.

— Então você o odeia? — O guerreiro perguntou, e ela sabia que ele queria dizer amor.

Amor. Será que ela amava Aeron?

— Não. Sim. Talvez. — Ela ainda não sabia. — Penso nele o tempo todo. Quero estar com ele, dar-me a ele completamente. Você sabe, sexualmente. — Acrescentou ela ficando vermelha, caso ele não entendesse. Confiante. — Ele disse que não iria fazer sexo comigo, apesar de tudo.

— Merda. Pouco esperto, o nosso Aeron. — O sorriso de Gideon era lento para formar, mas perverso e sensual por isso. — Olha, aqui está um pequeno conselho inútil. Não considere aparecer em seu quarto à noite – e não faça muito barulho para ele não a mate, pensando que você é o inimigo. Ah, e não esteja nua.

— Excelentes sugestões, obrigada. — Disse ela, iluminando-se. Ela chutou os pés sobre a cama. Ela ainda usava botas de couro pretas que brilhavam a luz. — Os homens gostam da nudez, eu notei. Aeron não quer que ninguém veja meu peito...

A versão – nova e melhorada – poderia se envergonhar ainda, ela percebeu.

— Você está muito errada. Ah, e, Olivia? Nessa posição, não posso ver sua calcinha. — Disse ele, claramente se divertindo.

Confiante, você está confiante.

— Você gosta dela?

Ele piscou, surpreso, claro que esperava que ela mudasse de posição.

— Eu odeio.

— Sério? — Isso não foi constrangedor, ela decidiu, que era de habilitação. — Deseja-a como um souvenir? Já que eu pretendo seguir o seu conselho e me enroscar nua na cama com Aeron, eu não vou precisar mais dela.

Gideon gargalhou.

— Nããão. Eu não quero. Odiaria tê-la como lembrança. E não apenas porque tenho certeza que Aeron ficará emocionado ao saber que tenho a calcinha de sua namorada.

Namorada de Aeron. Uma mentira, do ponto de vista de Gideon, mas ela poderia ter derretido em uma poça.

— Então ela é sua. Vou dar a você antes de ir embora.

Isso lhe fez rir de novo.

— Eu não gosto de você de maneira nenhuma, querida. Nadinha.

Ela sorriu.

— Digo o mesmo. Portanto, agora que eu te falei de mim, fale-me dele. Aeron. Quer dizer, sei quem ele é, mas não sei nada sobre seu passado. Quero entendê-lo. Alcançá-lo. Ajude-o a parar se preocupar com a minha morte. — E aceitar a sua própria.

— De jeito nenhum. — Significando: *certamente*.

Gideon moveu-se na cama. Uma mecha de cabelo azul tinha ficado presa na cabeceira da cama, e puxou-a com seu movimento. Ele fez uma careta, chegou-se, mas foi incapaz de soltar um único fio com os pulsos enfaixados. Seu rugido frustrado a levou a agir.

Ela baixou as pernas, inclinou-se e delicadamente alisou o cabelo gratuitamente.

— Melhor?

— Não. — Ele murmurou com rispidez.

— Bom. Gosto do azul, por sinal. Talvez eu tinha o meu. — Ela empurrou o pensamento para o fundo da sua mente, considerar mais tarde. Junto com o piercing no umbigo. Agora, queria aprender sobre Aeron. Quem ele tinha sido, o que o formou.

— Esquecendo Aeron... Por onde você não quer que eu comece?

— Sei que vocês guerreiros foram expulsos do céu para a Grécia antiga. Ouvi as histórias sobre os tormentos que vocês causaram, matando humanos inocentes, torturando, invadindo, saqueando, destruindo tudo o que encontravam, e assim por diante.

Ele deu de ombros.

— Você ouviu errado. Tínhamos o controle total dos nossos demônios e não perdemos a sede de sangue. E quando finalmente perdemos o controle, a culpa pelo que tínhamos feito, bem, era mínima.

Culpa. Um fardo terrível para carregar. E do que ela sabia destes senhores, eles levavam muito mais do que qualquer pessoa jamais deveria ter que suportar. Eles mereciam a paz, ela decidiu. De uma vez por todas.

— Aeron não era um guerreiro, — Gideon continuou. — e ainda as suas ações, mesmo quando injustificadas, não o atormentavam – embora eu sempre tenha tido a certeza de que ele odiava o que ele fazia um pouco demais e se amava por isso. Mesmo assim, ele fez a menor quantidade de trabalho, fazendo o resto de nós cometer todos os assassinatos para proteger o rei Deus.

Olivia rapidamente traduziu o significado do que Gideon disse. Aeron havia, por vezes, amado o seu trabalho um pouco demais e odiava a si mesmo por isso, mas também amava seus amigos, então ele tinha feito o seu trabalho, também, poupando-lhes de alguma carga, o que provavelmente foi torturante para ele.

Culpa, pensou novamente. Mesmo assim, ele tinha carregado quantidades massivas da mesma. Ele tinha de gostado ferir a quem magoaria os outros, e tinha provavelmente se considerava tão mal quanto eles.

Antes que ele morresse, antes que ela morresse, ela lhe ensinaria o contrário. Ele não era mau. Ele era um protetor. Não admira que o pensamento da morte dela o incomodasse. Do seu ponto de vista, não teria conseguido protegê-la. O homem doce,

querido.

— Por favor, continue. — Ela suplicou.

Gideon assentiu.

— Todas essas mortes nunca o afetaram, fazendo-o ver a fatalidade em cada esquina. E então, quando nosso inimigo odiado, Baden, não foi decapitado, Aeron viu que imortais poderiam não viver para sempre. Isso não o fez surtar.

Ok, então. As mortes que ele provocou em seu dever lhe tinham dado uma apreciação saudável pela mortalidade, especialmente quando seu querido amigo foi decapitado. Agora, ele esperava que todos ao redor dele morressem, sabendo que não havia nada que ele pudesse fazer para detê-lo – não podia fazer nada para protegê-los, como ela tinha acabado de descobrir.

Para um homem que valorizava a força e o poder, o desamparo deveria incomodá-lo muito. Este deveria ser o motivo pelo qual ele se mantinha tão distanciado de todos, menos Legion. Se ele se preocupasse com menos pessoas, teria que se preocupar com menos pessoas para salvar.

Como então Legion havia passado por suas defesas?

Mais do que isso, como Legion escapou de seu demônio de repreensão? O pequeno amigo tinha vivido uma vida repreensível. Veja o que a criatura tinha feito à inocente Olivia.

— Quanto à Legion... — Disse Gideon, parecendo ler os pensamentos dela. — Acho que Aeron nunca ansiou secretamente por uma família sua, e Legion não lhe daria isso.

Então. Aeron queria secretamente uma família – assim como ela – e Legion daria isso a ele. Mais ou menos. *Eu poderia ser sua família*, da mesma forma, Olivia pensou. Não que ela quisesse ser a madrastra de Legion, mas pelo prazer de ficar com Aeron, poderia endossar até mesmo um título tão hediondo.

— Eu não vejo a ansiedade em seus olhos, meu anjo, e estou muito feliz por isso. Você deve saber que, mesmo no céu, ele preferia mulheres selvagens, e posso sentir que, no fundo, você é selvagem como pode ser – não importa o que você claramente não tenha convencido a si mesma do contrário. Embora Aeron pense que é o que ele quer, eu asseguro, não é que ele precisa.

Ah... Não, ela pensou, de repente desanimada. Aeron preferia as mulheres mansas, mas Gideon pensava que ele precisava de alguém selvagem. Gideon também pensava que, não importava o que Olivia fizesse ou dissesse, ela não era selvagem no coração e nunca seria.

— Por que você está me alertando para afastar-me? Há apenas alguns minutos, você me ensinou a seduzi-lo.

— Minha menina, Aeron não merece um pouco de castigo agora e depois.

Oh. Um pouco de entretenimento. Assim Gideon a considerava.

Ele estava errado. Talvez ela tivesse sido gentil antes – ou fingido ser – mas quanto mais tempo passava nesta fortaleza, mais aprendia sobre si mesma.

Gentileza foi o que ela teve toda a sua vida. Lysander tinha sido gentil com ela. Os outros anjos tinham sido gentis com ela. Ela tinha sido gentil com eles.

Nos braços Aeron, ela tinha a sensação de estar viva. Ela queria mais, queria mais forte, caótico, controle inatingível. Ela queria algo selvagem. Algumas vezes, ele tentou retardar as coisas. Ele tentou suavizar o toque, provando a alegação de

Gideon que ele preferia suave. Ou pensava querer.

Ele implorou para que acariciasse suas asas, ela lembrou, e as carícias tinham qualquer coisa menos meigas.

Ainda assim. Ele não queria que ela colocasse um piercing em seu umbigo. O que ele pensaria quando ela realmente fizesse isso? Quando ela fizesse uma tatuagem, pois ela também pretendia fazer? Talvez uma borboleta. Será que ele não iria sequer querer beijá-la outra vez?

— Essa conversa oficialmente me deprimiu. — Disse ela. — Não que eu não tenha gostado de falar com você. Você me deu os detalhes que eu pedi, e sou grata, mas acho que vou ler para você agora, se estiver tudo bem. Preciso de uma distração antes de ir para a cozinha e experimentar cada garrafa no armário de bebidas. — Isso era o que muitos humanos faziam ao receber notícias de que não gostavam.

— Não é como se pudéssemos fazer as duas coisas. — Disse ele, e apontou para uma série de garrafas em cima de sua penteadeira.

— Sêrio? — Ansiosa, Olivia levantou, atravessou a sala e pegou tantas garrafas cheias quanto pôde. O líquido dentro rugiu, diferentes aromas subiram ao seu nariz. Maçã, pêra, limão. Temperos pretos. — Sempre chamei de coquetel, — Ela disse. — E sempre quis experimentar.

— Agora não é a sua chance. Não ouse derramar coisa alguma na minha garganta.

— Seria um prazer. — Depois de derrubar uma garrafa nos lábios de Gideon enquanto ele tomava gole após gole, então drenar o resto do conteúdo, e quase se sufocando – não era tão gostoso quanto ela esperava – ela tomou seu assento novamente e abriu o livro, esquecendo a página.

As palavras saíram borradas.

— Ela agarrou seus seios e apertou. — Leu. Interessante. — Tal como tinha feito antes. Os mamilos dela pulsavam ainda mais, querendo suas mãos. Um gemido escapou. Normalmente, ela teria se odiado por fazer um som, mas agora, neste momento, foi detida por sua paixão. — Eu conheço o sentimento, Olivia pensou. Infelizmente, ela não poderia sabê-lo novamente.

Ela abriu outra garrafa.



Aeron fez seu caminho para dentro da fortaleza, com os punhos apertados. Ele não olhou ao redor ou para a cozinha, embora ele estivesse faminto. Ele começou a ponderar as etapas.

— Aonde você vai? — Cameo perguntou, mantendo o ritmo ao lado dele.

— Encontrar Olivia. — Interrogá-la. Ele não iria beijá-la como tinha desejado nestas últimas horas, pensando nela em vez de procurar Pesadelos. Preocupando-se por estar se tornando obcecado com ela da mesma maneira que ficou obcecado em matar Danika.

Só que ele não queria matar Olivia.

Ele queria finalmente terminar o que tinha começado em sua cama. Sim, eles ambos gozaram, mas ele não tinha entrado nela. Não inteiramente

Ainda assim. Ele já havia sujado ela, ele decidiu, por derramar sua semente em seu ventre. Ele já havia ganho a ira de Lysander. Não que ele se importasse. Não que o anjo tivesse vindo em busca dele ainda. Então, que outro mal poderia causar por fazer amor com ela?

Simples assim, seu foco mudou. Em vez de questioná-la quando a encontrasse, a despiria.

Lá vai você de novo. Pensar sobre ela, em vez de cuidar dos negócios.

Não ajudava que seu demônio ainda tivesse que calar a boca. Se ele ouvisse a palavra “mais” uma vez mais, entraria ele mesmo em uma sede de sangue.

Concentre-se. Questione-a. Sim. Isso é o que ele faria. Nada de despi-la. A não ser que suas roupas fossem muito apertadas, então estaria fazendo-lhe um favor, removendo-as e ajudando-a a respirar.

Concentre-se, porra. Pergunte. A. Ela. Ela previu que ele seria incapaz de encontrar a Garota Sombra. Pesadelos. Scarlet. Tanto faz. E estava certa. Como se ela tivesse conhecido a garota que aparentemente desapareceu sem deixar rastros?

Parecia que ele precisava dela, afinal, pensou com uma carranca. Isso não quer dizer que ele fosse ficar com ela, no entanto. Definitivamente não. Despi-la, porém...

Ele socou a parede.

— Uau. Você gosta dela tanto assim? — Cameo disse, incrédula. — Quer dizer, sei que você está brincando com ela, mas nunca vi você assim por causa de uma mulher.

— Eu não quero falar sobre ela.

— Ótimo. Não.

— Mas se você insistir... Eu não a entendo e ela está me enlouquecendo. — Ele raramente compartilhava seus problemas com seus amigos. Eles tinham o suficiente para lidar. Mas então, ele não sabia mais o que fazer. Ele precisava de ajuda. Antes que ele se perdesse completamente.

No desembarque, ele parou e Cameo fez o mesmo. Ele esfregou a mão no rosto. — Ela está me fazendo sentir coisas que eu nunca senti antes e quero coisas que eu nunca quis antes. Cronus tem que estar me ensinando uma lição. Essa é a única explicação para seu efeito em mim. — Nenhuma outra mulher jamais chegou perto de amarrá-lo desse jeito. — Eu nunca deveria ter desafiado o rei deus para me enviar uma mulher que eu perseguisse. Exceto que eu mal tenha que persegui-la, então pode ser que Cronus não a tenha enviado para mim. Deuses, isto não faz sentido. Alguma coisa deve estar errada comigo.

Cameo acariciou seu ombro, sua compreensão, mesmo através de expressão da miséria gravada lá. Ela abriu a boca para responder, mas um soluço feminino ecoando o parou.

Eles trocaram um olhar confuso antes de Aeron retroceder em movimento. Reconheceu o timbre rico, sexy, mesmo na sua tristeza, mas o som não vinha de seu quarto, ou o próximo a ele.

Um riso abundante masculino ecoou próximo, e ele fez uma careta. Gideon. Rindo. Isso deveria tê-lo emocionado, com tanta dor quanto Gideon havia recentemente sofrido. Mas não se sentiu emocionado, no entanto.

Aeron correu, dando a volta em direção ao quarto de seu amigo.

Lá estava Olivia, deitada junto a Gideon, com a cabeça enterrada no ombro enquanto seu corpo tremia. Gideon, o pau insensível, ainda estava rindo.

— O que está acontecendo? — Ele perguntou, inclinando-se para a frente. E não, não foi o ciúme queimando em suas veias como fogo. Era raiva. Raiva de que Olivia estivesse incomodando seu amigo ferido. Sim. Raiva. De Olivia. Ele não queria dar uma facada no coração de Gideon com uma de suas adagas. — É melhor que alguém me explique antes que eu faça alguma coisa de que todos nós lamentaremos.

Minha, seu demônio rosnou.

Melhor do que *mais*, supôs.

— Aeron? — Olivia encontrou seu olhar brevemente antes de virar os olhos lacrimejantes para longe dele. Ela até chegou a se ferir e os braços em volta do pescoço de Gideon, agarrando-se em sua preciosa vida. Suas lágrimas molharam a camisa, o seu corpo novamente tremeu violentamente. — Oh, ótimo. Agora ele está com raiva.

— Se você machucá-la... — Aeron rosnou.

Ok, tudo bem. Ele queria esfaquear Gideon.

Ele nunca feriu intencionalmente um de seus amigos. Lutou com eles? Sim. Bater a cabeça dos outros nas paredes era apenas uma maneira saudável de purgar o vapor. Mas Sabin o esfaqueou nas costas uma vez – literalmente – não só como desabafo, mas com raiva de verdade, e ele jurou nunca fazer seus amigos sentirem esse tipo de traição.

Agora, porém, ele não achava que seria capaz de se ajudar. E ele não seria capaz de culpar seu demônio, também. Não foram encontradas imagens vis piscando em sua mente, não havia desejo de punir o pecador. Não nada além de raiva cega.

Você não se importa com essa mulher. Você vai se livrar dela na primeira oportunidade, ele lembrou a si mesmo, quando puxou-a. Os soluços se intensificaram, e ela tentou segurar em Gideon.

Aeron sacudiu a cabeça.

— Gideon! Responda-me. O que aconteceu? O que você fez com ela?

— Tudo. Ela é apenas uma bêbada muito feliz. — Gideon deu-lhe um sorriso sem remorso.

A pura e doce Olivia bêbada? Pior, alguém que não Aeron a havia corrompido?

Raiva, sim. A emoção escura propagando-se. Surpresa, também. E o ciúme que ele não podia mais negar.

— Oh, Aeron. — Disse entre soluços Olivia ofegantes, finalmente, decidindo procurar conforto nele em vez de em seu amigo. — É tão terrível. Eu não tenho asas e você está determinado a me chutar para as ruas, sozinha e desesperada. Legion foi muito mau, e por alguns minutos, eu tive raiva. Eu nunca fiquei zangada antes. Na verdade, não. Eu não gosto disso. E eu sei muito bem que poderia ajudá-lo mais do que você imagina, mas você não quer minha ajuda. Talvez Lysander estivesse certo. Talvez eu precise ir para casa.

Ele lembrou como ela sangrava quando ele a encontrou, as asas recentemente removidas. Lembrou quanta dor ela sentiu quando Legion a mordeu. A culpa substituiu qualquer outra emoção dentro dele. Ele deveria... Espere. Ir para casa?

— Você pode voltar? — Ele perguntou, espantado.

— Mmm-hmm. — Sniff, sniff. — Em quatorze... Não, dez dias. Eu estou perdendo a conta. Você me disse que eu estava doente há três, certo? Mas se eu voltar, vou ser obrigada a matá-lo. Essa é a única maneira que eles me receberiam de volta ao seu seio.

Então, se ela voltasse para casa, ela ainda teria que matá-lo. Ou tentar. Ele poderia viver com isso. Esperemos que, literalmente. Ela estaria fora do alcance, longe de sua influência escura e dolorosos urgidos, segura de danos.

— Eu posso cuidar de mim, Olivia. — Disse ele, e ela explodiu em um novo ciclo de soluços.

— Você não deve precisar fazer isso sempre, Aeron. Alguém precisa proteger você como você sempre protege os outros.

Era assim que ela iria matá-lo, ele meditou. Com lágrimas e bondade. Já sentia uma dor aguda no peito. Ele sempre foi o protetor, o único a manter os outros seguros. Alguém querendo cuidar dele era quase irresistível.

— Descanse um pouco. — Disse a Gideon, ainda sorrindo antes caminhar para fora da sala.

Foi quando ele ouviu gemidos de Ira em sua cabeça, tão ferido quanto Olivia estava.

Minha. Dor. Melhor.

Eu estou dando meu melhor.

— Posso não ser capaz de corrigir alguma coisa que você listou, mas se você finalmente me disser o que eu fiz de errado, eu posso fazer isso melhor. Lembre-se como?

Olivia esfregou a testa contra o queixo ligeiramente mal barbeado.

— Com um beijo.

— Sim. — Apertou-a. Deuses, ele era um doador. — Diga-me.

Sniff, sniff.

— Não. Eu não quero.

— Você disse a Gideon?

— Não.

Então. Mesmo bêbada, não havia nenhuma possibilidade que ela falasse. Ele poderia ter forçado, mas não fez. Sem mais lágrimas. Por favor, deuses, sem mais lágrimas.

Dentro de seu quarto, ele a colocou em seu colchão. Ela olhou para ele, seus olhos praticamente girando.

— Você quer fazer sexo agora? — Ela perguntou, então soluçou. — Acho que dei minha calcinha para Gideon, então estou pronta.

— Você deu sua calcinha a Gideon? E ele aceitou? — Incrédulo, Aeron lutou contra o desejo de verificar debaixo da saia, em seguida, lutou contra o impulso ainda mais forte para voltar à sala de Gideon e, finalmente, atacá-lo.

— Eu dei, e ele aceitou. Então vamos fazer isso ou não?

Infelizmente, ele foi tentado. Mesmo com os olhos inchados e a pele manchada, parecia encantada – e aceitável na cama. Seu corpo ainda ansiava por ela, e ninguém precisava mais de conforto. Não que ele soubesse como confortar alguém. Mas ela merecia mais do que um bêbado em sua primeira vez.

— Vá dormir, Olivia. De manhã... — Em que ponto ela... E ele? Ele tinha apenas mais nove dias antes que ele garantisse que ela voltaria para casa. — Temos muito o que discutir.

Capítulo Onze

Legion lutou contra as lágrimas, enquanto ela correu através dos fogos e dos gritos do inferno. Uma vez sua casa, agora seu odiado refúgio. Ela estava de quatro, a galope como um animal humilde, uma posição que ela conhecia bem. A deixava junto ao solo, sob aviso prévio, e aumentava sua velocidade. Além disso, era a única posição permitida para alguém como ela. Se ela se levantasse e caminhasse, cada um dos Altos Senhores ao alcance sentiria-se obrigado a puni-la por tal imprudência.

E por falar em Altos Senhores, estavam todos ao seu redor, torturando as almas humanas que tinham sido enviadas para cá para a eterna podridão. Eles estavam rindo, amando cada instante de sangue, dor e vômito.

Aeron não se importava que ela estivesse aqui, um lugar que sabia que ela desprezava mesmo. Não mais. Como poderia? Ele havia protegido o anjo. Seus inimigos. Ele tinha salvado e, pior, consolado o anjo...

Por quê? Por que não tentou proteger a Legion? Por que não a tinha guardado e a consolado? As lágrimas começaram a cair, e como eram venenosas, a picaram.

Quando ela chegou a um nicho escondido da sombra e da pedra, ela parou, levantou-se e apertou-a contra um muro, salpicada de sangue irregular. Ela estava tendo problemas para manter a respiração e seu coração – quebrado ao meio, maldito Aeron – bateu fortemente.

O comprimento longo de sua língua bifurcada surgiu, e ela enxugou algumas lágrimas. Embora o veneno tivesse colocado alguém de joelhos, chorando e implorando por misericórdia, apenas a picou de novo. Ela queria tanto que o anjo morresse daquele veneno, mas não tinha acontecido. Aeron havia sido muito determinado a salvá-la, o que quer que Aeron quisesse, Aeron encontrava uma maneira de conseguir. Sempre.

O que ela ia fazer? A primeira vez que ela vira Aeron, algemado e com fome de sangue, ela o amou. Ele tinha lutado com a fome, até mesmo se odiava por isso, e nunca antes ela havia encontrado alguém que preferiu poupar ao invés de destruir. Ela pensou: *ele pode me salvar*.

Em uma mera fração de tempo, ela decidiu viver com Aeron. Casar com ele. Dormir na sua cama todas as noites e acordar ao lado dele todas as manhãs. Em vez disso, ele fez seu amigo Maddox construir uma cama só para ela. Ainda assim, ela queria ser tudo para ele. Sabia que tudo o que ela precisava era de tempo.

No entanto, tempo era um luxo que ela não tinha mais. Não poderia retornar para sua casa porque ele tinha convidado o anjo para ficar. O anjo, estúpido feio, com seus longos cabelos encaracolados e pele pálida. Legion – e cada demônio, na verdade – nem poderiam ficar na presença de bondade por muito tempo. Doeu. Verdadeiramente ferida. De alguma forma corroíam tudo que eles eram, destruindo-os pouco a pouco.

Aeron não se machucou, porém, pensou sombriamente. Como poderia? Ele recebeu bem a cadela. Talvez Ira vivesse entre os humanos há muito tempo para reagir ao anjo como um demônio normal faria. Talvez Ira estivesse enterrado profundamente dentro de Aeron.

De qualquer forma, Aeron deveria ter cuidado da dor de Legion. Mas não o fez. Assim como não se importava com ela. Mandou-a embora.

— O que foi, doce criança?

Legion engasgou com a intrusão repentina, arregalando os olhos para o recém-chegado. Ela não o tinha ouvido aproximar-se, mas ele já estava na frente dela, como se ele simplesmente se materializasse. Ou estivesse esperando, invisível, o tempo todo.

Um tremor desceu por sua espinha. Ela teria se afastado para longe, mas a pedra atrás dela a parou. Mau, mau, mau. Isso era ruim demais. A visita à qual ela não esperava sobreviver.

— Deixe-me sssozinha! — Ela conseguiu dizer, através do carço súbito em sua garganta. Um nódulo que segurou mil gemidos.

— Você me conhece? — Ele perguntou suavemente completamente não ofendido. Ou assim parecia.

Oh, sim. Ela o conhecia. Daí os gemidos. Ele era Lúcifer, irmão de Hades e príncipe dos maiores demônios. Ele era mal. Verdadeiramente mal, sem diluição.

Doce criança, ele a chamou. Ha! Ele teria esfaqueado as costas dela no momento em que ela se afastasse dele e riria ao fazê-lo. Apenas para “divertir”, como diria Anya. Ela engoliu.

— Bem? — Ele estalou os dedos e no instante seguinte, ambos estavam no centro da sua sala do trono. Ao invés de pedra e argamassa, as paredes do palácio de Lúcifer eram compostas de chamas crepitantes. — É uma questão simples. Você. Me. Conhece?

— Eu o faço. Simmm. — Legion tinha estado aqui apenas duas vezes antes, mas pela primeira vez, durante seu nascimento neste domínio, foram suficientes para convencê-la que ela nunca quis voltar. Na segunda vez, ela foi trazida aqui para punição. Punição que ela ganhou por se recusar a torturar uma alma humana.

— Concentre-se. — Lúcifer exigiu.

Ela piscou e se obrigou a concentrar-se. Nuvens de fumaça preta subiam do chão, até as paredes, até mesmo ao trono sobre o estrado, curvando-se em torno de seus dedos como dos condenados. Houve gritos presos dentro daquelas plumas e os gritos a torturavam.

Tão feia, disseram.

Tão burra.

Tão desnecessária.

Indesejada, repudiada.

— Eu perguntei outra coisa, Legion. Você vai responder.

Embora ela quisesse olhar para qualquer lugar, menos para ele, ela se forçou a olhar para ele. Lúcifer era alto, com cabelo negro brilhante e olhos de ouro-laranja. Ele era musculoso, como Aeron, e bonito – mas não tão bonito como Aeron – apesar do inferno sempre depositado em sua expressão.

O que ele pediu? Oh, sim. O que estava errado com ela?

— Eu... — O que ela deveria dizer a ele? Uma mentira, com certeza, mas algo que ele acreditasse. — Eu só queria jogar um jogo.

— Um jogo, humm? — Seus lábios enrolados devagar, perversamente enquanto passeava em torno dela, aproximando, estudando, tendo sua medida e claramente encontrar a sua falta. — Tenho uma ideia melhor.

O calor da sua respiração de alguma forma atingiu o fim de sua garganta, e ela estremeceu. Pelo menos ele não a esfaquearia como ela temia.

— Ssssim?

— Vamos negociar, você e eu.

Seu estômago retorceu-se. Seus negócios eram conhecidos, acabavam sempre em seu favor. Foi assim que ele escapou do inferno por um ano e viveu livremente na terra. Ele negociou com a deusa da opressão, uma grande responsabilidade para garantir que muros cercam a prisão subterrânea fosse sólida, impenetrável. O que permitiu que muitos demônios Altos Lordes escapassem. Aquela que depois morreu, seus ossos utilizados para construir a caixa de Pandora.

— Não? — Disse ela, e que ela quis dizer isso como uma declaração, ele emergiu como uma questão em frente a ela mais uma vez, ele perguntou.

— Não seja tão apressada. Você nem sequer ouviu o que eu tenho para oferecer.

Não seria bom para ela, que tanto podia adivinhar.

— Eu preciso ir...

— Ainda não. — Ele girou sobre os calcanhares e deslizou para o seu trono, onde ele abaixo, descontraído, totalmente seguro de si. A fumaça chegou a ele, o rodeando, as chamas logo em seguida, dançando como se estivessem feliz só de estar perto dele.

Legion tentou desviar de um pé para o outro – só para perceber seus pés haviam sido colados no local. Não podia sair. Não até que ele tivesse terminado com ela. Estática. Ela não entrou em pânico. Ela tinha sido espancada antes e sobreviveu. Ela tinha sido chamada de nomes terríveis e riu, ela tinha sido atirada de picos aparentemente intermináveis e chutada em campos de gelo, incapaz de se transportar para outro lugar.

— Eu posso ajudá-la a ter algo que você quer. — Disse Lúcifer. — Algo que você faria de tudo para possuir.

Ha! Não havia nada que ele pudesse oferecer...

— Eu posso ajudá-la a conquistar o coração de Aeron.

Por um momento, ela se esqueceu de respirar. Somente quando seus pulmões e garganta começaram a queimar, esaldando, ela fez força para abrir a boca e inspirar. Ele poderia... O quê?

— Como você gosta de espionar os acontecimentos aqui para os Senhores do Submundo... — No final, amargura tomou seu tom. — Eu gosto de espionar os acontecimentos de superfície. Sei que você está apaixonada por Aeron, guardião da minha querida Ira.

Ouvindo seu escárnio, ela ergueu o queixo.

— Ele me ama também. Ele disssse isssso.

Lúcifer arqueou uma sobrancelha arqueada.

— Você tem certeza? Ele estava tão irritado que você feriu seu precioso anjinho.

A palavra usada – *precioso* – usada para descrever aquele anjo porco causou

manchas vermelhas a piscar os olhos sobre a sua visão. Ela *era* a preciosa de Aeron. Sua. Ninguém mais.

Lúcifer acenou com a mão regamente, e o ar na frente da Legion engrossou, vacilou, poeira motes espumantes. Cores, explosão de vida. Então Aeron estava lá, abaixando e levantando suavemente o pulso do anjo a sua boca. Ele sugou o veneno na Legion havia injetado nela, e seu corpo ágil acalmou.

Vendo sua boca sobre esse intruso nojento fez que o vermelho aumentasse e a raiva a inundasse. Raiva, ódio e determinação.

— Como você vai me ajudar? — Viu-se perguntando. A cena desapareceu e ela ficou mais uma vez olhando para Lúcifer. Talvez a negociação com ele não fosse tão ruim. Talvez ela fosse a única a sair na frente. Ela era esperta. Cheia de recursos. Certo?

— Vamos encarar. — Disse, juntando o olhar sobre seu corpo dimensionado. — Você é tão feia quanto uma criatura pode ser.

Seu queixo caiu como onda após onda de dor bateu nela, e ela tentou recuar, querendo se esconder. Ela não era feia. Era? Ela era diferente de Aeron, sim. Ela era diferente do anjo, também. Mas isso não queria dizer que ela era feia.

— Eu quase posso ouvir os pensamentos em sua cabeça. Permita-me lhes fazer face. Sim, você é realmente feia. Na verdade, dizer que você é feia é ser gentil. Mal posso olhar para você. Na verdade, para acalmar meu estômago, vou ter que olhar apenas sobre o seu ombro enquanto nós terminamos esta conversa.

Ela era feia, então. Hedionda. Um monstro. O próprio diabo não poderia sequer olhar para ela. Lágrimas encheram os olhos.

— Como você vai me ajudar, então? — Ela perguntou de novo.

Ele olhou para baixo para suas amareladas e curvadas unhas, como se não se importasse.

— Eu, ser poderoso que sou, posso deixar você bonita.

— Como? — Ela insistiu.

— Para começar, eu te daria cabelos soltos e sedosos. Da cor que você desejar e muito melhores do que os anjo. Eu te daria uma pele suave e cremosa. Novamente, qualquer cor que você desejar. Eu te daria os olhos sedutores aos quais nenhum homem pudesse resistir. Altura, corpo esguio, com seios grandes. Homens enlouquecem por eles, você sabe. E, enquanto uma língua bifurcada tenha seus usos na cama, eu provavelmente me livraria disso. É irritante.

Ele poderia deixá-la bonita? Bonita o suficiente para ter Aeron? Esperança floresceu em seu peito, com o simples pensamento de que finalmente o homem dos seus sonhos – vivendo como marido e mulher – se derretesse por ela, mesmo depois de uma reserva após a outra.

— O que você deseja em troca?

— Oh. Isso. — Disse ele, encolhendo os ombros como se fosse de nenhuma importância. — Tudo que eu quero é ter o seu novo corpo.

Ela franziu o cenho.

— Eu não entendo. Como eu poderia ganhar Aeron se eu não estiver..? Como eu poderia ganhar Aeron se você for eu?

Ele beliscou a ponta de seu nariz.

— Vejo que você é estúpida, também, o que significa que teremos de corrigir

isso, também. Eu não queria dizer que eu vou possuir seu corpo novo logo, minha amiga turrone. Gostaria de ter permissão para fazer isso apenas se você não conseguir conquistá-lo.

Sua carranca intensificou-se. Ser bonita não significava automaticamente que ela ganharia?

O silêncio valeu-lhe um aceno de cabeça.

— Claramente, explicar todo o sentido como se eu estivesse falando com uma criança não funcionou. O que mais posso fazer?

Suas bochechas ficaram vermelhas, o que não tinha nada a ver com o fogo em torno deles. Ela não era estúpida ou uma criança, maldito!

— Você está tentando me confundir em meu propósito.

— Na verdade, não estou. Não quero ver você chorando mais tarde. Então ouça atentamente. Vou dar-lhe nove dias para seduzir Aeron. Eu diria que tudo o que você tem a fazer é ganhar a sua declaração de amor, mas você já tem. O que você não tem é a sua atração sexual, e é isso que você realmente quer. Então colocá-lo em sua cama, de sua livre vontade, e você ganha o nosso negócio. Você pode manter seu novo corpo e viver feliz para sempre depois. Sem a minha interferência.

Tudo parecia justo e maravilhoso e perfeito. Tudo, menos o tempo.

— Por que apenas nove dias?

— A razão bate? Não mudará nada sobre a barganha.

Resistência. É claro que o motivo importava.

— Diga-me. — Ela insistiu.

— Ótimo. Nove é o meu número favorito.

Uma mentira, definitivamente. Ela poderia insistir, mas... Saber a verdade seria mais importante do que ganhar uma chance de ter o que ela desejava mais?

Não.

— E se eu falhar? — Perguntou ela. Tinha-lhe dito que ele queria, claro, mas ela precisava de todos os detalhes.

— Bem. — Seus dedos traçaram círculos nos braços do seu trono. — Se você não conseguir seduzi-lo para ir à sua cama, para foder, não dormir, dentro do prazo estipulado, deverá permitir-me a possuir seu corpo novo, como eu disse. Pelo tempo que eu quiser.

Lá estava ele. O detalhe final. Ele seria capaz de controlá-la por “pelo tempo” que ele desejasse. Em outras palavras, *para sempre*.

Mas por que ele iria querer... A resposta bateu nela e ela engasgou. Lúcifer a via como sua passagem para escapar do inferno. Porque Legion não estava vinculada ao inferno, mas a Aeron, estava autorizada a deixar este lugar. Lúcifer não estava. Estava preso aqui.

Se ela lhe desse permissão para tê-la, ele teria, *ele* então, seria livre para sair. O que ele quisesse, eles fariam. Ela estaria consciente, sim, mas seus desejos deixariam de importar.

Se fosse tão simples como tomar o controle de seu corpo e usá-lo para escapar, Lúcifer não perderia tempo negociando com ela. Mas os demônios não podem possuir corpos, humanos ou não, sem permissão. Mesmo os demônios na caixa de Pandora precisavam da bênção dos deuses para possuir os Senhores.

— Tudo se resume a saber se você acha que pode ter sucesso ou não. — Disse

Lúcifer. —Você acha? Eu certamente acho, o que me faz sentir mesmo tolo para oferecer esse negócio. Talvez eu não devesse. — Em um movimento fluido, ele empurrou a seus pés. — Quero dizer, há outros, os demônios mais fracos que eu posso...

— Essspere. — Ela se apressou. — Apenass esspere.

Lentamente, ele recuou para baixo.

Ela não podia deixar escapar esta chance. O anjo, que era incapaz de mentir, tinha dito a ela que Aeron a via como uma criança. Aquele Aeron se considerava um pai para ela. Isso nunca iria mudar – a menos que ela fizesse algo drástico.

— Oss termoss precisam sser definidosssss.

— Já não foram?

— Não da minha parte.

Colocou uma mão em seu peito.

— Você não confia em mim?

Ela balançou a cabeça. A negociação era obrigatória, mesmo para criaturas como eles. Uma vez que ambos concordassem, ela seria presa, como barganha, uma entidade viveria dentro dela. Não poderia mudar de ideia. Se falhasse, admitiria que ela tivesse prometido, incapaz de parar a si mesma.

— Estou ferido. Mas muito bem. — Disse ele. — É exatamente como você espera que eu esteja...

Se ela não o fizesse, ela iria receber não mais do que isso, mas a certamente menos.

— Tenho que ser mais bonita do que o anjo, com cabelos claros, pele dourada, olhos castanhos e seios grandes. — Tudo em oposição à cadela. — Eu quero os nove dias completoss, sem pular tempo. — Enquanto ela falava, seu entusiasmo cresceu. Ela realmente ia fazer isso. Ela realmente estava tentando conquistar o coração de Aeron. — E eu quero estar acordada quando estiver com ele.

— Droga. — Disse Lúcifer, um brilho divertido nos olhos de fogo. — Você me pegou nessa. Planejava colocá-la em coma até que seu tempo acabasse.

E ela o tinha impedido de fazê-lo. Ela estava se sentindo muito orgulhosa de si mesma no momento. Veja? Ela não era estúpida, afinal.

— Você não pode matá-lo, tampouco. Ssse ele morrer antess do tempo acabar,o negócccio morre, também...

— Concordo. Agora, essas são suas únicas solicitações? — Perguntou, como um senhor indulgente.

— Eu não quero falar com a língua pressa, como você disse. Quero aparecer pela primeira vez ante Aeron, não do outro lado do mundo, assim como eu ssou, e então eu quero me transsformar na frente dele. — Dessa forma, ele não acharia que ela era a isca ou um Caçador, e não tentaria se livrar dela antes que ela pudesse seduzi-lo.

— Muito factível. *Isso é tudo?*

Ela tomou um golpe de ar, considerou, e então concordou.

Mais uma vez, ele ficou parado. Ele abriu seus braços, o fogo pulando do seu alcance.

— Então está certo... Você terá tudo que mencionou. Mas se você não atrair Aeron, Senhor do Submundo e guardião do demônio da Ira, para sua cama e para

dentro do seu corpo dentro desses nove dias, você irá retornar a essa sala do trono, onde você vai de bom grado consentir que eu possua seu corpo...

Outra concordância.

— Diga. — Ele demandou, não sendo mais o homem bom e benevolente que ele fingiu ser.

— Concordo.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, uma dor aguda a rasgou. Rosnando, ela dobrou-se. Não podia respirar, estava desmaiando, cada um dos músculos que possuía em espasmo. Mas tão depressa como a dor tinha brotado, a barganha de nascimento pela vida dentro dela, a deixou e ela se endireitou.

— E então está feito. — Disse Lúcifer. Então ele deu-lhe o mesmo sorriso com que a agraciou quando ele a trouxe pela primeira vez aqui. Feliz, satisfeito. — Esqueci de mencionar que, quando você falhar, minha primeira ordem de negócio será o assassinato a cada um dos Senhores do Submundo e libertar seus demônios?

Capítulo Doze

Enquanto a noite se retirava para o amanhecer, os cidadãos agora mesmo acordando e emergindo para começar seus dias, Aeron andava silenciosamente nas ruas, Paris a seu lado, ambos permanecendo nas sombras, silenciosos. Talvez Paris, que não hesitou em sua escolha de companheira este vez – isto significava que ele estava finalmente se recuperando de Sienna? – estivesse tão perdido em pensamento quanto Aeron enquanto eles voltavam para a fortaleza.

Olivia chorou até dormir, e ele a segurou durante todas aquelas lágrimas. Quando ela finalmente caiu em inconsciência, ele voou com ela para apartamento de Gilly, pensando que aquelas coisas seriam mais fáceis daquele modo. Se ela não pudesse conversar com ele, ela não podia tentá-lo para esquecer seu propósito. Mas ele não saiu imediatamente. Paris precisava de tempo com sua escolhida, então Aeron se aconchegou perto do anjo.

Uma vez mais, ele achou que ele gostava de segurá-la. Que era ainda mais razão finalmente para livrar-se dela. Mas enquanto ele se afastava dela, querendo que isso fosse permanentemente, ele não estava certo que ele queria se livrar dela. Não que ele alguma vez teve certeza, mas maldição, sua resolução tinha sido agitada.

Vê-la nos braços de Gideon deu vida a uma raia possessiva que ele não sabia que ele possuía, os incidentes anteriores com William e Paris pareciam irrisórios em comparação. O pensamento de Olivia vagando por estas estradas, determinada a ter “diversão”, apenas, tão fácil de ser arrancada... Seus dentes rangeram, uma ocorrência comum sempre que ele pensava nela.

Um homem passou, reivindicando sua atenção. Um humano. Vinte anos e meio. Grande. Imediatamente Ira começou a rosnar, mordendo para ter liberdade, transmitindo imagens das mãos carnosas balançando – e se conectando – com um rosto a soluçar.

Espancador de esposas, Aeron percebeu como Ira relampejava mais daquelas imagens por sua mente.

Você é desprezível, o homem gostava de gritar, saliva saiu de sua boca. *Eu não estou certo por que eu casei com você. Você era uma vaca gorda na época e você é uma vaca mais gorda agora.*

Por uma vez, Aeron não tentou parar ele mesmo. E se Olivia tivesse sido o objetivo daquela ira? E se Legion tivesse sido? Permitindo a Ira puxar suas cordas sem qualquer resistência, amando seu demônio mais do que ele devia, sem a mancha de culpa, ele se virou, correndo adiante e fechou a distância entre ele mesmo e o homem. Um homem que ofegou quando Aeron o agarrou e o girou ao redor.

— Que diabo?

— Aeron.— Paris chamou, cansado.

Aeron o ignorou.

— Você me repugna, seu insignificante pedaço de merda. Por que você não tenta me bater?

O homem empalideceu, tremeu.

— Eu não sei quem você é ou o que você pensa que você está fazendo, mas é melhor sair do meu rosto, idiota.

Turista, ele pensou, ou ele teria sido reconhecido.

— Ou o que? — Aeron sorriu devagar, cruelmente. — Você me chamará de outro nome feio?

Existia um grunhido baixo na garganta do homem. Ele tinha uma faca em seu bolso, Aeron de repente soube. Ele queria apunhalar Aeron no estômago, no pescoço, e assistir ele sangrar até a morte.

Sem qualquer advertência, Aeron o atingiu. Seu punho direito se conectou com o nariz do homem. Existia um grunhido, um uivo de dor. Sangue pulverizado. Ele não parou, mas balançou sua outra mão. Seu punho esquerdo se conectou com a boca do homem, dividindo o tecido. O uivo se tornou um grito.

Aeron não tinha terminado.

Não pode lutar justo. Você tem que machucar. A ira estava em controle total.

Ainda, Aeron não se importou.

Enquanto o homem tentava se orientar, tentando lutar para se livre, Aeron deu uma joelhada nele na virilha. Seu oponente se dobrou, ar saiu de seus lábios ensopados de sangue. Nenhuma clemência. Este bastardo nunca mostrou alguma. Aeron o chutou no ombro, e ele voou para trás. Depois disto, ele estava com dor demais para ficar de pé ou até para se defender.

Ele olhou para Aeron por olhos cheios de lágrimas.

— Não me machuque. Por favor, não me machuque.

— Quantas vezes sua esposa disse algo semelhante a você? — Aeron ficou de joelhos, se escarranchando na cintura do homem.

Drenando um reservatório de força ele provavelmente não sabia que possuía, o homem com o rosto branco tentou fugir para trás. Aeron meramente aumentou o aperto em suas pernas, segurando o bastardo no lugar.

— Por favor. — A voz do homem era trêmula, desesperada.

Aeron atingiu novamente, chovendo um soco depois de outro. A cabeça do homem chicoteou para a esquerda e direita com cada novo choque. Mais sangue pulverizado. Os dentes até voaram como pedaços de doce. A pele se partiu e ossos se quebraram.

Logo, não existia nenhum grunhido, nenhum ofego.

Uma mão bateu levemente seu ombro.

— Você o castigou. Você pode parar agora. — Paris disse por detrás ele.

Aeron ficou imóvel. Ele estava com dor, suas juntas pulsando. Muito fácil. Isso tinha sido muito fácil. O homem não pagou suficiente pelo dano que ele infligiu. *Mas talvez ele aprendesse uma lição*, uma voz de razão disse dentro de cabeça de Aeron. Por razão para ter retornado, o controle devia ser dele uma vez mais.

— Vamos ir para casa. — Paris sugeriu.

Casa, não. Ele não estava pronto para retornar a seu quarto – ver a cama onde ele beijou e tocou em Olivia. Ainda não, Aeron ficou de pé. Ele deu ao homem um chute final no estômago antes de enfrentar seu amigo.

— Eu preciso de algum tempo. Sozinho.

Um momento passou em silêncio, Paris estudando sua expressão dura. Finalmente ele movimentou a cabeça.

— Certo. Talvez você possa usar isso descomprimir, porque maldição...

— É o que eu planejo. — Até depois que Paris foi embora, Aeron permaneceu no lugar, tentando se recuperar. *Eu estou no controle*, ele lembrou a ele mesmo, embora ele ainda não quisesse estar. *Eu estou no controle*.

Ira continuou a rondar por sua mente, trabalhando em um frenesi e pronto para próxima vítima.

Ele precisava de Legion.

Ou Olivia, ele pensou então.

Seu coração começou a bater por uma razão diferente, e ele levou um minuto para perceber por que. Excitação sexual misturada com remorso estava batendo nele exatamente como seus punhos tinham batido no humano. Olivia não despertou quando ele a deixou no quarto de convidados de Gilly. Ela não despertou quando ele deu instruções a Gilly para chamá-lo no momento em que ela acordasse. Não, ela estava na cama, adoravelmente esticada, cabelo espalhado ao redor dela, roncando delicadamente. Lutando contra o desejo de se enrolar ao lado dela novamente que provava ser quase impossível. Mas ele fez isto. Ele foi se reunir com Paris.

Talvez ele devesse retornar a ela, ele pensou, indo na direção do apartamento de Gilly antes de poder parar ele mesmo. Ele olhou para os céus, esperando por direção. Seu olhar nunca conseguiu ver as estrelas. Ao invés, ele viu por um momento asas brancas, emplumadas e esfregando e parando.

Galen. Líder dos Caçadores. Anjo falso. Bastardo.

Automaticamente Aeron pegou duas lâminas e deslizou mais fundo nas sombras. Ele não devia ter entrado na cidade sem uma arma de fogo, mas ele tinha estado tão preocupado com Olivia que ele não pensou em agarrar qualquer coisa extra. Galen estava empoleirado em cima de um edifício, aquelas asas estendidas como se ele esquadrinhasse as ruas.

Se ele sabia que Aeron estava embaixo, o assistindo, ele não deu nenhum anúncio.

O tempo todo Ira uivada dentro de cabeça de Aeron. O guerreiro cometeu muitos pecados para o demônio processar, a necessidade para matar simplesmente inundava Aeron. *Controle. Controle absoluto. Ele não podia perder isto esta vez.*

Galen inesperadamente se endireitou. Aeron se apertou contra a parede do

edifício atrás dele, certo de que ele tinha sido localizado, mas pouco disposto a ir embora. Talvez hoje à noite eles concluíssem isto. Finalmente.

Galen saltou, caindo... Caindo... As asas dele se esticando mais largas, bateu uma vez, e ele suavemente aterrissou, várias jardas¹⁴ de distância de Aeron.

Aeron ficou tenso. Ele não podia matar Galen sem consequências severas, mas ele podia torturar o bastardo antes de trancá-lo longe. E então torturá-lo novamente posteriormente.

Um momento passou, então outro, Galen simplesmente dobrou suas asas em suas costas e esperou. Ele nunca se aproximou.

Cada fibra de Aeron queria saltar adiante e atacar. Os ataques surpresa eram seu forte, afinal, mas ele se segurou no lugar. Às vezes a batalha não era o melhor curso de ação em uma guerra. Às vezes meramente assistir e saber recolhia recompensas maiores em longo prazo. O que estava acontecendo aqui? O que Galen estava fazendo em Budapeste?

Ele havia vindo aqui antes, claro, mas ele recentemente partiu para lutar com um contingente de Senhores que invadiu uma instalação em Chicago onde ele tinha criado – e educado – crianças mestiças. Metade humana e metade imortal. Todas as quais tinham sido ensinadas a odiar os Senhores.

Agora aquela escola estava em ruínas, os Senhores tinham libertado as crianças e encontrado casas para eles onde eles eram amados. As casas que os Caçadores esperançosamente nunca poderiam perseguir.

Galen estava aqui por vingança, então?

Castigar, Ira disse.

Não ainda.

— Finalmente. — Galen disse, sua voz rica enchendo o silêncio.

Aeron esquadrinhou a área, mas não viu ninguém se aproximando. Então, com quem Galen estava falando? Com ele mesmo? Ou...

Um par de pernas apareceu alguns pés na frente de Galen. Somente, aquelas pernas, não estavam presas a um torso. Que diabo? A pergunta mal se formou antes de uma cintura aparecer, então ombros, braços – e lá, no interior dos... No pulso direito da aparição, estava um símbolo do Infinito, a marca de um verdadeiro Caçador dedicado – e finalmente, um rosto. Então um macho estava de pé lá, completamente formado, segurando um pedaço de pano escuro, e pendurado.

Não era um fantasma, então, porque não existia não contorno tremulante ao redor ele. Só um homem, tão real quanto Aeron era. Mas ele tinha o... Pano. A palavra ecoou pela mente de Aeron, seguida por outra. Invisível.

Seus olhos se alargaram com medo e surpresa. Pano. Capa. A... Capa da Invisibilidade?

— Eu tomarei isto. — Galen confiscou a capa e dobrou isto uma vez, duas vezes. Em lugar de causar que o material se encolhesse e ainda espessasse, cada dobra diminuía ambos o tamanho e largura, e logo pareceu o guerreiro segurava um simples quadrado de papel.

¹⁴ É a unidade de comprimento básica nos sistemas de medida utilizados nos Estados Unidos e no Reino Unido. A *jarda* era originalmente a medida do cinturão masculino que recebia esse nome. No século XII, o rei Henrique I de Inglaterra fixou a *jarda* como a distância entre seu nariz e o polegar de seu braço estendido. Atualmente é usada no Futebol Americano. O símbolo da *jarda* é *yd*, do inglês *yard*. Na Inglaterra, a relação oficial entre *jardas* e metros é a seguinte: 3600 m = 3937,0113 *jardas*. Assim, 1 *yd* = 0,91439920429 m (aproximadamente 0,9144 metros).

Oh, sim. Isto podia não ser nada mais que a Capa da Invisibilidade.

Galen enfiou o artefato em sua bata, e Aeron automaticamente se esticou. Fique. Espere. Seu braço caiu para seu lado. Informações primeiro, depois o artefato.

— Existem câmeras aqui. — O humano disse. — Eu não as encontrei, mas eu sei que os demônios mantêm a cidade debaixo de vigilância.

— Não se preocupe. — Galen riu, satisfeito consigo mesmo. — Já tomei conta delas.

Oh, realmente. Como? As câmeras não tinham sido desligadas. Torin teria mandado uma mensagem de texto para ele. Alguém invadiu o sistema talvez, e estava agora o reprogramando? Isso aconteceu em um dos filmes que Paris o forçou a assistir. Ou forças mais poderosas podiam estar atuando?

Cronus às vezes ajudava os Senhores, então ele permanecia a razão que outro deus podia estar ajudando os Caçadores.

— Você confirmou que eles têm um anjo em seu meio? — Galen perguntou.

— Sim, entretanto ela não parece ser tão poderosa quanto você.

— Poucos anjos são. E metade de suas tropas está faltando?

— Sim.

Galen riu outra vez.

— Muito bom. Agora se junte aos outros e fique escondido até que eu retorne. Um pouco de nossas tropas desapareceram ontem, e até nossa rainha adorável perdeu eles de vista. Uma vez que eu os encontre, nós podemos atacar. E esta vez, nós não mostraremos nenhuma clemência.

Castigo! Ira se intrometeu novamente.

— Nenhuma clemência? Mas eu pensei...

Galen agitou sua cabeça.

— Diga aos outros que nossa experiência foi um sucesso.

O sorriso do homem era lento, mas não menos satisfeito.

— Nenhuma clemência, então.

Aquelas asas brancas dispararam, bateram, então pararam. Galen fez uma carranca.

— Minha filha. Eu quero que apenas ela seja deixada viva. — Com isto, ele saltou no ar.

Sua preocupação assombrosa por Gwen não o salvaria, Aeron meditou sombriamente, se arremessando no ar. Suas asas estavam completamente curadas e ele não teria nenhum problema em seguir...

Galen desapareceu, estava lá em um momento, se foi no próximo.

CASTIGO!

Condenado, Aeron interiormente fumegou. *Eu não posso*. A Capa tinha sido usada, fora de seu alcance, e Galen com ela. A única coisa que restava fazer era descobrir mais informações. Não que as conseguir o redimiria deste fracasso.

Seus olhos se estreitaram no humano abaixo dele. O humano se escondia ao redor dos edifícios e carros estacionados, sempre esquadrinhando seu ambiente. Aeron o seguiu. Finalmente sua presa entrou no recentemente remodelado Clube Destino – agora sob uma nova direção e renomeado de O Asilo – e não saiu.

Isso foi onde os Caçadores instalaram seu acampamento?

Impossível. Alguns dos Senhores gostavam de festejar lá, então Torin instalou

câmeras de segurança do lado de dentro. Eles levantariam presença do seu inimigo. Mas...

Talvez não impossível. Talvez a transmissão da câmera estivesse sendo torcida, como estavam as das ruas?

Outras perguntas começaram a passar por sua mente. Que experiência tinha sido um sucesso? Onde as tropas de Galen foram? Quem era sua “rainha”?

Com Ira ainda gritando em sua cabeça, exigindo que ele agisse, ele retirou seu telefone celular e mandou uma mensagem de texto para Torin. *Convoque uma reunião. Duas horas.* Ele tinha algumas coisas para cuidar primeiro. Isto é, Olivia. Se ela tivesse respostas, ele as conseguiria dela. Enquanto isso, ela podia tranquilizar a ele como ele originalmente tinha planejado. *Eu achei algo. Até vi Galen com a maldita Capa da Invisibilidade.*

Torin, que parecia nunca dormir, respondeu imediatamente. *Faça isto. Se o que você sabe é mais importante que nosso inimigo ter um artefato, eu preciso ouvir isto O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.*

Feito. Aeron embolsou o telefone e girou em seu salto de sapato para voltar para o apartamento de Gilly, despertar Olivia se ela estivesse dormindo, ele exigiria aquelas respostas. Mas a meio caminho de lá, uma alta e ameaçante figura o parou em seu caminho.

Cronus, rei dos deuses, estava com uma carranca. Como sempre, ele vestia uma bata longa, branca e seus pés estavam embrulhados em sandálias. Seus dedos do pé eram visíveis, suas unhas dos dedos dos pés amareladas e enroladas.

Ainda, Aeron não podia evitar notar ele parecia mais jovem que ele já tinha parecido antes. Seu cabelo não mais ostentava mechas cinza, mas eram espessas e cor de areia. Seu rosto estava quase sem rugas, seus olhos marrons mais brilhantes do que Aeron estava acostumado. O que causou essa mudança?

— Meu Senhor. — Ele disse, cuidadoso de manter sua irritação para ele mesmo. O deus raramente aparecia quando chamado, mas nunca se importava de visitar em momentos no máximo inoportunos.

Ira, ainda inquirida e pronta, não relampejou imagens dentro de mente do Aeron, entretanto, nunca fez com este deus. Como aconteceu quando ele localizou Galen, com muitos pecados para ele processar, ele meramente experimentou uma pressão opressiva. Não matar desta vez, mas, curiosamente, roubar tudo que o deus possuía. Um desejo que ele não entendia, e não podia decifrar.

— Você me desapontou, demônio.

Eu não o faço sempre?

— Isto não é o lugar para tal discussão. Caçadores...

— Ninguém pode ver ou nos ouvir. Eu tive certeza disto.

Como o outro deus tinha certeza de que os Caçadores estavam sem serem observados? Ele se perguntou novamente.

— Então, por favor. Diga-me por que eu desapontei você. Eu não posso viver outro momento sem saber.

Aqueles olhos marrons se estreitaram.

— Seu sarcasmo me desagrada.

E como ele sabia muito bem, coisas ruins aconteciam quando o rei-deus estava descontente. Como a mente e o demônio de Aeron ficando louco com luxúria de

sangue e as vidas colocadas dos seus amigos em perigo.

— Minhas desculpas. — Ele curvou sua cabeça para esconder o ódio que seguramente se vislumbrava por detrás suas pestanas.

— Eu preciso te lembrar que a morte de Galen é tão importante para você como é para mim? Ainda que você permita o anjo distrair você.

— Aquilo não era o que você queria? — Ele não podia evitar perguntar.

Cronus acenou uma mão pelo ar.

— Você acha que eu dei alguma atenção para sua mendicância ridícula? Eu não quero você distraído, então por que eu enviaria uma mulher para assegurar que você estivesse?

Ele se perguntou a mesma coisa.

— Livre-se dela.

— Eu estou tentando. — Ele disse, mãos se transformando em punhos.

Mantenha-a, Ira estalou.

— Tente mais duro. — Cronus ordenou.

— Ela só estará aqui outros dez, não, nove dias. — Com a manhã se aproximando, ele perderia um pouco mais de tempo com ela. O que era uma boa coisa. Sim, boa. — E então ela voltará para os céus. — Onde ela pertencia. Ele teria certeza disto.

Uma pontada de tristeza o atingiu, mas ele ignorou isto. Da mesma maneira que ele ignorou a choradeira de Ira.

Cronus olhou só marginalmente satisfeito com suas palavras.

— Se ela não for, eu irei...

— Você vai o que? — Outro homem de repente apareceu sem aviso prévio. Este aqui era alto e musculoso, com cabelo claro e olhos escuros. Como Galen, ele tinha asas. Somente, seu era ouro puro.

Lysander.

Aeron só havia visto o anjo guerreiro algumas vezes, e como era com Olivia, não existia nenhum flash de ações vis dentro de sua cabeça, nenhum desejo para castigar de qualquer forma. Isso não significou Aeron gostasse do bastardo, entretanto.

Ela é muito boa para você, Lysander disse. Não a desonre ou eu enterrarei você e todos aqueles que você ama.

Aeron não sentia o anjo em qualquer nível, anteriormente ou agora, e abominou o quão impotente de repente o fez sentir. Lysander podia ter fatiado sua garganta e ele não poderia lutar de volta.

Olivia tinha estado certa.

Cronus empalideceu para uma sombra de branco desagradável.

— Lysander.

— Machuque a ela, — Lysander disse, olhar arremessando entre eles. — toque em um único cabelo em sua cabeça, e eu arruinarei você.

— Como você ousa me ameaçar! — Cronus trancou seus dentes em uma carranca, cor rapidamente retornando com sua fúria. — Eu, que sou o todo-poderoso. Eu, que sou...

— Um deus, sim, mas você *pode* ser morto. — Lysander riu sem humor. — Você sabe que eu nunca faço ameaças inúteis. Você ouve a verdade em minha voz.

Prejudique a ela, e sua ruína será assegurada por minha mão.

Silêncio.

Espesso, pesado.

— Eu farei como eu desejo, — Cronus finalmente disse. — e você não me parará. — Ao contrário de suas palavras, porém, ele desapareceu.

Aeron lutou para manter seu ponto de apoio. O rei-deus nunca voltava atrás em qualquer coisa. Que ele voltasse agora, diante de um anjo... Isso não era um bom pressagio para Aeron, que era de longe menos poderoso.

— Quanto a você... — Lysander levantou sua mão e uma espada composta somente de fogo de repente apareceu. A ponta daquela espada estava apontada para garganta de Aeron antes dele poder piscar.

Sua carne chiou, até mesmo enquanto seus olhos se estreitavam.

— Isto é sobre a... Desonra?

— Você não tem nenhuma ideia de há quanto tempo eu quero matar você. — O anjo disse. — Friamente, sem clemência.

— Mas você não irá. — Caso contrário, o anjo já teria o atingido. Eles claramente estavam na mesma relação. Quando era autorizado, guerreiros agiam sem vacilação. Eles não paravam para uma conversa.

— Não, eu não irei. Bianka não gostaria disto. Nem Olivia gostaria. — A espada abaixou e desapareceu. — Eu a quero de volta, mas ela... Gosta de você. — O desgosto verdadeiro estava em sua voz. — Então, você viverá. No momento. Mas eu quero que você a faça miserável, a faça odiar esta vida mortal, e eu quero que você faça isto enquanto a mantém segura.

— Eu concordo.

— Tão facilmente? — Aqueles olhos escuros alargados. — Você não quer a manter?

Queira? Sim. Naquele momento, o pensamento de perdê-la de uma vez por todas, ele admitiu aquela parte dele realmente a queria manter. Pelo menos por enquanto. Ele queria ajudá-la a divertir-se, queria assistir seu sorriso e ouvir sua risada. Ele queria segurá-la novamente. Beijá-la novamente. Tocar nela novamente. Finalmente se afundar dentro daquele doce e pequeno corpo. Mas ele não iria. Ela estaria em melhor situação nos céus, e ele poderia retornar para a vida que ele construiu para ele mesmo. Uma vida sem complicações. Ou preocupação. Bem, com exceção das tentativas de por fim a vida dele.

Se ela permanecesse na Terra, ela seria humana. Frágil. Ela logo murcharia e morreria. E ele só poderia assistir. Isso não era algo que ele permitiria que ele mesmo fizesse. Não por ninguém. Nem mesmo ela. *Especialmente* não ela.

Minha, Ira rosnou.

— Não. — Ele se forçou a dizer para Ira, para Lysander. Não mais ignorando ou aceitando a reivindicação do demônio. Era extremamente arriscado. — Eu não quero mantê-la. — Diferentemente do anjo, ele podia mentir inflexivelmente.

— Ainda que você deseje... Desonrá-la completamente?

Ele apertou seus lábios em uma linha teimosa. Eles não estavam tendo aquela conversa. E seu corpo reagiu no pensamento de ir para cama com ela, endurecendo em todos os lugares certos.

— Eu posso ver que você deseja. Muito bem, então. — Ou talvez eles

estivessem. — Esteja com ela em... Desse modo, se é isso que você dois desejam. Eu não castigarei você por isto, porque ninguém sabe melhor que eu que uma mulher disposta à sedução é irresistível. E ninguém conhece Olivia melhor do que eu. Se ela não experimentar *tudo*, — Lysander, o anjo destemido realmente corou. — ela não deixará você. Então. Depois do ato, a faça miserável como eu disse a você. Convença-a a deixar você sem ser fisicamente machucada, e eu farei meu melhor para convencer o Alto Conselho Divino para poupar você e sua amiga demônio.

Melhor de Lysander significava sucesso. Nenhuma dúvida na mente de Aeron.

O que significava que Aeron e Legion sairiam disto vivos, e Olivia estaria para sempre protegida. Olivia, a quem Lysander conhecia melhor que ninguém. Aquela declaração despertou mais emoção que qualquer outra – até mesmo sobre a de ser poupado.

Ele devia ser o que a conhecia melhor do que ninguém.

— Obrigado. — Ele se forçou a dizer. Engraçado. As palavras soaram como se elas fossem empurradas através de lâminas.

Lysander começou a se afastar, um passo, dois.

— Eu irei agora, mas não sem primeiro conceder as informações que você almejou por tanto tempo, como você não pode proteger minha protegida do modo que ela precisa se você não souber o que está acontecendo ao redor você. — Ele não esperou por resposta de Aeron. Entretanto, Aeron não tinha uma. Se ele tivesse falado, ele poderia ter acidentalmente enviado Lysander por outro caminho em lugar de persuadir a ele para continuar. — Você frequentemente se perguntou por que Cronus se recusa a prejudicar Galen ele mesmo. A razão é simples. Cronus e sua esposa, Rhea, desprezam um ao outro. Eles tomaram lados opostos em sua guerra e juraram não capturar ou matar qualquer um dos Senhores eles mesmos. Seu modo de manter a briga um pouco justa, eu suponho. Rhea, é claro, é a protetora e a informante de Galen.

Então. Um deus *estava* ajudando aos Caçadores. E não só qualquer deus, mas a rainha Titã.

Ele deveria ter sabido, devia ter adivinhado. Aeron a encontrou uma vez, quando os Titãs derrotaram os gregos e tomaram os céus. Eles o convocaram, esperando que ele fornecesse informações sobre os Senhores. Rhea parecia tão velha quanto Cronus foi vez, com o cabelo prata e a pele enrugada. Ela radiava tal frieza e ódio, Aeron ficou surpreso – entretanto no momento, ele tinha estado mais preocupado pelas notícias sobre a mudança da guarda divina do que por um olhar fixo e frio de uma solitária deusa.

— Mais um pedaço de informação que eu deixarei para você, — Lysander disse. — este ajudará você mais do que o outro. Cronus e Rhea são como você.

Como ele?

— O que você quer dizer?

— Eles são deuses, sim, mas eles também são Senhores. Ela é possuída pelo demônio da Discórdia e ele, ele é possuído pela Ganância.

Capítulo Treze

Olivia gemeu. Suas têmporas latejavam e seu cérebro parecia que tinha sido encharcado de gasolina e ateado fogo. Mesmo assim, ela piscou os olhos determinada a achar o que estava errado com ela; lágrimas se formaram instantaneamente, queimando mais quente que sua cabeça. E agora, com um estalo de consciência ela percebeu que sua boca parecia ter sido recheada de arme farpado e algodão.

Ela apertou os lábios, confusa, preocupada.

— Boa garota. — Aeron disse. Mesmo que as palavras fossem positivas ele parecia aflito. Até mesmo chateado. E alto. Muito alto mesmo. — Acorde. Vamos, Olívia. Você consegue.

— Shiuuuu. — Através de uma densa neblina, ela conseguiu focalizá-lo. Ele agachou ao lado dela, as duas mãos estendidas. Em uma, estavam duas pílulas. Na outra, uma xícara de algo escuro e fumegante. — Por favor.

— Eu preciso que você tome isso e beba isto. — Pelo menos ele cochichou dessa vez.

Como um anjo, seus sentidos não estavam sintonizados com esse plano e ela nunca realmente tinha cheirado o que os humanos cozinhavam ou bebiam ou passavam no corpo todo. Mas ela podia cheirar agora, e aquele líquido escuro era divino. Como poder engarrafado, prometendo um novo começo, talvez até mesmo a cura total do corpo.

Café, ela sabia como os humanos chamavam isso. Não admira que eles fiquem em filas quilométricas e estejam dispostos a gastar cada centavo de seus bolsos por uma única dose disso.

— O que são estas? — Ela conseguiu dizer, indicando as pílulas com um movimento de seu queixo. Erro! O movimento mandou uma onda de tontura através dela.

— Só as tome. Elas farão você se sentir melhor.

Aquilo ele não tinha cochichado e ela cobriu as orelhas.

— Você tem uma voz interior? Poderia usá-la, por favor?

Ele virou o punho e colocou as pílulas gentilmente nas mãos dela.

— Pare de brincar. Nós não temos muito tempo.

— Shhhhiu! *Livvie* está falando, e ela não se importaria em esmagar suas cordas vocais se você não falar baixo. — De novo, por que ela gostava desse homem?

— De pé. Agora.

Com cuidado ela sentou e esfregou o sono dos olhos. Seu cérebro ainda queimante quase explodiu, e ela gemeu.

Aeron deu a ela um olhar impaciente. Não, Não impaciente. A emoção naquele olhar era escura, sim, mas o que fosse que ele sentia era forte. Necessidade? Seu gemido tinha *afetado* a ele?

Ela queria se arrumar. Ela alisou os cabelos – só para perceber a bagunça ondulada descendo por seus ombros em incontáveis ângulos. Ela corou enquanto puxava o capuz de seu manto. Ou tentou. De cara feia, ela olhou para baixo. Top azul, saia curta preta.

Por que estava... Com sua roupa de vagabunda, ela lembrou. Ah, é. Mas isso não explicava sua dor de cabeça. Seus cílios levantaram e ela encontrou o olhar penetrante de Aeron.

— Eu fui ferida?

Ele bufou.

— Dificilmente. Você bebeu demais, e agora está pagando o preço.

Esse não era o único preço que ela estava pagando. Uma memória horrível após a outra a inundaram de repente. Depois daquela primeira garrafa de suco de risada, a qual evidentemente não foi tão risonha para ela, ela experimentou um terrível sentimento de perda. Após a segunda garrafa, uma depressão esmagadora veio a ela, e ela soluçou incontrolavelmente. Gideon a segurou, e ela chorou em cima dele. Por Aeron. *Humilhante*.

Aeron ergueu a mão até sua boca.

— Tome as pílulas, mas não as mastigue. Entendeu? Engula-as inteiras.

Ela conseguiria? Só agora, elas pareciam grandes como laranjas. Seus braços estavam tremendo enquanto ela pegava as pílulas com os dedos e as colocava na boca. Tentou engolir. Falhou. Ugh! O gosto! Seu rosto retorcido de repulsa.

— Beba. Vai ajudar. — Ele segurou a xícara fumegante em seus lábios e derramou.

Olivia engasgou. Enquanto o líquido cheirava maravilhosamente, o sabor era uma mistura de ácido de bateria e sujeira. O quão dama ela ia parecer se derramasse tudo na cama?

— Engula. — Ele latiu enquanto colocava a xícara de lado.

Ela engoliu. Bem mau. As pílulas escorregaram por sua garganta, irritando sua garganta, assim como aquele café horrível. Quando ela parou de tremer, ela o encarou.

— Nunca faça isso comigo de novo!

Ele revirou os olhos e sentou em seu lombo.

— Você fez isso com você mesma quando permitiu que Gideon te deixasse bêbada.

Quantas vezes ele ia lembrá-la de sua tolice?

— Agora eu preciso que você levante. *Livvie*. Nós temos algo a fazer.

Agora ela só queria voltar para a cama. Na verdade, ela deitou de volta sobre o colchão e encarou o teto. Tinha um pôster de uma mulher de biquíni, sua pele dourada, suas bochechas vermelhas e seus mamilos duros. Cabelo loiro e longo se movia com o vento. Olivia franziu a testa, confusão retornando.

Aquilo não estava no quarto de Aeron antes.

Ela examinou o resto do quarto, mas não reconheceu nada. Havia uma cômoda de nogueira com um vaso de cristal que brilhava com a luz que passava através das cortinas brancas, quadros de flores de diferentes cores nas paredes e um bonito carpete bege no chão.

— Isso não se parece com seu quarto. — Ela disse.

— Porque não é.

Sua careta se intensificou.

— Então de quem é?

— Seu. Você ficará aqui com Gilly, nesse quarto de hóspedes. Você conhece Gilly? — Ele não deu chance para ela responder. — Ambos, Paris e William já ficaram aqui antes, por isso o pôster. Enfim, você ficará aqui até decidir voltar para os céus.

Compreensão a invadiu. Ele estava tão desesperado para se livrar dela, que ele

tinha voado com ela para a cidade enquanto ela dormia. Ah, isso doía.

— Olivia?

Lute com a dor.

— Sim, eu conheço a Gilly. — Ela disse, com a voz trêmula.

Na verdade, ela conhecia a menina melhor que os Senhores. Gilly era jovem e doce e tinha vivido tragicamente até se mudar para cá, seus pais machucaram-na de muitos jeitos diferentes.

Houve um tempo em que Olivia tinha sido a responsável por trazer alegria à vida de Gilly. Por isso, quando Gilly fugiu de casa, ela levou a adolescente a Los Angeles. De um jeito que nem Olivia entendia, ela sabia que Gilly encontraria salvação lá. O que ela não sabia na época é que a salvação seria Danika e os Senhores do Submundo.

Sua Divindade trabalhava de jeitos misteriosos.

— Mas... — Ela continuou. — Eu não vou voltar para os céus.

Determinação brilhou nos olhos de Aeron. Mas tudo o que ele disse foi:

— Nós vamos discutir isso mais tarde. Agora, como eu te disse, nós temos um trabalho a fazer. Você tem tempo para um banho rápido, mas terá que ser um multifunções. Eu tenho perguntas para você, então vamos falando enquanto você se limpa.

Ele não esperou pela resposta dela, mas a levantou e a levou para o banheiro. Não havia tempo para apreciar o passeio. Ele a abaixou, cortando o contato, e curvado trabalhou nas torneiras. Ele tinha uma bunda boa, ela observou, apertada o suficiente pelo jeans. E por “boa” ela é lógico queria dizer “tão extraordinária que seu estômago vibrar”.

A água quente subitamente jorrou da torneira, assustando-a e desviando seu olhar. Quando ela percebeu o que tinha feito – *preciso de mais!* – ele já tinha se levantado.

Quão decepcionante. Ou talvez não. Aquela água prometia força, vitalidade e... Suas pálpebras meio-cerradas. Divertido, segunda rodada? Possivelmente. Seu primeiro banho, e Aeron seria o observador. Felizmente, ele não seria capaz de olhar sem tocar.

A manhã de repente, teve um começo muito melhor.

Desejo tremulou por ela.

Ele se virou para ela e mesmo que ele tivesse a mesma altura de sempre, ele parecia maior, mais ameaçador. Seus olhos brilhavam aquele violeta brilhante, suas tatuagens rígidas, e o pulso em seu pescoço martelando descontroladamente. Ele usava uma camisa preta e calça preta – ambos facilmente removíveis – e ela podia ver a saliência das armas em sua cintura e tornozelos.

Tão lindo, ela pensou, o coração acelerando. Ela queria acariciá-lo novamente. Queria mover seus lábios todo o corpo dele. *Especialmente* entre suas pernas. Quando ela segurou ele ali, ela sentiu aquela grande umidade.

Qual seria o gosto dessa umidade?

Ele engoliu em seco. Ele teria percebido a direção de seus pensamentos?

— Você sabe como tomar banho, certo? Você... Tira... — A sua voz travou na palavra. — Entra debaixo d’água e ensaboa da cabeça aos pés.

— Você vai se juntar a mim? — Ela puxou o top sobre a cabeça, deixando o

material flutuar para o chão. Revelar seu corpo deveria tê-la incomodado, ela supunha, mas ela queria que ele visse e suspirasse, assim como ela tinha feito. Insuportavelmente. Além disso, ela estava confiante, agressiva, e agora que ela sabia o tipo de prazer que eles poderiam dar um ao outro, ela faria qualquer coisa, diria qualquer coisa, para recebê-lo. — Ou você só vai assistir?

Se for esse o caso, você pode me ver fazer isso. Ela tocou os seios do jeito que ela imaginou de repente ele tocando-os, incapaz de parar a si mesma. Oh, sim. Aquilo era bom.

Seus olhos se arregalaram, aparentemente coladas nela, no ar no banheiro mudando. Carregando a eletricidade.

— Não faça isso. — Áspera, sufocada.

— Por que não?

— Porque a sua Divindade deveria ser recompensada por criar esses... — Ele balançou a cabeça, apesar de seu olhar fixo apertado não deixá-la. — Eu quero dizer, porque eu... Maldita seja. E maldito seja eu. Eu deveria ser punido. Os pensamentos em minha mente...

Seriam iguais aos dela?

— Aeron. — Ela suplicou.

— Eu percebi que eu nunca os beijei. — Ele proferiu em uma voz rouca carregada com a mesma eletricidade que zumbiam no ar. — E deuses, mulher, isso é um *crime*.

— Beije-os agora. — Por *favor*.

— Sim. — Ele se inclinou em direção a ela, inclinando a cabeça, pupilas expandindo – e desta vez ela *sabia* que era desejo em vez de raiva.

Seus mamilos perolizaram, esperando... Esperançosos... Mas pouco antes do contato, ele parou, endireitou e rosnou. Ela liberou um suspiro que não sabia que ela estava segurando. Ele quase... Doce Divindade. Ele realmente tinha quase beijado-a lá.

— Aeron. — A dor que tal conhecimento evocou... *Faça. Não pare agora.*

— Não.

— Por quê?

— Porque sim! — Ele sabia o que ela queria, o que ela precisava, mas ainda assim negou. *Só por que.* Bastardo! — Você pode fazer isso sozinha. — Ele passou por ela e saiu do banheiro, puxando a porta atrás de si, deixando apenas uma pequena fresta de luz.

Tão perto...

Ela poderia ter gritado, sua pele de repente muito apertada para o seu corpo. Em vez disso, ela tirou o resto de sua roupa e entrou no box. No momento em que a o primeiro jorro a atingiu, ela *desejava* que ela *tivesse* gritado. Qualquer coisa para aliviar algo da pressão crescente dentro dela. Pressão que a carícia suave da água excitou.

Tentou deixar a mente em branco, mas um conjunto de palavras continuava reivindicando sua atenção. *Beijo. Seios. Corpos. Movimento. Misturando-se.* Argh!

— Eu não ouço você se ensaboando. — Aeron vociferou.

— Vá se ferrar. — Ela retrucou, uma expressão que ouvira os humanos dizerem quando alguém os irritava. E oh, Aeron a tinha irritado.

Beijo. Seios. Corpos. Movimento. Misturando-se. Deslizando. Pegando. Seus joelhos quase se dobraram.

— Olivia. — Um aviso?

— Feche a boca, demônio! — Tremendo, ela bombeou um jato de sabão com perfume de rosas suas mãos e, finalmente, começou a limpar-se. Mesmo que aquilo a inquietasse, duplicando o prazer. Como ele tinha mexido com ela tão rápido e com essa intensidade? *Sem* beijá-la?

Beijo. Seios. Corpos. Movimento. Misturando-se. Deslizando. Pegando. Possuindo. Lambendo. Sugando.

Logo ela iria desmoronar.

Distração. Sim, isso é o que ela precisava.

— Será que Paris e William usaram este sabão? E sim, você pode falar agora.

— Eu não sei e não importa. Você não deveria estar pensando sobre eles. Mais do que isso, eu faço as perguntas por aqui. Como você sabe que nós falhamos ao tentar captar Scarlet ontem?

— Eu disse a você. Eu sei um monte de coisas que podem ajudá-lo, mas até agora você não pareceu interessado em sabê-las.

— Bem, eu estou interessado agora, então comece a falar. Existem outros portadores de demônios imortais na cidade?

— *Confiante*, ela lembrou.

Você pensa que é fácil assim? — *Agressiva*. — Você faz um pedido e eu entrego?

Uma pausa. Um hesitante...

— O que você quer?

Rendição!

— Nós vamos começar com um pedido de desculpas.

— Me... Desculpe.

De má vontade oferecidas, avidamente recebidas.

— Não. — Ela finalmente respondeu. — Não há qualquer outro portador de demônio imortal na cidade.

— Tudo bem, então. Eu preciso que você me leve onde essa Scarlet está ficando.

— Não, me desculpe. — Olivia torceu e virou embaixo do spray de água, as bolhas correndo para baixo e fora do seu corpo. *Beijo. Seios.* Argh! — Eu não estou fazendo nada por você.

— Você vai.

Outra demanda, proferida com tanta determinação... Determinação que deveria ter sido irritante, em vez de sexy. *Pressão crescendo... De novo...*

— Por que está tão impaciente com a minha ajuda agora?

— Eu quero que você veja o tipo de vida que eu levo. Eu quero que você veja as lutas e o sangue e a dor. Eu quero que você veja que eu não me importo com ninguém além de meus amigos e de Legion, e eu vou machucar qualquer um — *qualquer um* — que os ameace.

Qualquer um — até Olivia? Mesmo que ontem ele tivesse escolhido ajudar Olivia e mandar Legion embora? Sem dúvida. Adeus, pressão. Olá, vazio. Elas haviam sido frias, palavras duras, mais uma promessa do que uma ameaça. Ele podia

não querer fazê-lo, mas ele não iria parar a si mesmo.

— Tudo bem. — Ela disse. Se ele quisesse passar o resto de sua vida, mostrando-lhe essas coisas, ela o deixaria mostrar. E ela devolveria o favor! Ela ia mostrar-lhe exatamente o que ele sentiria falta se ela o deixasse. Como os seios que ele deveria ser – punido – por ignorar. Como a boca que queria tanto sugar ele.

Pressão... Pior do que antes...

Respire, ela precisava respirar. Ela mexeu nas torneiras até que a água desligou, o ar ao seu redor a resfriando imediatamente. Só que falhando em aliviar suas necessidades. Bolinhas estouraram sobre a sua pele molhada, e ela gemeu. *Não mais.*

Talvez ela pudesse *dar alívio a si mesma*, pensou ela, intrigada. Aeron havia usado os dedos... E ela tinha dedos próprios... Ela lambeu os lábios, o coração acelerando de novo. Ele não teria que saber. Ela ligou a água de volta, *finja que precisa se ensaboar mais, e...*

— Pronto? — Perguntou ele.

Ela ficou tensa.

— Eu... Eu só...

— Olivia, eu acredito que eu mencionei que estou com o tempo apertado.

Verdade. Ele não estaria vivo por muito mais tempo.

O lembrete a acalmou, esfriando seu desejo como o ar não tinha. Ela pensou que ela tinha aceitado a sua morte iminente. Mas nove curtos dias? Isso dificilmente era tempo suficiente para experimentar tudo o que ela queria viver com ele. Especialmente tão teimoso como ele estava sendo.

Você terá que fazê-lo ser suficiente.

— Tudo bem. — Disse ela com um suspiro, e saiu do box. Indo com ele agora também ia dar-lhes mais tempo juntos. E ela presumiu que não iria torturá-lo com o que ele nunca teria, ela pensou amargamente, odiando abandonar tão doce vingança. Ela *presumiu* que ela ia oferecer-lhe os seios e a boca ávida – e qualquer outra coisa que ele quisesse – sem restrições.

Entre as ofertas, poderia proteger Aeron, como ela prometeu fazer, se alguém ou coisa ameaçá-lo.

— Tudo bem o quê? — Ele perguntou, confuso.

Havia uma escova de dente na borda do chuveiro, junto com um tubo de pasta de hortelã. Tendo visto os humanos executarem a tarefa mil vezes, ela sabia o que fazer e conseguiu escovar os dentes sem nenhum incidente.

— Tudo bem, eu vou lhe mostrar onde Scarlet vive.

Boca fresca e limpa, ela pegou a escova de cabelo sobre o balcão. As cerdas estavam presas em vários emaranhados, levando ela a fazer uma careta, mas ela não parou até que seu cabelo estivesse liso. Da próxima vez, ela não se esqueceria de trazer seu manto com ela, mesmo que ela não planejasse usá-lo.

— O que a fez mudar de ideia? — Suspeita escorria de cada palavra.

— Discutir com você é um desperdício de tempo precioso. — Verdade, e um tanto ilusório.

— Uma mulher racional. Quem teria adivinhado?

Ela jogou a escova na pia.

— Um macho insensível que não vai ganhar um beijo se continuar assim. —

Novamente, verdade. E chocante. Este lado vingativo dela... Ela gostou.

Silêncio a saudou. Será que ele desejava outro beijo? Apesar de sua nova afinidade com o sofrimento, ela tentou não esperar muito.

— Eu não machuquei Legion, você sabe. — Disse ela. — Mesmo quando ela me machucou.

— Na verdade, meu anjo, ela se machuca sempre que você está por perto. Ou ela costumava fazer, quando você tinha asas. Mas eu nunca me machuquei, nem os outros guerreiros, e somos tão demoníacos quanto Legion. Por que isso? Você estava fazendo isso de propósito?

— Claro que não. Embora seja verdade que demônios odeiam estar perto de anjos, você conseguiu humanizar o seu. Pelo menos um pouco. — Agora. Chega de conversa sobre Legion, apesar de Olivia ter sido quem a trouxe à tona dessa vez. — Você quer saber como capturar Scarlet ou não?

— Desculpe. — Ele murmurou. — Sim. Eu quero.

Ela lutou contra um sorriso. Outro pedido de desculpas. Do mesmo jeito relutante, mas tão doce quanto.

— Aqui está o que eu sei. Porque ela é possuída por Pesadelos, ela é enfraquecida durante o dia. — Enquanto ela falava, Olivia estudou-se no espelho enevoadado. Havia hematomas debaixo dos seus olhos e suas bochechas estavam um pouco ocas. Ela só queria que Aeron sempre a visse no seu melhor, não desse jeito, mas nada podia ser feito. — Ela é como os vampiros, a este respeito. Ela dorme durante o dia, seu corpo muito fraco até para andar.

Aeron levou um momento para absorver o que ela disse.

— Nós vamos capturá-la hoje, então, enquanto ela está dormindo.

— Por que a urgência? E o que você pretende fazer com ela?

— Os Caçadores estão na cidade. Encontramos seu esconderijo, e agora sabemos que eles estão sendo ajudados por Rhea, a rainha dos deuses. Queremos fazer algumas perguntas a Scarlet, impedi-la de ajudar os Caçadores.

— Eu poderia ter lhe dito que eles estavam na cidade, mas você se recusou a me ouvir.

— Eu sei, eu sei, e eu sinto muito por isso, também. Então o que você sabe sobre Rhea?

Novamente outro pedido de desculpas dele. O homem merecia uma recompensa.

— Eu sei que ela se intitulou a Mãe Terra, e que ela ajuda aos Caçadores. — Disse Olivia, apesar de tudo, o que ela podia pensar era em dar a Aeron aquela recompensa. — Eu sei que ela era mais fraca dentro do Tártaro, todos os Titãs eram, e é assim que os gregos foram capazes de fazer o demônio do Conflito se apossar dela.

— Eu não posso acreditar que eu tinha a informação na ponta dos dedos o tempo todo. — Ele murmurou. — Se o seu demônio é tirado dela, ela vai morrer? Como nós?

— Sim.

— Então porque é que ela ajuda os Caçadores?

— Pela mesma razão que Galen os lidera. Eles planejam matá-los e salvar eles mesmos, e então, utilizar seus demônios para seus próprios ganhos. No caso de Rhea, tomando os céus e destruindo Cronus de uma vez por todas.

Se ele tinha mais perguntas, e ela tinha certeza de que ele tinha, ele não se deixou perguntar. Será que ele pretendia consultar sua outra fonte, seja qual – ou quem – for? E ele tinha uma fonte. Isso estava muito claro. Ele nunca esteve tão bem informado antes. Se ele tinha, ele não precisaria de Olivia, e ela odiava essa ideia.

— Obrigado pela informação. — Ele disse rispidamente.

— De nada. — *Pressione-o. Seja confiante. Agressiva. Mostre a ele que ele precisa de você para mais do que respostas.* — Aceito o pagamento em forma de beijos. E de qualquer jeito, eu acredito que eu lhe devo dois. Você se desculpou por sua insensibilidade, afinal.

Aeron pigarreou.

— Sim, bem, eu nunca disse que iria pagá-la. Ou *aceitar o pagamento*. Nós, uh, precisamos sair.

Homem decepcionante.

— Deixe-me... — Olivia olhou para a toalha. Se ela a vestisse, ela iria desistir, e ela não estava preparada para desistir.

Ela mordeu o lábio enquanto as palavras de Gideon fluíam através de sua cabeça. Bem, a tradução de suas palavras. Homens gostam de mulheres nuas. Os homens têm dificuldade para resistir a mulheres nuas. Portanto, nada de toalha, ela meditou, quase vibrando de antecipação.

Pressão...

— Não se preocupe. — Disse ela pela garganta. — Eu estou pronta.

Arqueando as costas para levantar o peito – ele *gostava de* seus seios – ela segurou a maçaneta da porta e deixou a porta totalmente aberta. *Confiante*. Aeron estava encostado na parede e de costas para ela. Seus braços ainda estavam cruzados sobre o peito. Infelizmente, ele ainda estava vestido.

Agressivo. Eles só tinham que mudar isso.

Nua e molhada, ela entrou na frente dele, seu coração batendo mais forte e mais rápido do que quando ela tinha considerado tocar a si mesma. Quando ele a viu, seu queixo caiu. Suas narinas se expandiram. Suas pupilas praticamente explodiram, a íris violeta completamente escurecida.

Olivia quase gemeu. Bem, bem. Gideon tinha razão. Aeron gostava de olhar para uma mulher nua.

Pressione mais. Desejo... Ela precisava dele para aliviar o desejo...

— O que você acha da minha roupa? — Ela perguntou, girando.

Sons estrangulados deixaram sua boca.

Ela poderia nunca mais vestir a roupa novamente.

— Eu sou humana agora e os humanos sempre exigem pagamento de seus serviços. — Ele podia ouvir a excitação e nervosismo em sua voz? — Então, se você quiser mais informações de mim – e, acredite, eu tenho muito a oferecer – você tem de merecê-lo.

— Como? — A palavra foi um grunhido – mas aquele grunhido não estava atado com raiva. — Com os beijos que você mencionou?

— Essa foi à taxa de cinco minutos atrás, e você se recusou a pagá-la. Portanto, meu preço já subiu. Se você quiser saber de mais alguma coisa, você vai ter que me aquecer com seu corpo. Estou com frio.

Eu estou tão quente, eu estou pegando fogo.

Ele engoliu em seco. Endireitou-se. Seu olhar percorreu o comprimento dela, persistindo em seus seios, entre as coxas. Sua respiração tornou-se instável e superficial.

— Puta merda. Morrendo. Eu estou morrendo.

Eu também.

— Aeron.

Dê-me. Leve-me.

— Não... Não há tempo.

— Faça tempo. — Disse ela, e fechou a distância restante entre eles.

Tenho... Tocar...

Ele poderia ter movido-a para fora do caminho, e ela não teria sido capaz de detê-lo, mas ele o fez. Suas mãos grandes se acomodaram em sua cintura, seus dedos apertando fundo. Finalmente!

— Eu não deveria. — Disse ele. — Disse a mim mesmo que não iria, mesmo que ele não...

— Ele? — *Mais.* — Quem não fará o quê?

A princípio, ele não deu resposta, não replicou.

— Meu... Demônio. — Ele finalmente disse, em tom duro, seus dedos se espalhando para cobrir mais dela. Da parte inferior das costas até as nádegas, ele a tocou. Queimou-a. — Ele não... Vai te machucar. Pela primeira vez, eu não tenho que me preocupar.

“Ele”, não “isso”? O que mudou entre os dois seres?

Quem se importava? *Progresso!*

— Então, por que você não deveria estar comigo? — Se ele tivesse a esperança de dissuadi-la desse caminho, ele nunca deveria ter a introduzido a paixão. Erro dele, e um que ela iria tirar total vantagem. — Não há nenhum obstáculo.

— Obstáculos... — Ele se debateu com a palavra, o olhar colado aos lábios. — Estamos...

Ela apoiou as palmas das mãos sobre o peito dele, não querendo ouvi-lo recitar uma lista inteira de problemas. Como ele provavelmente tinha planejado. Seu coração batia mais forte e mais rápido do que o dela. Um bom sinal. Ainda. Querendo ainda mais forte, ainda mais rápido, ela arqueou a parte inferior do corpo no dele e gemeu. *Oh, sim.*

— Você gosta de obter respostas, não é, Aeron? Isso é importante para você? Para o seu bem e de seus entes queridos. Apenas *me pague*.

Ele lambeu os lábios, deixando um brilho reluzente de umidade. Provar, era tudo o que ela precisava....

— Quem teria pensado que uma anja seria tão manipuladora? — Perguntou ele roucamente.

— Eu estou caída. — Ela o lembrou. Mais uma vez. — Agora, chega de falar. Mais pagamento.

— Sim...

Ele inclinou-se enquanto ela se elevou nas pontas dos pés. Seus lábios esmagaram-se juntos, e num primeiro momento, ele não respondeu. Ela teve que forçar sua língua através de seus dentes cerrados, mas o momento em que tocou a dele, ele gemeu e assumiu.

Oh, ele assumiu. Seus braços se uniram em torno de sua cintura e ergueu-a. Ela teve de envolver suas pernas em torno dele e travar seus tornozelos, caso contrário ela teria ficado simplesmente suspensa. A nova posição era deliciosa, exatamente o que ela precisava, colocando seu núcleo de desejo na ponta de sua dura, grossa ereção. Uma ereção espreitando a cintura de suas calças.

Calças estúpidas.

Seu cabelo, cortado tão próximo de seu couro cabeludo, fazia cócegas em suas palmas enquanto ela esfregava de cima a baixo. Uma das mãos dele em concha na base de seu pescoço angulando sua cabeça para um contato mais profundo. Contato que ela sentiu em cada centímetro de pele, cada célula correndo por suas veias, cada osso gritando por mais.

— Você está com roupas demais. — Ela disse a ele entre respirações profundas.

— Não o suficiente. — Ele disparou de volta. Seus lábios se acomodaram em sua clavícula e sugaram. Ainda mais embaixo. Ele lambeu um mamilo, finalmente fazendo jus a sua promessa de beijá-la ali, e ela gemeu. Sua outra mão moveu-se para seu seio negligenciado e o massageou. — Eu não acho que um escudo de armas iria me proteger de seu encanto.

Uma admissão tão doce.

— Nós devemos ir devagar.

O quê? Não!

— Acelerar. — Ela mordeu a orelha dele, ganhando um rosnado.

Novamente ele chupou seu outro mamilo, e o prazer à fez suspirar, então ela gemeu enquanto ele lambeu onde tinha mordiscado. Ela arqueou para ele, esfregando do jeito que ela gostava.

— Eu vou deixar você todo molhado.

— E isso é uma coisa ruim? — Ele perguntou.

Coisa má, coisa má. As palavras eram um eco em seu cérebro, e ela se lembrou de como ela tentou lambe o pênis dele na última vez eles tinham beijado assim, mas ele não a deixou. Pensou nela pura demais.

Ela baixou as pernas, os pés batendo no carpete macio.

Ele franziu a testa.

— O que você...

Ela caiu de joelhos, puxando as calças até que o seu membro ficou livre. Grosso, longo, tão magnificamente rígido.

— Olivia... — Um gemido, como se ela estivesse torturando-o. — Você não devia.

Sua boca ficou aguada quando ela apertou sua bochecha na carne suave como cetim. Quente, marcante. Os dedos dele emaranhados em seus cabelos. Ela recuou ligeiramente, abriu amplamente, depois o chupou para dentro. Seu tamanho esticou sua mandíbula, um ajuste desconfortável, mas o doce sabor salgado dele a excitou.

— Eu estava errado. Você deve. — Ele resmungou. — Você realmente deve.

Cima e para baixo, ela o montou com a boca, as mãos brincando com seu saco pesado. Ela gostava dele, gostava de fazer isso, destruir a sua relutância, estimulando-o a ceder entusiasmado. Mas ele não a deixou levá-lo todo o caminho. Muito cedo, ele agarrou seus ombros e a puxou.

— Chega. — O suor reluzia em seu rosto quando ele a balançou ao seu redor e a empurrou contra a parede. Sem uma palavra, ele foi o próximo a cair de *joelhos*. Suas mãos fortes separaram as pernas dela, e então ele estava lá, lambendo-a, chupando-a, *devorando-a*.

Ela precisava de um apoio, mas não conseguia encontrar um enquanto suas mãos agarravam a parede atrás dela acima e abaixo. Enquanto sua cabeça batia de um lado para outro... Enquanto o cabelo dela fazia cócegas nas costas. *Tudo* era estimulante. E ela estava perto... Tão perto... Só precisava...

Ele voltou a ficar de pé, ofegante, lambendo a água que ela havia deixado sobre sua face, olhos meio cerrados, líquidos.

— Quero tomá-la... Não posso tomá-la... Gosto tão bom... Preciso de mais... Não posso ter mais...

Mais. Sim.

— Aeron.

Ele balançou a cabeça, toda sua insinuação de sua resistência desaparecendo — apenas para ser substituída por determinação. Ele alcançou entre os seus corpos e acariciou sua ereção. A outra mão segurou a cintura dela.

— Eu não posso... Não posso... Tenho que lembrar...

— O quê? Lembrar-se de quê? Você vai... Vamos... — *Por favor, por favor, por favor.*

— Não é possível. — Ele se acalmou. Suas calças raspando foram o único som na sala, juntos emaranhando descontroladamente, exatamente como ela queria ficar com ele. — Não é possível. Nós vamos... — Outro rosnado. Ele jogou a mão rapidamente dela para esfregar o rosto. Enquanto a mão descia, revelando suas características, viu a mudança nele. De determinado para enfurecido. — A maioria dos seres humanos tem de andar por aí insatisfeitos. Se você quiser ser um ser humano, você deveria saber como é a sensação.

Insatisfeita? Ela preferia morrer.

— Ensina-me da próxima vez. Por favor, Aeron. — Ela precisava muito dele agora. — *Por favor.*

Ela arqueou os quadris, indo e voltando, desta vez encaixando seu úmido núcleo contra o duro aço de seu liberto membro, um membro que ela provou. Ela deslizou para baixo, para cima, para baixo novamente. Oh Divindade. Um prazer... Incomparável. Endurecendo, eletrizante... Proibido.

Deve ter sido o mesmo para ele, porque mais uma vez ele entrou em ação. Ele envolveu seu centro e a lançou em seu eixo. Repetidamente, de novo e de novo. Nenhuma vez ele a penetrou, mas isso não importou para seu corpo choroso. O que ele estava fazendo era muito bom, eletrizante, e logo os dois estavam gemendo, respirando ofegante mais forte, tremendo.

Mesmo o beijo ficou fora de controle, as suas línguas duelando, rolando juntas, os dentes batendo, raspando. Suas unhas agarradas a ele, em suas asas escondidas — *muito selvagem*? Gideon disse que Aeron precisava de uma mulher selvagem, mas isso podia ser muito, muito rápido para o seu guerreiro e ela não queria que ele se afastasse.

Embora quase lhe custasse os últimos resquícios de sua sanidade, Olivia amansou seu toque, suavizando as unhas em suas costas, longe daquelas fendas

sensíveis.

— O que você está fazendo? — Ele vociferou.

— Apreciando você. — Respondeu ela. — Ou eu estava, até que você abriu a boca.

Ele franziu a testa, puxando o rosto do dela para que ele pudesse olhar em seus olhos.

— Bem, comece a apreciar novamente.

— Eu adoraria. — Ela mordeu o lábio inferior e arqueou para ele. — Mas eu quero o seu pênis dentro de mim primeiro.

Um som estrangulado saiu dele.

Novamente ela arqueou. A ponta do seu eixo esfregou seu clitóris, e ela engasgou. Ele assobiou. Tão bom. *Tãooo* bom. Sua cabeça caiu para trás, e seu cabelo molhado balançou, mais uma vez fazendo cócegas em sua pele. Tão perto, ela pensou. Tão perto do auge de prazer que ele a levou da última vez que tinham beijado assim. O auge que aliviaria a pressão ainda crescendo dentro dela, ainda torturando-a.

— Aeron, Aeron. Só mais um pouco, — Ela murmurou. — e eu posso...

— Não. Não! — Ele a soltou, de repente e sem aviso, e ela caiu dele. Ela bateu no chão e perdeu o fôlego. Isso não entorpecia sua paixão. Ou aliviava suas dores. — Não posso.

Ele passou a mão trêmula sobre a boca, como se estivesse tirando o gosto dela, momentaneamente escondendo as linhas de tensão depositadas ali. Então ele estava fechando suas calças com os dedos trêmulos.

— Nada de clímax. — Disse ele em tom áspero que ela desprezava tanto. Irritado, ao invés de cheio de desejo.

— Eu... Eu não entendo.

Seu olhar estreito caiu sobre ela, sua expressão, como o granito.

— Eu disse a você. Humanos muitas vezes experimentam desejos não correspondidos. Você quer tanto ser um ser humano, você pode suportá-los, também. Agora se vista. Como eu também já te disse, nós temos um lugar onde devíamos estar.

Capítulo Quatorze

Strider chocou com o chão quando uma bala passou assobiando junto a seu ombro.

— Sinto-o. — Murmurou Gwen com uma careta. Seu cabelo vermelho recolhido em um rabo de cavalo e seus olhos dourados-prata estavam reluzindo. — Tenho problemas para canalizar meu lado escuro – sua Harpia – assim pensei que seria melhor levar uma arma.

Uma arma que nunca tinha usado antes. Um Caçador Morto, especialmente se ele houvesse crescido.

Maldita seja, isso tinha estado perto. Quase assassinado por fogo amigo. E então as coisas realmente haveriam ficado feias. Embora, ela não tinha tido a intenção de lhe golpear, seu demônio o teria visto como uma provocação. Gwen teria ganhado, e

ele estaria se retorcendo no chão durante dias, perdido na agonia.

Como tinha perdido uma provocação faz umas semanas com os Caçadores – porque Gwen e Sabin tinham deixado o pai dela escapar, algo que ele ainda estava tentando lhes perdoar – as consequências do fracasso estavam vívidas em sua mente, e não tinha vontade de repetir a experiência.

— Só tire o dedo do gatilho. — Disse a ela. — Não sabemos para onde escaparam e se esconderam os Caçadores e não sabem onde estamos. Os disparos poderiam delatar nossa posição.

— Feito.

Sacudindo a cabeça, Strider se endireitou. Olhou a seu redor. Exuberantes, robustas árvores o rodeavam e a maioria dos outros que tinham estado no templo com ele – e que, como ele, tinham sido transportados a... Em qualquer lugar que o inferno estivesse. Perto de água, como antes, era tudo o que sabia. Ele podia ouvir o arrulho do mar a poucos metros de distância, a areia dourada resplandecia a seus pés e se agarrava a sua pele.

Amun e Maddox estavam explorando em busca de sinais dos inimigos.

Evidentemente a ideia de um “presente” dos Tácitos tinha sido misturá-los e a dezesseis Caçadores armados em um lugar misterioso. Todos tinham estado aqui vinte e quatro horas, tinham resistido a um completo tiroteio, uma luta pela segurança de entender as coisas, e agora isto. Esperando. Procurando. Era como as lutas de boxe que Strider gostava de ver na televisão: os Senhores em um canto, os Caçadores no outro. Assim quando soaria o maldito sino?

Logo, se ele saísse bem dessa.

Seu telefone soou, chamando sua atenção e dando sinal de êxito. Em uma área ao menos.

— Sim! — Disse ele, golpeando o tronco de uma árvore pela emoção. — Meu texto finalmente chegou a Lucien.

Tinha estado tentando entrar em contato com seus amigos em Buda durante a maior parte das vinte e quatro horas, sem sorte. Já fosse que as poderosas criaturas se negassem a lhe deixar estabelecer contato ou as torres repetidoras eram poucas e distantes entre si. Seu dinheiro estava nas criaturas. Ele necessitava que Lucien lhes projetasse mais arma e munição. De maneira nenhuma deixaria este lugar até que todos os Caçadores fossem capturados. Ou mortos. Ele não era exigente.

Agora que o texto tinha chegado, as linhas de comunicação abertas, significava que os Tácitos estavam tirando as mãos da batalha?

Só uns segundos depois, seu telefone soou de novo. Levantou a tela para ler a resposta de Lucien. *Tento me projetar para você. Algo está me bloqueando.*

Maldição. As mãos ainda dentro, mas não como uma restrição.

Ele transmitiu a má notícia a outros, espalhados a seu redor, e gemeram.

— Estaremos bem. — disse Sabin. — Se nada mais funcionar, Gwen pode rasgar através deles como uma faca através de seda.

Strider sabia que a declaração não era o alarde exagerado de um marido atordoado, a não ser a verdade. Quando seu lado escuro a superava, Gwen poderia imobilizar a um exército imortal por sua conta. Os humanos seriam uma brincadeira de crianças.

— Só se minha harpia decidir mostrar-se. — Resmungou ela. — Espera. Não só

por *ele*. Fará. Eu a obrigarei.

Quando se tratava de Sabin, ela faria qualquer coisa para lhe proteger. Um fato que todos nesse pequeno acampamento sabiam intimamente, depois de terem sido destroçados pelas garras de sua Harpia uma ou duas vezes durante o treinamento.

Não se preocupe, escreveu ele, voltando sua atenção para o telefone. *Temos este.*

A boa notícia é que Galen está aqui em Buda e não no grupo.

Surpreendente, já que ele tinha visto Galen nessa visão. *Estão bem para continuar?*

Estaremos bem. Mas devo adverti-lo, que esse bastardo de algum jeito pôs suas mãos sobre a Capa. Poderia estar na fortaleza, e nunca saberíamos.

Merda! Isto ia de mal a pior. Galen tinha um artefato, e um poderoso no que a isso se refere. Logo que isto tivesse terminado, Strider faria o que fosse necessário para roubá-la. Enquanto isso, chegou sua vez para deixar cair uma bomba. *Aparentemente Esperança foi um menino ocupado. Tenho que te advertir que Galen soube anexar o demônio da Desconfiança com um de seus soldados. Uma fêmea. Acreditam que agora estará desesperada por sangue.*

A princípio, Lucien não respondeu. Provavelmente estava lutando contra o choque como faziam Strider e outros. Desconfiança, quão único restava de Baden, encontrava-se agora nas mãos do inimigo.

Galen ainda necessitava da caixa de Pandora? Perguntou-se agora. Com a caixa, ele poderia congrega a todos os demônios de uma vez, sem ter que buscá-los mais tarde. Assim sim, provavelmente.

Finalmente, entrou um novo texto. *Isto é mau. Muito mau. E acredito que só vai piorar. Aeron convocou uma reunião. Encontrou algo. Informarei a você quando souber de que se trata. Enquanto isso, tomem cuidado.*

Você também.

Um ramo se quebrou. Todo mundo se esticou, a metade imediatamente com suas armas apontando na direção do ruído e a outra metade na direção contrária, nesse caso. Amun e Maddox atravessavam o monte a passos longos, e todo mundo se relaxou. Amun arrastava a um homem, um humano, detrás dele. Com a expressão carrancuda, ele atirou o corpo imóvel no centro do campo.

Enquanto Maddox atava ao homem, Amun fez gestos com o que tinham aprendido.

Strider sempre tinha admirado a capacidade de Amun de absorver as lembranças. Claro que o deixava com uma nova voz em sua cabeça cada vez que o fazia, mas parecia um pequeno preço a pagar por conhecer os pensamentos de todos a seu redor. Enquanto ele tinha tomado só uma nova colheita de lembranças, entretanto, Strider sabia que passaria muito tempo antes de ouvir seu amigo falar de novo.

— Os Caçadores instalaram um acampamento perto de um quilômetro e meio ao norte de nós, e este tipo estava de guarda. Seu plano é esperar que os ataquemos em seu próprio terreno, onde é mais fácil nos ferir sem deixar de estar entrincheirados. — Disse Sabin, interpretando. Então riu sem humor. — Todos vimos desconfiança fundir-se com essa fêmea. Não tentarão nos ferir. Procurarão nossas cabeças.

— Melhor ainda, — Disse Strider, guardando seu telefone. — Galen está em Buda, e tem a Capa da Invisibilidade.

Durante vários segundos prolongados, o silêncio dominou no círculo. Então sentiu as vibrações de seu aborrecimento ao considerar as consequências. Depois escutou suas maldições em voz baixa.

— Obviamente não podemos ficar aqui muito mais tempo, mas como é óbvio, não podemos permitir que esses homens se vão. Maddox pode nos levar a seu acampamento, e lutaremos contra eles em seu próprio terreno como queriam. — Sabin ficou em pé com as mãos apertadas em punhos. — Só, que não gostará dos resultados. Não mostraremos piedade. Não tomaremos prisioneiros.

Em meio de murmúrios de acordo, Strider e os outros ficaram em pé. As facas estavam ocultas nas palmas de Kane e Reyes. As armas sujeitas por Gwen e por ele mesmo. Não, não, não. Ele cruzou a pequena distância para situar-se frente a ela e lhe tirou a Sig Sauer modificada de seus dedos.

— Ficarei com isto. — Disse ele.

— Bem. — Ela sorriu timidamente, e logo agitou a ponta dos dedos com garras. — Irá melhor sem isso, de todos os modos.

— A todos irá melhor.

Sabin a abraçou com força.

— Ajudarei você a convocar a sua Harpia depois que Maddox nos dê uma certa direção. Maddox?

Maddox se dirigiu ao centro do grupo e se ajoelhou na areia. Ele delineou um círculo apagado.

— Estamos em outra ilha. Nós estamos aqui, e eles estão aqui. — Seus dedos dançavam através dos grãos dourados. — Os Tácitos devem lhes ter dado fortificações extra, porque me encontrei com armadilhas de aço aqui, aqui e aqui.

Amun fez gestos.

Uma vez mais, Sabin traduziu para Maddox e Reyes, que não tinham passado os últimos milhares de anos com o guerreiro silencioso.

— O adormecido daí, — Disse ele, assinalando ao imóvel Caçador. — estava patrulhando o perímetro de seu acampamento com outros três.

— Se nos separarmos, podemos rodeá-los e os cercar, outro guerreiro tirará cada um dos guardas restantes, enquanto que os outros não deixam espaço para que corram e se escondam.

Ao Strider nada gostaria mais que matá-los ele mesmo, um por um, mas não havia tempo.

— Excelente. — Disse Sabin com um gesto da cabeça. Ele delineou aonde iria cada qual. — Não me importa se tiver que se deslizar sobre seu estômago. Não deixe que o vejam. Estão nos esperando, como disse Amun, assim que quanta maior surpresa obtermos, melhores serão nossas possibilidades de êxito. E uma vez que espie seu acampamento, não se mova até que escute meu sinal. Quero enviar meu demônio sobre eles antes que ataquemos. — Dúvida poderia inclusive converter ao mais valente dos guerreiros em um bebê que chupava o dedo. — Mova-se tão rapidamente como pode. Chegaremos a eles antes que se deem conta que eliminamos a um dos seus. Se não o houverem feito já.

Sorrindo maliciosamente, Strider assentiu e se foi. Na maioria dos casos, gostava desta parte de sua vida. Adorava o desafio da batalha, amava o arrebatamento da vitória. A adrenalina sempre bombeando através de suas veias, o conduzindo mais

rápido, o fazendo mais forte. Como agora. Evitou ramos de árvores e saltou por cima das pedras, de uma vez que se fundia com as sombras.

Precisa de um triunfo, choramingou seu demônio.

Alguns Senhores podiam ouvir claramente a seus demônios, e alguns simplesmente sentiam os desejos de sua outra metade. Strider só o ouvia antes e depois de uma batalha. Talvez fosse porque era quando Derrota era o mais forte e o mais preocupado.

Conseguirei um para você. Prometo.

Certeza?

O que é, Dúvida? Sim, estou seguro.

De vez em quando, o sol aparecia através do dossel das copas das árvores derramando-se sobre o chão como um foco. Por costume, ele girava até que de novo se encontrava com as sombras. Infelizmente, não era um dos que devia encontrar-se com um guarda. Por último, entretanto, chegou a seu destino e desacelerou. Tomou cuidado de evitar algo que pudesse ranger sob suas botas. Então, ao ouvir o murmúrio de vozes desconhecidas, deitou-se conforme o ordenado e avançou pouco a pouco e com dificuldade contornando o acampamento dos Caçadores.

Quão único viu foi um muro de rochas, mas havia aberturas entre várias dessas rochas com canhões de fuzis aparecendo delas. Então ouviu os sussurros.

— Rick não retornou ainda.

— Só se atrasa cinco minutos.

— Talvez tenha se perdido.

— Por favor. Os Senhores do Submundo estão aí fora. Rick já está morto.

— Sim, tem razão. Sei que o tem. Eles não têm princípios morais, nenhuma consciência, por isso matar a um homem inocente não os afetaria. Mas, maldita seja, em realidade eu gostava dele.

Inocente? Por favor.

— Não deveríamos esperar que eles venham. Nós deveríamos *atacá-los*. Obviamente temos a um ou dois deuses do nosso lado. Nosso esconderijo apareceu de um nada. Nossas armas e armadilhas, também. Por que se não teriam nos trazido aqui com os Senhores, se não fosse para destruí-los finalmente?

Boa pergunta. Estes Caçadores se supunha que eram um presente, entretanto, tinham sido armados e protegidos. Ou talvez a batalha fosse o presente. Não para os Senhores, a não ser para os Tácitos. Talvez desfrutassem vendo o derramamento de sangue.

Um homem deve ter se levantado, porque de repente Strider podia ver a parte superior da cabeça.

— Fechem suas putas bocas, todos vocês. Estamos lutando com demônios, a praga de nossas vidas. Temos que estar alertas.

Fanáticos, pensou Strider com desgosto. Queriam culpar a alguém de seus problemas. Compreensível, supunha ele, embora equivocado. Os humanos tinham livre arbítrio. A maioria das vezes esse livre arbítrio era a fonte de seus problemas. Eles decidiam o que iam comer, o muito que bebiam e com quem iam dormir. Decidiam de todos os modos se tomar ou não droga ou meter-se em um carro destinado a bater.

— E se... E se forem muito fortes e morremos aqui?

— Eles querem vingança pelo que fizemos a Mentira, sei. Cortarão nossas mãos como lhe cortamos as suas.

Strider mostrou um sorriso. Dúvida estava fazendo seu trabalho. Em qualquer momento Sabin faria...

O assobio de Sabin ecoou.

Ding, ding. E aí estava, por fim, o sinal de início. Strider saltou sobre seus pés, os canhões de suas duas armas estendidos. Apontou-os às aberturas entre as rochas e apertou os gatilhos ao mesmo tempo. Pop, pop.

Os gritos estalaram.

Pela extremidade do olho, viu Reyes sair desde detrás de um tronco correndo a toda velocidade e subir o muro, lançando uma faca pelo caminho. Houve outro grito. Maddox correu a toda pressa, igualmente, saltando por cima da parede com um só salto, os disparos soando. Só que Maddox não tinha levado uma arma, deu-se conta Strider com o estômago apertado. Ele era o alvo, usando seu corpo como uma distração.

Sabin rapidamente se uniu a ele e Kane tentou fazer o mesmo — até que uma bala ricocheteou de algum modo em uma rocha e se incrustou em seu ombro. Kane amaldiçoou em voz forte e longamente enquanto Strider rodeava o muro, desativando tantas armas como pôde encontrar nos buracos.

Logo uma rajada de vento com aroma de limão alvoroçou o cabelo de Strider, e se acalmou. Gwen, pensou. E, efetivamente, divisou o borrão de seu cabelo quando ela se lançou do alto do muro e caiu dentro do círculo. Sabin claramente tinha cumprido com sua promessa. Strider a seguiu atrás de seus calcanhares, ficando na borda da cornija mais alta com a arma preparada, para o caso.

Ele não deveria ter se incomodado. A Harpia chiou, garras rastelando, afiados dentes mordendo. Os homens gritavam e se desabavam. Alguns tentaram correr, subir pelas rochas. Não chegaram muito longe. Logo que as diminutas asas nas costas lhe permitiram mover-se, facilmente os apanhou e quebrou seus pescoços.

E de qualquer jeito, o inimigo foi vencido.

Sim. Sim! Derrota cantou em sua cabeça.

Muito fácil, pensou ele. Nem sequer tinha suado. Não é que se queixasse. Muito. Quanto mais duro fosse conseguir a vitória, melhor seria o arrebatamento de depois. Em ocasiões, se a vitória era o suficientemente doce, seu demônio se retorcia de prazer durante dias inteiros. Maldita excitação, era melhor que o sexo. Melhor que qualquer coisa, na realidade. Só tinha experimentado tal coisa duas vezes, mas ansiava a próxima vez como uma droga.

Reyes e Maddox estavam sangrando profusamente, enquanto serpenteavam através dos corpos, chutando as armas. A uns metros de distância, fora do cercado, Strider ouviu o rangido de rochas e o estalo de um ramo. Voltou-se com a pistola movendo-se com ele. Relaxou-se quando viu Kane apoiando-se contra o tronco de uma árvore, tentando escavar a bala de seu ombro. Desastre tinha tido que reparar-se de catástrofes similares uma e mil vezes antes, assim que ele sabia como fazê-lo.

Junto a ele estava Amun, inclinado e retorcendo-se. O tipo grande nunca deveria ter se unido à luta. Tinha permanecido claramente à margem, as lembranças que tinha roubado dos Caçadores já o alcançavam, exigindo sua atenção.

— Gwen. — Chamou Sabin.

Uma vez mais, a atenção de Strider virou. Uma ofegante Gwen estava pressionada contra as rochas. O sangue cobria seu rosto e mãos. Todos os guerreiros se afastaram dela. Todos menos Sabin. Ele era o único capaz de acalmá-la quando seu lado escuro se apoderava dela.

Quando Sabin se aproximou dela, Strider se uniu aos outros em revistar aos humanos caídos. A maioria estava sem vida, em silêncio. Uns poucos se queixavam. Rapidamente apontou e disparou, pondo fim a seu sofrimento. À exceção de um. Ficou de cócoras a seu lado. Havia algo no homem... Não, menino. Algo sobre o menino que o fez deter-se. E ao deter-se, a contrária compaixão surgiu à vida.

Esse menino o olhava com olhos vidrados, precavendo-se de quem era e franziu o cenho.

— Bastardo. — Cuspiu ele, regando sangue de sua boca. — Não creia que isto é o fim. Levantarei-me da tumba se for necessário. Destruirei você.

Esse ódio parecia equivocado em alguém tão jovem. O menino não poderia ter mais de vinte anos e tinha o cabelo e os olhos escuros, lhe recordando Reyes quando tinha vivido nos céus. Tinha cortes por toda sua cara e buracos no ombro esquerdo e o estômago dos quais estava brotando sangue a fervuras. Eles tinham decidido matar a estes Caçadores, optando por não tomar nenhum prisioneiro, mas Strider se encontrou de repente lamentando essa decisão.

O que não tinha sentido. Se o menino tivesse podido, teria estripado Strider sem duvidar. Mesmo assim. Sua força fazendo frente à Derrota era humilhante.

Com um suspiro, Strider tirou a camiseta, rasgou o tecido em duas partes e usou um deles para atar o ombro do menino.

— Que demônios está fazendo? — Moeu ele.

— Salvando sua vida.

— Quando acaba de tentar lhe pôr fim? Não. Claro que não. Não quero ser salvo por um demônio. — Tentou deslizar-se, mas estava muito fraco e tremendo para mover-se mais que uns poucos centímetros.

— É uma lástima. — Strider usou a outra parte para aplicar pressão no estômago. — Nunca dou aos Caçadores o que querem.

Houve uma tensa pausa. Continuando, um fraco:

— Isto não mudará nada.

— Bem. Não quero que faça uma ideia equivocada.

Finalmente o menino se deu por vencido e simplesmente ficou ali estendido enquanto Strider o enfaixava. O qual era uma boa coisa. O demônio tinha começado a ver sua interação como uma provocação.

— Assim, o que fizemos para ganhar seu ódio eterno?

As pálpebras que se fecharam à deriva se abriram de repente.

— Como se não soubesse. — Foi a grunhida resposta.

Strider girou os olhos.

— O que seja, amigo. Para que saiba, não podemos estar em todas as partes de uma vez, e temos suficientes problemas com nossas próprias vidas. Não há maneira de que pudéssemos ter feito o que seja que acha que fizemos a seus seres queridos.

— Meu nome não é amigo, imbecil.

Amável de sua parte ignorar tudo o que Strider lhe havia dito.

— Bom, pensei que era melhor que chamá-lo de Buracos.

— Vá para o inferno.

— Estive ali, de fato.

O menino passou a língua pelos dentes.

— Muito bem. Quer saber o nome do homem que um dia o destruirá? É Dominic. Meu nome é Dominic.

— Na realidade, não recordo ter perguntado o nome. E realmente não me importa. — Disse Strider, e era verdade. — Agora que salvei seu traseiro de causar pena, pode entregar uma mensagem por mim. Diga a Galen que sabemos sobre a garota. A garota possuída pelo demônio, se por acaso necessita mais elucidação.

Já pálido, Dominic se tornou branco como o giz.

— Não sei... Do que está... Falando. — A perda de sangue o fazia ofegar.

Sim. Claro.

Múltiplas sombras de repente caíram sobre o humano caído, e Strider levantou a vista. A maioria dos outros se aproximaram e o rodeavam. Nenhum só se queixou de sua desobediência. A compaixão nublava seus traços da mesma maneira que nublava os seus.

Voltou sua atenção para o menino.

— E faça um favor a você mesmo. — Disse ele, terminando o trabalho dos emplastos. — Quando retornar a qualquer lugar que esteja seu esconderijo, jogue um longo olhar a seu líder. Sei que essas asas o fazem parecer um anjo como diz ser. Mas sabe o que? É igual a nós, possuído por um demônio. Só que seu demônio é Esperança. Por que acredita que se sente tão otimista sobre o futuro cada vez que está em sua presença? Por que acredita que experimenta essa esmagante decepção cada vez que o deixa? Isso é o que faz, sabe? A fonte de sua força. Fortalece às pessoas e as destrói.

— Não. Não... Está errado...

As pálpebras de Dominic se fecharam. Desta vez, não os abriu. Havia linhas de tensão e dor ao redor dos olhos e a boca, e já estavam formando-se ocos nas bochechas. Necessitava uma transfusão, mas sem fornecimentos médicos, tal coisa era impossível.

— Envie uma mensagem de texto a Lucien e lhe diga que tente outra vez a emitir-se aqui de qualquer lugar que esteja.

A mão de Strider se apertou com força. Não queria que este imbecil morresse. Não depois de todo seu duro trabalho.

Houve um movimento de roupas quando Gwen fez o que lhe tinha pedido. Uns segundos mais tarde, ela disse:

— Sim! Ele o fez. Está no templo e vai seguir nossos fios espirituais para nos alcançar.

Lucien tinha estado em todo mundo e poderia transmitir-se a qualquer lugar que desejasse. Embora ele não soubesse improvisar exatamente onde estava alguém ao que rastreava. Ele tinha que seguir os rastros de energia que deixavam no plano espiritual.

Strider cavou a mandíbula do humano e a sacudiu.

— Abre os olhos, Dominic.

Passou um momento. Nada. Sacudiu-o de novo. Dominic se queixou.

— Abre. Os. Olhos.

Assegurou-se a injetar suficiente fúria e ameaça em seu tom para despertar até um morto. Dominic tinha ameaçado levantando-se da tumba. Nenhuma ocasião como agora para demonstrar que falava a sério.

As pálpebras do menino finalmente se levantaram.

— O que quer? — Foi a atordoada resposta. Sua respiração era mais forçada, chegando em curtas rajadas.

— Logo que chegar, um de nossos homens o levará a um hospital. Vai viver. E vai entregar essa mensagem que te dei. Oh, sim. Quer saber o nome do homem que o salvou? É Strider. Também o consideraria um favor pessoal se dissesse a Galen que vou atrás dele.

E, como Galen, Strider não mostraria nenhuma piedade. Galen tinha cometido um engano ao emparelhar Desconfiança com um de seus soldados, porque agora, Strider poderia matar Galen. E podia vincular Esperança com alguém de sua escolha.

Derrota pôs-se a rir de alegria. *Que comece o jogo.*

Sim, pensou desagradavelmente Strider. Que comece o jogo.

Capítulo Quinze

Aeron voou alto pelo ar, Olivia apertada em seus braços. Ela tinha seus próprios braços abertos, o vento bagunçando seus cabelos em todas as direções. A cada poucos segundos, ela suspirava respirando e ele imaginava-a sorrindo. Ela tinha que sentir falta de voar.

— Se divertindo? — Ele não pode evitar perguntar.

Ela não respondeu.

Ela esteve em silêncio desde que saiu do apartamento de Gilly. Claramente ela estava irritada com ele. Ele a deixou necessitada, no final das contas, levando-a para o limite do prazer e parando antes que ela pudesse obtê-lo. Mas então, ele era um *toló*. Por que outra razão ele teria prometido mostrar a ela as durezas de sua vida? Antes tarde do que nunca? Algo que ele não poderia fazer se ele proporcionasse prazer a ela cada vez que lhe sorria. E docemente lhe implorava. E o tocava.

Maldito idiota.

A raiva dela o perturbava, ele estaria mentindo se dissesse o contrário, mas encorajá-la era a melhor escolha. Para ambos. Quando ela se rendesse, Legion seria capaz de retornar. Lysander garantiu a Aeron que Legion estava perdoada — ou tentou. Aeron perdeu a implicação. Ainda. Seria bom ter Olivia... Não. Não. Nada mais importava. Nem Olivia e nem construir algum tipo de vida com ela.

O pensamento em si era paradoxal. Se ela ficasse, ele não teria vida. Apenas um punhado de dias.

De repente ele pode ouvir... Sua testa franziu em confusão... A Ira estava... Choramingando? Ele ouviu mais atentamente. Deuses, o demônio *estava*. Porque eles não poderiam ter a Olivia?

Eram ambos tolos, então.

Quando chegaram à fortaleza, ele pousou nos degraus da frente e a colocou sobre de pé, a porta principal logo à frente. De jeito nenhum ele a levaria voando para

seu quarto de novo. Obviamente, ele não pode ter uma cama e Olivia na mesma vizinhança se perder o bom senso.

— Vamos. — Ele agarrou sua mão e a arrastou para a Fortaleza. Novamente ela estava usando uma bata branca e longa. Uma bata que se ensacava sobre ela, escondendo todas aquelas curvas pecaminosas. Ele voara para a fortaleza e recuperara as roupas antes de voar de volta a ela e trazê-la aqui. Uma ida e volta que fora necessária para a sua própria sobrevivência.

A mulher era o perigo encarnado. Quando ela saiu daquele chuveiro, úmida, nua e claramente ansiosa por ele, ele quase morreu de prazer, bem naquela hora, bem ali. E a única coisa que ele se arrependeria se morresse, seria não poder vê-la daquele jeito novamente.

Seus seios eram pequenos, mas firmes e seus mamilos eram como uma deliciosa ameixa. A pele dela era como uma nuvem macia misturada com creme e polvilhada com ambrosia. E todo aquele cabelo chocolate ondulado até sua cintura... *Melhor para mim quando eu a segurar com minhas mãos*, ele pensou.

O que ele quase fez, mas de alguma forma não o fez. Ela gemeu, contorceu-se e implorou por mais. Inferno, Ira tinha gemido, se contorcido e lhe implorado por mais. E ele chegou tão perto de dar mais para os dois. Mas em seguida Olivia tinha suavizado o beijo e estava desapontado e irritado, e esta combinação volátil felizmente o tinha feito entrar em foco.

No entanto, não deveria ter sido decepção ou raiva que ele sentia. Ele deveria ter ficado muito feliz, mas ele encontrou se questionando se o desejo dela por ele diminuiria. Se ela queria um outro alguém. Alguém como Paris ou William, que ambos que ela tinha mencionado durante o banho, acariciando seu corpo, demorando-se. Com o pensamento ele novamente desejava tê-la, completamente fora de controle, por causa *dele*, afundando as unhas em suas costas, raspando os dentes ao longo de seu pescoço.

O que estava errado com ele?

— Você ouviu isso? — Olivia perguntou, puxando-o de seus devaneios sombrios e sensuais.

Ela deslizou sua mão da dele – *Minha*, Ira resmungou, não mais choramingando, mas novamente reivindicando – e parou.

Ele disse a si mesmo que protestaria antes estas declarações a partir de agora, mas ele não pode se forçar a fazê-lo. *Tolo*.

— Ouvir o que? — Ele também parou para ouvir. Com exceção de seu demônio cismando, ele ouvia apenas o silêncio. Carrancudo, Aeron a olhou. Toda vez que a olhava seu ritmo cardíaco acelerava. — Não ouço nada.

— Mas a voz... — Ela andou em círculo, olhando a Fortaleza. — Está me dizendo para segurar suas bolas com uma mão e empunhar seu pênis com a outra.

Seria possível que ela ouvisse seu demônio e... Espera. *O que?*

— Uma voz está te dizendo para me molestar?

Não foi a Ira, então. O demônio não mencionou nada tão específico. Infelizmente.

— Sim.

— Isso é uma tentativa de me seduzir?

Enganosa, fêmea deliciosa, que usava roupas escassas, fazia perguntas

impertinentes e saia do banheiro nua.

— Isso supostamente dever...

— Não! Eu não gosto disso! — Ela o interrompeu. — Eu estou ouvindo as palavras, pensando nelas, mas elas não me pertencem. Eu sei que isso não faz sentido, mas eu não sei como explicar melhor.

Atrás dele, passos ecoavam. Ele se virou. Torin estava na metade da escada, descendo de dois em dois degraus. Hoje, ele usava uma camisa preta, luvas pretas e calças que se arrastavam no chão, de modo que mesmo que ele se sentasse e suas meias escorregassem no tornozelo, nem uma polegada de sua pele seria vista.

— Delicioso. — Aeron ouviu Olivia murmurar. — Eu poderia te comer.

— Você tem que parar de dizer coisas como essa, Olivia. — Aeron deu-lhe um olhar. Apenas para moer seus dentes e amaldiçoar sob sua respiração. Ela não estava olhando para ele, como ele esperava; ela estava olhando para Torin como se ele fosse um pedaço de carne e ela estivesse faminta.

Minha, Ira advertiu.

Aeron bateu o queixo numa irritação súbita – com Torin. Não era como se ele se importasse com quem Olivia desejava. Era só que ela tinha desistido da imortalidade por *ele*, queria que *ele* lhe proporcionasse diversão, queria que *ele* estivesse no interior dela; ela não deveria ser tão inconstante.

— Uh, me desculpe? — Um Torin confuso parou no fim da escada.

Aeron olhou o amigo tentando ver o que Olivia via. Por trás daquele contraste surpreendente de cabelo branco e sobrancelha preta, aquela naturalmente bronzeada – e única – pele, e certo, certo, talvez aqueles penetrantes olhos verdes, ele não era *tão* atraente. E tinha mais, ele era menor que Aeron e não tão volumoso.

— Me ignore. — Olivia suplicou, horror jorrava dela. — Por favor, eu não sei o que está acontecendo comigo.

Torin, aparentemente estava tentando não sorrir.

— Fico feliz que você não esteja com medo de mim.

Aeron queria poder dizer o mesmo.

— Vamos iniciar as apresentações. — Certamente aquela vociferação rosnando de seu tom de voz não era dele.

— Muito tarde, eu temo. — Torin inclinou um ombro contra o corrimão, o retrato do macho domesticado. Exceto pelo brilho perverso nos olhos. — Todo mundo saiu.

— O que?

— Você não é o único com grandes novidades. Lucien se moveu para Roma depois que Sabin e os outros souberam que Galen conseguiu inserir Desconfiança em um de seus soldados. Uma fêmea.

Aeron levou a mão a seus cabelos rentes. Desconfiança. A desconfiança de *Baden* estava agora dentro de um Caçador? Ele sabia que Galen desejava fazer algo assim, mas a informação o atordoou. Inaceitável.

Punição, Ira concordou.

Nenhuma imagem se passava em sua mente, mas Aeron não estava surpreso. Ele estava se acostumando a presença do demônio de forma mais vocal.

— Algo deverá ser feito sobre isto, mas teremos que ser cuidadosos. Hoje eu soube que Rhea, a mulher de Cronus está ajudando aos Caçadores.

Torin absorveu as palavras e empalideceu.

— Você está brincando, não é?

— Antes fosse.

Olivia apertou a mão de Aeron, torcendo seus dedos. A raiva de Ira foi drenada, deixando Aeron como um gatinho fofo. Ele favoreceu a raiva.

— Se houver algo que eu possa fazer, me diga, por favor. — Ela disse. — Eu nem vou fazer você pagar por isso.

Sua tentativa de consolá-lo foi reconfortante. Maldição. Agora ele era como a Ira. Fofinho. E ele não gostava disso. Mas ele gostava dela. Mais do que deveria. Ele estava acostumado a reprimir seus sentimentos, ignorando-os para que ele pudesse se concentrar no que precisava ser feito, mas ela se recusou aceitar qualquer coisa além de sua capitulação completa.

Talvez tenha sido por isso – realização o golpeou duramente. Merda. Era por isso que ele sempre preferiu as mulheres suaves. Bem, não preferia, mas temia as outras, mulheres fortes. Mulheres gentis não ameaçavam quebrar a redoma que guardava seus sentimentos. Mulheres fortes a quebraria, obrigando-o a sentir.

— O que? — Torin perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

— Nada. — Ele mentiu. De jeito nenhum ele admitiria tal fraqueza. — Então, voltando aos Caçadores. Rhea os está escondendo de nós enquanto eles estão na cidade.

Os lábios de Torin puxaram para trás de seus dentes.

— Primeiro descobrimos que Galen está liderando os Caçadores, e agora um Titã os está ajudando também. Se houver mais alguma surpresa eu não quero saber.

— Na verdade Cronus...

— Acabou de me visitar. — Torin interrompeu. — Mas ele convenientemente não mencionou nada disto. Ele apenas nos ordenou colocar nossas bundas para trabalhar e encontrar Scarlet, que é onde estão os outros. Procurando por ela. Ele nos ameaçou com a costumeira morte e destruição se falharmos em encontrá-la. Hoje.

O deus-rei estava certamente fazendo as rondas, primeiro visitando Aeron e depois Torin. Mas porque encontrar Scarlet é tão importante para *ele*? Para garantir que Rhea não a encontre antes.

Os dedos de Olivia lhe apertaram enquanto ela se concentrava em Torin.

— Parece que eu poderei ajudar no fim das contas. Aeron quer que eu te mostre onde ela está hospedada e eu concordei em fazê-lo.

Torin a estudou.

— Sim, Cameo mencionou algo sobre você conhecer a garota.

Quando ele disse o nome de Cameo sua expressão se suavizou. Interessante. Era verdade, como alguns dos guerreiros suspeitavam que os dois estivessem envolvidos? Eles não poderiam se tocar, então se fossem amantes, eles teriam que encontrar outras formas de agradar um ao outro.

Aeron não podia imaginar ser incapaz de tocar ou provar Olivia. Ele não podia... Foco, claro.

— Diga a ele. — Ele disse a Olivia, se forçando para se focar.

Ela endireitou os ombros e indicou a localização. Rápido assim, fácil assim. Antes fosse.

— Eu informarei a todos. — Torin disse, alívio escoado em suas palavras. Ele

não perguntou como Olivia sabia, nem a acusou de tentar enganá-lo. Mesmo sem o soar da verdade em sua voz, ele confiou no julgamento de Aeron.

— Não. Não lhes diga onde ela está. — Disse Aeron. Ele lançou um olhar para a janela mais próxima. As cortinas estavam fechadas, mas havia um pequeno espaço aberto entre os dois painéis, permitindo uma simples sugestão de luz a penetrar no interior. A escuridão não cairia antes de horas ainda, o que significava que Scarlet estava dormindo. — Diga-lhes para voltarem para casa. Olivia e eu cuidaremos de Pesadelos. Com os Caçadores em Buda e em posse de um artefato, eu quero o máximo de guerreiros possível aqui o tempo todo.

— Feito. Alguma forma de convencê-lo a levar um ou dois guerreiros com vocês? Apoio é uma ótima coisa a se ter.

— Não precisaremos de nenhum. Ele estará dormindo até a noite cair, então sem problemas. Certo, Olivia?

O anjo concordou relutantemente. Ela claramente não gostava de compartilhar informações com outro que não ele, mas o estava fazendo. Por Aeron. Talvez ele pudesse perdoá-la pela sua inconstância anterior.

Ira ficou em silêncio, por uma vez não contestando a ideia de perdão... Um conceito que geralmente confundia o demônio.

— Oh, e eu sei que você não quer mais surpresas jogadas no seu caminho, mas há mais uma coisa temos que dizer sobre seu amigo Cronus. — Disse Aeron. — Acontece que nós temos mais em comum do que a nossa mútua ressalva a Galen.

Torin franziu a testa.

— Não entendi.

A única forma misericordiosa de fazer isso era dizer rápido.

— Ele está possuído pelo demônio da Ganância.

Primeiro, a boca de Torin ficou boquiaberta. Depois seus olhos se arregalaram. Então ele cambaleou para trás, bateu no degrau e quase caiu.

— O rei-deus está possuído? Como você..?

— Lysander me visitou. — Como ele, Torin agora sabe que anjos não podem mentir. — Cronus estava preso no Tártaro no momento que abrimos a caixa, então faz sentido.

— Uau. Apenas uau.

— Acrescente um “Merda” e você tem a minha reação inicial.

— Quando Lysander te visitou? — Olivia perguntou. — O que mais ele disse? Ele mencionou a mim. — Antes que Aeron pudesse responder, ela adicionou. — E você quer fazer sexo antes de sairmos? — Ela balançou a cabeça, como se não tivesse certeza de ter se ouvido corretamente. — Acabei de perguntar se você queria fazer sexo comigo?

Ela tinha, e o corpo dele tinha reagido de acordo. Ele confirmou com a cabeça porque não podia confiar em si mesmo falando.

O horror que ele ouviu em sua voz alguns momentos atrás, agora inundava suas feições.

— Mas eu não disse isso. Bem, eu disse e eu quero fazer, mas aquela não era eu. A voz...

O sorriso de Torin era todo malicioso e divertido.

— Então você está falando com Aeron ou comigo?

— Comigo. — Aeron vociferou.

— Contigo. — Respondeu Olivia ao mesmo tempo

— O quê? — Aeron e Ira gritaram em uníssono.

Minha!

Torin riu, o bastardo.

— Eu quisera poder anjo, mas eu realmente a mataria com o meu prazer.

As bochechas dela ruborizaram dando a sua pele um brilho luminoso.

Os dentes de Aeron fizeram aquela coisa de moagem de novo.

— É melhor você dizer para a sua voz calar a boca.

Alguém estava falando através dela? Lysander certamente tinha o poder de fazê-lo, mas o anjo guerreiro não diria este tipo de coisa. Sabin também poderia, mas ele não estava aqui.

Quem restava? Cronus? Rhea? Mas porque seria um deles?

Os ombros de Olivia se endireitaram, seu queixo se elevou de uma maneira que ele sabia que a teimosia tinha chegado e ela olhou para ele.

— Talvez não fosse a voz o tempo todo. Talvez tenha sido eu. Você não é tão divertido quanto eu achei que seria. Você nem sabe como me dar um bom orgasmo.

Torin riu bem alto, e foi a vez de Aeron enrubescer.

— Eu poderia ter lhe dado um se eu quisesse.

— Sim, bem. — Ela bufou. — Prove isso.

Sim!

Um rugido surgiu do fundo de sua garganta e ele se aproximou dela inclinándose, ficando cara a cara. Dar a ela um orgasmo? Não havia nada que ele desejasse mais.

— Se você não for cuidadosa, você estará...

— Aeron, Aeron. — Uma voz familiar chamou.

Aeron se endireitou como se estivesse sido pego fazendo algo que não deveria. Na verdade ele tinha. Legion estava aqui. Como ele poderia ter se esquecido dela? De sua segurança? Ele deveria estar lá for procurando por ela, ao invés de responder as provocações de Olivia.

— Vou para o meu quarto contatar Cronus novamente antes que a luta na lama comece. — Torin disse. — Talvez ele apareça, talvez não. Se ele aparecer eu questionarei o porquê ele não está listado no inventário e se ele pode nos bloquear dos Caçadores. Eu os informo. Vejo vocês depois. Oh, e... Olivia. Boa sorte com esta voz.

Com um piscar de olhos em sua direção ele virou as costas e foi rumo à parte de trás da escada.

Toque o que é meu e pague com...

Você quer parar com estes avisos? Aeron bateu em seu demônio. Ele não pode ouvi-lo. Mas não pare de apostar no pedido, ele quase adicionou. Um tolo.

Um segundo depois, Legion apareceu em torno do canto, olhos vermelhos selvagens. Ela parou quando espiou Aeron, assobiou quando viu Olivia, em seguida disparou para frente até que ela estava em pé na frente deles. Ela estava ofegante, suando.

Instintivamente ele se moveu para frente de Olivia.

— O que está errado? — Ele perguntou, culpa o consumindo. Se ela estivesse

machucado por culpa dele.

— Tudo ficará... Melhor... Looggo. — No momento que a última palavra deixou sua boca, seus joelhos desabaram e ela caiu no chão.

Aeron estendeu a mão, pegando-a antes que ela caísse e a deitando. Ela era tão pequena, seu peso mal registrado.

— Aeron. — Ela disse num suspiro de alívio... Apenas antes de se encurvar com um gemido de dor.

— Legion. — Ele disse com o pânico brotando. — Diga-me o que está acontecendo...

Outro grunhido. Cada músculo que ela possuía começou a atar e relaxar, atar e relaxar. Seu corpo parecia estar... Crescendo? Não é possível. Ou não deveria. Enquanto ele assistia, os braços dela, pernas e tronco se alongavam. Suas escamas até começaram a cair como gotas de orvalho, deixando a pele, um tom dourado de pele se evidenciava.

Logo, porém, os grunhidos se tornaram gritos intermináveis. E com a boca tão aberta, ele podia ver que seus dentes foram diminuindo, a sua língua bifurcada tecendo. Em seguida, cabelos loiros brotaram em seu couro cabeludo e seios grandes saltaram de seu peito.

— Que diabos está acontecendo?

— Ela está se tornando... Humana. — Olivia suspirou. Suas palavras de modo muito mais suave do que a dele, mas ainda assim conseguiu rivalizar em estado de choque e horror.

Não sabendo mais o que fazer Aeron bateu seu pé e correu para o canto. Quando chegou a uma das salas de estar, ele agarrou um cobertor pendurado no sofá. Sua mente tão agitada com perguntas e ele não conseguia processar o que estava acontecendo. Legion. Humana. Por quê? Como?

Ao seu lado novamente, ele colocou o cobertor sobre sua pele nua. Ela parou de crescer, pelo menos. Pararam os espasmos e os gritos, também. Lágrimas marcavam sua bochecha e o seu lábio inferior tremia.

Ela olhou para ele com olhos escuros, líquidos, nenhuma sugestão do demônio vermelho.

— Aeron. — Ela disse em um suspiro. — Eu... Estou... Tão feliz... De... Te... Ver.

Ela soava como uma criança e todas as palavras que saíam de sua boca eram mal pronunciadas. Suas palavras eram hesitantes, como se ela não soubesse usar a língua, ela soava como uma adulta, uma voz rica e rouca.

Espantado ele se agachou ao lado dela e alisou o cabelo de sua testa.

— Diga-me como isso aconteceu, ele disse tão delicadamente quanto podia. Não queria assustá-la.

Ela o alcançou com os braços trêmulos e com as pontas dos dedos traçou sobre seus lábios, sobre o queixo dele.

— Tão bonito, meu Aeron é.

Pela primeira vez desde que conheceu Legion, ele queria se afastar de seu abraço. Ele a amava, realmente, mas a adoração em seu novo rosto – a adoração que tinha visto uma centena de vezes antes, já tinha almejado – era agora... Errado. Porque, sem o brilho vermelho em seus olhos, ele via desejo sexual depositado lá.

Oh Deuses.

Ela era um banquete para os olhos, mais bonita que Olivia até. Pele como mel, os olhos como canela e os lábios mais vermelhos que amora. Seu nariz era pequeno e atrevido, sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Não havia uma falha nela. Mas...

O sangue dele não fervia por ela, seus dedos não formigava quando a tocava e a ideia de tirar o cobertor para espreitar suas curvas era repugnante para ele. Ele preferia arrancar seus olhos. E embora Ira gostasse desta garota da mesma forma que gostava da velha Legion, o demônio estava quieto, não havia reivindicação.

— Só há uma forma disso ter acontecido. — Olívia disse com tanto pavor que o estômago de Aeron se apertou. — Ela fez um acordo com Lúcifer.

Um acordo com o diabo? Pelo quê? Ela já possuía tudo que o seu coração desejava.

— Isso é verdade?

E se fosse, o que isso significava para ela? Para ele? O que Lúcifer teria pedido em troca?

Ira pulou em movimento, rondado para frente e para trás em sua cabeça. Não havia imagens aparecendo, pelo menos, mas o demônio ficou subitamente inquieto, como se ele não gostasse do que estava acontecendo.

Legion olhou para Olivia.

— Claro que não é... Verdade. Eu nunca faria... Tal... Coisa tão desprezível.

— Você mente. — Olivia respondeu. — Eu posso ouvir a falsidade em sua voz.

Ele não podia, mas ele *podia* ouvir a verdade em Olivia. Ainda. Ele não sabia em quem acreditar. Legion, a quem ele amava. Ou Olivia, a quem ele era faminto, mas não podia ter.

Cautelosamente, Legion sentou-se e o cobertor caiu para sua cintura. Aeron olhou para longe rapidamente, mas não antes de ter um vislumbre de seus mamilos perolados.

Ele queria esfregar suas córneas com uma lixa.

Será que este dia nunca terminará?



Olivia viu Legion estender um braço, olhou-o, em seguida estendeu o outro e o examinou também. Ela colocou as mãos em seus seios, beliscou os mamilos e engasgou com admiração.

— Eu sou maravilhosa.

Ela disse entusiasmada. Suas palavras surgiam agora mais fluidas e suaves toda vez que ela falava. Ela deveria estar se acostumando a sua nova língua. Ergueu o seu olhar, havia presunção lá quando encontrou os olhos de Olivia.

— Eu sou mil vezes mais bonita do que você é.

Talvez ela fosse. Não que Olivia se importasse. Muito. O que Aeron pensava disso? Ele estava sendo cuidadoso para não encarar Olivia, cuidadoso para não tocá-la.

Beije a parte de trás do pescoço dele... Lamba... E deixe Legion ver isso.

Olivia parou de respirar. Lá estava de novo. A voz. A tentação. Desde que Aeron a arrastou de volta a Fortaleza, a voz a tinha atormentado, pedindo-lhe para fazer todo tipo de coisa – tudo destinado a atrair Aeron à cama com ela. Acaricie o pênis dele, tire a roupa e dance para ele, até mesmo flerte com os amigos dele para deixá-lo louco.

Nada disso a incomodaria. Exceto que estes desejos não surgiram *dela*. Sim, ela queria acariciar o pênis dele, e sim ela queria ficar nua para ela. Como uma evidencia disso da ultima vez ela o abordou nua. E sim, ela gostou da ideia do ciúme dele. Mas quando a voz gera desejo, partes de escuridão eram deixados em sua alma. Podia senti-las.

Como aquilo estava acontecendo? O que estava acontecendo?

Aeron pigarreou, puxando-a de seu sentimento.

— Vamos pegar umas roupas, Legion.

— Eu gosto de estar nua. — Ela disse com birra.

— Problema seu. — Ainda mantendo o olhar longe, ele estendeu a mão. — Se trave e eu vou puxá-la para cima.

— Não. — Observando Olivia, ela se ergueu e jogou os braços ao redor do pescoço de Aeron e apertou-se contra a linha dura do corpo dele. — Eu quero que você me carregue.

Ele fez uma careta, mas a segurou.

— Tudo bem. Olivia, venha conosco. Por favor. — Ele não esperou por sua resposta, mas caminhou penosamente.

De forma alguma ela o deixaria sozinho com a demônio-transformada-em-humana, mas ela estava grata por ele solicitar sua companhia. Até, a metade do caminho, ela ouviu *bata na bunda dele...* E realmente encontrou seus dedos a polegadas de seu objetivo, antes dela perceber que seus dedos tinham se movido. Ela fechou a cara e forçou a queda de seu braço para o lado, mas era tarde demais. Outra mancha de escuridão já florescera.

O que aconteceria se a escuridão a consumisse?

Pare, ela gritou dentro de sua cabeça. *Quem ou o que quer que seja, por favor, pare.*

Legion descansou sua cabeça no ombro de Aeron. O olhar voltado a Olivia e acariciou o contorno de suas costas.

— Tão forte. — Ela ronronava.

Os olhos de Olivia se estreitaram com a raiva infundida em cada átomo se seu ser. *Ele é meu para afagar. Meu para consagrar.*

Faça algo. Você merece Aeron, não Legion. Então prove para ele. Fique frente a ele, caia de joelhos, abra sua calça e chupe o pau dele para dentro de tua boca.

Ela tropeçou em seus próprios pés, a raiva rapidamente drenada, deixando somente o desespero. O que aconteceria se a escuridão a consumisse? Ela se perguntava. Com mais esta nova insistência a resposta tinha surgido. Ela não seria mais capaz de distinguir seus desejos e emoções das pertencentes àquela a voz. O que a voz dissesse ela faria. Desesperadamente.

Resistir. Ela não poderia deixar isso acontecer.

— Eu quero falar com você... Em particular. — Legion continuou e a ligeira

pausa no final não tinha nada a ver com a sua língua e tudo a ver com sugestão sensual. — Envie o anjo feio para longe.

— Pare com isso. — Ele mandou. Depois mais calmamente. — Você tem que parar com isso.

Finalmente a presunção foi drenada e ela se olhou aquosa para Aeron.

— Você não me ama mais?

— Claro que sim, mas isso não significa... Nós não podemos... Maldição! — Ele serpenteou, espreitou pelo corredor e praticamente expulsou a porta das dobradiças. Ele colocou Legion em pé e se afastou do quarto.

— Pegue qualquer coisa minha e se vista. — Ele não esperou por resposta, mas fechou a porta com uma batida firme e girou para Olivia. — Me fale sobre o acordo dela com Lúcifer.

Caia de joelhos.

— Não. — Um passo, dois, ela se afastou dele.

— Olivia. — Aeron disse carrancudo. — Pare.

Beije-o, depois... Em algum lugar, qualquer lugar...

A atenção dela recaiu sobre os lábios dele, e ela lambeu seus próprios. Um beijo, tão inocente. Tão necessário. *Tem que... Resistir...*

— Pare com isso. — Ele disse outra vez.

Ela engoliu a seco.

— Parar com o quê? — Além da porta ela podia ouvir Legion explodindo ao redor, jogando coisas pelo chão e resmungando sobre “anjos estúpidos”.

— Um, negar meu comando e dois, tentando me seduzir.

— Por que eu tentaria te seduzir? Não é como se você fosse realmente bom de cama.

No momento em que as palavras escaparam, ela tapou a boca com as mãos. Verdadeiramente. Como isto estava acontecendo? Ela se perguntava novamente. Isso não tinha sido seu sarcasmo, mas o da voz.

Aeron cerrou os olhos.

— Não fui bom? Eu te dei um orgasmo na primeira vez que nós... Logo na primeira vez, maldição!

Seus olhos se arregalaram quando a compreensão a atingiu. Outro perigo apresentado pela voz: ela gostou dos resultados. Aeron mal tinha uma coleira em sua Ira e o pensamento dele fora de controle, determinado a provar o quão bom ele era em dar prazer a ela a emocionava.

Resistir? Talvez essa não fosse uma boa ideia.

Sério? Bem, se esse é o caso, Aeron vai se apaixonar pela voz, não por você. Isso é o que você quer? Finalmente. Pensamento racional. Pensamento que quebrou um pouco das trevas, permitindo um pouco de luz penetrar no interior.

— O que você vai fazer sobre sua pequena amiga demônio ali? — Ela perguntou, retornando ao único assunto que importava no momento.

Aeron esfregou sua mão, de repente sua expressão cansada. Ele tinha feito muito isso ultimamente.

— Eu não sei o que fazer quanto a ela.

— Para conseguir um negócio desta magnitude, ela deve ter prometido algo grande.

— Como o que?

Olivia encolheu os ombros.

— Só ela sabe a resposta para isso. Bom, e Lúcifer, mas eu garanto que ele não vai nos dizer.

— Como você sabe que ela negociou com Lúcifer e não com Hades? E importa o negociador?

— Sim, o negociador importa, mas Hades atualmente está preso e incapaz de fazer tais acordos, então você não tem que se importar com ele.

Quando os Titãs escaparam de sua prisão imortal e derrubaram os gregos todos aqueles meses atrás, Hades foi incluído neste número. Lúcifer, no entanto, os Titãs deixaram em paz. Alguém tinha que se encarregar do submundo, ela supôs. Mesmo alguém tão vil quanto o diabo, o criador da maldade. Melhor ele do que o insano Hades, no entanto.

Esfregue seu corpo contra o dele.

— Chega! — Mais um pouco disto e ela estava ido bater a cabeça contra a parede até desmaiar.

Chega de escuridão, não importa o quanto ela goste dos resultados.

— Eu não vou fazer isso, mesmo que eu queira então você pode apenas se calar.

Aeron jogou os braços, um homem que acabou de dizer adeus a última gota de sua paciência.

— Fazer o que?

— Não importa. Apenas, bem, enquanto você não souber mais sobre a negociação de Legion, eu não confiaria nela. Ela pode ter compartilhado segredos, prometido matar um de seus amigos.

Ele negou com a cabeça, confiante de repente.

— Ela não faria isso. Ela me ama.

Sua fé num demônio conivente era irritante. Por que ele não poderia ser assim quanto a Olivia, um ex-anjo que nunca, nunca mentiu? Por que ele tentava constantemente afastá-la?

A porta do quarto se abriu e Aeron tropeçou para trás. Legion deu uma gargalhada rouca. Ele rapidamente se ajeitou e girou. Ela estava vestindo uma de suas camisetas e uma calça de moletom dele, ambos muito largos para ela.

— Feliz agora? — Ela perguntou, girando nas pontas dos pés. — Isto é tudo o que eu pude encontrar. Mas sabe o que... É engraçado? Eu *ainda*... Estou linda. — Em sua exuberância, a pausa hesitante retornou ao seu discurso.

Ele se afastou dela e se aproximou de Olivia. Olivia colocou suas mãos sobre os ombros dele, para impedi-lo de fugir, o coração dela acelerou. Contato.

— Olivia e eu temos que ir para a cidade. Você vai ficar aqui. E eu digo a sério desta vez. *Não* vá a nenhum lugar. Eu preciso conversar com você quando retornar.

Seu sorriso perfeito sumiu.

— O que! Não. Diabos que não. Eu vou... Com você.

— Você vai ficar, e não haverá discussão quanto a isso.

Expressão petulante, ela pisou no pé.

— Por que você vai... Levar o anjo feio então?

Eu não sou feia.

— Eu preciso dela. — Foi tudo o que Aeron disse, mas havia aço em sua voz.

Aço em ebulição.

A respiração sibilou entre os dentes de Legion quando ela nivelou o olhar de Olivia, que ainda estava espreitando ao redor de Aeron. Havia mais ódio naquele olhar do que Olivia já vira antes.

— Toque nele e eu... Te mato. Enten... Dido? — Quanto mais intensa as emoções, mais difícil era para ela pronunciar as palavras, ao que parecia.

— Você não vai machucá-la. — Sem mover uma polegada, Aeron girou o braço na cintura de Olivia, cavando os dedos na parte inferior de suas costas. — Não haverá mais ameaças. Entendeu? Eu não vou tolerar isso.

Legion pressionou os lábios, e passou um momento em silêncio. Então ela sorriu. Um sorriso forçado, demasiado doce.

— Qual... Quer coisa que você disser, Aeron. Eu te amo e só que-ro você feliz.

Uma mentira, Olivia ouviu nas subcorrentes, da voz do demônio. Não quanto ao amor por Aeron, mas sobre a promessa de deixar Olivia em paz. Ela deveria ficar de guarda, pelo que ela viu os demônios agirem ela sabia de antemão como eles eram insidiosos e quanta destruição poderiam causar.

— Tente. — Ela disse, e indiferente se o desafio veio dela ou da voz tentadora, ela não sabia. Nem se importava. — Por que eu planejo fazer muito mais do que somente tocá-lo. Verdade.

Aeron virou, fixando-a em local com seu olhar de sondagem. Suas pupilas estavam dilatadas, tal como estava antes, quando ele a beijou na casa da Gilly, seu peito movendo para cima e baixo, como se ele não conseguisse respirar.

— Nem. Uma. Palavra. Das. Duas. — Ele trincou.

Beije-o.

Pela primeira vez, ela não resistiu. Trevas que se dane, ela fechou a distância entre eles, subiu nas pontas dos pés e plantou seus lábios contra os dele. Legion precisava saber que Olivia estava tão determinada quanto ela estava para ganhar este homem. Para tê-lo de todas as formas imagináveis.

Sua língua empurrando para dentro da boca dele, mas apenas um momento. O suficiente para provar o sabor. Ele abriu mais a boca, obviamente querendo mais, o que a surpreendeu e aumentou o seu desejo, mas ela forçou-se a endireitar e girar se afastando.

— Vamos Aeron. — Ela disse. — Nós temos coisas para fazer. Juntos.

Sem olhar para trás, para Aeron ou para agora uma Legion soltando maldições, ela deu a volta, como se ela não temesse enfrentar o resto do dia.

Capítulo Dezesseis

— Eu não posso ver nada. — Sussurrou Aeron uma hora depois. — É muito escuro. — Uma escuridão antinatural. Não havia uma partícula de luz, a lanterna que ele tinha trazido com ele não iluminava nada, simplesmente desaparecendo na melancólica escuridão.

— À noite, Lysander apareceu para mim, ele me disse que eu ficaria um anjo de todas as maneiras que importava até que meu tempo se acabe... — Disse Olivia. —

Eu acho que posso...

— Shh. Voz. — Ele não queria que ela se tornasse um alvo. Na verdade, o pensamento o enfurecia, mas ele tinha apenas a si mesmo para culpar. Ele não deveria tê-la trazido aqui, se a Pesadelos eram uma ameaça ou não. Ele só — ele não queria deixá-la a pouca distância de Legion. Ou a distância de um toque de Torin. E ele prometeu mostrar a Olivia as duras realidades da vida.

Eu sou um bobo. Um tolo se afogando em uma tempestade de sua própria criação. Desejo por Olivia — verificando se não tinha diminuído. Só tinha crescido. A invejosa, sanguinária pseudo-filha determinada a acabar com o seu anjo — verificando. Um voto para convencer o anjo, disse para voltar para casa — checado, apesar de que agora ele se odiava por este voto. Mandá-la embora, nunca sabendo como ela se saiu? Tortura!

— Ela está dormindo. — Disse Olivia, e que também foi indicado em volume alto.

— Ela pode despertar. — Ele trincou fora. Ele nunca se preocupou com a escuridão, mas como ele avançou até as etapas e sentiu o seu caminho ao longo das paredes da casa de Scarlet, que simplesmente era uma cripta subterrânea no cemitério local, colidindo com — mobiliário? Caixões? — e não tinha ideia do que esperava em frente, a possibilidade de levar Olivia para abate, provocava ondas de medo que se misturavam com sua raiva. Como ele poderia protegê-la desse jeito?

— Ela não vai acordar, eu prometo. De qualquer forma. Como meu tempo ainda não terminou, talvez eu possa...

Como as palavras de Olivia sumiram, ele parou. Ela bateu nele e corcoveou. Mesmo que ele a sentiu brevemente, ele saboreou o contato. Macia, quente. Entusiasmante. Isso é tudo que seu corpo precisava para se preparar. Novamente.

Minha, disse Ira.

Eu sei. Você me disse. De novo e malditamente mais uma vez. E Aeron havia deixado ele, tinha parado de se importar. Por que... *Não. Não vá lá.*

Um momento se passou em silêncio, suas respirações eram único som. O ar estava mofado, espesso com a idade, poeira e morte, mas ele teria se contentado em esperar aqui para sempre. Aqui, ela estava segura. Aqui, eles estavam juntos.

— Pode o quê? — Ele disse finalmente.

— Isso. — A luz piscou.

Ele piscou, esfregou os olhos. Essas alfinetadas foram realmente deflagradas em sua pele, ele percebeu, misturando-se bem e crescendo em intensidade. Crescendo tanto que ela logo foi afugentar as sombras e os seus olhos começaram a lacrimejar.

— Como...

Lentamente, ela sorriu, seu belo rosto iluminado, brilhando como a estrela mais pura, os cílios escuros enquadrando aqueles olhos azul-céu. Ele poderia ter beijado sua respiração diretamente fora dela. *Não se atreva.* Mas agora que ele sabia seu gosto, agora que ele sentiu seu roce contra ele, como ele deveria resistir?

Legion. Lysander. Liberdade

Oh, sim. Ele poderia amaldiçoar.

— Os seres humanos foram presos, por vezes, na escuridão, e eu tive que mostrar-lhes o caminho. — Olivia mudou de um pé para o outro, e apontou para trás

com uma inclinação de seu queixo. — Scarlet está apenas ao virar da esquina. Posso senti-la.

— Obrigado. — Se manteve firme, Aeron forçou-se a se virar. Seus olhos imediatamente lamentaram a perda dela.

Ira, também, uivou em protesto.

Calma. Nós ainda estamos com ela. Aeron conduziu para o sujo caminho correto e logo se encontrou em um quarto improvisado. Picos suspensos a partir de vários locais no chão, brilhando forte e firmemente ancorados em concreto. Entre eles estavam os fios de viagem, e no outro extremo da sala, vigiado por toda a zona de diversão, estava um caixão.

Por que um caixão? Porque ela poderia ocultar a si mesma para uma melhor proteção? Mulher esperta, então.

Ele apalpou uma lâmina e fechou a distância, evitando os picos. Olivia ficou perto de seus calcanhares, a cada passo medido.

— Cuidado. — Ele murmurou. Fique atrás de mim. — Ele abriu a tampa, a meio caminho esperando uma luta.

Não. Como Olivia havia prometido, Scarlet dormia tranquilamente, completamente inconsciente de sua intrusão. Estudou-a. Sedoso cabelo negro emoldurando o rosto aparentemente delicado. Ela não parecia delicada antes, quando ela o encurralou naquele beco. Seus cílios eram mais longos do que ele tinha percebido, como penas, atingindo as maçãs do rosto. Ela tinha um nariz pequeno e seus lábios eram mais vermelhos do que antes.

Ela usava uma camiseta e jeans, ambos negros, e as armas foram amarradas em todo seu corpo. Ela não se desarmou, nem mesmo para dormir. Interessante. Até ele tirava suas lâminas antes de rastejar para a cama. Manteve-as por perto, é claro, mas não sobre ele.

Relaxando, seu olhar mudou. As paredes eram de terra, assim como o chão, e lá existiam lâminas espreitando em vários locais. Qualquer um que caísse, mesmo na parede ou no chão, cairia em linha reta para a morte.

Pesadelos poderia ter colocado armadilhas na porta ou mesmo sobre os degraus que conduziam para baixo aqui, mas não tinha. Por quê? Talvez ela soubesse que a tristeza infalível iria amedrontar a maioria das pessoas — a maioria inocentes — mantendo-as afastadas. Mas os que persistiram, os que continuassem, que claramente tinham intenções mais sinistras. Talvez essas fossem as únicas pessoas que ela queria ferir.

Se fosse esse o caso, isso significaria que ela não matou discriminadamente. Isso significaria que não havia uma linha que ela não iria atravessar. Ou talvez ela só gostasse que as mortes fossem nas proximidades, de modo que a primeira coisa que ela veria quando acordasse seria sangue e morte.

De qualquer maneira, a mulher estava falando sério sobre como proteger-se.

Ele quase esperava que ela despertasse e o atacasse. Ele precisava de uma batalha. Seus nervos estavam à flor da pele e derramamento de sangue o teria acalmado. Muitas coisas estavam acontecendo, mudando. Muitas coisas estavam indo errado.

O demônio de Baden encontrando um novo hospedeiro, graças a Galen. Descobrir que Cronos e Rhea estavam possuídos. Tudo com Olivia, é claro, e suas

roupas perversas e beijos tórridos, com suas sugestões irresistíveis (só então, ele quase perdeu a voz) e sua tentativa de sedução de um outro homem, que foram de encontro a inflamação de sua excitação. E o ciúme. E a raiva.

Sim, ele precisava matar alguém hoje.

E se tudo isso não era suficiente para lidar, Legion olhou para ele do jeito que ele queria que Olivia o olhasse. Ela tinha feito um pacto com o criador do mal, e ela tinha mentido descaradamente para ele sobre isso. Lá no final, pouco antes de deixá-la para trás, não havia mais nada para se iludir com isso. Determinação. A determinação de matar praticamente se derramou fora dela.

O que ele iria fazer com ela? Como ele deveria lidar com ela? Ele ainda a amava como uma filha, ainda pretendia mantê-la em sua vida. De jeito nenhum ele iria abandoná-la. Apenas... Tinha que haver uma solução.

Não pense nisso agora. Você tem um trabalho a fazer. O trabalho. Certo. Então. De volta para Scarlet, o problema em questão. Galen sabia sobre ela?

— Ela costumava morar em uma igreja... — Disse Olivia culpada, antes que ele pudesse dizer a ela que precisavam sair. — Mas isso não funcionou para ela.

Porque a culpa? Porque ela o trouxe aqui? Provavelmente. *Cuidado.* Ele não poderia deixá-la acender sua própria culpa.

— Eu acredito que eu lhe pedi para ficar quieta.

— Eu disse a você. Ela não vai acordar.

— Como você sabe? — Pergunta boba. Olivia sabia de tudo, às vezes parecia. O que significava que Sabin iria amá-la. Informação era o melhor amigo do homem. Graças à Divindade de Olivia ela teria ido antes do retorno do guerreiro. Aeron odiaria ter de esfaquear o amigo por interrogar sua mulher.

Neste pensamento, Ira riu com alegria.

Bem, talvez ele não fosse *odiar* esfaquear o guerreiro. Ele devia a Sabin, depois de tudo. *E ela não é sua mulher!*

— Não se preocupe. Não importa. Temos que nos apressar, antes de correr para outros visitantes.

— Como quem?

— Como caçadores.

— Oh.

Aeron poderia ter implorado uma batalha com Pesadelos, mas não com o exército de Galen. Ele não queria Olivia envolvida em algo assim. Ele ia mostrar-lhe os horrores de sua vida de outra maneira. De uma distância segura.

A cripta de Scarlet estava a uma boa distância do Asilo, de modo que foi um ponto a seu favor.

— ... Tão escura... — Uma voz desconhecida disse de repente, as palavras ecoaram dos degraus de concretos acima e chegaram ao pequeno recinto.

— Minha lanterna não está funcionando.

— Eu não posso ver nada.

— Basta manter avançando para a frente, porra.

Bem, inferno. Este dia pode realmente piorar. Os caçadores estavam aqui, como ele temia. Alguém os tinha seguido? Usando a capa de invisibilidade?

Tinha alguém os observando, ameaçando sua mulher, agora mesmo?

As mãos de Aeron se apertaram em punhos. Ele examinou a cripta novamente,

mas não viu nada fora do lugar. Ele olhou para Olivia, que ainda estava brilhante, mas agora carrancuda. Em seguida, ele olhou para Scarlet, que ainda estava dormindo. Depois disso, a porta.

Esse espaço escuro e aberto, era a única maneira de sair daqui. E para alcançá-lo, eles teriam que correr em linha reta através dos seres humanos. Os provavelmente armados humanos.

Esses seres humanos não podiam ver através da escuridão, mas então, Aeron não seria capaz também, sem a luz de Olívia. Mas com a sua luz, todos seriam capazes de ver todos os outros.

Havia apenas uma coisa a fazer. Apenas uma opção que manteria Olivia segura.

Aeron escorregou uma lâmina em sua mão.

— Mantenha-a pressionada na garganta da menina. — Ele sussurrou. — Se ela se mover nem que seja um pouco, não hesite em cortá-la.

Não lhe dando uma chance de responder, ele segurou Olivia pela cintura e ergueu-a para o lado do caixão de Scarlet. A fêmea permaneceu dormindo exatamente como estava, mas Olivia ofegou. Imediatamente ele fechou a mão sobre sua boca e sacudiu a cabeça. Ela engoliu em seco de medo, mas concordou que ela entendia o que ele queria dela. Silêncio.

— Apague a luz.

Novamente ela concordou, e o brilho da sua pele foi sumindo... Esmacendo... Depois desapareceu completamente. As sombras devem ter esperado tal ocorrência, porque eles correram para a frente, colocando cada centímetro de espaço com a tristeza sufocante.

— Merda! Olhe onde você está indo.

— Desculpe.

As vozes estavam mais próximas.

Grande como Aeron era, ele sabia que não iria caber dentro do caixão para atuar como escudo de Olívia. Não sem esmagá-la. Em vez disso, ele alisou a mão no ombro dela - ou o que ele pensava ser seu ombro. Ele empurrou a mão agora queimando porque ele realmente havia apanhado seu belo seio. E o mamilo tinha instantaneamente intumescido.

Minha. Proteger.

Cuidadosamente neste momento, ele apontou para cima. Ombro. Deus. Tremendo. Não é bom. Isso significava que ela era como sua superação – e distração – pelo erro que ele era. Ou medo. Ele preferiu a ideia de sua superação.

Claramente, ele era o distraído. Sacudiu para trás em movimento, ele pressionou-a para se deitar e ficar quieta. Felizmente, ela não resistiu. Se ela fez como ele ordenou e colocou a ponta da lâmina na garganta de Scarlet, ele não sabia. Apenas para estar seguro, ele posicionou a outra mão sobre o rosto de Pesadelos... Deus. Ela ainda estava imóvel, a respiração viajando em sua pele, quente, até.

Ele não tinha visto qualquer armadilha em volta do próprio caixão, então ele avançou seu caminho para frente, longe da porta de entrada do corredor. Nem uma vez ele retirou seu toque de qualquer mulher. Ele queria que Olivia soubesse que ele estava ali, que ele a protegeria. Sempre. Ele teria fechado a tampa, mas queria ter acesso, no caso da menina, de fato, acordar.

— Espera. — Um dos homens disse. — Pare.

— O quê?

— Ar. Sente a brisa?

— Temos de estar perto de uma abertura.

Mais perto ainda.

Houve um arrastar de pés. Vários conjuntos. O tremor de Olivia aumentou, e ele apertou-lhe para dar tranquilidade.

— Tem que ser um quarto. — Uma pausa. Um estalo. — Sim. Sim! Há muito espaço para que este seja outro corredor.

— Ela não pode estar aqui. Ela não poderia ter encontrado seu caminho para dentro.

— Ela está possuída pelo demônio dos Pesadelos. Claro que ela poderia ter encontrado seu caminho... Basta sentir ao redor. Ela vai estar dormindo. Se você encontrar pele quente, basta começar a atirar.

Como é que eles sabem tanto? Cronos tinha dito a sua esposa? Ou ainda, alguém tinha feito uso da capa e ouviu conversas privadas?

— Infernos, não. Nenhum disparo. Nós vamos apenas atirar uns aos outros.

— Isso é melhor do que permitir que um demônio seja livre.

Houve um silêncio chocado quando os outros caçadores absorveram o desejo de morte do homem.

— Temos quer cortar ela, ou eu estou fora daqui. — Alguém finalmente disse. — Eu não me inscrevi para uma missão suicida.

— Então corte-a, diabos, mas tenha certeza de incapacitá-la para que possamos levá-la sem medo de que ela vai estar forte o suficiente para atacar. Cada sonho mau que já tivemos é culpa dela. Cada coisa ruim que já suportamos foi de sua responsabilidade.

Mais farfalhar. Aeron estava tenso, à espera. Se algum deles conseguisse chegarão caixão, ele teria que...

Um homem gritou.

— Que diabos...

Outro grito. Um gorgolejar. Seguido por outro e outro.

Não haveria ninguém para chegar até o caixão.

As armadilhas de Pesadelos tinha a ver com isso. Vários dos Caçadores descarregaram as armas, apesar de seu medo do fogo amigo, mas a escuridão escondia o rastro de pólvora. Uma dessas balas atingiu o ombro de Aeron, impelindo-o para trás.

Encontrou-se como vários outros humanos gritando no ar. Embora ele não quisesse Olivia presa com a menina, incapaz de se proteger, ele não queria que ela fosse atingida também. Ele bateu a tampa do caixão fechando-a.

— O que está acontecendo?

— Corte. — Alguém conseguiu dizer entre tosses.

Outro grito, esta mistura crescente de agonizantes gemidos e o cheiro flutuando de sangue fresco.

— Retirar. — Alguém resfolegou. — Argh! Re...

Houve ainda mais farfalhar, mas o número de pés se movendo diminuiu drasticamente. E então, mais gritos e gemidos aconteceram, o farfalhar parou

completamente. Acabado. Feito. Foi a batalha que ele queria, ardentemente, no entanto, ele não teve que levantar um dedo para ganhar.

Ele esperou até que o silêncio reinava antes de jogar para trás a tampa dizendo: — Luz.

Olivia imediatamente obedeceu. Uma vez mais aquela luz quase ofuscante brilhava dela, cresceu e conquistou a escuridão, e ele viu que ela estava pálida, mas ilesa. Scarlet ainda não se tinha movido.

— Aeron, eu estava tão... — Olivia sentou-se e virou para encará-lo. Sua expressão tornou-se imediatamente atormentada. — Você está ferido.

Ele olhou para baixo em sua ferida. Havia um buraco no ombro; carmesim escoou a partir dele, correndo pelos sulcos do seu estômago, cada gota sendo absorvida na cintura de suas calças. Agora que a sua preocupação por Olivia tinha-se desvanecido, e sua adrenalina diminuiu, ele percebeu que doía. Fogo se espalhou com rapidez, sem dúvida, como se suas veias bombeassem gasolina em vez de sangue.

Não importa.

— Eu ficarei bem. — Disse ele. — Já fui ferido pior, então não é nada para se preocupar.

— Eu não posso evitar. — Mordendo seu lábio inferior, ela estendeu a mão e traçou a ponta dos dedos sobre o queixo. — Estou preocupada.

O contato foi feito para confortá-lo. Mas, como sempre, a sensação de seu toque o atormentava. Ele precisava de mais. *Ira* precisava de mais, choramingando dentro de sua cabeça.

Agora não é hora. Corpos sangrando estavam empilhados em cima de corpos sangrando, lâminas se projetando de cada um deles. Alguns haviam caído diante da primeira, e outros haviam caído de costas. Cada um tinha morrido. Ele teria de agradecer à menina por suas habilidades de decoração. Eles, melhor do que ele, tinha salvado a vida de Olívia.

Ele não sabia se algum dos Caçadores havia conseguido escapar desta sala de terror, mas ele não iria esperar para ver se eles retornariam com o reforço. Depois de ajudar Olívia a ficar sobre seus pés – merda! E causando a abertura do ferimento – ele ergueu Pesadelo em seus braços como ele queria fazer antes de serem interrompidos.

— Fique perto. — Disse ele. — Só pise onde eu passo.

— Eu vou.

Ele fez o seu caminho até a porta aberta, correndo ao redor de corpos ao longo do caminho, fazendo caretas enquanto o fogo dentro dele se intensificou.

Dói, Ira choramingou.

Seus lábios se curvaram em uma carranca. *Você também?*

Mau.

Nós vamos voltar para casa. Descansar. Não havia rastros de sangue na escada, nem sequer um pedacinho. O que significava que ninguém tinha saído. Excelente. Exceto... Pelo tempo que ele chegou ao topo da escada, ele estava tremendo. Enfraquecendo. Seus olhos estavam vidrados, criando uma névoa em toda parte, que ele olhou.

Ira gemeu.

O fogo finalmente morreu – apenas para ser substituído por um gelo ártico.

—Aeron?

Ele diminuiu, seus movimentos lentos, com os pés tropeçando uns nos outros.

— Alcance no meu bolso de trás. Agarre o meu telefone. — Nesse ritmo, ele não teria força para levar as duas mulheres para a fortaleza.

— O que há de errado com você? — Olívia perguntou, fazendo como ele tinha pedido. — Trata-se de sua lesão? Você me disse para não me preocupar!

Ele ignorou a pergunta e preocupação. Ele não queria mentir para ela – outra vez – e dizer-lhe que tudo ia ficar bem, mas ele não tinha uma resposta, qualquer uma. Nem ele, nem Ira jamais reagiram desta maneira por um tiro simples.

— Você sabe como mandar um texto? — Eles dobraram uma esquina.

— Não. Eu tenho visto os seres humanos fazerem isso, mas eu nunca tentei isso sozinha.

— Que tal fazer uma chamada? — Logo à frente, ele pôde finalmente ver a luz do sol que abriu caminho para a cripta. O suor escorria por cada centímetro dele, ainda assim não fez nada para derreter o gelo. Seus movimentos foram desacelerando ainda mais, afundando.

— Não. — Disse ela novamente. — Eu sinto muito.

Droga. Se ele largasse a menina, ele não seria capaz de pegá-la de volta. Isso, ele sabia. Droga, droga, droga.

Havia somente duas possibilidades que explicavam essa reação, ele percebeu. Ou os Caçadores haviam usado algum tipo de balas especiais ou não tinha verdadeiramente se recuperado de sua última crise, como ele havia assumido. Nenhum prognóstico bom para ele.

Fora – finalmente, agradecido – ele procurou por Caçadores em espera. Ele não viu nenhum, mas não tinha certeza se era porque eles não estavam lá, ou porque a sua visão continua a desaparecer. Ninguém saltou até eles, pelo menos.

Voando ou não, ele não ia fazer isso em casa.

Ele vasculhou seu entorno, uma vez mais, desta vez procurando um lugar para se esconder. Lá, alguns metros à frente, era uma lápide grande, flores de todas as cores empoleirando ao seu redor, formando uma alcova oculta.

— Por este caminho. — Ele se movia devagar para a frente, mais fraco a cada passo.

Olívia passou seu braço em torno de sua cintura, como apoio.

— Aqui. Se apoie em mim.

Ele não queria, estava envergonhado de precisar, era ainda mais embaraçoso, pois ele realmente gostava de ter alguém que cuidasse dele, mas com sua ajuda, ele conseguiria fazer isso.

—Obrigado.

Ele tentou baixar Scarlet, mas os joelhos fraquejaram e os dois caíram para frente. Ela caiu desajeitadamente no chão, e ele ao lado dela. Ela não emitiu nenhum som.

Nem Ira o fez. O demônio ficou em silêncio agora. Tão assustadoramente.

Aeron rolou para o lado. Olívia, ele viu, estava ocupada arrumando as flores para ocultá-los e protegê-los de olhos curiosos.

— Boa menina... — Disse a ela.

O sorriso que ela cintilou para ele era todo coragem e vontade de ferro. Ela fez

seu coração saltar uma batida. E ou ele estava vendo coisas que não existiam ou as borboletas realmente estavam flutuando em torno de sua cabeça. Esquilos sentaram-se a seus pés, bem como, aves bicando na grama ao seu redor. Todos foram vê-la, como se a espera de sua atenção.

Certamente ele estava tendo alucinações. O que significava que ele estava ainda pior do que ele pensava. Como ele sabia que não seria capaz de ler os números em seu telefone, ele disse a Olivia o que disar.

— Tocando. — Disse ela, e apertou o aparelho ao ouvido.

— Torin. — Disse ele depois que seu amigo respondeu. — Siga o sinal. Venha pegar... Nos.

Ele não ouviu a resposta do guerreiro. Uma escuridão muito semelhante ao que ele tinha sofrido dentro daquela cripta se fechou em torno dele, e desta vez, ele só poderia recebê-lo.

Capítulo Dezessete

Depois Olivia rasgou uma tira de pano da bainha do seu manto, enrolou-o em torno do ombro Aeron, ela retirou uma das lâminas da bainha presa ao tornozelo. *Vou protegê-lo. Não importa o que seja necessário.* Tal como ele tinha feito por ela. Ela se agachou à frente dele, esperando os seus amigos chegarem. Ou Caçadores. Se alguém além de um Senhor se aproximasse, ela não hesitaria em atacar.

Nunca se tinha sentido mais guerreira, mais confiante em si mesma, ainda mais com medo – pelo homem ao seu lado. Ele tinha sido baleado antes, ela o tinha visto. Ele tinha sido esfaqueado, espancado e cortado com facas e flechas. No entanto, nunca reagiu assim. Ele nunca ficou pálido, nunca gemeu e tremeu. Nunca continuou a sangrar e a enfraquecer.

Minuto após minuto passava e não havia nenhuma mudança nele. Onde estavam os Senhores? Eles iam ter de ser apressar e não apenas por causa de Aeron. Se esperassem, o anoitecer chegaria e Scarlet despertaria. E ela estaria muito, muito irritada.

Ninguém sobreviveria.

Pelo menos aquela voz tentadora tinha se calado no momento em que ela tinha deixado a fortaleza, parou de lhe pedir para fazer aquelas vis – maravilhosas – coisas. Os animais foram-se aglomerando através das flores e arbustos, talvez para chamar a atenção dos transeuntes. Tentando aproximar-se dela? Ou Aeron? Ela não se lembrava deles alguma vez se aproximarem de Aeron antes, mas não conseguiu descobrir o porquê dos esquilos, coelhos, pássaros, gatos e até mesmo um cão irem à procura *dela*.

— Scat¹⁵! — Sussurrou ela, não querendo que eles se magoassem se surgisse uma luta.

Eles não se moveram. Não, eles avançaram mais. Para ela. Então ela *era* o objetivo. Por quê?

¹⁵ Verbo do inglês: “Dar o fora em”. Tradução literal: “Deem o fora”.

— Têm que ir agora...

Um galho estalou, distraíndo-a.

O cão rosnou e os gatos bufaram, mas nenhum fugiu. Eles estavam agachados, pronto para o ataque.

Com os lábios apertados e todos os músculos do seu corpo frios. Ela até parou de respirar. Quem estava aqui? Senhores? Ou Caçadores? A mão que segurava a lâmina tremeu. *Por Aeron*, ela pensou, preparando-se como animais para a luta. Ela estava feliz, de repente, deles serem teimosos ficarem com ela.

Dois homens passaram entre a folhagem e inicialmente ela não os reconheceu. Ela estava concentrada, preparada e determinada a salvar o homem que... Amava? Mas assim que ela se lançou sobre um deles o cão saltou para frente ganhando lhe em velocidade e alcançando o objetivo.

— Ei! Sai de perto de mim, seu sarnento. — Ele gritou.

Ela reconheceu a voz – William – mas não conseguiu baixar a lâmina a tempo, já ia muito rápida. Pouco antes do contato, uma mão dura enrolado em seu pulso, empurrando-a para o lado para acalmá-la.

— Ei, olá, Liv. — Disse ele com uma risada. Sua voz era familiar, também. Paris. — Eu posso chamar você de Liv, certo? Largue a lâmina para mim, sim?

Uma corrente de alívio correu através dela e ela largou a arma.

— Agora diz a este pulguento para me largar! — William gritou.

— Eles são meus amigos. — Disse ao cão. — Eu estou segura agora.

O cão soltou os dentes do tornozelo William e cada um dos animais foi se afastando como se fosse o que eles estavam esperando. A garantia de sua segurança.

Oh queridos.

— Obrigado. — Ela lhes agradeceu.

— Agora que William foi devidamente solto, — Disse Paris com outra risada. — vamos levar este show para a estrada. — Preocupação iluminou o seu rosto bonito quando avistou Aeron. Ele abaixou-se, passou os braços sob o dormiente guerreiro e ergueu-o por cima do ombro. — Há quanto tempo ele está assim?

— Muito tempo.

William coxeou até Scarlet e fez o mesmo só que ele embalou-a nos braços como se fosse um pequeno tesouro precioso.

— Pelo menos eu fico com o pacote bonito.

— Sim, boa sorte com ela. — Respondeu Paris. — Eu diria que eu tenho o melhor deste acordo. Aparentemente ela está possuída por Pesadelos.

William revirou os olhos.

— E isso é uma coisa ruim?

— Se você não gostar de ter suas bolas contigo, então sim, eu diria que é uma coisa má.

— Vem com o papai. — William disse, segurando Scarlet mais apertado.

Olívia ouviu suas brincadeiras, a cabeça em zig-zag frente e para trás entre eles.

— Chega. Há Caçadores por aqui, vocês sabem. Este é um local perigoso. Além do mais, algo está errado com Aeron. Eu quero ele na cama.

— Claro, claro. — William disse a ela com um aceno de cabeça. — Nós soubemos desde o início. Mas vai ter que esperar até que ele acorde para esse tipo de desporto. Quando terminar com ele, porém, eu adoraria ir contigo também. Mostrarei

a você como é estar com alguém que sabe o que está fazendo e tudo isso.

Ela fechou as mãos em punho. Será que ele não levava nada a sério?

— Nós estamos estacionados aqui. — Paris sacudiu a cabeça para o lado. Finalmente. — Vamos.

Juntos, eles passaram os arbustos e cada um entrou em alerta. No espaço de um único segundo, era como se fossem pessoas diferentes. Escondido, eles brincavam uns com os outros e brincavam com ela sobre ela querendo Aeron na cama. Agora, eles eram soldados, endurecidos, capazes de tudo.

Então, muitas vezes, ela assistiu a mesma mudança em Aeron. Até agora, não tinha tido razão para apreciar verdadeiramente.

Aeron. Corajoso e ferido. Quando os nove dias que tinha terminassem e ele fosse tirado dela o que seria dela? O que ela faria? Ela duvidava que alguém a convidasse a ficar. E ela queria? Aeron já não estaria lá, e a memória dele ia tortura-la todo o lado.

Pela segunda vez, Olívia sentiu-se preocupada com curto espaço de tempo que tinha com Aeron. Talvez houvesse uma maneira de salvá-lo. Talvez houvesse uma maneira deles estarem juntos para sempre. Sim. Certamente. Sua divindade era o criador do amor. Na verdade, sua Divindade *era* o amor. Ele gostaria que duas pessoas que se amavam ficassem juntas. Certo?

Mas ela ainda não tinha certeza absoluta que amava Aeron. Admirava-o, sim. Foi despertada por ele e quis o seu toque, oh, sim. Mas morrer no lugar dele? Ela perguntou-se de novo. Novamente, ela não tinha certeza. Ela desistiu de tudo para estar com ele – tudo, exceto sua vida.

Seria capaz?

Além disso, se morresse por Aeron, ela teria que morrer por Legion, também. Porque ela sabia, *sabia*, Aeron não seria feliz sem a pequena – grande agora – tirana. E não queria que Aeron apenas vivesse queria que ele fosse feliz ao fazê-lo. No entanto, o pensamento de morrer por essa pirralha mentirosa e conivente, não lhe caía bem.

Mais que isso, Aeron teria que amar *Olívia*. Coisa que agora não havia dúvida que ele não fazia.

Olívia suspirou enquanto subia no SUV¹⁶. Aeron foi colocado no banco de trás, e ela embalou sua cabeça no seu colo. Paris dirigia e William ficou com no banco do passageiro com Scarlet ainda em seus braços. Era a primeira vez que andava de carro, algo que sempre tinha ansiado, agora não importava. A sua mente girava.

A morte era algo que ela nunca tinha considerado para si mesma. Nunca. Ela sempre tinha existido e sempre seria assim. Agora, ela *poderia* morrer. Não que fosse para salvar alguém, mas porque digamos, um carro batesse nela. Como é que ela se sentia sobre isso? Ela não sabia. Tudo que ela sabia era que morrer sem experimentar tudo o que ela queria, era abominável. Mas também, estar sem Aeron seria muito mais.

Ela tinha visto milhares, milhões de seres humanos morrerem. Nunca nenhuma daquelas mortes a tinha afetado, ela tinha sido simplesmente parte do ciclo da vida.

¹⁶ Os utilitários esportivos (também conhecidos como SUVs, do inglês: "Sport Utility Vehicles") são veículos fabricados a partir de chassis de caminhonetes. É um tipo de veículo especialmente popular nos Estados Unidos que combina bom espaço interno para passageiros com a versatilidade de carga de uma pickup. São objetos de desejo pelo status aos quais são associados.

Tudo tem um começo e um fim. Por isso ela não tinha lamentado o pensamento de finalmente perder Aeron em primeiro lugar. Seria apenas a morte de outro em uma longa série de mortes que ela testemunhou.

Agora, a sua era pessoal. Ela o conhecia intimamente, tinha beijado e provou-o. Tinha experimentado o prazer final com ele. Ela dormiu em seus braços, enrolada ao seu lado. Ele a tinha protegido. Ele poderia ter protegido a ele próprio, mas não, ele colocou a ela dentro do caixão, garantindo que ela saísse ilesa ao invés de si próprio..

Portanto, ele estava disposto a morrer *por ela*. Por quê? Ela não tinha ilusões de que ele a amasse.

Ela soltou outro suspiro e correu a palma da mão ao longo de seu couro cabeludo. O cabelo dele era tão curto, os picos faziam cócegas na pele. Mais tarde, ela ia convocar Lysander. Ela iria perguntar-lhe sobre tudo isto – e também porque é que ele tinha visitado Aeron antes. Ele não seria capaz de lhe mentir. E se o que ele dissesse fosse mau, destruindo a esperança de um futuro com este homem maravilhoso, ela... O quê? Ela engoliu em seco.

— Nós não devemos deixar Gilly naquele apartamento. — Disse William, de repente, puxando Olívia de seus pensamentos. — Não com os seus inimigos ao redor zumbindo como moscas.

— Primeiro, Aeron precisa chegar em casa. Segundo, ela está melhor lá fora, desassociada de nós. — Paris brincava com o espelho retrovisor, lançando o olhar em frente e por trás dele. — Os Caçadores não têm nenhuma ideia...

William bateu a mão no tablier¹⁷ entre eles.

— Eu não concordo, Sexo. Eles sabiam sobre Scarlet e que contato tivemos com ela? Quase nenhum. Quanto tivemos com Gilly? Demais. E com Rhea na equipe mediocridade, não podemos deixar Gilly lá fora por sua conta própria. Além disso, Aeron é imortal. Ele vai se aguentar. Então, por isso, não podemos deixá-la lá fora por conta própria.

— Merda. Está certo.

— Eu sempre estou.

— Nós vamos buscá-la a caminho para a fortaleza.

— Ela vai estar na escola. — Disse William e Paris amaldiçoado fazendo uma manobra ilegal e os pneus guincharam.

Olívia pensou em reclamar. Ela queria Aeron seguro e medicado, o mais rapidamente possível, mas eles estavam certos. Gilly era humana e precisava de proteção.

— Merda. — Paris repetiu. — Ela está na Escola Internacional Americana de Budapeste que está localizada no Campus Nagykovácsi. Eu acho. O que fica a uma bela distância.

— Vale a pena.

Havia uma ternura ímpar na voz de William quando ele falou sobre a menina. Ela era jovem demais para ele. Demasiado jovem para *qualquer um* dos homens da fortaleza. Se Olívia teria que afastar o guerreiro, ele não gostaria de seus métodos. Eles envolviam uma faca e um pequeno saco plástico.

Abraçando a vida guerreira que outrora tão facilmente descartaste?

— Duvido que ela fique feliz em nos ver. — Disse Paris.

¹⁷ “Painel de instrumentos” em Espanhol.

— Fale por si mesmo. Anya diz que ela tem um fraquinho por mim. — William parecia orgulhoso com isso.

— Ela é apenas uma criança. — Lembrou Olívia. *E eu não me importo se sou considerada uma guerreira ou não, eu realmente vou pedir emprestada uma das facas de Aeron...*

William torceu-se na cadeira ficando de frente para ela, quase não perturbando Scarlet. Seus lábios exibiam um sorriso travesso.

— Eu sei, mas quando se trata de mim, você verá que nem idade nem gênero interessam. Sou irresistível...

— Quais são as tuas intenções para com ela?

Ele revirou os olhos.

— Não tenho intenções. Gosto de ser admirado, e ela gosta de me admirar. É só isso.

— Bom. — Olívia não ouviu nenhuma mentira na voz dele. Ainda assim. Ela não queria correr nenhum risco. Não com o bem-estar de Gilly. — Ela levou uma vida difícil. O marido da mãe dela... Fazia-lhe coisas... — Talvez ela não devesse espalhar os segredos da menina, mas sabia como as memórias a machucavam. Podia ser que trazendo esses segredos para a luz desse o primeiro passo para curá-la. — Ela contou à mãe, mas a mulher recusou-se a acreditar nela. E a acusou de lhe querer destruir a sua vida maravilhosa.

— Nós já sabíamos. — Paris disse suavemente. — Danika nos disse.

— Não me disse nada. — William virou o rosto na frente, mas não antes que ela tivesse um vislumbre de pura, fúria total no rosto. — Como *você* sabe disso?

— Ela foi me atribuída para cuidar uma vez.

O resto da viagem foi feita em silêncio opressivo. Finalmente eles estavam passando num bairro completamente maravilhoso e convidativo. Com árvores verdes e cercas, subindo uma colina.

O carro parou num estacionamento, e Paris piscou um olhar para William.

— Eu demorarei apenas um minuto. Tome conta da bagagem.

Sem aviso e se movendo tão rapidamente que não havia nada que Paris pudesse fazer, William pousou Scarlet no colo do demônio, já não tão cuidadoso.

— *Eu vou* demorar apenas um minuto. Você assusta Gilly e eu não quero isso hoje.

— Eu não assusto mulheres. Deleito-me com elas. Além disso, você não está na lista de saída, e eu estou.

William revirou os olhos – aparentemente um dos seus movimentos favoritos e saiu do veículo.

— Como se fossem me parar. Viu os meus olhos? São elétricos. As mulheres olham e eu estou *imediatamente* colocado na lista de saída.

— Para de te elogiar e vai rápido. — Olívia disse-lhe quando ele bateu a porta fechada.

Ele saudou-a com um sorriso.

Ela viu-o entrar na escola, mantinha os dedos na testa de Aeron procurando a sua temperatura. Ele não estava ficando melhor, começara a se debater e tinha a testa estava coberta de suor e os dentes estavam cravados no lábio inferior.

Sem saber mais o que fazer começou a cantar, doces canções de paz e saúde,

alguns acordes e Aeron acalmou a sua expressão e foi relaxando pouco a pouco.

— Meus deuses. — Sussurrou Paris.

Sua voz parou e ela olhou para ele.

— O quê? O que está errado?

Aeron começou a debater-se novamente.

— Não pare! — Paris disse. — É lindo. Os meus ouvidos já estão viciados e precisam de mais.

— Oh. Obrigado. — Olívia lançou-se em outra serenata. Lá fora, ela podia ver todos os tipos de animais emergentes da floresta aproximando-se do veículo. Uma vez mais, Aeron acalmou e ela poderia ter chorado de alegria.

Ela morreria por ele? Seu dedo traçou uma das tatuagens de esqueleto em seu maxilar. Talvez.



William estava no escritório principal da escola, à espera de Gilly. A recepcionista já tinha chamado-a. Como ele disse à mulher que seu nome era Paris Ford, ela chamou a menina sem incidentes. Crise evitada.

Ela era baixa e curvada, tinha trinta e poucos anos com o cabelo castanho lustroso. Ela já estava no processo de começar se a despir. O normal. Que ele normalmente gostava, mas não hoje. Ele só queria levar Gilly para fora dali. Ele gostava da espartinha e não ia descansar até ela estar segura.

Ele não tinha ideia de que ela tinha levado uma vida tão terrível, e ele tinha vergonha de si mesmo. Ele conhecia as mulheres. Bastava olhar para elas que as lia. Então porque não conseguiu ver que Gilly estava sofrendo?

Mãe do caralho e padrasto de merda! Duas pessoas que deveriam protegê-la. Bem, William estava com ela agora e William garantiria que nada disso jamais aconteceria novamente. Ele ficou tentado a cortar-lhes as gargantas, a mãe e ao padrasto. Talvez dar-lhe as cabeças de o Natal ou algo assim.

— É o pai de Gilly? — A recepcionista perguntou. Ela havia abandonado seu posto na sua mesa e agora estava em frente a ele no balcão.

Merda. Ele não tinha visto ou ouvido seu movimento. Esse nível de distração era perigoso.

— Irmão. — Respondeu ele, um pouco irritado por parecer velho o suficiente para ter uma filha de dezessete anos. Sim, ele estava passando os dois mil, mas ele não tinha uma única ruga, caramba!

— Oh. Isso é bom. — Ela sorriu e deslizou um pedaço de papel o seu caminho. — Se alguma vez quiser discutir o currículo dela, esse é o meu numero. Pode ligar a qualquer hora...

— Eu definitivamente entrarei em contato. — Ele também sorriu, embora o seu sorriso fosse forçado. Colocou o papel no bolso sabendo que não o ia utilizar. — A educação é tão importante.

Isso lhe rendeu uma risadinha, e ele não tentou encolher.

Mulheres. Eram quer uma bênção quer uma maldição. Sexo, que ele

amava. Sexo, ele precisava, desejava. Sexo com a mulher errada o tinha levado a prisão. Sexo com as deusas que o visitaram na prisão, ele tinha sido expulso dos céus. E isso tinha parado sua libido, no entanto. Na verdade, nada parou sua libido. Nem mesmo a maldição que lhe pairava sobre a cabeça.

Um dia, seria tentado por uma mulher de grande beleza e poder. Um dia, essa mulher ia enganá-lo para amá-la. Um dia, essa mulher usaria-o como escravo. E então, essa mulher o mataria.

Já tinha sido profetizado.

Quem sabe – talvez – tudo bem, realmente improvável – que ele poderia ter evitado completamente mulheres e salvar-se de um problema como uma sentença de morte. Mas nem mesmo isso o salvaria. Isso também fazia parte da profecia. Evitar as mulheres e o sexo era simplesmente condenar-se a uma morte mais rápida e dolorosa.

A única maneira de parar a mulher anônima e quebrar a maldição estava escrito num livro. Um livro que era quase impossível de decodificar, e mesmo assim ele ainda tinha que encontrar a resposta. Além disso, a fodida deusa menor da Anarquia tinha a posse do referido livro e devolvia-o mesquinhamente página por página. Ele odiaria Anya por isso se ele não a amasse.

Eles estiveram centenas de anos numa cela juntos no Tártaro. O espírito dela foi a única coisa que o manteve saudável.

— William? — A voz rouca de Gilly de repente puxou-o para fora dos pensamentos.

Ele virou-se e lá estava ela, de pé no final de um longo corredor. Ela era magra, cabelo escuro, olhos escuros, e muito mais... Conhecedores do que alguém de sua idade deveria ser. Isso deveria ter sido a pista inicial, ele pensou.

Talvez ele tivesse percebido isso, mas não quis reconhecê-lo.

Ela usava jeans, uma camiseta e sapatilhas que tinham um dispositivo de localização escondida na sola, não que ela soubesse disso. Seus cabelos estavam puxados para trás em rabo de cavalo e nem uma mancha de maquiagem no rosto.

Isso não parecia incomodar o rapaz ao lado dela. Ele estava olhando para ela como se estivesse hipnotizado. Mas, depois de ouvi-la dizer o nome de William, o menino franziu a testa e quando ele seguiu a linha de seu olhar e viu William, a carranca se aprofundou e ele empalideceu.

Namorado? Ou namorado em potencial?

Alguém teria que acabar com isso. Ela era muito jovem, com um passado muito traumático. Ela precisava ficar sozinha. Até que ela tivesse, *pelo menos* quarenta anos.

— Ei, querida. — Disse William, ondulando o dedo.

Sorrindo, ela correu e se jogou em seus braços. Ele a abraçou apertado antes de pegá-la pelos pulsos suavemente afastando-a. Ele podia gostar dela, podia querer o melhor para ela, mas ele não queria incentivá-la a apaixonar-se mais por ele.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou ela.

O menino tinha sido facilmente esquecido atrás dela. Ele era alto para um adolescente, atingindo a orelha de William, com cabelos castanhos e olhos azuis.

— Quem é você? — William exigiu rudemente.

— C... Corbin, senhor.

— Que tipo de nome é Corbin senhor? E se alguma vez magoar Gilly, eu juro

aos deuses que eu pessoalmente...

Gilly bateu no ombro do William.

— Pare. Cori é meu amigo. Ele só queria se certificar de que eu chegasse ao escritório bem.

— Bem, isso é admirável. — Disse William, nunca tirando o estreito olhar do menino. — Enquanto que proteção seja o seu único objetivo.

Corbin puxou a gola da camisa.

— Você é o namorado dela... Ou algo assim?

— Irmão. — Disse William ao mesmo tempo em que Gilly disse:

— Sim.

Ele olhou lentamente para ela, e arqueou a sobrancelha. Sim? Eles precisavam ter uma conversa, então. Talvez mais tarde. Mas ouvir a palavra tinha causado um aperto no peito. Ele tinha que descobrir o que significava o aperto em primeiro lugar.

— Então por que está aqui? — Ela perguntou de novo, com o rosto vermelho.

Ele não gostava de tê-la envergonhado, mas não havia maneira de evitar.

— Aeron foi ferido. Existem problemas na cidade, e nós a queremos na fortaleza com os outros até que seja seguro novamente.

— Aeron? — Corbin perguntou.

— Outro irmão. — William informou a ele.

Os olhos do menino se arregalaram.

— Quantos têm?

— Um monte. — Gilly respondeu com um suspiro cansado. — Então, você vai estar lá, Liam?

Liam. Seu apelido para ele. Inicialmente ele gostou. Agora ele viu o carinho que ela devia sentir por ele. Oh, sim. Eles vão ter que ter um bate-papo. Maldita a sua beleza irresistível.

— Sim, eu estarei lá. Então, vamos para casa, querida. Aeron está no carro e ele precisa de alguma atenção médica.

Apesar do seu medo dos Senhores, ela empalideceu com a preocupação, pegou na mão dele e levou-o para fora do edifício.

— Adeus, Cori. — Ela despediu-se por cima do ombro.

— Adeus. — O rapaz respondeu. Foi um som que mal se ouviu.

William avistou o SUV, mas não podia ver Olívia através do fumê da janela, para não mencionar o terrível número de veados que estavam agora em torno do veículo. No entanto, ele não precisava vê-la para saber que se eles não conseguissem levar Aeron em segurança para a fortaleza, o anjo, com toda a sua bondade, iria irromper em um caldeirão fervendo de fúria feminina. Estava lá nos olhos dela, uma imparável paixão aguardando por transbordar. Algo que ela provavelmente não sabia de que era capaz, mas William percebeu porque, ao contrário de seu desentendimento acerca de Gilly, ele pegou de Olívia sonhos, medos e necessidades no momento em que ele a tinha visto.

Aeron era o seu tudo. Se o guerreiro morresse, até mesmo os deuses não seriam capazes de deter a sua agitação.

Capítulo Dezoito

Olivia sentou-se na extremidade da cama de Aeron, quadril pressionando quadril. Legion sentou-se no outro lado, quadril pressionando quadril. Em sua preocupação com ele, elas trabalharam em conjunto para despi-lo. Olivia *não* se permitiu olhar para pênis dele, não importava quantas vezes a voz lhe tinha dito para fazê-lo.

Ah, sim. A voz da tentação tinha retornado.

Com Aeron fraco como estava, espreitar qualquer parte dele teria sido errado. Ele estava tão fraco, na verdade, ele não tinha se mexido nenhuma vez. Ele tinha mesmo parado de gemer, embora ela não estivesse cantando, e ela não achava que fosse um bom sinal.

A ferida ainda estava vazando, e mesmo que com o pedaço de seu manto enrolado em volta do ombro fosse auto-limpante, não conseguia acompanhar o fluxo e ficou encharcado. Sua pele tatuada estava úmida, não mais quente com o suor. Para aquecê-lo, elas tinham colocado cobertores ao redor dele, mas não afetou a temperatura despencando.

Como último recurso, elas se sentaram ao lado dele, esperando que o seu calor corporal fosse a cura mágica.

— O que você fez com ele? — Legion exigiu, mãos ásperas enquanto o acariciava.

— Nada, — respondeu Olivia, apesar dela não poder manter a culpa para fora do seu tom. Ela deveria ter feito mais por ele. — ele foi baleado por caçadores.

— Porque você não pôde protegê-lo.

Estapeie-a.

Ignorar a voz já não era difícil, a sua preocupação com Aeron ofuscando todo o resto.

— O que eu poderia ter feito? — A questão trouxe uma nova onda de tormento.

— Você poderia ter tomado a bala por ele. Eu teria.

Sim, provavelmente Legion teria. *Eu sou um fracasso como namorada.* Não que ela fosse sua namorada. Mas ela queria ser, portanto, ela deveria ter agido como uma.

— Mesmo que ele sobreviva a isto, — Ele sobreviveria, ela não aceitaria menos. — ele vai morrer em poucos dias por sua causa. — Oh, Divindade. Sofra juntou ao tormento.

— Mentirosa! — Embora a palavra fosse rosnada, Legion se inclinou e beijou delicadamente a testa de Aeron. — Você ouve isso, querido? Seu anjo é uma mentirosa. Você nunca vai morrer. Eu não vou deixar você.

Afaste-a e reclame o seu homem.

Novamente ela facilmente ignorou a voz e as trevas que vinham com ela.

— Em nove dias, um anjo assassino virá atrás dele. Esse assassino terá sua cabeça. Por sua causa. Porque você não consegue ficar no inferno, onde pertence. — Agora seu tom era de raiva.

Legion esticava, torcia na direção dela, dentes à mostra em um olhar ameaçador. Mais uma vez, seus olhos estavam brilhando com o vermelho demoníaco.

— Outra palavra e eu vou apunhalar você enquanto você estiver dormindo.

— Enquanto eu estiver dormindo ao lado de Aeron? — O insulto foi todo dela, e

ela não podia lamentar o que ela disse.

— Sua puta!

— Ohhh-ouh. Briga de gatas. — disse uma voz divertida da porta.

William.

Se só tivesse sido William a fasciná-la, pensou então. Ele a teria seduzido no primeiro dia, e porque a sua capacidade de atenção durou apenas alguns dias, ela poderia facilmente ter-lhe matado no final de seu treinamento de duas semanas.

Então, novamente, ela provavelmente teria tomado a sua cabeça, se ordenada, então ela não teria sacrificado seu futuro por um pouco de tempo com ele em primeiro lugar. Onde Aeron foi altruísta, William era egoísta, um traço que teria sido irritante em qualquer outro. William vestia-se bem, isso era certo.

Ele tinha um ombro pressionado no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito.

— Desculpe, nós tentamos esfaqueá-la, quando chegou em casa. — disse a Legion. Ele e Paris tinham estado completamente surpresos quando tinham espiado a mulher estranha voando baixo pelas escadas e gritando o nome de Aeron.

Eles a tinham jogado para o chão. Apenas a explicação de Olivia sobre quem ela era — e como ela tinha conseguido essa forma — tinha evitado um golpe mortal.

Deveria ter ficado quieta, pensou ela. Não que ela tivesse feito nada. Torin, que tinha olhos e ouvidos em toda a fortaleza, parecia que tinha rapidamente confirmado a sua história.

— Você não pode culpar-nos, no entanto. — William continuou calmamente. — A mudança é excitante. Além disso, eu percebi que tínhamos atingido o nosso limite de fêmeas muito tempo atrás e não poderia ser sortudo o suficiente para marcar outro.

Ugh. Paquera. William nunca pararia? A única vez que ela não o tinha ouvido flertar foi na viagem de volta para a fortaleza. Gilly tentou chamar a sua atenção, mas ele estava estranhamente silencioso.

— Bem, não é como você fosse uma luta real para mim. — resmungou a garota demônio, provavelmente encantada apesar de si mesma. Não estavam todos eles?

— Você feriu minha honra. — Ele apertava o peito. — Nós teremos que lutar novamente mais tarde e ver quem realmente sai por cima. Eu prefiro as minhas batalhas nu. Você?

— Você disse que estava indo conversar com os outros, — Olivia exclamou, movendo-se para eles. — alguém tem alguma ideia do que poderia estar de errado com Aeron?

— É realmente por isso que estou aqui, — disse William, aceitando a mudança de assunto sem protestar. — Torin acha que ele foi envenenado.

Veneno. Isso fazia sentido. E considerando as pessoas em lugares altos que os Caçadores conheciam, ela apostava que o veneno foi mandado pelos céus. Veneno humano, como o álcool humano, não o teria afetado gravemente.

— Torin tem um remédio? — Ela perguntou, esperançosa.

William agitou gravemente sua cabeça.

— Ele tem as mulheres procurando através dos antigos pergaminhos de Reyes, por isso lhes daria mais algumas horas antes de entrar em pânico.

Horas? Será que Aeron tinha esse tempo? Ela engoliu em seco, as lágrimas queimando seus olhos. Talvez fosse hora de mudar de assunto novamente. Se ela

quebrasse, ela estaria sem a ajuda de ninguém.

— Como está Scarlet? — perguntou trêmula.

— Presa e ainda dormindo. Coisinha mais fofa, — acrescentou ele como uma reflexão posterior. — eu poderia tentar com ela.

— Bem, eu acho que ela é feia, — Legion bufou. — assim como o anjo.

— Caído. — Olivia não lhe poupou um olhar, apesar de ainda focada em William. — Essa *coisinha mais fofa* pode matar a todos aqui. Informe aos senhores e às mulheres para ficarem acordados, se possível. No momento em que eles forem dormir, Scarlet pode invadir seus sonhos, mesmo quando ela está dormindo. Vão pensar que o que está acontecendo nos sonhos é real, e seus corpos irão reagir em conformidade, tornando qualquer prejuízo que sustentam no sonho em realidade.

Espere... Aeron... Dormindo... Pesadelos... Scarlet já tinha atacado Aeron? Olivia teve de sufocar um grito no pensamento. Ela tinha que acordá-lo. Em breve.

William franziu os lábios.

— Você não poderia ter dito a nós que pequena joia, antes de trazê-la aqui?

— Teria importado? — Salvaria, Aeron? *Eu sou uma namorada ainda pior do que eu pensava.*

— Não, — Ele disse com um suspiro. — provavelmente não.

A verdade, ou ele estava tentando absolvê-la da culpa?

— Ah, e falando de pesadelos, — Acrescentou ele. — há animais por todos os lados ao redor da fortaleza, como havia em torno do carro da escola de Gilly e no cemitério. Quer explicar isso?

— Eu gostaria de poder, — Respondeu Olivia, de repente grata a ele e ansiosa para ajudá-lo de qualquer forma que pudesse. — desde que saí da cripta, eles foram me buscar e eu não sei por quê. — A última coisa que ela fez foi chamar a sua luz interior e...E lá estava a resposta. Sua luz interior. Claro. Eles perceberam a luz, e agora procuravam a fonte. Ela explicou a William.

— Truque fresco, mas é realmente pânico a todos. E por todos eu quero dizer a todos. Lucien trouxe o resto dos homens daqui. Você sabe, aqueles que estavam em Roma. E aqui está um pequeno petisco de fofoca. — Sorrindo, ele esfregou as mãos. — Os flashes deixaram Reyes doente e enquanto vomitava, ele teve que lutar contra pássaros e roedores.

— Sinto muito.

— Claro que você sente. — Legion atirou uma carranca. — Você é uma agitadora. Nada dá certo quando você está por perto.

— Oh, cale a boca! — Olivia cortou. — Deveríamos estar pensando em maneiras de ajudar Aeron. Ou, pelo menos, encontrar-lhe um médico.

— Ele não precisa de um médico. Ele só precisa de mim. E eu vou estar lá para ele. — Legion começou a tirar o vestido que ela tinha encontrado enquanto Olivia e Aeron estavam lutando por suas vidas. Um vestido mau que pretendia claramente rivalizar com o uniforme de puta de Olívia.

Olivia bradou para ela.

— Você pretende estar lá para abusar dele enquanto ele dorme?

— Está certo. — Nua, completamente ousada, Legion pegou os cobertores sobre Aeron e puxou para trás, claramente demonstrando que iria fazer o que ela alegou.

— Bem, isso vai ter que esperar. Legion, querida, eu preciso que você venha

comigo. — disse William, com uma curva de seu dedo.

Carrancuda, ela fez uma pausa, e seus enormes seios balançavam.

— Por quê?

— Por quê? — ele perguntou, como se ele não tivesse pensado tão longe.

— Sim, por quê?

— Oh, bem, eu preciso apresentá-la aos guerreiros que estiveram fora da cidade.

Dessa forma, eles não vão tentar atacá-la quando eles vierem verificar Aeron. E eles virão. Verificarem-no e atacá-la, quero dizer.

Ele estava fazendo isso enquanto se aproximava, Olivia suspeitava, tentando dar-lhe algum tempo a sós com Aeron. Ela poderia tê-lo abraçado.

— Mas eu não posso deixá-lo. — lamentou Legion.

— Nós vamos por apenas um momento. — Ele sorriu um bonito sorriso prático. — Prometo.

— Está bem. — resmungou Legion, repuxando o vestido por cima da cabeça e alisando o material branco abaixo de curvas perigosas de seus quadris. Ela sibilou para Olivia. — Se você tocá-lo, eu vou comer seus olhos na sua frente e você terá que assistir, incapaz de parar-me!

Olivia não apontou a falha no seu plano enquanto os dois deixavam o quarto e fechavam a porta atrás deles, William piscou por cima do ombro. Não sabendo quanto tempo duraria esse adiamento, ela não perdeu tempo esticando-se ao lado de Aeron.

Beije-o...

Quando as coisas se acalmassem, ela iria descobrir quem estava invadindo sua cabeça e por quê.

Ela não iria beijá-lo, mas ela *iria* orar.

Enquanto ela acariciava com a mão o peito de Aeron, ela fechou seus olhos.

— Cara Divindade Celestial. Eu venho a Ti agora, como uma humilde serva que vos ama. Este homem, ele não é mau, apesar do mal dentro dele. Ele é generoso. Ele é atencioso. Ele é capaz de muito carinho e lealdade sem limites. Essas são as coisas que o Senhor mais valoriza. Ele morrerá, eu sei. Mas não agora. Não assim. Você, que pode trabalhar todas as coisas, mesmo a pior das coisas, para o nosso bem, pode curá-lo, tornando-o cada vez mais forte. Você, que conquistou a morte há muito tempo, pode salvá-lo.

Por favor, me ouça. Por favor, me ajude.

— Por que você está fazendo isso para si mesma, Olivia? Ele vai morrer um dia, de qualquer maneira.

Lysander. Isso foi ainda mais rápido do que ela esperava. *Obrigado, obrigado, mil vezes obrigado!*

A voz — Tentação, ela ia chamá-la — assim, gritou de frustração. *Não ele. Ninguém, mas ele. Eu não suporto aquele bastardo.*

— Então, deixe. — Ela estalou, a suspeita florescendo. Tentação claramente odiava seu mentor, um anjo, e os únicos seres a odiar os anjos, eram os demônios.

Isso significava que Tentação era um demônio.

Eu explico. *Então, por agora, mais tarde, querida.*

Quando esse demônio voltasse, e ele voltaria, ela não tinha dúvida, ela teria que ser mais bem vigiado.

— Olivia? — Lysander disse.

Ela abriu os olhos de um baque. Seguro o suficiente, seu mentor estava do lado de fora. Alto, imponente, pulsando com energia. Suas asas douradas arqueadas sobre seus ombros, e seu manto balançava em seus tornozelos.

O que ele tinha perguntado em primeiro lugar? Ah, sim. Por que você está fazendo isso a si mesma?

— Aeron não merecia morrer assim.

— Muitos não merecem a morte que vem para eles.

Ela se curvou ao lado de Aeron, atuando como *seu* escudo, como uma boa namorada deve fazer.

— Vocês deram uma segunda chance com sua Harpia. Eu mereço uma segunda chance com Aeron.

— E quando o tempo passar, você vai solicitar uma terceira?

Para responder como ele desejava seria mentir.

— Por que você está aqui, Lysander?

Um músculo se contraiu em sua mandíbula.

— Estou aqui para te dizer que a sua oração foi ouvida. Estou aqui para lhe dizer que Aeron será curado, mas que você deve fazer um sacrifício em troca, como é o nosso modo.

Sacrifício. Sim, isso era geralmente o caminho das coisas. Desde o início do tempo, auto-sacrifício, uma prova de amor puro, sempre manteve o poder para influenciar a sua divindade — e mudar o mundo.

— Eu aceito! Portanto, você pode fazer o que lhe foi enviado para fazer e sair.

Ele permaneceu imóvel.

— Não se importa de saber o que estará perdendo?

— Não.

— Você tem certeza? Bem, não importa. Vou dizer-lhe, de qualquer maneira. Você vai perder a sua voz da verdade. Os outros não vão acreditar em tudo o que você diz. Agora você enfrentará a dúvida. Já não vai reconhecer uma mentira no momento em que é falada. E se você decidir voltar para o céu e ser o anjo que estava destinada a ser, ainda assim você não terá a sua voz da verdade. Terá sido tirada de você para sempre.

Automaticamente, a mão dela procurou a sua garganta. Perder a sua verdade? Ela preferia perder as mãos, assim como Gideon tinha. Como ela iria lidar com Aeron duvidando dela, quando ela sabia em sua alma que o que ela falava era verdade?

Seu olhar piscou para ele. Assim, ainda assim, tão pálido. Tão magro.

— Pense cuidadosamente. — Disse Lysander. — A cada hora, cada minuto, o caminho que você está desenvolve mais curvas perigosas. E você sabe o que eu vejo no final desse caminho, não importa a direção que você tome? Você sabe o que espera por você lá? Morte, Olivia. Sua morte. E para quê? Alguns dias mais com ele. Alguns dias mais com um homem que fez um acordo comigo.

— Q-que acordo?

— Prometi que se ele conseguisse convencê-la a voltar para o céu, vou tentar convencer o Conselho a poupar sua vida, assim como sua companheira demônio.

Sua boca abriu e fechou sem sair som algum. Em estado de choque, sim, Lysander estava agora disposto a lutar contra o Conselho, quando ele sempre negou

seus fundamentos para fazê-lo, mas principalmente em machucar. Isso explicava muito. A visita secreta de Lysander a Aeron. Por que Aeron não lhe dera aquele último orgasmo. Por que ele queria que ela o visse lutar, mostrando-lhe a dureza da sua vida.

Ela não significava nada para ele. Não, na verdade. Como poderia, se ele estava tão ansioso para usá-la como moeda de troca? E, no entanto, ele ainda era um homem que ela admirava. Ele estava disposto a fazer qualquer coisa para salvar alguém que amava. Para salvar Legion.

Se apenas, a amada pudesse ter sido ela.

— Se eu voltar com você, você pode garantir que ele vai viver? — ela resmungou.

— Eu posso tentar. — O que não soava como uma garantia para ela. — O importante aqui é que ele concordou. — Acrescentou Lysander antes que ela pudesse responder. — Ele está disposto a deixar você para salvar a si mesmo.

A dor expandia, consumindo-a, sufocando-a.

— E se mudarmos sua mente sobre essa cura? — Lysander perguntou calmamente. Esperançosamente. — Este sacrifício?

— Não. — respondeu ela sem hesitação. Aeron havia colocado o bem-estar de Legion acima do dela, sim, mas o que ela esperava? O que ela não esperava era perdê-lo antes que o tempo deles acabasse. Apesar de tudo, ela não podia perdê-lo. — Eu ainda gostaria de fazer essa barganha.

Tristeza encheu os olhos de Lysander.

— Então, assim será feito.

Enquanto a última palavra soava, as cordas vocais dela se apertaram. Por um momento, ela não pôde falar nada. Não foi possível até engolir ou suspirar ou respirar. Ela agarrou sua garganta, sua mente escurecida enquanto o gelo e o fogo se misturaram em seu sangue.

— Vai passar. — Disse Lysander, de repente na frente dela e acariciando sua têmpora. Era o que ele tinha feito a qualquer momento quando ela não conseguia trazer a sua carga humana de alegria. Conforto oferecido. Ele sempre quis o melhor para ela, e claro que agora, também. Ele não era um homem mau, e ela faria bem em se lembrar disso.

Como ele prometera, o oxigênio finalmente começou a infiltrar-se passando em sua garganta e seus pulmões. O fogo enfraquecido, o gelo derretido. O nevoeiro se dissipou. Grata, ela chupou respiração por respiração.

— Será que Aeron teria feito o mesmo por você? — Lysander perguntou. — Não. Não responda. Basta pensar em tudo o que disse.

Ela assentiu com a cabeça. Ela não seria capaz de fazer mais nada.

— Esteja preparada, doce Olivia. Aeron poderia muito bem ser ferido por problemas como esse novamente. Eu temo que Rhea tenha dado aos Caçadores a água dos cinco rios do reino de Hades.

Olívia se encolheu. Tal água usada como uma arma significava morte certa. Um gole, um toque, e adeus para sempre. Mesmo a alma secava. A única maneira de combater o veneno vil era beber do Rio da Vida. Um rio, que ela mesma não sabia como encontrar.

— Eles estão fazendo suas próprias balas e cada uma dessas balas contém uma

única gota dessa água. — Ele retirou um pequeno frasco de sua túnica. — Aeron precisa apenas de uma gota disto para se curar. O resto eu esconderia. Apenas no caso de ser necessário. Use-o com cuidado, entretanto, quando ela acabar, você não vai receber mais nada.

Rio da Vida? Com as mãos trêmulas, ela agarrou o frasco.

— Mas não pense, nem por um momento, que isso irá salvá-lo após a sua cabeça ser tirada. E isso vai ser tirado, Olivia. Um assassino virá.

O olhar dela caiu. Lysander a conhecia bem, ela *estava* pensando ao longo destas linhas. Não importava. Ela chacoalhou a cabeça, jogando fora a sua decepção e renovando sua determinação. Ela simplesmente encontraria uma outra maneira.

— Pensei que você faria uma petição ao Conselho para ele.

— E assim o farei. *Nós sabemos* os resultados que tal petição irá exercer. Ele não. Eles foram condescendentes com você, mas então, você é uma de nós. Ele é um demônio. Não haverá nenhuma clemência.

Poderia dizer-lhe alguma coisa?

— Como você se preocupa comigo, Olivia. — Lysander suspirou. — Vou deixá-la com sua tarefa.

Capítulo Dezenove

Gideon, detentor das Mentiras, jogou e virou-se em cima de sua cama. Suas boxers¹⁸ estavam coladas à sua pele encharcada de suor, as mãos enfaixadas — ou a falta delas — latejava dolorosamente. O sangue tinha frisado sobre os curativos e, tanto quanto ele curava, o que não tinha acontecido nas últimas semanas. Regressão?

Ele estava dormindo, mas ainda consciente, o que era estranho como a merda, e preso na mais espessa escuridão que ele já atravessou. Novamente estranho, se não tecnicamente verdade. Não por seu demônio, de qualquer forma. A escuridão dentro da caixa de Pandora era exatamente assim, sufocante e enlouquecedora. Algumas mentiras não paravam de gritar sobre sua entrada no reino estranho — gritos misturados com as camadas de escuridão. Milhares e milhares de gritos discordantes, cada um mais torturado do que o último.

Arranhando sua maneira fora impossível.

— Gideon. Gideon, homem, acorda. Você não deveria dormir.

Ele ouviu a voz de Paris, queria obedecer, mas, novamente, ele não podia. A escuridão era muito enjoativa, envolvendo em torno dele, segurando com força, quase afogando-o. E então *ele* se afogou, perdeu esse segmento de consciência completamente. *Não posso respirar...*

¹⁸ Cueca. Justa no corpo, curta.



A melancolia partiu, e ele respirou fundo exagerado — só para embaralhar para trás. Oh diabo, não. *Aranha!*

Não se acalme, seu demônio lhe disse.

Você, não se acalme! Ofegante, tentando não gritar como um gatinho, ele próprio achatado contra a parede. A aranha monstruosa continuava, as oito pernas esfaqueando no chão, os olhos redondos praticamente perscrutando sua alma.

Inimigo, Mentira disse. Significado: amigo.

Difícilmente. *Merda, merda, merda*. Todas as células do cérebro que ele possuía — que foram presas nessa merda névoa de pânico — de repente ele saiba, em detalhes de alta definição, que seria o jantar desta criatura. Ele preferiria ser incendiado. Ele preferia ser enforcado. Inferno, ele preferia ser estripado.

— Eu vou ser tão gostoso. — Disse ele desesperadamente. A verdade era, tinha gosto de merda, mas então, mesmo nos seus sonhos, ele não poderia dizer o que ele queria dizer. Pelo menos, ele não pensava assim. Ele nunca tentou fazê-lo. E não o faria. As consequências poderiam ser tão devastadoras como quando ele fez isso na vida. Dor, dor e mais dor.

Memórias de sua última batalha com a verdade, estavam frescas em sua mente. Algumas semanas atrás, ele disse a um Caçador o que ele realmente sentia — *ódio* — e aquilo que ele realmente queria fazer — *ferir, mutilar, matar*. Tudo porque ele, que poderia manchar uma mentira de alguns milhares de quilômetros de distância, tinha sido enganado em acreditar que Sabin, detentor da Dúvida, foi morto, assassinado pelas mãos do caçador. Ato estúpido dele. Mas como a dor montava, ele tinha pensado *que é um pouco mais* e ofereceu a si mesmo para tortura para salvar seus amigos de ter que suportar isso.

Foi quando ele perdeu as mãos para uma serra. Elas estavam agora em pedaços com alguns dedos. Mesmo em seus sonhos. Portanto, ele não poderia defender-se adequadamente contra o Sr. Fome — que ainda estava olhando para ele como se fosse um pedaço de carne que ele tropeçasse de um canto da sala de sonho para o outro.

Aqueles cantos aproximavam-se dele, o espaço encolhendo.

Inferno. Não.

— Aproxime-se! — *Fique longe!* — Você quer fazer isso. — *Você não quer fazer isso.*

Não se acalme, as mentiras repetiam.

Não houve tempo para analisar o comportamento estranho de seu demônio. Uma dessas pernas cabeludas o atingiu. A ponta era dura, afiada, e cortava sua coxa. Talvez essa ponta tivesse sido mergulhada em veneno, porque a picada que explodiu junto com ele o fez se ajoelhar, fazendo com que seus músculos fixassem nos seus ossos, quase os quebrando ao meio.

— Faça isso de novo. — ele murmurou. *Cale-se, calem a boca!* Ele raramente desprezava o seu demônio. A maioria dos dias, ele até gostava do bastardo. Estava contente de ser um soldado mais forte, mais difícil por causa do pequeno demônio. Mas não agora. Ele queria mandar a maldita aranha para o inferno eterno.

Por que ele tinha tanto medo de aranhas, ele não sabia. O medo, simplesmente, sempre esteve lá.

Outro ataque na perna. Um outro corte, este em suas costas enquanto tentava

girar longe do impacto. A picada propagou rapidamente, seus músculos retorcendo. Os ossos do braço se *quebraram* dessa vez.

— Novamente. — Ele repetiu a palavra tal qual uma flecha, deixando seus dentes cerrados. — Outra vez.

Não se acalme!

A aranha acalmou, a sua repugnante cabeça inclinando para os lados. Observando-o, estudando-o. Maldição. Ele não podia escapar, agora estava preso no lugar.

— Fique. — *Vá!* A espessura da sua respiração, batendo contra as paredes demasiado estreitas, ecoando.

— Por que você diz o contrário do que sua expressão me diz que você quer dizer?

A voz saiu do nada. Ou talvez a aranha estivesse falando. Só que ele tinha pensado que uma aranha feia seria do sexo masculino, e essa voz tinha sido pura feminilidade. Familiar de alguma forma. Suave, mas forte. *Relaxe*, aquela voz disse.

Mentira suspirou com contentamento.

— Fique. — Gideon gritou para a besta. Ele não seria levado à passividade como seu demônio.

Lentamente, muito lentamente, a aranha desapareceu, tremeluzindo fora de vista. *Outro truque. Você tem que...* A mulher saiu da escuridão que se seguiu. Ela era alta e magra, com cabelos pretos na altura dos ombros, que não possuíam uma única onda ou sinal de onda. Havia algo de familiar no rosto dela como se tivesse sido sobre a voz dela.

Quem era?

Ela tinha olhos como veludo negro, um nariz régio e lábios tão vermelhos que pareciam milhares de pequenos, recém-polidos rubis que tinham sido pressionados juntos e cortado em um coração. As maçãs do rosto eram afiadas, o queixo teimoso, mas pelos deuses, era adorável. Uma rainha guerreira.

Seu coração continuou a bater frenético, até mesmo enquanto Mentira proferia um daqueles suspiros. O pânico o abandonou, deixando para trás um fascínio branco-quente. Um truque? Quem se importava! Sua mente tinha certamente usado suas mais profundas fantasias para criá-la.

O suor secava no corpo, e o gelo deixou o seu sangue enquanto um fogo devorador lavava através dele, borbulhando tudo que tocava. Tão mal que ele queria chegar, para tocá-la, para acariciar seu rosto e correr os dedos pelo cabelo dela. Para saber se ela era tão macia e sedosa como ele pensava que seria.

— Por que você diz o oposto do que pretende? — ela perguntou de novo.

— Não sei. — disse ele, o que significa que ele, de fato, sabia a resposta. Ele podia ter mentido em mais detalhes, permitindo-lhe decifrar a verdade, mas um único pensamento o deteve. E se ela era a isca, uma fêmea enviada para ajudar a destruí-lo?

Os caçadores agora estavam tão poderosos que poderiam invadir sonhos?

Possível. Torin tinha visitado mais cedo e disse-lhe que Galen tinha um artefato, que o traidor tinha ligado com sucesso o demônio da Desconfiança com uma mulher de cabelos escuros e — Uma mulher de cabelos escuros?

Ele endureceu. Como aquela que ele estava olhando?

— Venha para o calabouço. — Disse ela. — Sozinho...!

— Quem não é você? — Ele exigiu.

— Quem não é você? — Ela revidou.

Silêncio deslizou entre eles, e a raiva encheu os olhos negros. Raiva e ainda a curiosidade agitada.

— Venha para o calabouço, ou eu vou trazer de volta a aranha. — Com isso, ela desapareceu.

As pálpebras de Gideon se abriram, sua mente consciente de que impelido do estado de sonho como se estivesse montando um foguete.

— Graças a Deus. — Um frenético Paris disse. — Finalmente.

Gideon estava ofegante. Ao contrário de seu sonho, seu suor não secou. Ele derramou dele, encharcando-o. Assim como em seu sonho, no entanto, o seu braço, coxa e costas estavam pulsando, sangrando de onde tinham sido cortados.

— O que aconteceu? — Exigiu tremendo. — Pequeno inseto careca...

— Sonho mau, como eu temia.

O sol enfraquecido escorria pela única janela em seu quarto, mas sua luz estava em cima, iluminando o seu amigo. O cabelo de Paris estava multicolorido, e cada um desses tons brilhava intensamente. Sua pele estava pálida, mas ainda assim mantinha o brilho de uma pérola.

Agora, Gideon poderia ter agido como um gatinho, mas Paris *parecia* um, pensou com os primeiros fios de humor retornando.

— Você dormiu antes que pudéssemos dizer para você não dormir, e deve ter encontrado a nossa nova hóspede.

A garota.

— Quem não é nossa convidada?

— Scarlet é o nome dela, e ela é um Senhor do Submundo. Ou Senhora, acho eu.

Eles realmente encontraram uma das ligações que faltavam e trouxeram aqui?

— Ela não é detentora de quê? — Ele teria esfregado uma mão pelo rosto para apagar os resquícios de sono, mas não pôde.

Paris sentiu a sua necessidade e enxugou os olhos dele com a ponta da manga.

— Pesadelos, aparentemente. Bastante coisa, se você gosta deles brutos, mas evidentemente ela é tão louca quanto os Caçadores.

Pesadelos. Por alguma razão, apenas a palavra foi suficiente para dar ao seu próprio demônio um orgasmo. E Gideon, bem, ele ficou subitamente se perguntando por que a menina parecia tão familiar para ele.

Fique, fique, fique, Mentira exigia dentro de sua mente.

— Olivia nos ajudou a capturá-la, e ela está trancada no calabouço. — Paris continuou.

— Ela está ferida, certo? — exigiu, jogando suas pernas enfraquecidas ao longo do lado da cama.

— O que você está fazendo, cara?

Gideon conseguiu ficar de pé, cambaleante, mas felizmente não caiu, o seu olhar varrendo seu corpo. Ele ainda usava as boxers, estava suja de suor e, provavelmente, o cheiro.

Não era a vaidade que o levou cambaleando em direção ao banheiro, ele disse a si mesmo, mas um sentimento de polidez. Não havia razão para torturar a menina —

Scarlet, Paris afirmou, — quando ela ainda não havia feito nada de errado. Bem, ainda não. Suas mais recentes feridas *doíam*, sangrando por todo o chão limpo. Culpa dela?

Aeron, limpador extraordinário, estaria chateado, uma perspectiva que fez seus lábios contraírem. Se nada mais, que ia ser divertido de assistir. Aeron com um esfregão. Clássico.

Todos os Senhores tinham a atribuição de tarefas. A grande coisa para os seus amigos, com certeza, mas Gideon era do tipo de brilhante em levar vantagem. Um título que ele tinha usado uma vez com orgulho. Então, Paris o tinha convocado para ajudar com as compras. Eles revezavam, cada um ia à mercearia uma vez por semana, Paris, no início da semana e Gideon no final.

Ele perguntou se alguém tinha assumido a tarefa desde a sua lesão e, em caso afirmativo, o que ele teria que fazer ao invés, uma vez que ele se recuperasse totalmente. Provavelmente ajudar Aeron com o serviço de limpeza.

Seus lábios pararam de se contrair.

— Então o que ela fez para você? — Paris perguntou, esgueirando-se para ele e agindo como muleta o resto do caminho para o banheiro. Uma vez lá, Paris abriu a água. Escaldante, tal como Gideon gostava. — Você mencionou um inseto pequeno, calvo e tenho que dizer, eu não tenho nenhuma ideia do que isso significa.

Com um pouco mais ajuda, Gideon conseguiu se despir. Ele pisou embaixo do jato de água. Ele nunca tinha sido modesto e ele sabia que Paris, que tinha estado com milhares e milhares de mulheres, e até mesmo homens ocasionais ao longo dos anos, não se importava.

Por um longo tempo, ele simplesmente estava imóvel, os braços apoiados na parede em frente, braço quebrado palpitante enquanto a água derramava sobre ele, queimando o seu rosto e corpo. Então o pulso bom foi capturado, a sua atadura desenrolada e uma barra de sabão colocada sobre ele.

— Não, obrigado. — Ele murmurou. Como iria lidar com isso?

— É a vida. — Paris murmurou de volta. — Você não respondeu à minha pergunta. O que ela faz para você com esses insetos?

— Nada. — Disse ele, o que significa alguma coisa.

— Eu sei disso. Comece a falar.

Enquanto ele se esfregava com o sabão da melhor maneira possível, considerando que ele estava sem mãos e reduzido a usar apenas o braço direito, ele explicou no modo Gideon de falar. Seu significado estava claro.

— *Acorde, eu vou à festa com o meu bichinho favorito.* — Mesmo sem ter que recorrer à verdade.

— Você sabe o que isso significa, não é? — Paris perguntou impiedosamente.

— Sim... — Não. O que o inferno? Seu cérebro devia estar podre. Tudo o que ele conseguia pensar era que Scarlet sabia conjurar insetos, mas, então, um período de três anos, poderia ter imaginado aquilo por agora.

— Ela sabia o que mais lhe assustava. Apenas a conclusão lógica é que a mulher pode sentir nossos medos mais profundos e apresentá-los para nós enquanto estamos dormindo. Assim, os pesadelos.

Muito bom. Exatamente o que sua vida tinha sido perdida.

— Eu não estou indo visitá-la.

Que ganhou um *Não, obrigado* de Mentira.

— Agora segure tudo.

— Você está totalmente longe de ser capaz de falar-me do presente, que eu não iria calar a boca se eu fosse você. — Levou um pouco, mas ele conseguiu desligar a água. — Não me dê uma toalha.

Com um rosnar, Paris lançou uma toalha de banho branca macia para ele. Gideon falhou, suas protuberâncias enfaixadas simplesmente não eram rápidas o suficiente. Ele inclinou-se e depois de várias tentativas, conseguiu levantar o material. Seu braço latejava. Estúpidos ossos quebrados! Ele tentou secar-se, ele realmente tentou, mas ele não fez um trabalho muito bom.

Finalmente, Paris pegou o tecido de algodão e deixou-o seco.

— Você é pior que um bebê, sabia disso?

— Não me pegue algumas roupas.

Balançando a cabeça, Paris desapareceu no quarto. Uma gaveta se abriu, fechou, e depois outra, e então ele foi caminhando de volta para o banheiro, segurando um par de shorts e uma camiseta.

Gideon já tinha saído do box. Ele poderia ter se vestido, mas isso teria exigido o resto de sua energia.

— Eu não vou deixar você fazer isso.

O outro sacudiu a cabeça.

— Você está indo vê-la, pelo menos, leve algumas armas. — Paris puxou a camisa sobre a cabeça e o ajudou a puxar os braços completamente. Ele só encolheu uma vez. — Como eu.

— Claro! — Deuses, isso foi embaraçoso. Estando tão desamparado. Seu amigo era tão atencioso, sobre ele, porém, que algumas das picadas facilitaram.

Paris revirou os olhos enquanto mantinha aberto o short para Gideon entrar.

— Só porque ela está presa, não significa que ela é inofensiva. — Seu olhar caiu incisivamente para a ferida ainda sangrando na coxa de Gideon.

Gideon deu de ombros.

— Você poderia ter escolhido algo mais masculino para mim? — perguntou ele com nojo quando ele olhou a si mesmo. Se ele esperava impressionar Scarlet. O que ele não queria, assegurou a si mesmo. Ele seria um fracasso. A camisa branca lisa pequena demais para ele e o short de corrida cinza. Fabuloso.

Paris cruzou os braços sobre o peito.

— Então você está pensando em ir sem mim?

— Não. — *Sozinho*, ela disse. Se ele trouxesse um amigo, ela poderia fechar os lábios bonitos, e isso ele não iria tolerar. Ele queria respostas, maldição. Ou seja: como diabos ele sabia dela? Ele não seria avesso a ouvi-la pedir desculpas por cortá-lo, também.

— Gideon. — Paris advertiu.

— Ela não está presa, certo? — Ele se movia devagar para o quarto, jogando por cima do ombro. — Eu vou estar em perigo o tempo todo.

— Estúpido frustrante. Tudo bem, mas tome cuidado. — Paris falou.

— Não.

Depois de dois corredores irregulares e um lance de escadas, ele teve que sustentar-se contra uma parede para ficar de pé. Ao longo do caminho, ele cruzou

com vários de seus amigos, e cada um tinha tentado ajudá-lo a voltar para seu quarto. Ele enxotou-os da forma mais educada possível. Eles estavam preocupados com ele, e ele os amava por isso. Não que ele nunca poderia dizer isso a eles.

— Eu odeio você. — era o melhor que podia fazer. Mas ele não estava recuando para isso.

Forçou-se de novo em movimento. Quando ele cruzou o limiar para o calabouço, o ar mudou completamente. Estava sujo agora, carregado com sangue, suor e até mesmo urina. Os caçadores tinham sido torturados aqui, uma e outra vez. Como a menina devia estar desgostosa. Talvez encolhida em um canto, a tremer. Chorando.

O que ele faria se fosse esse o caso? Provavelmente correria gritando, ele meditou. A única coisa pior do que as aranhas eram lágrimas femininas.

Lidando com o medo, ele virou a esquina final. Na última vez em que ela apareceu, e ele se acalmou. Conscientização o consumia. A primeira coisa que notou: ela não estava chorando. Ou com medo. Segunda: ela era muito mais bonita pessoalmente do que foi em seu sonho.

Ela segurou as barras, esperando, expressão em branco.

— Você veio. — Ela não parecia surpresa, apenas resignada.

— Não, eu não vim. — Como se estivesse em transe, ele diminuiu a distância entre eles, o perfume das flores da noite enchendo seu nariz. Ele respirou profundamente. Assim fez Mentira.

Seu olhar tocando-o, tomando suas medidas, catalogando cada falha.

— Talvez você não devesse ter vindo.

Novamente ele ficou impressionado pela forma como ela era familiar, tanto a sua voz e seu rosto, mas ainda não conseguia descobrir de onde a conhecia.

— Não me diga o porquê.

Seus olhos escuros se estreitaram.

— Diga-me que sou bonita.

Ela era vaidosa? Bem, ela não iria conseguir o que queria dele.

— Você é feia.

Parte dele esperava que ela suspirasse de horror. Ela não o fez. Nessa mesma voz resignada, ela disse:

— Diga-me que sou inteligente.

— Você é estúpida

Lentamente, os lábios enrolaram em um sorriso.

— Bem, bem, bem. Mentira. É realmente você, Mentira. Estamos juntos novamente, finalmente.

Capítulo Vinte

A gota de água bateu nos lábios de Aeron, fresca e formigando, antes de deslizar sobre a sua língua, na garganta e no estômago, absorvendo lá, então entrando em sua corrente sanguínea e viajando para cada um dos seus órgãos. No momento de contato, seu coração começou a bater perfeitamente, seus pulmões cheios de mais oxigênio do

que nunca teve, sua pele atingiu a temperatura ideal, nem muito quente nem muito fria.

De repente, ele podia ouvir o chilrear¹⁹ dos pássaros fora da sua janela, o vento dançava além da linha das árvores que cercavam a fortaleza. Podia até ouvir os seus amigos nas salas acima e abaixo dele, discutindo o que era para ser feito sobre Scarlet, sobre os caçadores, e lamentando a sua doença.

E o nariz... Ele respirou fundo, pegando o cheiro de casca de árvore, folhas orvalhadas de suor, o sabão de limão sabão usado por Sabin, o pós-barba de Paris e sua pessoa favorita... Céu selvagem. Olivia.

Olivia estava aqui com ele.

Talvez fosse por isso que Ira estava ronronando tão contente.

Aeron abriu suas pálpebras, e imediatamente se arrependeu da ação. Tanta luz. Luz das lâmpadas no teto, a luz do banheiro. Suas paredes, que ele pensava serem prateadas e de pedra em ruínas, brilhavam como se aquelas pedras tivessem de alguma forma presas um arco-íris.

— Você está vivo. — disse Olivia com alívio palpável.

Havia algo diferente sobre a sua voz, pensou enquanto seu olhar a procurava. Ainda era bonita, ainda mais agora que ele podia ouvir as nuances sutis — um baixo raspar, carregado de sensualidade — mas ainda diferente. Ela estava empoleirada na beira de sua cama, os olhos azul-céu olhando para ele. Seu cabelo escuro estava emaranhado ao seu redor, emoldurando a delicadeza de seus traços. O manto branco que ele a forçou a colocar a não muito tempo atrás no entanto ainda envolto nela, livre de rugas e sujeira.

Sua pele era... Ele prendeu a respiração. Majestosa. Essa era a única palavra para descrevê-la. *Majestosa*. Não, não é a única palavra. *Perfeita* funcionava também. Ele poderia olhar para ela por horas, dias. Para sempre. Ela era pura, creme branco.

Ele quis tocá-la. Tinha que sentir como ela era macia. Como ela estava quente. Tinha que saber que ela estava saudável e inteira e que ela escapou sem danos.

Escapado. A palavra o atormentava. Ele lembrou que tinha estado dentro daquela cripta, e ele tinha sido baleado. Ele havia carregado Pesadelo para dentro do cemitério, caído de joelhos, à espera de seus amigos, mas ele não se lembrava de nada depois disso. Ele agarrou os lençóis. Respostas em primeiro lugar, então ele poderia permitir-se um único toque.

Único.

Concentre-se.

— O que aconteceu? — Estranho. A voz de Olivia não foi a única a ter mudado. A sua nunca soou tão suave ou forte.

Ela ofereceu-lhe um sorriso trêmulo.

— Nós pensamos que o tínhamos perdido. Você levou um tiro, e a bala estava atada com veneno imortal, para te matar lentamente.

Sim, isso fazia sentido. Uma bala nunca o havia afetado como aquela, mas esta o tinha enfraquecido até o insuportável.

— Como eu cheguei aqui?

— Paris e William vieram e nos trouxeram.

— Nenhum problema?

¹⁹ Canto livre e animado dos pássaros.

— Com os Caçadores? — Ela balançou a cabeça, aquela nuvem de cabelo dançando nos ombros. — Nenhum. Nós ainda pegamos Gilly no caminho de volta aqui, mas nunca os encontramos.

Era apenas uma questão de tempo, no entanto. Tão perto como estavam, e com o sucesso de sua possessão demoníaca, eles atacariam em breve.

— Como está Paris?

— Ele está bem, forte e cuida de si mesmo agora.

Ou ele enganou a todos a pensar assim. Paris era bom em esconder suas ações — ou a falta de ação — por trás do humor e sorrisos. O mais provável é que ele estava bebendo ambrosia e negligenciando as necessidades de seu corpo.

— Eu não vou dizer isso! — Olivia de repente falou alto.

Aeron franziu a testa.

— Dizer o quê?

— Sinto muito. — Seus ombros caíram. — A voz voltou, me dizendo para fazer todos os tipos de coisas para seu corpo. Eu nomeei-a Tentação, e eu tenho certeza que ele é um demônio.

Um demônio? Nada que ele sabia, o que poderia significar que alguém listado nas listas estava escondido na cidade. Mas por que atormentar Olivia? E com pensamentos sexuais, de todas as coisas?

Seja qual for o motivo, ele não iria aguentar.

Punição, Ira, disse.

Aeron estava alegre que o demônio houvesse se recuperado, também. E sim. Ele queria punir aqueles que os tinham ferido. Ele apenas tinha que...

— Oh, não. — disse Olivia com um aceno de cabeça encantador. — Eu posso ver os pensamentos girando atrás de seus olhos. Vamos nos preocupar com o demônio mais tarde. Ele é irritante, isso é tudo. Agora, estou mais preocupada com *você*.

Doce, querida Olivia. Sua protetora, algo que ele nunca pensou que ele precisaria. Algo que ele nunca tinha esperado querer. Mas ele queria, desesperadamente. Necessidade, certamente. No entanto, ele tinha que convencê-la a voltar para o céu. Em — quanto tempo?

Olhou pela janela, as cortinas dividiam a elaboração de uma lua minguante.

— Quanto tempo eu dormi?

— A maior parte do dia e da noite. Você ainda está nu, se você não tinha notado. — Um rubor deixou suas bochechas coradas. — Não que isso seja importante agora.

A maior parte do dia e da noite. O que significava que a manhã ia chegar muito em breve. O que significava que ele tinha oito dias para convencer Olivia a voltar para casa. Oito dias para salvar a si mesmo e Legion.

Oito dias para resistir a ela.

Ele não iria durar. Um único toque não ia ser suficiente, ele admitia agora. Ele queria mais. Ele teria mais.

Mais, Ira ecoou.

Sim, mais. Ele não ia parar. Não desta vez. Egoísmo dele, sim, mas ele seria egoísta. Ele poderia ter morrido lá fora. Morrer sem aviso prévio. Sem saber como era a afundar-se dentro dela, sentindo o seu aperto em torno de seu pênis, arranhando suas costas, arquejando seu nome.

Quando soubesse, ele iria parar de pensar, parar de desejar. Ele poderia continuar como antes. E ela teria seu divertimento. Ela poderia ir para casa satisfeita.

Egoísta? Ha! Ele era um *doador*.

— Como eu me curei? — perguntou ele. Melhor pergunta: seria ele perder a meio vapor? Ele não queria que ela saísse desta cama até que ela atingisse seu pico duas vezes. Pelo menos. Ele lhe devia. Sua mentira sobre sua falta de talento ainda picava.

O olhar de Olivia desviou para longe dele.

— Um antídoto.

Por que ela não podia encontrar os seus olhos?

— Um antídoto angelical?

— Sim! — Ela apontou para um frasco azul brilhante em sua cabeceira. — A água do Rio da Vida. Uma gota, a morte é perseguida e afastada.

Não admira que os seus sentidos estivessem aumentados.

— Quando acabar, — Ela continuou, — nós não vamos ter mais nada. O que é uma vergonha. Lysander me disse que os Caçadores têm muitas, muitas mais dessas balas envenenadas.

— Quanto tempo os efeitos duram? — Ele teria esperado que Ira virasse fumaça ao ser alimentado com uma substância celestial. Em vez disso, o demônio ronronou um pouco mais alto, como se recebesse um grande presente.

Em um piscar de olhos, Aeron pensou ter compreendido. Legion representava o inferno e Olívia o céu. Este último já havia descoberto, mas o primeiro... Ele percebia agora que ia perder sua casa. *Ambas as casas dele*. Altos Senhores tinham sido anjos, Olivia tinha dito, antes de cair do céu. Casa número um. E desembarque no inferno. Casa número dois, apesar de Ira não ter considerado como tal até que ele comparou-a com a caixa de Pandora.

Céu e inferno, pensou novamente, sem saber como ele tinha perdido a conexão antes. Olivia e Legion. Duas metades de um todo, assim como estavam ele e Ira.

Falando de...

— Onde está Legion? — Ele perguntou, olhando ao redor do quarto em busca dela.

— William está confundindo-a, mas não sei quanto tempo isso vai durar. — Olivia traçou um dedo ao longo do esterno dele. — O batimento cardíaco está melhor. Forte.

Sua carne aquecia onde eles se conectaram. *Mais...*

Seus ouvidos se contorceram ao ouvir uma conversa algumas salas acima. Sabin e sua equipe haviam retornado do Templo do Que Não Foi Dito. Muitos deles ficaram feridos, mas se recuperando. Tão logo eles ficassem melhores, eles iriam atacar ao “O Asilo” e destruiriam os caçadores residentes lá.

Ninguém estava vindo para verificá-lo, então, e não havia nada para Aeron fazer no momento. Exceto Olivia.

— Como você apontou, ainda estou nu. — Ele encontrou-se dizendo. — Você está pronta para se divertir?

Primeiro seu queixo caiu. Então ela fechou com um estalo. Em seguida, ele caiu novamente. Recusando-se a esperar que ela se adaptasse às suas intenções — não mais do período de espera — Aeron estendeu a mão e envolveu a base de seu

pescoço, puxando-a para baixo até que ela estivesse praticamente em cima dele. Sua respiração engatada, e a maciez de seus seios pressionados em seu peito.

Sim, ele teria essa mulher. Aqueles seios também. O doce ponto esperançosamente umedecendo para ele agora mesmo, definitivamente.

— O-o que você está fazendo? — A questão soprada aqueceu seu corpo e alma, porque havia desejo em cada palavra.

— Tendo você. — Finalmente.

Ele levantou a cabeça e entrosou os lábios juntos. Ela não resistiu, nem sequer por um momento. Não, ela se abriu para ele, seu encontro com sua própria língua. Ele podia sentir o frescor da água que ela lhe dera, assim como a canela de sua respiração.

As mãos trêmulas achataram em cima dele, e seu coração aumentou de velocidade, correndo para encontrá-los. Sua pele estava quente em vez de morna, e queimou-o direto. Sedosos cachos provocaram cócegas nele.

Ele ancorou a mão livre em seu traseiro e puxou-lhe o resto do caminho em cima dele. Seus corpos se encaixaram, e as pernas dela abertas automaticamente, embalando-o perfeitamente. Ele gemeu. Sim... Sim...

Sim! Ira concordou.

— Não. — Ela murmurou, e se afastou. Ela ainda se levantava da cama e ficou com as pernas tremendo, oscilando.

Tanto ele quanto o demônio queriam rugir. Em vez disso, Aeron colocou seu peso nos cotovelos e assistiu-a. *Calma.*

— Você me quer. Eu sei que você quer. — Deuses, ele podia sentir sua excitação aumentando, inebriante almíscar²⁰ feminino.

— Sim, mas eu não vou deixar você despertar minhas paixões e, em seguida, deixar-me antes que eu possa terminar. — Ela agarrou seu manto, sem querer levantando o tecido e mostrando um pouco de suas bonitas panturrilhas. Panturrilhas que *ele lamberia*.

— Olivia, eu...

— Não. — Ela disse novamente, girando para longe. Duas vezes ela tropeçou em seus próprios pés enquanto ela se dirigia ao seu aparador. Lá, ela apoiou os cotovelos na superfície e segurou a cabeça entre as mãos erguidas. — Eu não posso suportar isso.

Ela estava chorando..?

Aeron engoliu o nó súbito na garganta e se levantou. Isso não. Tudo menos isso. Ele estava nu como ela tinha prometido, sua ereção acenando com orgulho.

— Eu quero você. Eu não vou negar a qualquer um de nós novamente. Isso eu prometo a você, Olivia.

— Oh, cale a boca!

Ele piscou. Ele não estava fazendo nenhum progresso, então? Suas ações tinham estragado tudo?

— Faça comigo. — era tudo o que ele conseguia pensar para dizer. Com um beijo. *Por favor.*

— Não. — Ela murmurou. — A voz. Tentação. Ele quer que eu levante a minha roupa e mostre a você que eu não estou usando nada por baixo.

²⁰ Substância de cheiro forte, usada para fazer perfume. Essência.

Ela não estava? Aeron lambeu os lábios e se aproximou. Nada, nem mesmo uma das bombas dos Caçadores, poderia tê-lo afastado depois de saber isso.

— Eu vou descobrir por mim mesmo.

Olivia engasgou quando ele colocou as suas, agora trementes, mãos nos quadris dela. Sua cabeça levantou e ela se torceu para ele. Seus olhos estavam enormes e lacrimejantes, e balançou o coração dele em seu peito.

— O que, o que você está fazendo?

— Descobrindo, como eu te disse. — Primeiro, ele brincou com seus seios, envolvendo, tocando ritmadamente os mamilos, até que *ela* estremeceu. Então ele se ajoelhou, as mãos nunca deixando seu corpo delicioso, mas seguiu-o para baixo. — Você queria se divertir, então eu estou lhe dando o divertimento.

— N-não faça isso se você for parar no meio do caminho. Eu já passei muito por isso nos últimos dias e eu...

— Eu não vou. — O cheiro de sua excitação era mais forte, uma noite sensual que ele queria perder-se dentro. — Nada pode me parar agora, meu anjo. *Nada*.

Lentamente, muito lentamente, ele levantou a bainha do manto. Nem uma vez ela protestou, nem mesmo quando arrepios estouraram sobre as pernas. Suas suaves, pernas firmes, uma mistura de mel e baunilha. Quando ele revelou seu traseiro e viu que ela *não estava* usando calcinha, seu pênis se ergueu em reação. *Bela*. Mesmo as asas dele doíam dentro de suas fendas.

Minha.

Na verdade, minha. Ele levantou o material em torno de sua cintura, mantendo-a prisioneira contra a cômoda e deixando a parte inferior do corpo nu. Ele envolveu-a, espalhando os dedos sobre as bochechas deliciosas. Mais uma vez ela suspirou. Entre cada um de seus dedos, ele colocou um beijo.

— Mais..? — Perguntou ele.

— Sim. — Ela e Ira respiraram em uníssono.

Ele beijou o lado de baixo e encontrou a sua pele mais macia, Divindade — a sua Divindade agora, também, pois ele percebeu que ele iria adorar sempre o responsável por criá-la — provavelmente, tinha criado tudo.

— Aeron. — Disse ela em outra das capturas delgadas.

— Abra suas pernas para mim. — Ele apertou as coxas e empurrou-a em ação, mesmo empurrando os pés separados com os joelhos. Seu sangue era como um fogo, a sua necessidade afiada a um ponto de navalha. — Agora se curve. Tanto quanto você puder.

Houve apenas uma pequena pausa antes que ela obedecesse. Por um momento, apenas um momento, tudo o que podia fazer era olhar. Tão bonita. Tão doce. Assim rosada. Tão molhada. Para ele, e apenas ele. Mesmo o pensamento de compartilhar com seu (mais uma vez ronronou) demônio era abominável. Mas ele o faria. Ele levaria essa mulher de qualquer maneira que ele pudesse buscá-la.

— Vou provar você agora. — Ele baixou a cabeça e demonstrou seu pleno direito, longe de ouvir uma batida de carne em cima da madeira.

— Aeron!

Seu olhar se acendeu. Ela tinha colocado as mãos no espelho à sua frente e baixado suas têmporas contra a penteadeira. Suas pálpebras estavam fechadas e apertou suas respirações rasas, os dentes mordendo seus lábios.

— Não pare... — Ela implorou a ele.

Ele não parou. Ele correu a língua sobre sua feminilidade novamente, demorando-se contra o clitóris dela, sacudindo-o, chupando-o. *Isto* era ambrosia. Ela. Suave e fazendo beicinho.. Dele. Aceitando o que ele fazia, *gostando*.

Embora ele quisesse consumi-la, ele não permitia se apressar. Ele tinha ido por esse caminho com ela antes. Desta vez, ele iria saborear. Desta vez, ele iria aprender tudo sobre este corpo bonito.

— Eu estou gozando... Aeron...

— Boa menina. — Ele moveu sua língua mais rápido, mais contra ela. Seus quadris arqueados para frente e para trás e quando ele encontrou sua abertura, ele empurrou profundamente. Ela gritou, tremendo com a sua libertação.

Ele não sabia quanto tempo — minutos, horas, dias — se passaram antes que ela se acalmasse o suficiente para que ele fosse capaz de curvar-se e beijar — e lamber — as panturrilhas que ele tanto admirava antes de se levantar e prestar homenagem adequada à parte inferior das costas. Havia dois cortes, e como ele rodou sua língua em torno deles, suas mãos deslizaram até... Até... Envolver os seios do jeito que ele sabia que ela gostava. Ambos os mamilos ainda estavam gloriosamente duros, como pequenas pérolas, e rolou-os entre os dedos.

Mais...

— Eu estou pronta. — Disse Olivia entre arfadas. — Vem dentro de mim.

— Ainda não. — Ela estava molhada, sim, mas ele a queria pingando. Ele a queria além de pronta. Ela era virgem, e que ele iria fazer isto tão fácil quanto possível para ela.

Sua primeira vez foi com uma deusa grega menor. Uma das três Fúrias. Megera, a "inveja", como ela tinha sido frequentemente chamada. Sua marca de amor tinha sido violenta e dolorosa, e ainda uma outra razão que ele sempre evitou mulheres que preferiam uma mão forte de seus amantes. Com Olivia, no entanto, não era que ele preferia mulheres suaves sobre as mulheres selvagens, ou mulher selvagem sobre as mulheres suaves. Era que ele preferia *Olivia*.

Enquanto ele se levantava, ele traçou a sua língua até os cumes da sua coluna vertebral — havia cicatrizes onde suas asas deviam ter estado, e beijou-lhes, também, lavando-as com suas atenções — tudo ao mesmo tempo puxando seu manto por cima de sua cabeça. O cabelo sedoso caiu em cascata pelos ombros e nas costas, mesmo ocultando os seios da visão do espelho. Ele tinha que ver os seios, pensou ele, escovando o cabelo para o lado.

Através do vidro, os mamilos foscos entraram em exibição. Ele beliscou-os, e ela deixou cair à cabeça sobre o ombro, fechando os olhos meio-abertos. O comprimento da espessura de sua ereção pressionava entre o seu traseiro, desesperado pelo contato, e ele sussurrou entre os dentes.

Não conseguiria saborear mais se continuasse com isso.

Descendo, descendo a mão, até que chegou ao ápice de suas coxas. Seus dedos percorrendo através dos finos cachos escuros e dentro de um monte quente, molhado. Um, dois, ele empurrou dentro dela.

Ambos gemiam. Aeron deu um beijo na curva do pescoço dela, observando-se o tempo todo. Que visão eram. Seu corpo moreno tatuado atrás dela. Ela suave, uma nuvem de cor contorcendo-se em frente dele. De longe, a visão mais erótica que ele já

viu.

Não. Espere. Os braços dela chegaram de volta, uma mão segurando a cabeça para angulá-lo para um beijo, a outra apertando a bunda dele. *Esta* foi a visão mais erótica que ele já viu.

— Eu estou pronta, eu juro.

Quase... Quase... Ele trabalhou um terceiro dedo dentro dela, esticando-a, espalhando a umidade brilhante. E quando ele encontrou a prova de sua virgindade, ele fez uma pausa, revelou, no sentido de possessividade inundações nele — *minha, toda minha* — e, em seguida, delicadamente quebrou.

Minha. Um grito de Ira.

Minha. Uma insistência.

Ela ficou tensa, mesmo contra sua boca.

— Aeron.

Ele tinha preferido machucá-la com os dedos do que com seu pênis.

— Desculpe. Dor. Você vai se sentir bem. Prometo. — Ele soou como um Neandertal, mas ele simplesmente não conseguia formar frases apropriadas. Olivia era dele. Totalmente sua. Sua mente estava presa por este fato, e somente isso.

Quando ela relaxou, ele recuperou sua boca, brincando com sua língua, alimentando-a, beijo depois necessitado beijo, e logo ela começou a se contorcer contra ele outra vez, perdendo-se para o prazer. Logo ela estava pingando, como ele desejava.

Agora ela estava pronta.

Apesar de ter odiado a libertação dela, mesmo que por um momento, ele o fez para agarrar seu pênis. O comprimento latejante praticamente pulou em seu toque, sedento por mais, muito mais, mas ele temia derramar no primeiro contato. *Desvie.* Ele mordeu a língua, até que gosto de sangue e a necessidade de ebulição foram temperados. *Alcançado.* Carinhosamente, ele empurrou de volta Olivia sobre a cômoda com a mão livre, peito para a madeira, em seguida, preparou a ponta de sua ereção em sua abertura.

— Ainda está pronta?

— Agora, Aeron. Faça isso agora!

Polegada por polegada, dirigiu-se dentro dela, permitindo que ela se acostumassem com o seu tamanho antes de dar-lhe mais. Todo o tempo ela ofegou e gemeu e suplicou por ele. Ira, também. Finalmente, ele foi até o punho, os olhos nublados mais com a força de sua necessidade de socar e socar e nunca parar.

— Aeron. — Ela gemeu, e ele sabia que era um outro fundamento.

Ele puxou para fora, quase todo o caminho, antes de afundar de volta. A maldição correu por ele — ela arqueou seus quadris para encontrá-lo, e fugiu do pensamento racional, algo dentro dele quebrando. A corrente de algum tipo. A corda em sua retenção.

Só assim, ele se perdeu. Perdeu o controle, perdeu quem ele era, perdeu tudo, mas a necessidade de preencher esta mulher com tudo o que era. Dentro e fora ele bateu dentro dela, exatamente como ele queria. Determinado, impulsionando, possuindo por muito mais do que um demônio.

Ele estava segurando seus quadris, ela provavelmente teria contusões, certamente esmagando seus ossos, mas ele não podia parar. Ele estava selvagem,

feroz, existia apenas para este momento. Esta mulher. Só então, ela era o seu tudo. Ela era tão parte dele como Ira. Ele não poderia viver sem ela. *Não* viveria sem ela.

— Aeron. — Ela não estava mais ofegante, ela estava gritando. — Não pare, não pare, não se atreva a parar. Mais... Mais...

Em sua mente, apenas uma palavra ecoava. *Minha. Minha, minha.* Ele ouviu milhares de vezes antes, mas então ele *gritava*:

— Minha, minha, minha. — E o som estava enchendo seus ouvidos, varrendo-o, ele estava em um outro grau de aquecimento, a marca dele, destruindo quem ele tinha sido, o que ele tinha sido, em seguida, construindo-o de volta para cima, em algo novo, bom e direito, para o homem que ele sempre quis ser. Seu homem. E isso é quando *minha* desbotada e uma outra palavra tomou seu lugar, mais forte, muito mais necessário. *Seu.* Ele queria pertencer a ela, ser dela. Para ser tudo que ela sempre sonhou, para satisfazer todos os desejos que ela tivesse.

— Aeron. — Ela arfou.

Seu.

Ele deveria ter visto isso vindo, deveria ter sabido que ela estava começando a significar para ele, mas sua resistência o tinha cegado. Agora, reduzido ao seu mais básico, ele estava cru, vulnerável, operando em um nível visceral.

Ela era dele, e ele era dela.

Ele chutou as pernas mais afastadas, e ela caiu um pouco, mais em suas pressões. O diferencial da cômoda permitiu-lhe atingir cerca em volta e acariciar onde ela precisava. Com um grito, ela entrou em erupção, e as paredes interiores exuberantes apoderaram-se dele, Aeron movia-se rapidamente sobre a sua borda, sementes quentes jorrando dentro dela.

— Aeron. — Gritou ela.

Seu.

Ele caiu sobre ela, ofegante, e percebeu que havia uma falha em seu "plano de uma só vez". Uma vez não seria suficiente. Não para ele, e não para o seu demônio.

Eles precisavam de mais, não poderiam estar satisfeitos até que ela fosse tomada de todas as maneiras imagináveis. E eles podiam. Ele poderia. Sem medo. Ele perdeu o controle, mas Ira não a atacou. Ele perdeu o controle, mas ele não a machucou.

Ela era irresistível antes, mas agora... Ele precisava estar com ela ou sua vida não seria completa. Ele precisava fazer amor com ela toda noite e acordar com ela todas as manhãs — para fazer amor com ela novamente. Ele precisava mimá-la e dar-lhe as coisas que ela desejava. Como diversão. Como alegria. Como paixão.

Como ele.

— Olivia. — Disse ele, as sílabas quebradas, mas ainda uma promessa dele, uma promessa para todos os "mais" que desejava. Para sempre...

O que está fazendo? O quê você está pensando? Você não pode fazer isso. O doce deslizar de seu peito pressionado em suas costas, e ele se forçou a se erguer.

Ira choramingou.

— Aeron. — disse ela. Então:

— Aeron!

Não, essa última mensagem não pertencia a Olivia. Ele torceu-se, como fez o seu anjo, e eles endureceram ao mesmo tempo. William e uma bela loira — Legion, lembrou-se, mais uma vez surpreendido pela sua mudança — estava na porta aberta.

Aeron forçou suas asas para fora do esconderijo e envolveu-as em torno de Olivia, protegendo-a de ser vista. Enquanto isso, William segurou o demônio humanoide de volta, mas como ela era forte, estava arrastando-o para frente, seu olhar assassino fechado no anjo.

Capítulo Vinte E Um

Olivia não podia acreditar no que tinha acontecido com Aeron e no que estava acontecendo agora com Legion. Nua. Sexo. Prazer. Felicidade. Esperança.

Todas frustradas.

Tremendo, ela se abaixou para recuperar o seu manto e colocar o material sobre sua cabeça. Felizmente, as asas de Aeron a mantiveram escondida o tempo todo. Como ela teria gostado de desfrutar do prazer. Para descobrir se Aeron havia sido tão afetado quanto ela.

O sexo foi... Muito mais do que ela jamais poderia ter imaginado — e ela tinha imaginado um monte, desde o primeiro orgasmo que ele lhe dera. O prazer, a satisfação, o poder de saber que você estava dirigindo alguém fora de sua mente. A proximidade, a partilha, a doação, a tomada. Cada minuto era um milagre.

Ela tinha vivido por séculos. Por que não fez isso durante todo esse tempo? Embora, ela suspeitasse que o ato não seria a mesma coisa com qualquer outro homem. Apenas Aeron. Seu Aeron. O homem que a fez doer... Sonhar.

Os gritos muito altos de Legion a puxaram de volta para o presente.

— Puta! Prostituta! Eu vou te matar!

Tentação riu dentro da cabeça de Olivia. Ele tinha ficado em silêncio durante o ato, tendo conseguido o que ela queria. Por que ela voltou?

William ainda apertava Legion, mas o aperto poderia falhar a qualquer momento. Olivia tinha esperança que sim. Alguém precisava colocar Legion no lugar dela, e ela seria mais do que feliz em fazê-lo. Ela queria sua felicidade, diabos!

— Vista-se. — Olivia disse a Aeron, odiando que outra mulher — especialmente *esta* — o visse assim. Todas essas tatuagens deviam ser dela e só dela, para aproveitar. Visualmente ou não. Ela desejava que ela pudesse ter lambido-as.

Da próxima vez.

Haveria uma próxima vez?

Sua expressão era dura, ilegível, enquanto ele colocava as calças e as fechava na cintura. Porque suas asas ainda estavam expandidas, ele não poderia vestir uma camisa. Pelo menos o estimulou à ação. Ele chutou para frente, um braço envolveu em torno da cintura de Legion e ergueu-a para seu lado como um saco de batatas.

O demônio nunca parava de espernear.

— Deixe-me! Deixe-me ir para ela!

— Você pode ir. — Aeron disse para William. — Eu vou lidar com as coisas daqui.

Havia cortes no rosto e nos braços de William, e todos eles estavam sangrando. O guerreiro acenou com a cabeça, seus lábios se contraindo em diversão.

— Boa sorte, meu amigo. Ah, e só para você saber, uma reunião foi convocada.

Sala de Entretenimento, dez minutos. — Com isso, ele caminhou para o corredor, fechando a porta atrás dele e assobiando baixinho.

Aeron carregou sua carga para a cama e jogou-a no colchão. Ela saltou para cima e para baixo e tentou atacar, o olhar ainda fechado e carregado em Olivia.

— Fique. — ele rosnou.

Legion congelou, olhando para ele — até um evidente senso de auto-preservação pegou e ela suavizou suas feições. A auto-preservação foi rapidamente seguida pela determinação, no entanto, e posicionou-se na beirada da cama, cotovelos atrás dela, os peitos erguidos para frente, os pés no chão, mas espalhados e prontos para embrulhar em torno dele.

— Cuidados para se juntar a mim? — Ela perguntou roucamente.

Oh, não, ela não fez, Olivia se enfureceu enquanto Tentação gritava sua própria negação. *Chega!* Ela caminhou para frente, contornando Aeron sem uma palavra, e parou na frente de Legion. Antes de qualquer um deles soubesse, ela socou Legion na boca.

A cabeça de Legion voou para o lado, o lábio inferior partido e já sangrando. Os nós dos dedos de Olivia latejavam, mas ela congratulou-se com a picada. *Tente beijá-lo agora.*

Duras, mãos quentes pousaram em seus ombros e a giraram. Aeron não estava olhando para ela, mas por cima do ombro para Legion.

— Fique.

O comando foi recebido com um resmungo, mas Legion obedeceu.

O olhar de Aeron finalmente mudou para Olivia. Surpresa começou a rodar nas lindas íris cor violeta, afastando a sua raiva.

— Eu nunca pensei que teria que lhe dizer para se comportar.

Ela ergueu o queixo.

— Eu não vou tolerar ser chamada de nomes tão vis.

— Você não vai precisar. — Uma vez mais o seu olhar moveu-se para Legion. — Entendeu?

O apoio a *surpreendeu*. Foi... Ele poderia estar escolhendo-a ao invés de Legion? Por um momento, Olivia não conseguiu respirar. Mal podia ficar em pé. Não houve tempo para saborear a sensação maravilhosa, no entanto. Aeron moveu-se como se ela já fosse esquecida e se agachou na frente de Legion.

— Não há nenhuma necessidade para que você possa ferir a minha — o anjo. Eu te amo. — Ele disse. — Você sabe disso. — Seu tom de voz era suave, cuidadoso agora. — Diga-me que você sabe disso.

— Sim! Eu sei. — Toda a raiva drenada de Legion, tão bem, e ela estendeu a mão, envolvendo o queixo dele, tentando puxá-lo para um beijo. — Eu também te amo.

Aeron tirou as mãos com um forte empurrão ainda gentil.

— Eu não te amo dessa maneira. Eu te amo como uma filha. Diga-me que você *sabe disso*.

Primeiro, a raiva apareceu nas feições do demônio. Então o choque. Então o medo. Tudo no espaço de um único segundo. Seu queixo tremia e lágrimas de absoluta miséria lhe encheram os olhos.

— Mas eu sou bonita.

— Você foi muito antes, mas isso não muda o que sinto.

Legion balançou a cabeça em negação.

— Não. Você tem que estar comigo. Você tem que...

— Isso não vai acontecer, querida.

Várias gotas derramadas, caindo pelo rosto.

— Isto... Isto é por causa do anjo?

— Olivia nada tem a ver com o que eu sinto por você.

Olivia de repente queria estar em outro lugar, em qualquer outro lugar. Ela não deveria estar aqui. Não deveria estar testemunhando esse momento particular. Sim, isso é o que ela faria. Iria para qualquer outro lugar. Seus joelhos bateram enquanto ela caminhava até a porta.

Pare! Aonde você vai? Tentação. Quando o demônio a deixaria para o bem?

— Você está mentindo! — Cuspiu Legion. — Você a ama.

Sua mão congelou na maçaneta.

Silêncio. A resposta... Ela tinha que saber.

Então...

— Legion. — Aeron disse em um suspiro.

Decepção embargava Olivia, mas ela ainda não podia forçar-se a sair. Ainda não. Talvez ele...

— Você não pode amá-la, — gritou a demônio. — Você tem que me amar.

— Eu disse a você. Eu te amo.

O estômago apertando... Diga-as. Diga as palavras.

— Não. Você tem que amar-me como uma mulher. Você tem que me dar prazer com seu corpo. Caso contrário...

— Caso contrário? — exigiu severamente.

Olivia ficou tensa. Oh, Divindade. A barganha. Ela tinha esquecido o acordo de Legion com Lúcifer. Pânico, muito pânico. Ela se virou e apertou suas costas na madeira, tremendo. Esperando. Isto. Mais do que uma declaração, ela tinha que ouvir.

— Diga a ele. — Ela ordenou. — Ele merece saber.

— Diga-me. — Aeron repetiu.

Legion engoliu em seco.

— Se eu não conseguir seduzi-lo em oito dias, Lúcifer... Ele... Ele possuirá o meu novo corpo, — Ela sussurrou. — Se eu falhar, ele vai... Ele vai me usar para matar você e seus amigos.

Não. Não!

Aeron olhou rapidamente para Olivia, o inseguro olhar, não compreendendo a confissão de Legion.

— Fisicamente, ele não pode sair do inferno. Ele não...

— Ele pode. Se ele a possuir, ele pode fazer qualquer coisa. — resmungou Olivia, fechando a mão sobre sua garganta. Seu horror não durou muito tempo. O sangue refrigerava em suas veias, nublando a emoção. Ela tinha estado tão perto do paraíso, apenas para ser empurrada para o inferno. — Ele pode produzi-la com alguém de sua escolha, assumir o controle dos caçadores, influenciar os seres humanos e voltá-los contra você. Ele pode até mesmo ver dentro do reino angélico e matar minha espécie.

A coluna de Aeron se tornou tão rígida como um tubo de aço.

— Por que ele quer fazer isso?

— Por que mais? Energia. Liberdade. Rancor. Ele despreza os anjos. Eles deveriam segui-lo, mas eles optaram por permanecer com a Única Divindade Verdadeira ao invés. Mas acima de tudo, ele despreza a Verdadeira Divindade. Sua destruição é o que Lúcifer mais anseia. Com o seu demônio, Altos Lordes andando livremente na terra, ele terá uma melhor chance.

Chega desta bobagem. Cale-a, Tentação ordenou.

Olivia ignorou, apenas para piscar em perplexidade um momento posterior. Ele. Ela já tinha conhecido que a voz pertencia a um homem, mas ela já percebeu que aquele ser masculino queria vencer Aeron — e mais especificamente, ver Legion falhar. Este macho queria impedir Legion de convencer Aeron a transar com ela.

Não um demônio, afinal.

Lúcifer, ela percebeu. Lúcifer era sua Tentação. Ele não tinha que sair do inferno para lançar a sua voz em outro lugar, ou sussurrar para uma pessoa em particular. Ele apenas tinha a ligação com uma alma aberta à corrupção.

Bye-bye²¹ abençoado entorpecimento. Seu horror voltou, assim como seu pavor, misturado com vergonha. Como ela podia não ter sabido? Como ela tinha faltado à verdade? *Anjo Estúpido.*

— Por que você faria tal acordo? — Aeron exigiu.

As lágrimas continuavam a escorrer do rosto de Legion.

— Eu queria ser bonita. Para ser o que você precisava. Eu pensei que eu iria ganhar você, te fazer esquecer o anjo. Eu pensei que eu iria te fazer feliz.

Aeron esfregou a mão por seu rosto, suas unhas raspando, deixando irritados vergões vermelhos.

— Eu não posso acreditar nisso. Você tem alguma ideia do que você fez? Você tem alguma ideia das coisas que você colocou em movimento?

Legion assentiu com a cabeça, o queixo tremendo.

— Sinto Muito. Sinto tanto.

Uma pausa, em seguida, um lamento:

— Então sou eu.

Com essas palavras, Olivia sabia. Ela *sabia*. Ele já tinha feito a sua mente. Aeron iria dormir com Legion. Ele entraria em seu corpo da mesma maneira que ele entrou em Olívia. Para salvar a pequena demônio da possessão. Para salvar seus amigos de Lúcifer. Para manter os Caçadores longe da vitória.

Lágrimas encheram os seus próprios olhos, mas ela piscou de volta. Com este ato, Aeron iria provar que o que o ele tinha feito com Olivia não significava nada. Com esse ato, ela iria embora. Ele tinha que saber que ela iria embora.

Esse conhecimento tornou a decisão mais fácil para ele? Ela se perguntou com um riso amargo. De jeito nenhum ela poderia ficar aqui, sabendo que ele tinha ido para a cama com outra mulher. Não importava o motivo.

Olivia tinha sua própria escolha a fazer, então, parecia. Ela iria embora, não havia dúvida disso. Agora não. Mas se ela voltasse para o céu, possivelmente salvaria a vida de Aeron, ou simplesmente viajaria para um local novo aqui na terra?

Aqui, o mais provável, pois como ela poderia voltar para casa agora? Ela estava mudada, humana de todas as maneiras que importavam. Ela seria infeliz lá em cima,

²¹ Tchauzinho, em inglês.

trazendo alegria para ninguém, muito menos a si mesma. Ela seria inútil. E se alguma vez ela mudasse de ideia sobre ter retornado, a ela não seria permitida cair novamente. Não, ela seria condenada à morte ou permanentemente lançada no inferno. Não poderia haver outra escolha para um anjo que perdeu seu caminho duas vezes.

Mas como ela poderia ficar aqui e viver com ela, sabendo que ela poderia ter salvado Aeron e não tinha? Mesmo que salvá-lo significava que ele estaria com outra mulher?

Ela era verdadeiramente altruísta?

Não, ela não era. Ela deveria tê-lo matado quando ela teve a chance e salvo a cada um deles desta dor. Outro riso amargo cheio sua cabeça, mas este escapou.

Aeron se levantou, a ação dura, descoordenada.

— Nós temos um pouco de tempo. Nós não temos que cuidar desse negócio neste momento.

Assim, ele não planejava dormir com Legion de imediato. Esse foi um pequeno conforto, pelo menos.

— Obrigada. — disse Legion, grata, feliz e envergonhada ao mesmo tempo. — Eu prometo que não...

Ele virou-se, cortando-a e o olhar de Olívia comendo-o. Sua beleza masculina, o seu poder. Não, ela não era tão altruísta, mas ela estava tão apaixonada, ela percebeu.

Amor. A palavra ecoou na mente dela. Ela o amava. Totalmente, completamente, integralmente, inteiramente. Ele era o motivo de seu coração bater, a fonte de sua alegria. *Ela* morreria por ele. Ele era forte e valente, forte e solidário. Sendo altruísta consigo mesmo. O que não era amor?

Ela iria ficar aqui com ele até ele transar com Legion. Ela iria absorver todos os momentos que tivesse com ele. E então... Então ela iria retornar para o céu. Ela garantiria a Lysander manter sua parte do acordo e pedir ao Conselho pela vida de Aeron.

Se bem que... Isso não garantia a cooperação deles.

Bem, ela apenas teria que encontrar uma outra maneira.

Qual a diferença que poucos dias fariam, pensou ela, tristemente. Ela veio aqui resignada com a morte se aproximando de Aeron, feliz com o momento que teria e determinada a experimentar a alegria, como os humanos faziam. Então, ela passou um tempo com seu guerreiro, e tudo tinha mudado. Ela não podia aceitar a ideia dele morrer. De sua coragem e força a serem apagadas.

— Não se preocupe, Aeron. — Disse ela, movendo os ombros. — Logo que eu for embora, você e Legion estarão seguros. — A promessa harmonizando sua alma.

Legion olhou surpresa, para ela.

Lúcifer gritou um som profano dentro de sua cabeça.

Os lábios de Aeron se apertaram em uma carranca, os dentes arreganhados, os olhos vermelhos, brilhantes. Olhos de Demônio.

— Eu disse que nós temos tempo. Nós não temos que cuidar disso agora. Portanto, você vai ficar. Agora, chega disso. Tenho uma reunião para participar. Vou deixar vocês duas aqui e vocês *vão se comportar*. Entenderam? Vocês não vão gostar do que acontecerá se vocês se machucarem, eu lhes prometo isso. — Ele não esperou por suas respostas, mas saiu furioso do quarto.

Ao contrário de William, que tão gentilmente fechou a porta atrás dele. Bateu-a, sacudindo as fotos nas paredes.

Depois de tudo o que ela tinha agonizado, realizado e decidido, um pouco de compaixão — e um beijo de adeus — não teria sido impróprio.

Olivia olhou para Legion. Legion olhou de volta.

— Bem. — Disse Olivia, confusa. Ela ainda doía da posse de Aeron. Ainda sentia a umidade que ele deixou para trás. No entanto, muito em breve esta fêmea estaria com Aeron do jeito que ela tinha acabado de estar com ele.

— Não vou ficar aqui com você. — Legion atacou.

— Então somos duas. Eu estou saindo.

Sorrindo, Legion se sobressaltou.

— Você já está voltando para o céu?

— Ainda não. Eu ouvirei o que for dito na reunião.

O sorriso dela desapareceu, mas ela olhou para a porta.

— Suas orelhas são provavelmente tão fracas que você precisa de alguém ali para interpretar os murmúrios.

Ela não deu qualquer resposta, querendo odiar a mulher, mas incapaz de fazê-lo. Odiar requeria energia, e ela não tinha nenhuma a perder. Além disso, este demônio teria sido como sua enteada, se as coisas tivessem progredido da maneira que ela queria. Mais do que isso, Legion tinha feito o que era necessário para ganhar o seu homem. Assim como Olívia fez.

Só que, Legion tinha vencido.



Era bom estar em casa, Strider pensou, olhando ao redor da sala de entretenimento. Todos os homens e as mulheres foram contabilizados. Todos os três mil deles, ao que parecia. Exceto por Gideon, que — de acordo com as galinhas fofoqueiras e William, o galo fofoqueiro, como ele chamava a si mesmo feliz — estava no calabouço fazendo bonito com a nova prisioneira.

Os guerreiros, com seus grandes corpos duros, pareciam consumir cada polegada de espaço, saturando o ar com testosterona. As mulheres empoleiradas nos sofás e cadeiras, obrigando os homens a ficar de pé contra as paredes. Aquelas que não estavam ocupadas, claro.

Lucien e Sabin estavam jogando um jogo de bilhar e conversando entre si, provavelmente tentando resolver as coisas antes de conversar com o grupo. William estava sentado em frente à TV, jogando vídeo game. Aeron e Paris estavam no canto afastado e indo e voltando. Ambos pareciam miseráveis. Especialmente Aeron. Sua expressão era esculpida em granito — granito lívido — e suas tatuagens eram gritantes contra a sua pele pálida agora. E seus olhos... Oh, inferno. Eles estavam vermelho demônio.

Ainda sarando da bala envenenada? Ou algo mais pessoal?

Strider estava na casa há apenas um dia, mas ele já tinha ouvido falar dos problemas do anjo do homem por três fontes diferentes. Cameo, Kaia e Legion —

uma Legion incrivelmente melhorada. Todos os três tinham sido fontes de informações conflitantes. Cameo gostava de Olivia, falou sobre como conhecedora e útil ela era. Kaia falou sobre como Olivia era deliciosamente marota. E Legion pensava que ela era uma cadela que iria assassinar Aeron em seu sono.

Kaia pensava que Aeron se casaria com a moça. Cameo pensava que Aeron ia chutar a menina para fora e nunca mais vê-la novamente. Legion pensava que ela era uma cadela e uma assassina. (Isso foi tudo de muito bonito que Legion tinha dito. Oh, espere. Ela pediu a Strider para matar aquela “vadia e assassina.”) Quando ele recusou, ela ameaçou pagar alguém para “fazê-lo no estilo da prisão”.

— Estou esperando. — Chamou Strider. — Eu não gosto de esperar.

Finalmente, Lucien e Sabin terminaram o jogo, balançaram a cabeça uns aos outros como se tivessem chegado a um entendimento e se aproximaram da frente da sala. As conversas pararam.

Os dois homens ancoraram seus braços nas suas costas, seus pés apoiados distante. Eles estavam prontos para a ação. Boa coisa. Todo mundo na sala estava tenso e pronto para receber a ação.

— Nós convocamos esta reunião para que cada grupo possa trazer aos outros até a velocidade sobre o que está acontecendo em Roma e Buda. — Sabin começou. — Eu vou primeiro. Os Tácitos querem que nós lhe entreguemos a cabeça de Cronus, mas que pouca ação vai libertá-lo, e se for liberado... — Ele estremeceu. — Sem contar o mal que eles desencadeiam.

— Contudo. — Disse Lucien, pegando onde Sabin tinha parado. — Eles cobriram suas apostas e pediram aos Caçadores para trazer-lhes a cabeça de Cronus, assim. A quem conseguir fazê-lo, nós ou os caçadores, será dado o quarto e último artefato.

A Haste de Partir. Ninguém sabia o que ele fazia. Não, na verdade. Mesmo que isso fosse inútil, Strider já teria massacrado um exército para possuí-lo. Se houvesse a mínima chance de ser poderoso, e havia, não poderia acabar nas mãos de seus inimigos.

— Mas Cronus é um deus. — Maddox disse. E eles foram todos para cima contra os deuses antes. É por isso que eles estavam aqui, e não no céu. É por isso que eles eram endemoninhados. — Nós não podemos contê-lo. — Apesar do tema sombrio, o homem nunca tinha parecido mais feliz.

Por quê? *Mais tarde*. Os deuses sempre foram mais fortes do que eram, capaz de atacá-los para baixo, com apenas uma onda de suas mãos caprichosas.

— Mas ele também é possuído... — disse Cameo. — Seu demônio deve ter uma fraqueza. Todos nós temos.

Oh, a agonia de sua voz. Strider estava muito ocupado tremendo para processar suas palavras.

— Seu demônio é a Ganância. — Isto foi dito por Aeron, e a agonia de sua voz era mil vezes pior do que a de Cameo.

Putá merda, Strider necessitava arrancar os seus ouvidos e — Espera, espera, espera. Voltar à argumentação. Cronus estava possuído pela Ganância. Lucien já tinha lhe dito isso, mas Cameo havia feito um ponto muito bom. Todos os demônios tinham uma fraqueza. Essa fraqueza deixava os guerreiros vulneráveis. Ele estava perdendo e o coma que se seguiria. Qualquer um poderia atacá-lo depois, e ele não

seria capaz de se proteger.

Qual era a fraqueza de Cronus?

Esse tipo de informação secreta seria fundamental em uma luta... Não que ele planejasse lutar contra o deus-rei, mas um cara tinha que estar preparado.

Do canto do olho, viu o sinal de Amun com as mãos.

— O que é a pintura de Danika? — Strider traduziu. — Aquela em que ela previu que Galen levaria a cabeça de Cronus? — Por si, ele acrescentou. — Eu sei que nós estamos esperando que possamos mudar o curso do que ela viu, mas talvez a maneira de mudá-lo não seja matar Cronus nós mesmos. Talvez nós devamos aumentar nossos esforços para matar Galen.

— Mas Galen tem a capa. — Disse Reyes, caminhando para o sofá, levantando Danika, sentando-se e puxando-a em seu colo. — Ele poderia ser mais difícil de destruir do que mesmo um deus.

— Galen tem a capa, — Aeron repetiu. — então por que não agiu contra nós? Suas tropas estiveram aqui um tempo. Então, novamente, por que não nos atacaram?

Maddox encolheu os ombros.

— Talvez eles estivessem esperando por sua pequena experiência Desconfiança para ter sucesso. E agora que ele tem...

— Nós temos o primeiro golpe, — Disse Aeron. — e pegá-los desprevenidos. Esperançosamente nós podemos reduzir os seus valores de forma significativa, comprar-nos tempo para descobrir o que fazer com desconfiança e talvez até mesmo forçar Galen fora da clandestinidade.

Bom raciocínio, mas era a sua sede de sangue retornando? Além do brilho vermelho em seus olhos, suas mãos estavam cerradas e sua postura rígida.

— Será que eles desconhecem, entretanto? — Reyes pediu. — E se eles estão esperando por nós para atacar?

Os soldados na ilha haviam estado esperado por eles. Isso pode ser o novo *modus operandi* dos Caçadores. E também, um monte de guerreiros ainda estavam se recuperando de batalha. Eles não eram os mais fortes, e os mais fortes seriam necessários para uma vitória desta magnitude.

— E não vamos esquecer que eles têm Rhea do seu lado. Sem dizer como ela vai ajudá-los.

— Não é verdade. — disse Torin, falando pela primeira vez. Ele colocou um alto-falante e monitor na sala para que ele pudesse participar da reunião sem ter que realmente entrar na sala demasiado cheia. — Falei com Cronus. Ele está distraindo sua *amada* esposa, tanto quanto possa, hoje. É por isso que eu pedi a Lucien e Sabin para convocar esse encontro agora. Tudo o que fizermos hoje, nós faremos sem interferência divina. Da rainha *ou* do rei.

Ninguém pode impedir, mas ninguém para ajudar, qualquer um.

Um murmúrio derivou no meio da multidão. E então, uma única palavra começou a fazer eco de todos os lábios.

— Sim!

— Não podemos dormir, de qualquer maneira. — Resmungou Maddox. — Não com Pesadelos na residência. Quando é que vamos nos livrar dela, a propósito?

Ninguém tinha uma resposta para isso. Os outros, porém, foram rapidamente decidindo. Hoje à noite, eles atacariam.

Capítulo Vinte E Dois

Gideon podia ouvir os guerreiros em torno dele e acima dele movendo-se lentamente. Seus passos eram atormentados, e pensou ter ouvido o estalar das armas ao serem carregadas, o barulho do metal a ser revestido.

Ele não se importava. Não ligava. Quase um dia inteiro tinha se passado desde que entrou pela primeira vez na masmorra. Após Scarlet fazer seu anúncio - *Mentira, estamos juntos no final* - sibilou uma maldição para ele, disse:

— E agora que eu sei que é você, pode ir. — Em seguida, deu-lhe as costas, deitada em sua cama e o ignorando, cantarolando baixinho como se não se importasse. Ela adormeceu ao amanhecer, nada que fizesse ou gritasse seria capaz de despertá-la, e só tinha acordado há poucos minutos enquanto o sol se punha novamente.

Ela sentou-se com um suspiro, o olhar desvairado. Quando ela o viu, a selvageria a tinha deixado, substituída por raiva e ressentimento - nada que ele entendesse - e ela caiu para trás contra o colchão.

— Eu não posso ficar aqui o dia todo, você sabe. — Disse ele. Torin, que o observava através das muitas câmeras aqui embaixo, deve ter sentido pena dele, porque Enfermidade trouxe-lhe uma cadeira há algum tempo. Uma cadeira que ele tinha empurrado o mais próximo possível da cela de Scarlet. Suas pernas longas foram estendidas, os tornozelos apoiados nas barras.

— Vá embora.

Ouvindo sua voz depois de todo o silêncio era como encontrar uma piscina de ácido com os caçadores já dentro dela: muito impressionante. Ele até tremia. Graças a Deus ele nunca seria capaz de admitir em voz alta, no entanto. Cons-tran-ge-dor.

— O que? Você está me ignorando agora? — Ela resmungou.

Isso serviria bem, tanto quanto ela o ignorou. — Yep. Ignorá-la. — Cada célula do seu corpo estava em sintonia com cada movimento que ela fazia, por isso mesmo ainda que ele já quisesse dar a ela o que ela merecia, ele não podia.

Vergonhoso. Os homens deviam ser responsáveis, e as mulheres deveriam ficar gratas por sua atenção. Os homens deviam dar ordens e as mulheres deveriam respeitá-las.

Ok, tudo bem. Ele nunca desejou isso antes, como ele desejava pra cacete agora. Não ajudava que Mentira estivesse enlouquecendo em suas mãos, quieta agora, mas cantarolando suavemente em apreciação, apenas feliz por estar perto dela.

Outro surto de silêncio se seguiu, e ele sabia que ela o estava punindo. Por que, porém, ele não sabia. Ele não tinha sido quem a trancafiou. Claro, ele também não a libertou, mas reconhecê-lo por sua inteligência, pelo amor de Deus. Ela teria fugido.

Scarlet - ele gostava desse nome. Combinava com ela. Com a curva de seus lábios ímpios, com a facilidade com que ela esfolou-o e com a escuridão de sua personalidade - esfregou a mão no seu rosto.

— Vá embora, tudo bem. Acabei com você.

Finalmente. Mais falatório. Ele ia ficar aqui para sempre, pensou ele, só para

estar perto dela. O que não fazia nenhum sentido!

— Meu nome não é Gideon.

Assim. Simples. Fácil. E com alguma esperança ela iria começar a revelar informações pessoais sobre si mesma de volta. Como ela o conhecia. Como ele a conhecia, mas não lembrava dela.

— Hun. — Foi tudo o que ela disse.

Sabia? Como? Ele duvidou que ela dissesse a ele, então não se preocupou em perguntar.

— Eu sei muito sobre você. Tal como, você não poder entrar sonhos de outras pessoas.

— Não diga.

Não é tão simples. Não é tão fácil.

— Eu realmente odeio que você deixe meus amigos sozinhos.

— Bem, então. Considere feito. Vou brincar com eles a noite toda, apenas para deixá-lo feliz.

Ele olhou para o teto por um momento, pedindo paciência divina.

— Por favor. — Diabo! Ele raramente se importava que só pudesse falar em mentiras, mas agora o irritava de maneira infernal.

— Ou você iria preferir se eu me concentrasse apenas em você?

— Não. — Sim. Enquanto ele queria que seus amigos pudessem descansar em paz, que não era esse o motivo real pelo qual ele queria que essa mulher ficasse longe de seus sonhos. Ele a queria para si mesmo. Inteira. Mesmo sua habilidade. Até que ele descobriu isso.

Mesmo assim, isso não fazia nenhum sentido. Ele não era um homem possessivo. Mais do que isso, ele não tinha razão de ser possessivo com esta mulher.

— Desculpe. — Disse ela, soando tudo menos sincera. — Não posso prometer isso.

— Eles não vão considerar drogar você.

— Que tipo de droga? Posso pedir Vicodin²²?

Então, ela gostava de medicamentos de uso humano. Ele não podia culpá-la. Ele os usou uma vez ou vinte. Não que o afetassem muito, mas foi um pouco melhor do que nada.

— Como você sabe que eu amava tanto aranhas?

— Uh, você é tagarela. Se eu te contar uma coisa, você cala a boca? Vou considerar seu silêncio como sim. Como sabia que você amava aranhas? Porque entro na mente de alguém e sinto as coisas. Assim. Agora, cale a boca para sempre.

Verdade. Seu demônio reconheceu a verdade como se fosse um caçador solitário em uma programação com os senhores. Seu demônio normalmente geralmente odiava, geralmente o aborrecia, enquanto Gideon sempre a saboreava. Hoje, o demônio permaneceu calmo e feliz. Não importa o que saía da linda boca da menina.

— E como você não sabe meu nome?

— Vejo que a barganha não é uma habilidade que você possua. — Ela bateu na parede, a poeira voou ao seu redor. — Então, o quê? Vai me irritar até que eu diga tudo o que sei?

Ele não queria admitir que ele só queria estar com ela, então ele ergueu as mãos

²² E uma marca de narcótico analgésico produto contendo hidrocodone e paracetamol (também conhecido como acetaminofeno). Vicodin é usado para aliviar dor de moderada a grave.

enfaixadas e as acenou.

— Há muitas outras coisas que eu poderia estar fazendo agora. Como lutar com meus amigos.

— Os ferimentos não paravam um verdadeiro guerreiro.

Ui.

— Sim, porque um verdadeiro guerreiro gosta de ficar no meio do caminho e ajudar o inimigo.

— Um verdadeiro guerreiro bem-sucedido, apesar de sua deficiência. — Ela bufou. — Eu disse deficiência, e você não tem mãos.

Yeah. Engraçado.

— Se eu não tivesse todos os meus dedos, eu não a estaria espantando.

— A ação de um homem com mais latido do que mordida. Parece que se enquadra nessa categoria, que triste.

“Qual o seu problema?”, queria perguntar, mas as palavras emergiram como: “Por que você não tem um problema comigo?”, e ele não quis ouvi-la dizer: “Pergunta idiota. Tenho um problema com você”. Ele diria: “Bem, não quero saber o que é”, e ela diria: “Bom, porque eu não tinha planos de contar”.

Ele teve trocas parecidas no passado. Já estava frustrado, confuso, curioso, ansioso, e cada emoção foi empurrando-o cada vez mais perto do precipício. Um precipício que sempre o incentivou a dizer coisas que ele não queria e a fazer coisas que ele não poderia desfazer.

— Como você perdeu as mãos, afinal? — Isso foi perguntado a contragosto, como se ela não gostasse de querer saber.

Sua curiosidade o agradou, e ele perdeu um pouco da frustração.

— As mãos, bem, eles não desapareceram por meio de tortura.

— Você quebrou?

— Claro. — Havia orgulho em sua voz. Ele não tinha quebrado. Não tinha derramado um único segredo.

— Como eu suspeitava.

Sua mandíbula apertada. De alguma forma ela sabia que era mentira. Sabia o tempo todo. Ela também sabia que não podia dizer a verdade, ela ainda fingiu tomar continuamente suas palavras como de valor. Só para chateá-lo? Porque ela estava zangada com ele? Uma raiva que ele ainda não entendia.

— Caçadores o fizeram? — Ela perguntou.

— Não.

— Como está indo, aliás? A guerra com eles?

Então, ela sabia disso, também, quando ele nunca tinha ouvido falar de seu envolvimento. Como? Na verdade, ela sabia muita coisa que não deveria.

— Nós estamos perdendo. — Vencendo, mas por pouco. Dois artefatos contra um. A libertação de todas as crianças Halfings que os caçadores tinham criado por meios hediondos. A descoberta de seu esconderijo em Buda. Não que ele pudesse explicar a Scarlet. — Já que você não parece me conhecer, estou me perguntando se você não veio aqui por *mim*.

— Tanto faz. — Ela falou. — Olha, eu disse ao seu amigo que eu só queria que vocês me deixassem sozinha. Eu sabia que você estava procurando por mim. Eu queria que você parasse. É tudo.

Não. Isso não era verdade. Não podia ser. Só que, ele não poderia provar. Mentira ainda não estava ajudando.

— Como você não me conhece? Como eu me sinto como se eu não a conhecesse quando a encontrei antes?

Seu olhar dirigiu-se a ele, estreitou e mais uma vez preenchido com a raiva.

— Você não lembra de mim? — Okay. Raiva não era uma palavra forte o suficiente. Ultraje inundava cada palavra. — Você não se lembra dos detalhes?

— Eu não... — Mentira, mentira. Ele não deveria ter que se lembrar, droga. — Sim. Lembro. — Mas ele não poderia tê-la encontrado. Ele não teria esquecido uma mulher como ela. Bela, selvagem, uma predadora. Grossa, firme, mas de alguma forma vulnerável.

Sim, ele esteve com um monte de mulheres ao longo dos anos. Principalmente encontros de uma noite. As mulheres não voltam muitas vezes quando o homem que estava com elas lhes diz constantemente como são feias ou burras. Ou quando o homem não fala nada. E não, ele não se lembrava de todos os rostos, mas como ele já argumentara, esta não era uma mulher que ele teria esquecido.

— Nós fomos amantes. — disse para começar. — De modo que para fora. — *Fora.*

— Ha! — Seu olhar voltou para ele e demorado, folheando-o para cima e para baixo. — Eu não tenho certeza que aprovo a embalagem, então, não, nós não fomos amantes.

— Eu não tenho certeza se entendo o que dizer. — Disse ele, porque ele sabia. Ela não gostou da aparência dele. Suas mãos fortes.

— Para sua informação, eu sou tão feio como eles vêm.

Havia algo presunçoso nos seus olhos quando ela disse.

— Tá. Eu sei. Foi o que eu disse.

Ele correu a língua sobre os dentes. Eu sou sexy, caramba! Sim, sua aparência era um pouco não-ortodoxa. Cabelo azul, uns piercings. Tatuagens - embora nada na escala de Aeron. O menino era coberto. Gideon, pelo menos, tinha a tinta sob seu controle. Escolheu desenhos que significavam algo para ele.

Um par de olhos negros, que ele via toda vez que fechava os olhos. Lábios vermelho-sangue... Sentou-se com um sobressalto, olhando em cima da Scarlet. Que tinha os olhos negros. Que tinha lábios vermelho-sangue.

— O quê? — Ela rosnou. — Eu sei que sou linda, diferente de você, mas vamos lá. Mostre alguma educação, pelo amor de Deus.

Pelo tempo que ele se lembrava, ele tinha imagens na sua mente. Olhos negros, lábios vermelhos, até mesmo uma frase que ele pensou apenas durante a época mais escura da noite: *SEPARAR-SE É MORRER*. Flores vermelhas brilhantes curvadas debaixo deles.

Em sua mente, ele já tinha visto essas palavras e flores ao redor da cintura de uma mulher. Seu coração acelerava cada vez que pensava neles, então ele tinha as palavras - e sim, as flores - tatuadas em torno de seu peito, também. Feminino dele, e algo que fez com que muitas pessoas o atazanassem, mas não se importou.

— Eu não quero ver a parte inferior das suas costas. — disse ele rigidamente.

Ela se acalmou completamente, nem sequer ousando respirar.

— Não apenas não, mas nem ferrando.

— Não estou disposto a implorar. — Ele tinha que ver. Tinha que saber. — Eu *não vi* você antes. Eu não sei que você tem uma tatuagem de flores. — Ela tinha feito, ele sabia que ela tinha feito.

— Você está errado. Eu não tenho.

Mentira, certamente.

— Não prove isso, então.

— Eu não preciso.

Argh! Mulher Frustrante. Ele empurrou seus pés. Tinha se sentado muito tempo, seus músculos doíam em protesto e os seus joelhos tremiam.

— O quê? Você não pega o caminho para ir embora? Tá. Vá emburrada como uma criança.

Primeiro ela queria ir embora e agora ela estava com birra porque achava que ele estava fazendo isso. Mulheres.

Enfaixados como seus pulsos estavam, era difícil de segurar a barra da camisa, mas depois de alguns minutos de agonia, conseguiu fazê-lo. Ele levantou o material e se virou, oferecendo a Scarlet suas costas. Primeiro, ela não teve nenhuma reação. Então ele ouviu uma inspiração profunda, um farfalhar de roupas, o tamborilar de passos.

Dedos mornos encontraram sua carne, e ele teve que morder o lábio inferior para conter seu gemido de prazer. Sua pele era calejada - de usar armas? - E desgastou-se deliciosamente enquanto ela traçou todas as palavras, todas as pétalas.

Ela poderia ter tido uma lâmina escondida, poderia tê-lo esfaqueado enquanto estava distraído, mas ele não poderia se importar. Ela o estava tocando. Era mais excitante, mais... Muito mais do que estar dentro de outra mulher.

— Separar-se é morrer. — Sussurrou quebrando-se. — Você sabe o que isso significa?

— Sim. Não me diga. — *Por favor, deuses, por favor.*

— Eu, eu... — Tirou sua mão. Um passo, dois, ela aumentou a distância entre eles.

Gideon chicoteou ao redor. Por um momento, ele esqueceu as barras e estendeu a mão para ela. Suas feridas bateram no metal, e ele se encolheu. Scarlet apagou sua expressão enquanto saiu do alcance.

— Não me diga. — Ele comandou.

— Eu lhe disse para ir embora, Gideon.

Gideon. Pela primeira vez, ela usou seu nome. Afetou-o profundamente. Deslizou através dele, queimando cada um dos seus órgãos - especialmente o seu coração acelerado. Por que... Por que... Embora esta fosse a primeira vez que ela disse seu nome durante a conversa, não foi a primeira vez que ele a ouviu dizer.

Só então ele soube, soube que ele a tinha ouvido dizer seu nome antes. Em algum lugar, algum dia. Ela gritou o seu nome na paixão, sussurrou seu nome em súplica. Resmungou o seu nome na raiva; gritou seu nome na dor.

Ele tinha estado com ela.

— Demônio. — Disse ele, desejando que ele pudesse dizer o nome dela em seu lugar.

Ela deve ter ouvido as emoções desenfreadas na sua voz, porque pela primeira vez, ela não fez um comentário sarcástico.

— Vá embora, Gideon, como eu pedi para fazer no começo. Por favor.

Por favor. Ele duvidou que fosse uma palavra que ela usasse muitas vezes. Mas então, ela parecia à beira das lágrimas e ela não o agrediu como uma mulher que teria prazer de chorar na frente de um homem. Nunca, acima de tudo.

Exceto que, ela havia feito isso antes. Ele sabia. Ela gritou e ele a abraçou. Quando? Onde?

A única possível seria enquanto ele morava no céu. Como ela estava possuída por um dos demônios de Pandora, tinha sido prisioneira de Tartarus um dia. Ele não a trancou lá, mas ele poderia tê-la visto lá quando foi trazido com os outros prisioneiros? Poderia ter falado com ela?

Como eles poderiam ter tido um relacionamento, e ele não se lembrava disso?

Poderia alguém ter apagado sua memória? Deuses eram capazes de tais coisas. Deuses eram capazes de todos os tipos de coisas cruéis. Mas isso levantou a questão do por que alguém iria querer apagar sua memória. O que se ganharia com isso? O que isso evitaria?

— Você não tem um homem? — Sua voz era tão crua, tão rouca, ouvir alguém lhe teria pensado que ele tinha ainda a recuperar de uma grave infecção na garganta. Um marido, no entanto, teria querido Gideon fora de cogitação.

— Não. — Ela sussurrou, tão triste seu tom trouxe lágrimas aos seus olhos. Tão triste, seu tom rivalizava a própria miséria de Cameo. — Eu não tenho.

— Nenhum pai?

— Meu pai está morto. — Ela se deitou na cama, olhando para o teto. — Há um longo, longo tempo.

Verdade? *Porra, demônio! Ajude-me.*

— Nenhuma mãe?

— Minha mãe me odeia.

Ele só tem que tomar suas palavras como um evangelho.

— Há alguém que gostaria de ver você feliz..? — *Por favor, entenda que eu quero dizer miserável.*

Ao invés de responder, ela rolou para o lado dela, de costas para ele.

— Se eu te contar o que você quer saber, você vai me deixar sozinha? Eu não estou fingindo para negociar com você neste momento, Gideon. Se eu fizer isso, e você não for embora...

Ele não quis ir. Agora, mais do que nunca, queria ficar. Mas ele tinha que saber a resposta. Talvez ele pudesse ajudá-la a decifrar este mistério juntos.

— Não. Diga-me e eu vou ficar.

Uma pausa. Então:

— Eu menti para você antes, quando fingi não reconhecê-lo. Eu fiz, desde o início que eu fiz. Separar-se é morrer. — Ela resmungou. — Foram as palavras que você disse uma vez... À sua esposa.

Capítulo Vinte E Três

Aeron ficou na varanda ao lado de seu quarto, segurando o parapeito, olhando

para o céu azul anil. A escolha mais difícil que ele já teve de fazer, de decidir entre a vida de Legion e Olivia. Se ele escolhesse Olivia, como ele tão desesperadamente queria - *ainda* queria - Legion teria sofrido eternamente. Seus amigos estariam em perigo. De Lúcifer, não menos. Ao escolher Legion, salvaria a ela e seus amigos, e Olivia poderia voltar para casa, ilesa. Como ele certa vez tentou forçá-la a fazer. Como agora ele desejava lamentar contra... Enquanto Ira lamentava contra.

Mantenha-a. Por favor. Precisamos dela.

Bloqueie. Não ouça. Um pedido a si mesmo.

Se Legion aparecesse logo em seguida, ele poderia tê-la chacoalhado. A posição em que ela o deixou... As coisas que ele teria que fazer... Para ela, para Olivia... Suas unhas compridas tocaram a palma da mão, e o metal rangeu, saindo do lugar. O pior, entretanto? As coisas que ele não seria *capaz* de fazer com Olivia. Não mais.

Não fazer mais amor. E era isso que tinha sido. Fazer amor. Ele não queria que fosse, tentou resistir, mas no final, mesmo seu corpo sabia. Estar com Olivia era certo. Perfeito.

Mas agora, ele *não* podia ficar com ela. Mesmo que enviá-la para casa não fosse uma situação de vida ou morte, nenhuma mulher ficaria com ele sabendo que logo dormiria com outra pessoa. E ele o faria. Bile passou em sua garganta. Ele não permitiria Legion ser possuída. Ele não permitiria a entrada do destrutivo Lúcifer neste reino.

Eventualmente, Olivia vai me agradecer por isso. Pelo menos é o que ele disse a si mesmo numa tentativa de consolo. Se ela ficasse aqui, seria humana. Ela iria murchar e morrer, e ele teria de assistir, impotente para salvá-la. Uma perspectiva que sempre o deixava perplexo. Uma perspectiva que sempre o havia horrorizado, mas ainda assim, ele teria dado qualquer coisa para passar mais tempo com ela.

Não podemos perdê-la.

Temos. Ele gostaria de abraçá-la, lá no final do seu amor, enquanto sua mente tornava-se envolta em pensamentos de estarem juntos para sempre. Agora ele tinha que viver o resto da vida sem ela, sabendo que ela estava lá fora, que ele jamais seria capaz de vê-la, ouvi-la ou sentir seu cheiro.

Não!

Como iria para a cama com Legion se Olivia era a única mulher a quem seu corpo respondia? Riu amargamente. Ele tinha ido de não ter namorada, da certeza de que ele não precisava ou queria uma, basicamente para ter duas. Uma que não desejava. E outra que estava pronta para deixá-lo.

Logo que eu voltar, Olivia disse.

Entrou imediatamente em pânico. *Não posso perdê-la agora,* ele pensou. Então disse a ela que tinha tempo, e que era para ela ficar aqui. Tudo o que tinha feito era prolongar o inevitável, tornando a separação mais dolorosa quando finalmente acontecesse. Mas ele não se importava, cacete!

— Aeron. — uma voz suave, suplicou por trás dele.

Paraíso. Ira suspirou.

Mantenha-se forte. Resista. Ele não se permitiu encará-la, mas chamou.

— Aqui.

Passos ressoaram, então Olivia estava ao lado dele, olhando para a noite que se aproximava, seu cheiro selvagem o envolvendo. Cheirá-la sem tocá-la era uma

tortura. Tortura que merecia.

— Onde está Legion? — perguntou ele, esperando a menina aparecer na porta a qualquer momento.

— Dormindo.

Sem a presença de Aeron?

— Não parece ser ela.

Olivia encolheu um ombro delicado.

— Se você quer saber, eu a droguei. E não estou arrependida!

Seus lábios se contraíram. Deus, ele amava - admirava aquela mulher. O sorriso, que tinha sido pequeno, sumiu.

Uma das visões de Ira de repente abriu-se na cabeça dele, era de Olivia e Legion esgueirando-se pelos corredores da fortaleza, na ponta dos pés, mesmo enquanto empurravam-se no caminho. Legion segurou uma garrafa de vinho. Olivia segurou dois copos.

Claro, elas tinham ido para a cozinha. E para o álcool, acima de tudo. Mas onde mais foram e por quê?

Elas atingiram o quarto dele e Olivia disse:

— Um brinde ao seu sucesso.

— Certo. — Legion disse presunçosamente. — *Meu sucesso*. Eu disse que Aeron era meu e nunca seria seu.

Novamente, Aeron queria sacudi-la.

— Você estava certa. — O rosto de Olivia perdeu a cor quando ela serviu as bebidas. De costas para Legion, ela arrancou um pequeno pedaço de seu manto. Ela, então, derrubou aquele pedacinho em um dos copos.

— Durma. — Ela sussurrou enquanto o material se dissolvia e, em seguida virou para Legion, com um sorriso forçado. — Sei quando fui vencida.

O demônio reclamou o copo com avidez e mesmo antes de engolir a última gota de seu vinho, começou a vacilar em seus pés. Seus olhos em Olivia.

— Algo está errado...

— Claro que sim. Você realmente acha que eu não teria drogado seu vinho?

— Vaca. — Legion arrastou-se, enquanto os joelhos fraquejaram. Ela bateu no chão roncando.

O manto de Olivia poderia claramente fazer mais do que Aeron havia percebido, e naquele momento, ele deveria ter sido preenchido com um desejo de Olivia de droga. Mas para sua surpresa, Ira foi... Encantado por suas ações. — Céu. — havia jogado apenas com o — inferno —, e o demônio queria apenas para segurar o vencedor deste jogo.

— Você está bravo comigo? — Olivia perguntou, puxando-o de seus pensamentos estranhos.

— Agradecido. — Ele era muito bruto para lidar com Legion agora. Muito primata para pensar sobre a menina que ele considerava uma filha. *Mude de assunto. Agora*. — Há algo diferente em sua voz. Notei isso antes, mas agora, é ainda mais evidente. — Ela lhe contou sobre Legion, mas ele não sentia vontade de acreditar nela.

— Sim. — Foi tudo o que ela disse. — Alguma coisa está diferente.

— O quê? — Ele perguntou, embora imaginasse saber a resposta. Ela deve estar

a perdendo suas habilidades celestiais a cada momento adicional que passa aqui.

Como seus companheiros anjos reagiriam a isso, quando ela voltasse para casa? Ele não gostou da ideia de como eles reagiriam com uma fêmea tão preciosa.

Ela encolheu-se mais, mas desta vez sua pele tocou a dele. Ele fechou os olhos por um momento, saboreando a suavidade. E quando uma brisa fresca varreu o balcão, levantando o cabelo e jogando as costas contra seu peito nu, pensou que a linha tênue que mantinha sua sanidade mental foi completamente cortada.

Minha. Seu. Nosso. Para sempre. Gritos do demônio, dele.

Nunca. Um lembrete austero.

Quando ele abriu os olhos, voltou seu foco para o céu.

— Você vivia lá em cima. — Disse ele, sua voz rouca.

— Sim.

— Como era?

— Vivíamos nas nuvens, que são muito mais do que você imagina. — Sua afeição era óbvia. — Elas têm cômodos, e produzem tudo o que comandamos. Estamos escondidos do resto do mundo, mas ainda podemos ver o que está acontecendo ao nosso redor. Como anjos voando rapidamente, ou guerreiros perseguindo demônios. Podemos ver tempestades, mas não somos tocados por elas. Podemos ver as estrelas, brilhando tão perto, mas não podemos ser queimados por elas.

A emoção tocou o demônio. *Sim, sim.*

— E você desistiu de tudo. — Por ele. Para se divertir. Ele estava humilhado. Culpado. Envergonhado. No geral, tinha dado a ela apenas dor e preocupação. Mas ele também estava... Feliz.

— Sim. — Disse ela de novo, simplesmente. Então, parecendo incomodada, mudou de assunto. — Por que você tem duas tatuagens de borboletas? Sempre me perguntei.

— A das minhas costas é a marca do meu demônio, e a das minhas costelas é de minha própria autoria. Queria ver sempre, saber sempre a borda estreita em que eu ando.

— Eu não acho que você tenha precisado de auxílio visual. Parece que você nunca esquece. — Tristeza havia substituído o carinho. — Chega de reminiscências. Sei que você está indo para a batalha esta noite.

Um lembrete moderado.

— Correto. — Ele não perguntou como ela sabia sobre a luta. Ele podia adivinhar. Ela e Legion o teriam espionado. Por isso tinha deixado seu quarto.

— Eu quero ir com você. — Disse ela. — Se eu voltar para casa agora, eu vou ser capaz de acompanhá-los e os caçadores não sabem que estou aqui. Serei capaz de protegê-lo, como um escudo. Serei capaz de...

— Não! — Ele limpou a garganta e ofereceu mais suavemente: — Não.

A grade rangeu mais uma vez, dobrou, e ele tirou os dedos livres, um por um. Novamente, pensou: *Não posso perdê-la agora.* Ira choramingou de novo.

— Não é necessário.

Eles ainda tinham tempo, caramba.

— Eu tenho que sair de qualquer maneira, então por que não agora? Por que não fazer isso enquanto eu posso te ajudar?

Em qualquer outro momento, ele teria admirado essa determinação. Agora, virou-se para ela, rosnando:

— Por que você quer me ajudar? Por que você não está gritando comigo? Discursando sobre o que vou fazer? — Teria sido mais fácil de lidar com isso.

Em vez disso, ela olhou para ele com olhos calmos.

— Não tenho nenhuma necessidade de recorrer a tais emoções. Eu sou um anjo.

— Caído. — Ele corrigiu obscuramente, então piscou. Esta foi a primeira vez que ele reconheceu a distinção e, oh, a ironia cortava profundamente.

Houve uma pausa, um suspiro de arrependimento. Então:

— Não será por muito mais tempo.

Minha.

Ele a apertou, fechando o resto da distância entre eles, empunhando seu manto e ancorando punhados de tecido contra a grade de modo que ela não pudesse escapar. Será que ela se importaria com o fato de que eles iriam se separar? Ela não se importava com o fato de que eles nunca mais ficariam juntos? Que nunca mais iriam fazer amor? Que ele em breve faria algo vil, imperdoável?

— Deixe-me ir, Aeron—. Ainda assim tão calma.

Nunca, ele pensou.

Nunca, Ira concordou.

Nós não podemos pensar assim.

— Será que seu povo te tratará diferente quando você voltar..? — Mesmo dizer isso que era difícil, mas ele precisava do lembrete. — Você não será a mesma pessoa que uma vez foi.

— Eles vão me receber em casa. — Ela balançou a cabeça e mais desses tentáculos de seda dançaram em cima dele. — Com a exceção do nosso Conselho, eles são muito tolerantes. Muito pacientes.

— Lysander não me parece nada disso.

Ela sorriu ironicamente.

— Bem, ele não é um anjo típico.

Aquele sorriso... Ele precisava de mais. Tinha que ter mais. Tanto quanto possível, até...

— Ainda restam sete dias. — As palavras saíam dele. *Estúpido*. Ainda assim, ele pressionou seus corações juntos, sentiu seus mamilos endurecidos, enquanto endureceu também, pronto. — Prometa-me que vai ficar seis.

A calma finalmente a deixou, uma tempestade.

— Por-por quê?

— Só me prometa. Por favor.

Por favor, Ira ecoou, lamentando como Aeron. Quem teria pensado que seriam reduzidos a isto?

— Eu não posso. — Disse ela. — Eu sinto muito. — Ela olhou para longe dele, por cima do ombro.

Mas não antes que ele visse as lágrimas escorrerem nos olhos. Lágrimas que o desfizeram... O masculinizaram. Ele estendeu a mão em concha à parte de trás do seu pescoço, obrigando-a a encará-lo, para ver o seu desejo - e uma determinação que certamente rivalizava a dela.

— Então isso é um talvez?

Um riso trêmulo escapou.

— Não. Isso é um não.

Eu fiz isso. Eu a fiz rir.

— O que você *pode* me prometer? — Neste ponto, ele aceitaria qualquer coisa.

— Um... Um dia. — Ela ofereceu trêmula.

Um dia. Um dia não era suficiente. A eternidade não pode ser suficiente. Seu domínio sobre ela apertou.

— Você vai ficar até eu voltar da cidade. Mesmo que seja um pouco mais de vinte e quatro horas. Por favor.

— Por isso é tão importante para você? — Ela perguntou, deixando escapar o primeiro sinal da tempestade que a agitava.

Porque preciso de você. Porque quero você. Porque odeio o fato de estar longe de você. Porque, se fosse só você e eu e as minhas decisões não afetassem ninguém, eu estaria disposto a morrer só para ter um outro minuto em seus braços.

— Você vai ficar? — Ele insistiu, ignorando sua pergunta. — Se eu penso que há uma chance de você ir, não serei capaz de me concentrar. — Ele nunca tinha manipulado antes. Ele afirmou fatos, para melhor ou pior, sem se preocupar com os resultados. Agora... — Talvez eu vá ser um alvo fácil, ferido novamente. Então me diga. Diga-me que vai ficar.

Ela lambeu os lábios e os ombros cederam.

— Eu... Tá bom.

Não é o suficiente.

— Diga.

— Sim. — Ela sussurrou. — Ficarei até você voltar da cidade.

Sem essa camada da verdade em sua voz, não sabia se ela mentiu para ele ou não. Mas preferiu acreditar nela, porque não podia suportar a ideia de sua ausência.

— Agora que nós temos isso definido, vai me deixar ir? — Mesmo enquanto ela falava, ela colocou as mãos sobre o peito dele, não o afastando, mas desenhando suas tatuagens.

Humm. Ira suspirou.

Ela poderia não o querer naquele momento, mas ela certamente o queria.

— Por que você me deseja? — Perguntou, outra lembrança forte dos obstáculos entre eles. — Por que você me escolheu? Bonita como você, inteligente como você é, doce como você é, poderia ter qualquer um. Alguém que não estivesse coberto com as imagens de seus pecados.

— Por que... — A resposta não veio, embora ela não recuasse.

— Por quê? — Ele a sacudiu agora, desesperado pela verdade, por razões que ele não se importava em contemplar. — Por favor, Olivia. Diga-me.

Talvez fosse o *prazer* que a balançava. Talvez a brutalidade de suas ações. De qualquer maneira, ela gritou:

— Porque você não é o que você acha que é. Você não é o que todo mundo acredita. Você pode ter causado inúmeras mortes, mas você ama mais intensamente do que qualquer um que eu já conheci. Você dá a si mesmo sem pensar em sua própria felicidade. — Ela riu, e foi tão amarga quanto ele mesmo tinha sido. — Engraçado, não é? As qualidades que me trouxeram a você são o que está me mandando embora.

Fique.

Ele anulou o argumento antes de sair. Amar mais ferozmente? Pelos deuses, ele o faria. Agora, neste momento, antes que o tempo o traísse.

Sem qualquer aviso, ele engrenou suas bocas juntas, incapaz de conter-se, empurrando sua língua para dentro. Ela abriu sem protesto, ansiosamente aceitando sua brutalidade. Boa coisa. Ele não tinha controle, e ficou feliz por isso. Ele tinha apenas um começo - Olivia - e odiava o final - a sua perda. E essa perda... Deuses. Perdê-la iria matá-lo.

Não, pensou então. Seu beijo iria. Sua morte descansou neste encontro de almas, ele percebeu e, novamente, ficou feliz. Ele provou, reivindicou e conquistou, sem reserva. Ele deu e tomou.

Se este fosse o fim, ele iria morrer como um guerreiro.

— Vou fazer você minha, mulher. — Puxou seu manto ao redor de sua cintura. Suas pernas, nuas. Seu núcleo, o dele. E ela ainda não usava calcinha nenhuma, e saber disso quase o matou. Um dia, ele queria tê-la na cama. Queria retirar suas roupas lentamente, tomá-la demoradamente. Saboreando cada segundo, cada suspiro.

Agora, ele só queria ela.

A urgência o tomou enquanto procurou o botão em suas calças, tentou abrir - emperrou, então ele rasgou-o. Seu pau se libertou.

— Espero que você esteja pronta para mim, Olivia.



Pronta para ele? Olivia pensou que ela estaria pronta para esse homem todos os minutos de todos os dias pelo resto de sua vida. Ele a olhava para ela como se ela fosse necessária para sua sobrevivência. Como se vivesse só porque ela vivia.

E esta seria a última vez que ela experimentaria tal olhar.

A tristeza ameaçou dominá-la, mas a força de seu desejo venceu-a. Mais tarde. Mais tarde, ela podia chafurdar em sua miséria. Mas, agora, ela estava nos braços de Aeron. Seu corpo ardia em chamas por ele. Ela estava molhada e trêmula e com o corpo todo dolorido.

Isso foi pelo que ela tinha desistido de suas asas, depois de tudo. Isso foi pelo que ela tinha desistido da eternidade. E foi aqui, dela para a tomada. Não importa o que aconteceria em seguida, ela teria sempre esse presente.

— Olivia. — Disse ele, uma súplica gutural de seu nome.

— Pronto. Prometa.

Ele apanhou-a, levantou-a, e enquanto ela colocou as pernas em torno de sua cintura, ele a penetrou, inteiramente. Ela gritou, incapaz de sufocar o som. Tão grande como ele estava, ele estendeu-a, mas como nuclear que deveria ter sido, considerando que este não tinha feito há muito tempo, seu prazer era incomparável.

— Preciso de você. — Dentro e fora ele moveu-se.

— Sim! — Suas unhas cravadas nas costas, arranhando. Não houve retenção, e não para ela. Ela precisava disso. Necessitaria essa memória para mantê-la aquecida durante a noite. — Justo assim!

Mais e mais difícil ele bateu dentro dela. Era paraíso e inferno. Tão bom, tão perto do fim. *Dure para sempre*, ela rezou, mas ela sabia que não, essa prece não seria atendida.

A grade chocou-se com eles, rangendo, então finalmente, cedeu por completo. Caindo sob eles, caindo... Caindo... Aeron nunca diminuindo a força, o impulso. Ela adorou, se divertia com ele, o vento forte em torno deles. Liberdade e amor, e prazer, tudo embrulhado em conjunto. Sem medo ou arrependimento. Aeron iria mantê-la segura.

E ele fez. Pouco antes de colidirem, torceu e expandiu suas asas, levando-os a uma parada lenta. A colocou no chão delicadamente, aqueles golpes continuando, sem cessar. Ela manteve as pernas travadas em torno dele, aceitando-o, arqueando-se para ele, desesperada e ansiosa e perdeu.

O sol caiu firmemente, bonito e rosa, e qualquer um que olhasse para baixo seria capaz de vê-los. Ela não se importou. Sua necessidade era muito grande.

— Olivia. — Ele arquejou.

— Aeron.

Seus olhares satisfeitos, sua íris violeta selvagem. Sua expressão era tensa, selvagem, os lábios sangrando onde ela deve tê-lo mordido. Havia algo tão assombrosamente belo a respeito dele assim. Algo tão selvagememente meigo.

— Você é minha. — Ele disse.

Mais do que tudo, ela queria ser.

— Sua. — Até que ele se desse à Legion. Então, como a menina havia dito, Aeron seria dela. *Pare. É o suficiente*. Ela tinha agora, este momento.

Como sentindo seus pensamentos e querendo afastá-los, ele abaixou a cabeça e beijou-a novamente, desta vez ainda mais maravilhosamente cruel do que da última vez, sua língua esfaqueando a dela, o ranger de seus dentes contra os dela. Tanta paixão ...

Ela arranhou e mordeu e gritou, lançando sobre o limite da sanidade, mais uma vez em queda, desta vez em espiral distante, gritando, agarrando-se em seu amante, todos os músculos do seu corpo tendo espasmos deliciosos. *Não há. Oh, sim, há*. Ele bateu nela apenas para a direita, e seu orgasmo subiu mais alto. Ela não podia ver, apertou suas pálpebras firmemente, mas sentiu o tremor em cima dela. Ouviu o rugido de seu nome. Quando ele caiu em cima dela, seu peso esmagou-a, mas ela o amava muito para oferecer uma repreensão. Se apenas eles pudessem ficar assim para sempre, perdido no aqui e agora.

— Olivia. — ele resmungou.

Lentamente, ela piscou abrindo os olhos. Aeron a estava assistindo, suas formas de alguma forma despida. Abertas, necessitadas.

— Não diga isso. — Disse ela. Se ele pretendia dizer-lhe que nada tinha mudado, ela sabia disso e não precisava dele para afundar a faca mais fundo no seu peito. Se ele planejava pedir a ela para ficar, mesmo que ele tivesse que fazer com Legion, mesmo apenas uma vez, ela seria tentada a fazê-lo. Mesmo que o Conselho enviasse alguém para matá-lo. Mesmo que as imagens dele com o demônio lhe assombrassem para sempre.

Não importa de que forma isto acabasse, eles estavam condenados.

— Eu tenho que... — Sua voz era rouca. — Eu quero que você saiba...

— Uh, Aeron. — Alguém chamou. — Odeio interromper, mas é hora de ir.

Presa de novo, pensou com um suspiro. Será que eles nunca se permitiriam desfrutar o “após” de que os seres humanos se vangloriavam tanto? Exceto que, desta vez ela estava contente com o adiamento. Ela fugiu debaixo de Aeron e assim ficou, alisando o seu manto de seus tornozelos.

— Vá. — Ela disse sem olhar para ele. — Como prometido, eu vou estar aqui esperando. — *E então diremos adeus.*

Capítulo Vinte E Quatro

Três da manhã. O luar já não era tão brilhante, e as ruas estavam desertas. As lojas estavam fechadas, e os humanos festeiros finalmente haviam deixado “O Asilo”. As luzes estavam apagadas, nem um único movimento do lado de dentro.

Mais ou menos a cem metros de distância, Aeron estava abaixado ao lado de Strider em um canto encoberto pelas sombras. O guerreiro segurou um controle remoto e um minúsculo quatro-rodas com uma máquina fotográfica muito mais minúscula presa a seu teto apareceu. Aparentemente aquela máquina fotográfica podia gravar através da escuridão, filmando rostos e corpos tão claramente como se eles estivessem banhados pela luz solar.

Torin sempre encontrava os brinquedos mais legais. A prova descansava no sorriso largo de Strider quando ele lançou o veículo adiante.

O restante dos homens estava disperso em torno do edifício. Um edifício que eles uma vez ajudaram a restaurar, um edifício que eles estavam prestes a destruir. Alguns estavam nos altos dos telhados, os canos das armas apontados para baixo. Outros estavam na rua como Aeron, escondidos em locais diferentes.

Aeron ergueu o monitor portátil que permitiria a ele e Strider ver pela lente da máquina fotográfica. E com certeza suficiente, os edifícios e estradas que ele havia atravessado desde sua criação estavam visíveis. Surpreendente.

— Nós estamos bem. — ele disse à Derrota.

— Nós estamos prontos para você, Willie. — Strider disse em seu receptor.

Aeron usava um fone de ouvido, também, e ouviu a resposta de William.

— Deuses, eu não posso acreditar que eu deixei Anya me influenciar nisso. Eu estou entrando.

Alguns segundos mais tarde, William abandonou seu posto e virou a esquina. Suas roupas estavam desordenadas, e ele agarrava uma garrafa de uísque. Ele não aparentava nenhuma semelhança com ele mesmo, seu cabelo escuro agora esbranquiçado, seus penetrantes olhos azuis escondidos por lentes de contato escuras. E seu rosto... De alguma maneira, ele havia enrugado sua pele e mudado a forma de suas feições.

Cada passo que ele dava parecia que o ameaçava tombar-se, mas ele conseguia cantar uma canção de amor, em voz alta, enquanto se movia adiante.

Bastardo zombeteiro. Não que ele soubesse que Aeron planejava trair Olivia.

Doce Olivia.

Minha, seu demônio declarou.

Nossa. Não. Ele quase quebrou o dispositivo que ele segurava. *De ninguém.* Não era de Ira, e certamente não era sua. Exceto...

Como ele poderia continuar sem ela? Ela era luz, e ela era felicidade. Ela era amor, e ela era alegria. Ela era... Tudo.

— Você está comigo, Ira? — Strider murmurou.

A pergunta veio na hora certa, chamando-o para o presente. Ele observou quando William tropeçou, como planejado, e colidiu na porta da frente do clube. *Distração.* O vidro quebrou quando ele caiu. Ele ficou deitado lá um momento, estalando embriagadamente. O caminhão de controle remoto correu acima dos fragmentos de vidro, deslizando despercebido dentro do edifício.

Não demorou muito para que um fluxo de homens armados chegasse correndo em direção ao imortal.

— O que você está fazendo?

— Deus, ele fede!

— Coloque-o fora daqui e limpe isto. Agora!

Dois dos guardas agarraram William rudemente, arrastando-o sobre seus pés.

— Ei, cavalheiros. — Ele arranhou em um sotaque britânico apavorante. — A festa é aqui? Oh, vejam. Uma arma de fogo. Que sangrenta e varonil. Mas eu devia provavelmente advertir os anjos na colina. Não se pode encorajar o crime, sabe.

— Chefe? — Um dos homens que estava segurando William disse. — Nós não podemos simplesmente deixá-lo andar por aí. Ele viu demais.

— Primeiro, eu não sou seu chefe. — William disse, então ele franziu a testa e apertou seu estômago. — Segundo, eu acho que vou ficar doente.

O homem no comando - Dean Stefano, braço direito de Galen, Aeron percebeu, mesmo com Ira rondando por sua cabeça, pronto para machucar, para matar - desviou sua atenção para William antes de se voltar para os destroços da porta.

— Faça parecer que ele foi assaltado. E faça isto longe do edifício. Eu não quero ninguém fuçando por aqui.

Uma sentença de morte totalmente fria e indiferente para um homem que eles supunham que era humano. Humanos, os vários seres que eles supostamente se esforçavam para “proteger”. Entretanto, Stefano era um homem frio e indiferente. Ele culpava os Senhores, particularmente Sabin, pelo suicídio de sua esposa, e não descansaria até que todos eles estivessem mortos.

Punir...

No passado, Aeron havia secretamente amado o domínio do demônio e odiava a si mesmo por isto. Não importava o quanto a vítima merecesse o que ele negociou. Mas ele não iria mais castigar a si mesmo. Perder Olivia era razão para enfurecer-se. Destruir alguns miseráveis? Uma razão para regozijar. E ele iria.

Ele iria se *divertir*.

Logo.

Os dois guardas empurraram um agora, queixoso William.

— O que está acontecendo? Só deixe-me ir e nós iremos...

— Cale a boca, babaca, ou eu cortarei sua língua.

Isto foi quando William começou a soluçar como uma criança. Se Aeron não soubesse melhor, ele teria pensado que o guerreiro estava verdadeiramente assustado.

Mas ele sabia. Isto fazia parte de todo o papel que William voluntariamente, estava desempenhando. E por “voluntariamente” ele claramente queria dizer “cedendo às ameaças de Anya queimar seu livro, se ele não cooperasse”. Eles esperavam que não chegassem a esse ponto, que era o que estava para acontecer, mas no fundo todos eles sabiam que iria.

William não podia livrar a si mesmo e correr; isso poderia levantar suas suspeitas, colocá-los em guarda. Ele teria que aceitar qualquer punição, e deixar os homens irem embora depois.

Os guardas viraram a esquina e correram para uma ruela na parte de trás, longe da vista. Embora Aeron não pudesse vê-los, ele podia ouvir o que estava acontecendo pelo receptor em seu ouvido.

Quando eles alcançaram seu destino, seus passos diminuíram até parar.

— Eu não pretendo fazer nenhum dano. — William chorou.

— Desculpe, camarada, mas você é uma obrigação agora. — Em seguida houve um deslizamento de metal contra couro, seguido pelo rasgo de carne e músculo. Um grunhido. Outro rasgo, outro grunhido.

William acabou de ser apunhalado. Duas vezes.

Aeron vacilou em condolência. Aceitar qualquer punição, somente para deixar um inimigo confiante, exigia coragem. Os intestinos de William provavelmente estavam espalhados por toda a calçada. Entretanto, ele sobreviveria, e ele seria capaz de retribuir o favor. Todos eles seriam.

Ele ouviu sussurro de roupa, então um baque. William deve ter caído no chão e afundado como se estivesse morto. Os passos começaram novamente, e então os dois guardas, sorridentes agora por causa do trabalho bem feito, mais uma vez dobravam a esquina. Eles voltaram para dentro.

Strider manteve o carro escondido em posição para Stefano e os trabalhadores até agora, estavam tampando o buraco com tábuas. Finalmente, eles terminaram.

— Canalhas. — William murmurou em sua orelha. — Aqueles dois são meus. Eles acertaram meus encantadores e inocentes pequenos rins.

Não existia nada encantador ou inocente sobre William. Nem mesmo seus rins.

— Só mais alguns minutos. — Aeron prometeu.

— Eu quero dois guardas nesta porta até de manhã. — Stefano vociferou. — O resto de vocês voltem para o que vocês estavam fazendo. E porra, alguém entre em contato com Galen. É melhor nós contarmos a ele o que aconteceu do que ele ouvir de outra pessoa.

Os dois que apunhalaram William acenaram em concordância e retomaram seus postos.

Então Galen não estava lá. Decepcionante.

Enquanto Aeron observava, o resto dos Caçadores saiu do salão de entrada, através do clube e desceram um corredor. Strider olhava fixamente para o monitor enquanto ele manobrava o carro silenciosamente atrás deles. Naquele corredor existiam várias entradas. Uma, a máquina fotográfica mostrou, levava a um aposento onde alguns Caçadores estavam relaxando na frente de uma TV. No segundo aposento, alguns estavam espreitando em telas e clicando nos painéis de controle dos computadores, como Torin fazia. No terceiro, camas esticadas, uma após a outra. Vários Caçadores estavam claramente dormindo nelas.

Stefano entrou no quarto, um aposento vazio. Não havia nenhuma pessoa e nenhuma mobília. Só havia um tapete. Um tapete que tinha sido lançado de lado para revelar uma abertura vazia. Um buraco em que Stefano desceu.

Um túnel subterrâneo.

Cavando seu caminho para a fortaleza?

Planejando esgueirar-se para dentro, nunca tendo que lidar com as armadilhas na colina?

— Nós temos a localização do esconderijo deles. — Strider disse satisfeito.

Era hora de ir. Pelo menos para Aeron.

— Você sabe por qual caminho você tem que ir? — Strider perguntou.

— Sim. — Enquanto ele observava o monitor, ele memorizou seu caminho.

Strider bateu levemente em seu ombro.

— Que os deuses estejam com você, meu amigo.

— Com você também. — Aeron impulsionei-se em seus pés. Ele não vestiu uma camisa porque ele sabia que iria voar. Com um comando mental único, ele estalou suas asas livres de suas fendas. Agradecidas pela liberdade, elas se esticaram em toda sua extensão.

— Boa sorte, cara. — Paris disse.

— Tenha cuidado. — Alguns outros ecoaram.

— Se qualquer coisa acontecer comigo,— Ele disse para ninguém em particular. — faça com que Olivia retorne para casa em segurança.

Aeron não esperou por suas respostas, mas atirou-se no ar.

Punir...

Ele subiu alto... Mais alto... Movendo-se muito depressa de maneira que ele seria não mais do que um borrão para qualquer máquina fotográfica na área. Até para aquelas que conseguiam filmar através das sombras. Finalmente, ele estabilizou-se e pairou.

Punir...

Abaixo dele estava o clube. Ele procurou a escuridão, mas não existia nenhum Caçador no telhado, e ele não podia ver os Senhores que ele sabia que estavam dispersos por perto.

Hoje à noite, a vitória seria dele.

Punir...

Meu prazer.

— Descendo agora. — Abaixo, abaixo ele caiu, vento que chicoteava sobre sua pele, asas dobradas ao lado do corpo, aumentando seu impulso. Quando ele alcançou o edifício, ele planou e estourou pelos sarrafos de madeira que acabaram de ser erguidos. Eles brutalizaram suas asas, cortando-as e quebrando-as, mas eles também derrubaram os guardas.

Aeron não pausou, mas voou pelo salão de entrada, pela pista de dança, e então o corredor. Os caçadores ouviram o mais novo impacto e estavam pulando em ação, mas eles estavam muito atrás dele, muito lentos para pegá-lo. Só quando ele alcançou o aposento com o tapete, ele finalmente parou.

Ira riu, imagens que flamejavam pela mente de Aeron. Os pecados de suas vítimas. Batidas, facadas, sequestros. Tanta violência, tanto ódio. Estes homens mereciam o que eles receberam.

— Demônio!

— Pare-o!

Ele escondeu suas asas, ou pelo menos, tentou. Mais uma vez elas estavam muito mutiladas para se ajustarem em suas fendas. Não importava. Ele andou a passos largos em direção ao tapete reposicionado, no mesmo momento que os Caçadores alcançaram a entrada. Uma bala feriu suas costas, mas ele não diminuiu a velocidade. Ele simplesmente girou enquanto caminhava, retirando uma arma da bainha debaixo de seu braço e disparou, levando vários homens a procurarem cobertura.

Um adiantamento. Ele lançou de volta o tapete espesso e colorido.

— Bastardo! — Outra bala zumbiu atrás dele e bateu ao seu lado.

Ele devolveu os tiros.

No meio dos novos tiros, ele ouviu seus amigos pisando no edifício. Logo existiam grunhidos e gritos. Quebrando vidros. Nenhum tempo para regozijar. Uma outra bala o atingiu, dessa vez em sua coxa, deixando-o de joelhos.

— Alguma ajuda. — Ele rangeu em seu receptor. Ele continuou a atirar, mandando os Caçadores de volta ao seu esconderijo. Ele não podia mantê-los afastados por muito tempo. O pente da arma estava... Vazio. Merda. Ele lançou a peça, agora inútil, no chão.

Punir. Mais. Mais!

— Quase lá. — Strider arquejou quando o tiroteio recomeçou.

Aeron retirou uma segunda arma de fogo no exato momento que seu amigo chegou. Dentro de momentos, corpos estavam caindo adiante, imóveis, então Strider estava espiando do lado de dentro. O sangue respingava seu rosto, mas seus olhos estavam cintilando brilhantemente e um sorriso despontou nos cantos de seus lábios.

— Coloque todos para fora. — Aeron disse a ele. — Está quase explodindo.

Strider acenou em concordância e foi para fora, gritando advertências para seus companheiros de guerra.

Aeron puxou a trava da porta do túnel; ela o deteve. Entretanto seu braço estava pulsando, tremendo, ele apertou o gatilho da sua arma repetidas vezes até o metal se despedaçar.

— Agora! — O grito de Strider ecoou através dos receptores em seus ouvidos.

Aeron não se permitiu chafurdar na dor que ele sentia, dor que logo se intensificaria. Ele não se permitiu reconhecer a letargia narcótica que estava trabalhando em sua circulação sanguínea. Cortesia do veneno dos Caçadores, ele tinha certeza. Ele simplesmente agarrou uma granada da bolsa em sua cintura e puxou o pino com seus dentes.

Ele se lançou sobre a abertura da porta - várias armas atiraram nele simultaneamente, batendo, atingindo, salpicando seu corpo com buracos - e, empurrando a si mesmo no ar com a força que restava em suas pernas, ele soltou a granada.

Ira soltou outro daqueles alegres sorrisos. *Punir!*

Boom!

A resultante explosão de ar o mandou estalando pelo telhado. Quando ele se acalmou, ele agarrou outra granada, puxou o pino, e a soltou pelo buraco que ele havia criado.

Boom!

Madeira e fragmentos de vidro subiram rapidamente em todas as direções, cortando-o ainda mais, derrubando-o. Ainda assim, ele manteve-se firme. Suas asas estavam agora tão quebradas que elas mal se agitavam, mas ele conseguiu que elas o levassem mais alto. Em uma distância segura, ele parou. Pairar, entretanto, se mostrou impossível.

Enquanto ele caía, ele varreu seu olhar pelos arredores. As plumas de fumaça negra protegiam o edifício. Mas através delas, ele podia ver o crepitar das chamas douradas lambendo seu caminho em direção ao céu.

Nenhum dos humanos poderiam ter sobrevivido a este tipo de carnificina. Ele, porém, estava pouco disposto a deixar qualquer coisa para se arriscar. Ele retirou a terceira granada e quando ele se aproximou do edifício, ele a soltou.

Boom!

Uma vez mais, ele foi atirado para cima. As novas chamas fizeram contato, chamuscando sua pele. Ele se retorceu suspenso no ar, deixando suas costas receberem a violência do dano antes de se torcer novamente, mudando de direção e finalmente caindo e batendo no chão onde ele havia esperado antes com Strider.

Seu amigo já estava lá.

— Eu podia beijar você. — Foi a primeira coisa que o guerreiro disse. — Embora você pareça péssimo.

Aeron teria rido, mas ele inalou fumaça e sua garganta estava dolorida e inchada. Ele estava respirando dificilmente. Seus olhos lacrimejavam pelas queimaduras, e ele não tinha forças para afastar as gotas para longe.

— Eu estou certo que você quer um relatório. — Strider adicionou, ajudando-o a se levantar. — William conseguiu cortar as gargantas dos sujeitos que cortaram seus intestinos. Paris tomou uma bala no estômago, e Reyes foi golpeado na rótula. Eles não estão passando muito bem, então Maddox e Amun estão ajudando-os em casa. Exatamente onde você precisa estar. Lucien ficará para trás para escoltar as almas mortas para o inferno, e Sabin ficará com ele, por via das dúvidas, caso ele tenha que deixar seu corpo para trás. Ou existam sobreviventes. Se o túnel for fundo o suficiente, aqueles que correram podem ter sido protegidos da explosão. E você sabe como Stefano gosta de correr.

Uma vertigem precipitou-se sobre ele, leve a princípio, então atroz, inundando-o, e se não fosse pelo braço de Strider envolvendo sua cintura, ele teria caído. Pior, a escuridão estava descendo.

— Eles usaram balas envenenadas, definitivamente. — Strider disse, espelhamento seus primeiros pensamentos. — Como aquela que quase matou você. Como você sobreviveu? O que você fez? Nós devíamos ter perguntado antes, mas com todas as coisas que estavam acontecendo...

Os pensamentos de Aeron estavam fragmentados, mas ele sabia que existia algo que ele precisava dizer a seu amigo. Algo vital. Algo sobre vida e morte. Sim. Era isto. Vida!

— Homens... Tiros... Morrer... Necessidade... Água. — Ele orientou.

— Eu não estou entendendo.

Merda, merda, merda. Se ele desmaiasse antes de explicar o que ele estava precisando, seus amigos sofreriam. Eles poderiam morrer antes que ele acordasse ou

Olivia explicasse.

— Rio. Beber.

— Você está com sede?

— Água. Homens. Deve. Beber. Água. Vida.

— Aeron, eu não estou entendendo. — Strider disse, sua frustração clara. —

Os homens que foram alvejados precisam de água? Como a água poderá salvá-los?

— Água da vida. Só é necessário... Um pouco. Olivia. Olivia... Sabe. — E então a escuridão o arrastou completamente.

Capítulo Vinte E Cinco

Olivia andava pelos limites do quarto de Aeron. Legion ainda estava dormindo, mas ela tinha estado gemendo durante a última hora, assim Olivia sabia que ela acordaria à qualquer momento. E isso não seria simplesmente um prazer?

Você não pode desistir. — Tentação-Lucifer estava dizendo. Ele esteve tagarelando por horas. *Você deve conquistar Aeron.*

Permitir que um príncipe da escuridão vencesse, também. Nunca. Isso era algo contra o qual ela lutou durante a sua vida inteira. A vitória era tudo que verdadeiramente importava, até às custas de sua própria felicidade. E esse era exatamente o que o preço era. Sua felicidade.

Ele precisa de você.

— Quietos.

Ele será infeliz sem você.

— E ele merecerá todo pedaço dessa infelicidade. — Deidade Santa, quem ela estava se tornando? Aquele tipo de atitude não lhe serviria nos céus. Sim, anjos eram tolerantes e pacientes, como ela havia dito à Aeron, mas isso não significava que eles teriam que gostar do que ela havia se tornado.

Se você partir, você nunca terá permissão para saboreá-lo novamente.

Um soluço escapou dela. Ela quis bater na parede.

— Você é um ladrão, um mentiroso e um destruidor. Você vai me deixar sozinha. Ou por minha Deidade, eu solicitarei que Lysander seja enviado às profundezas do inferno para silenciar você. Nós dois sabemos que esse pedido será concedido. Você não está em harmonia com os anjos.

Você não é mais um anjo.

— Eu serei.

Lúcifer gritou em frustração, mas não disse outra palavra.

— Sua voz é *tão* irritante. — Legion murmurou enquanto ela se sentava. Ela esfregou o sono de seus olhos. Ela deve ter se esquecido de como ela adormeceu, porque ela não saltou e nem atacou. Ou isto, ou ela não se importava mais com a retaliação agora que ela sabia que Olivia estaria partindo. — Onde está Aeron?

Raiva drenava enquanto a preocupação precipitava-se sobre ela, Olivia parou na penteadeira e caiu na cadeira, de frente para a cama.

— Ele está invadindo um acampamento de Caçadores. — Ele estava bem? Ela havia deixado as portas de sua sacada abertas, de forma que ele poderia voar

diretamente para este quarto. Entretanto, uma *eternidade* havia se passado e ele ainda não havia aparecido.

Legion bocejou.

— Oh. Bem. Ele estará em casa logo, então. Meu homem mata depressa.

Seu homem. Sim. Ele era agora. Uma vez mais, Olivia quis esmurrar a parede. Um buraco deixaria alguma lembrança sua. Uma lembrança que eles poderiam remendar quando ela se fosse, mas tanto faz.

Isso não era importante agora.

Uma brisa fresca tinha dançado pela porta aberta, mas nos últimos minutos, ela sentiu algo sinistro no ar. Um sinal da presença de Lúcifer, talvez, ou alguma outra coisa? As insinuações escuras de fumaça picavam sua garganta, queimava seus olhos.

Talvez a batalha já tivesse estourado.

Estava terminado? Aeron estava machucado?

Lambendo seus lábios, ela envolveu os dedos trêmulos em torno do frasco que ela havia deslizado no bolso de seu roupão. O Rio da Vida. Ela ergueu o vidro frio e estudou o rodopiante líquido azul. Só uma gota tinha sido usada, e existia bastante mais. Ele precisaria de outra gota esta noite? Mais que uma gota?

Nesse caso, quanto tempo o conteúdo duraria?

— O que é isto? — Legion perguntou com um bocejo.

Olivia não tinha mais que dizer a verdade, então ela poderia ter mentido para Legion e mantido a água curativa em segredo. Mas ela não iria estar por ali por muito mais tempo, e ela queria que os Senhores tivessem acesso ao conteúdo.

Ela explicou o que era enquanto relutantemente se aproximava da menina. Quando ela mostrou sua mão, o frasco precioso descansando em sua palma, ela disse:

— Aqui. Eu quero que você fique com isto.

— Inferno, não. — Com um gesto, o demônio afastou sua mão.

O frasco bateu contra o colchão, e Olivia apoiou seus punhos em sua cintura.

— Legion!

— Seu Rio da Vida *arruinou* nosso sistema de água. Nós não podemos nem tomar banho depois que uma única gota dessa porcaria contaminou só um de nossos cinco riachos.

— Que triste para você. Só tenha certeza que os Senhores usem isto frugalmente. Quanto mais ele durar, mais vezes você poderá trazer Aeron de volta da beira da morte.

— Isso pode salvar Aeron? — O desgosto de Legion ainda não havia se dissipado, mas ela apertou o frasco entre seus dedos, então o esmagou entre seus seios. — Eu usarei isto frugalmente. Prometo.

Olivia acreditou nela. Se alguém verificaria a saúde de Aeron e se certificaria de que o guerreiro viria em primeiro lugar, essa pessoa era Legion.

Deveria ter sido eu.

Ela se moveu para o terraço, mas permaneceu do lado de dentro, descansando sua cabeça na armação da porta. A lua ainda estava alta, ainda dourada, mas as estrelas estavam escondidas atrás daquele filme esfumaçado. Ela não podia ver as luzes da cidade mais, somente árvores e colinas. Sua preocupação aumentou.

Você precisa de uma distração.

— Por que você ama Aeron? — Ela perguntou antes que ela pudesse se

controlar.

Uma pausa, então:

— Ele brinca comigo. Ele se certifica de que eu esteja feliz. Ele me protege. — Legion provavelmente não percebeu isto, mas ela soava defensiva.

As dobradiças rangeram quando a porta do quarto se abriu de repente, e Olivia se virou, o coração de repente batendo contra suas costelas.

— Aeron? — Ninguém respondeu por que não havia ninguém lá.

E com a porta agora aberta largamente, ela podia ver que o corredor estava vazio, também. A brisa devia ter sido mais forte do que ela havia pensado. *Quando* ele retornaria?

As outras, as mulheres, estavam acampadas no sótão com Gwen, esposa de Sabin, agindo como sua protetora. Somente para o caso de alguém escavar através do chão, Torin explicou. Algo que Olivia não entendeu, entretanto, ele mencionou uma mensagem de texto. De qualquer maneira, ela gostou de Gwen, desde o primeiro momento que ela a viu, assustada por estar aqui, odiando o que ela era. Agora Gwen estava confiante. Feliz. *Como eu quero ser.*

Ela estava agradecida pela oferta da mulher para se juntar a ela e às outras, mas Olivia não quis deixar Legion dormindo descontroladamente. E quando Gwen ofereceu levar o demônio para o nível superior, ela devia ter cedido, mas novamente, ela disse não. Essa era sua última noite dentro da fortaleza. Ela não queria passá-la com um grupo de mulheres que ela conhecia, mas que realmente não a haviam conhecido. Elas a teriam questionado sobre Aeron, e ela simplesmente não conseguia lidar com isso agora.

Além disso, Torin vigiava cada polegada deste lugar. Ele soaria um alarme se alguém, além de um dos Senhores, sequer se aproximasse da fortaleza.

Com um suspiro, ela andou a passos largos para a porta e a fechou, então andou a passos lentos para a entrada do terraço. Seu olhar desviou para Legion no caminho. O demônio estava ainda vadiando na cama, mas agora ela estava estudando suas unhas como se ela não pudesse acreditar o quão bonitas elas eram.

Onde elas pararam?

— Se você ama alguém,— Olivia disse. — você quer que ele seja feliz. Certo?

— Uh, sim. Portanto, essa é a razão pela qual eu vou dormir com Aeron. Isso fará à ambos felizes.

Olivia já tinha sido desinformada assim?

— Não. Isso fará *você* feliz. Ele pensa em você como uma filha. Forçando-o a fazer isto, você vai destruí-lo. Você vai mantê-lo chafurdando-se em culpabilidade, da mesma maneira que as tatuagens dele fazem, uma lembrança constante do que ele é, do que ele fez e do que ele nunca pode ter.

Aquelas unhas rasgaram os lençóis.

— E você pensa que você pode fazê-lo feliz?

— Eu sei que posso. — Ela disse suavemente. Ou sabia que ela poderia. O jeito que ele fez amor com ela àquela última vez... Que não havia sido somente prazer. Tinha sido um encontro de almas. Uma promessa do que nunca poderia ser.

— Ele precisa de mim.

Houve uma risada muito masculina atrás dela.

— Bem, bem. Um Senhor demônio apaixonado por um anjo. Eu não posso

acreditar em minha sorte.

Os olhos de Olívia se arregalaram enquanto ela se virava. Ela não reconheceu a voz - não era Lúcifer, então - ela também não viu ninguém no quarto. Ótimo. Outro atormentador invisível. Quem era dessa vez? Esse era seu pagamento por todas as vezes que ela tinha espionado Aeron, sem ser vista?

— Quem disse isto? — Legion exigiu.

— Você o ouviu? — O que fez isto...

Mãos fortes de repente se colocaram sobre os ombros de Olívia, impulsionando-a para fora e a forçando a enfrentar o céu. Antes que ela tivesse tempo para resistir, aquelas mãos a empurraram acima da grade que ela havia consertado na ausência de Aeron, e ela estava caindo, abaixo, abaixo.

Pela primeira vez em sua vida, cair a apavorou.

— A água. — Ela gritou para Legion. — Não esqueça a...

Ela teria dito mais, mas algo duro apertou em cima de sua boca. Alguma outra coisa, tão dura quanto, serpenteou ao redor sua cintura, empurrando suas costas em uma parede sólida. Ela estabilizou-se, começou a se erguer mais alto, ainda mais alto.

Um homem, ela percebeu. Um homem a estava segurando. Não era Aeron e não era Lysander. Ameaça se derramava dele. Usando toda a força que ela possuía, ela lutou por sua liberdade, arranhando a pele que ela não podia ver, mas que agora podia sentir, chutando as pernas que descansavam sobre as suas.

— Eu não faria isso, se eu fosse você. — Ele disse. A voz do quarto.

— Quem é você? O que você quer comigo?

Eles atravessaram uma camada de nuvens, escondendo-os dos olhares.

— Eu estou magoado, de verdade. Eu pensei que minha reputação me precedesse.

Galen, ela percebeu. O maior inimigo de Aeron. Ele encontrou a Capa de Invisibilidade; Aeron tinha falado tanto com Torin. Por isso ele entrou na fortaleza despercebido. Por isso ele se moveu sorrateiramente no quarto de Aeron.

Por isso ele arruinaria o que restava de sua vida.

Torin não tinha câmeras nos quartos, mas *existiam* câmeras externas e elas iriam gravar as imagens dela saltando e voando. Alguém assistindo a sequência acreditaria que ela simplesmente estaria voltando para os céus. A menos que Legion dissesse a ele o que realmente aconteceu, Aeron pensaria que Olívia havia mentido para ele. Ele pensaria que ela o deixou sem dizer adeus.

O sangue congelou em suas veias. Ela *tinha* que convencer Galen a levá-la de volta.

— Eu não estou certa do que você espera realizar, mas eu lhe asseguro, você não realizará seu desejo. Aeron não se importa comigo. — Não do modo que ela sonhou, esperou. — Ele está me deixando ir embora.

— Eu duvido muito disto, mas você não era a razão pela qual eu estava na fortaleza. Você era simplesmente um último recurso.

— E o que você esperava realizar?

Seus braços se apertaram ao redor dela.

— Você realmente pensa que eu espalharei todos os meus segredos?

— Você vai me machucar? Diga-me isto, pelo menos.

— E estragar a surpresa? — Ele riu. — Não. Eu prefiro mostrar a você. —

Suas asas estalaram fechadas, e eles começaram a cair....



Aeron acordou com um solavanco. Em um momento ele estava perdido na dor ardente que trabalhava seu caminho através dele, incendiando seus órgãos em cinzas, e no próximo, uma chuva fresca precipitou-se sobre ele. Uma chuva fresca que ele imediatamente reconheceu. O Rio da Vida. Olivia estava aqui, e ela o curou uma vez mais.

Exceto, quando ele enfocou, ele viu que era Legion que se elevou acima dele, e ele lutou contra uma onda de decepção.

— Funcionou. — Ela sorriu, todos os dentes brancos e brilhantes de felicidade. — Realmente funcionou.

Embora ele quisesse muito perguntar sobre seu anjo caído, ele não podia. Não sem causar todos os tipos de problemas.

— Os outros? — Sua voz era mais áspera que o habitual, e não por causa do dano da inalação de fumaça. A água o curou. Mas os pensamentos de Olivia sempre o encheram com necessidade.

— Quem se importa? Sabe? — Legion adicionou, traçando o dedo abaixo da linha do osso de seu peito. Seus cílios estavam semicerrados, entretanto, ele ainda podia ver seus olhos. Eles não estavam vítreos com desejo. Não, era determinação que girava em suas profundidades. — Agora que você está curado, nós temos alguns assuntos inacabados para tratar.

Ele agarrou seu pulso e segurou sua mão à distância.

— Os outros, Legion? Como estão eles?

Com um suspiro, ela acenou longe sua preocupação.

— Eles ainda estão doentes. Certo? Tudo bem? Mas eles melhorarão sozinhos. Eu estou certa disto.

Não com aquelas balas esguichando veneno em seus sistemas.

— Você está me dizendo que eles não receberam o Rio da Vida? — Talvez fosse lá onde Olivia estava agora, verificando o bem-estar dos seus amigos. Tão típico dela. Atenciosa, prestativa.

— Não, eles não receberam. — Existia uma severidade crescente nas feições de Legion. — Agora, sobre aqueles negócios inacabados...

Maldita. Ela iria fazê-lo perguntar.

— Olivia está com o frasco?

Finalmente desistindo de suas tentativas de sedução, Legion olhou para dele. Pelo menos ela não explodiu em ira porque ele mencionou aquele - bonito, perfeito - nome.

— Não. — Ela disse. — Porque nós acabamos com ele. Desculpe.

Difícilmente. A última vez que ele o havia usado, existia quantidade suficiente para salvar um exército inteiro. Aeron se sentou e esfregou uma mão por seu rosto. Então. Se Olivia não estava com a água, isso significava que Legion estava, já que ela havia acabado de ser dada a ele e Legion era a única pessoa aqui.

Mas por que Legion iria - A resposta se encaixou, e ele fez uma carranca. Claro. Ela estava economizando o resto para *ele*.

— Por que eu não me troco para algo mais confortável. — Ela sugeriu.

Não havia acabado com a sedução, afinal. Ele estremeceu.

— Dê-me a água, Legion, e pare de tentar dormir comigo. Eu sei que nós temos, só que não agora.

Ira agitou-se dentro de sua cabeça, esticando e bocejando.

— Não, eu...

— Legion. Eu estou desistindo de minha vida para salvar a sua. O mínimo que você pode fazer é me dar a água.

Franzindo as sobrancelhas, ela cruzou seus braços sobre seus seios abundantes.

— Você faz soar como se eu estivesse... Eu não sei, *arruinando* você.

Ele ergueu uma sobrancelha, seu silêncio, resposta suficiente, e a raiva dela aumentou. Qualquer vida sem Olivia realmente seria uma vida arruinada. *Legion era sua criança travessa*. Sua menina, já não parecia adequado. *Você não pode odiá-la*. Ponto.

— Dê-me a água ou eu finalmente darei a você a surra que você merece.

Agora Ira ronronou.

O demônio *gostou* da ideia de castigá-la? Ele nunca tinha gostado antes.

— Tudo bem. — Ela murmurou, e arrastou o frasco de entre seus seios. — Eles só precisam de uma gota cada. Não mais.

Porque não seria necessário mais do que uma gota, ele disse:

— Eu prometo. — E agarrou o brilhante frasco azul, o vidro estava tão frio que parecia refrigerado. Ele empurrou para uma tribuna e olhou para si mesmo. Ele ainda estava encharcado de sangue e coberto de fuligem da cabeça aos pés. Sua calça jeans estava rasgada e ele não estava vestindo uma camisa. Bom o suficiente.

— Fique aqui. — Com cada passo em direção à porta, seu sangue fluiu mais rápido e sua força se intensificou.

— Se você vai procurar pelo anjo, — Legion chamou firmemente. — você deve saber que ela partiu.

O ronronar enfraqueceu.

Aeron parou e girou.

— Partiu? Como, ela foi para outro quarto?

— Não. Ela deixou a fortaleza.

Não. Não. Ela não teria feito isto. Ela prometeu ficar até que ele retornasse e eles tivessem conversado.

Ira permaneceu mortalmente quieto.

— Você não acredita em mim, eu entendo. — Legion suspirou e caiu pesadamente de volta contra o colchão. — Ela saltou da sacada e fugiu. Ela sequer me pediu que lhe dissesse adeus. Isso é rude, se você me perguntar, mas eu duvido que você pergunte. — Ela adicionou com um resmungo.

Não!

Seu próprio protesto ecoou com o do demônio. Ele pisou para fora do quarto e desceu o corredor. Legion deve tê-lo seguido, porque ela de repente estava ao lado dele, a mão dela descansando na sua, tentando arrastá-lo para uma parada.

Seus passos nunca diminuíram a velocidade.

— Olivia! — Ele chamou.

Céus!

— Eu disse a você. Ela partiu. Ela se foi para sempre.

Ele se livrou de seu agarre e sua mão se enrolou em punhos. Olivia não era uma mentirosa. Apesar de sua voz não mais possuir aquele aro da verdade, ela não teria mentido para ele. Não estava em sua natureza. Ele sabia disto. Ele *a* conhecia. Algo deve ter acontecido. O que, ele não sabia, mas ele *iria* descobrir.

— Olivia!

Ira choramingou.

Nós a encontraremos. Ele parou o primeiro guerreiro que ele encontrou – Strider - e lançou o frasco da água em suas mãos, lançando instruções também, mas não diminuindo a velocidade em sua busca para encontrar seu anjo.

— Aeron. — Legion disse, uma característica desesperada para a palavra. — Por favor. Você iria perdê-la de qualquer maneira. E é melhor você me devolver aquele frasco no momento em que você tiver terminado, Strider, ou eu me assegurarei que você nunca tenha filhos!

Aeron voltou para se quarto com raiva, e se sobrecarregou com armas.

— Não importa se eu estou perdendo-a ou não. — Olivia, a única mulher que ele percebeu que ele sempre perseguiria, orgulho e circunstâncias que se danassem, estava lá fora. — Ela é minha. Nossa. — Ele adicionou antes que Ira pudesse protestar. — E nós não descansaremos até que ela retorne.

Capítulo Vinte E Seis

Bofetada. Ela sentiu os lábios arrebitarem.

Murro. E todo o ar saiu de seus pulmões.

Crackk. Um punho duro bateu em seu braço, partindo o osso.

Olivia aguentou isso tudo calada, suportando, mas ela não podia conter as lágrimas que lhe inundavam os olhos. A tortura começou há uma hora. Uma eternidade. Seus pulsos estavam amarrados aos braços de uma pequena cadeira de madeira; ela estava contundida, sangrando e partida.

Seu cabelo estava ensopado das inúmeras vezes que o homem chamado Dean Stefano lhe mergulhou a cabeça em água tirando-lhe a respiração. Forçando-a a engolir gole após gole de água. Agora ela estava gelada e encharcada o que a mantinha acordada assegurando que ela sentia toda a dor infligida.

O inferno seria pior, pensou ela. Vai sobreviver. Tem que sobreviver.

— Galen deixou-me encarregado de tomar conta de você. — disse Stefano, tinha o rosto coberto de fuligem e bolhas. — Especificamente pediu-me que fosse eu a te interrogar, e é exatamente o que eu farei, te prometo. Vê bem o que os teus amigos me fizeram. Eles queimaram a mim e a minha casa, escapei por muito pouco... Eles devem-me uma ou duas...

Ela olhou diretamente para os seus olhos selvagens. Estavam num tipo de armazém com chão de cimento e paredes de metal. O quarto que ela ocupava era muito pequeno. Sobre uma mesa estava uma coleção de facas que ela achava que

seria o próximo a usar pelo bastardo. Existia uma bacia da água funda o suficiente para afogá-la que ela já conhecia mais intimamente do que desejava e a cadeira ela onde ela estava.

— Pronta para conversar, anjo? — O quão tranquilo de repente ele soou. Em nada parecia o homem cruel que ele era.

Se ao menos ela pudesse dizer o que ele queria ouvir, poderia salvar os Senhores da agonia de perder uma guerra, ela pensou, então mordeu a própria língua. Não. *Não!* Galen deve estar perto. Aquele demônio dele, Esperança, deve estar brincando com ela, e esse pensamento não lhe pertencia.

Seja forte!

— Tudo que tem que fazer é me dizer onde os Senhores esconderam a Gaiola e tudo isto. — Stefano ofereceu um sorriso amável. — Seguramente quer isso.

Se queria que ele parasse? Sim. Quem não iria querer? Mas assim que ela dissesse o que ele queria saber ele a mataria. *Não esqueça esse fato.* Ela adotou uma expressão teimosa.

Ele pegou uma pena que caiu no chão quando Galen a deixou na sala e acariciou a ponta a sua mandíbula.

— A Gaiola. Onde ela está? Diga-me. Por favor. Eu não quero ter que te magoar mais.

Você sabe o que tem que fazer, uma voz de repente rosnou em sua cabeça. Não Lúcifer, não Galen. Era o terceiro naquele dia. Ela lutou contra um suspiro de alívio. Lysander. Ele estava aqui. Ela não o podia ver, não o podia sentir, mas soube que ele estava lá.

Ela já não estava sozinha.

— Anjo. — Stefano de frente para ela enrolou a mão em punho preparando-se para bater no seu braço já partido. A pena flutuou para o chão. — Fale...

— Eu não faço... Eu não faço ideia de onde está. — Uma mentira. Ela nunca pensaria que seria agradecida pela habilidade de saber mentir, mas agora era. Claro, que ele poderia não acreditar nela.

Olivia. Diga as palavras e eu te levo para casa.

Oh, ela sabia que podia partir. Sabia que podia regressar aos céus como planejou e escapar a isto. A tudo. À dor, à humilhação. Mas tinha prometido a Aeron e tinha a intenção de mantê-la. Ela não tinha se despedido dele. Ela *ia* se despedir.

— Sabe, — Stefano disse. — passeou pela fortaleza por semanas sem ninguém saber que estava lá. Com certeza que viu alguma coisa...

Olivia, por favor. Volte para mim. Eu não posso continuar a ver você gostar disto, eu não posso continuar com esta sensação de impotência sabendo que posso salvá-la, mas sem poder agir.

— Eu não posso. — Ela disse a ele.

Stefano esmurrou-lhe o braço, da mesma maneira que ela sabia que ele faria e finalmente um grito escapou. Viu estrelas piscarem em sua frente e uma vertigem passou pela sua cabeça, estrelas piscando acima de sua vista, e vertigem apressadas por sua cabeça, indo de um templo até o outro.

Olivia!

— Eu não posso. — Ela disse novamente, ofegando.

Bofetada.

— Pode. — Respondeu o humano pensando que ela falava com ele. — Não está valorizando aquilo que posso e irei fazer contigo e isso me magoa.

O picar dentro da boca já rasgada aumentava.

Olivia, Lysander rosou outra vez. Isto é loucura. Nada disto vale a pena. Volte para casa. Por favor. Eu não posso te ajudar mais até que o faça.

— A tua esposa... Não iria... Querer isto. — Agora ela falava para Stefano e ignorava Lysander. Ela estava feliz por ele estar aqui, sim, mas ela não ia ceder à pressão.

Na sua investigação, Olivia soube que Darla, a esposa em questão, cometeu suicídio. Por causa de Sabin, guardião da Dúvida, e de Stefano - os dois homens que a amaram. Ela foi presa na guerra entre os dois e só teve a morte como escapatória.

Stefano estreitou os olhos, protegendo a escuridão de suas íris.

— Ela foi enganada. Os demônios a fizeram gostar deles. — Ele abaixou se e agarrou-lhe os braços pela parte partida e apertou. — Se ela estivesse consciente ela teria querido que eu fizesse *mais*.

Outro grito escapou-lhe. A dor era tão afiada, viajou por seu corpo inteiro antes de chegar ao estômago e queimar.

Olivia!

— Aeron vai me odiar mais que nunca também, quando eu lhe mandar um dos teus dedos. — Stefano disse tão tranquilo quanto quando ele a acariciou com aquela pena. — Então ele virá atrás de você e acabará morrendo por sua culpa. Isto é um preço que está disposta a pagar? Diga-me onde está a Gaiola e eu lhe pouparei a vida...

Lá estava novamente. Aquela esperança para um futuro melhor. Se ela dissesse a Stefano o que ele queria saber, ela seria livre novamente para voltar para Aeron, podiam ficar juntos para sempre, podiam fazer amor outra vez e até começarem uma família.

Será que Galen sabia o que o seu homem estava fazendo para conseguir as respostas que procurava? Será que ele se importava? Ele percebia o que a proximidade estava fazendo com ela?

Olivia, maldita seja. Não tem que lhe dizer nada, não tem que suportar nada, só tem de voltar para casa.

Inspirou e expirou, lutando com seus desejos. Lutando com a sua esperança. Lutando com a dor. Ela abriu a boca. O que ela ia dizer nunca saberia, pois Stefano bateu-lhe e ela não chegou a formar uma única palavra. Tudo desvaneceu, afundou... Desapareceu...



— Vai levar mais tempo e pode não dar nenhum resultado.

Aeron estudou o amigo, apenas capaz de segurar-se a ele próprio e evitar saltar sobre os seus grandes ombros e o abanar. Os olhos mosaicos de Lucien um castanho e um azul, apresentavam um olhar de solução horrenda.

— Eu não me importo quanto tempo leve. Só faça isso.

Ele quis abanar-se a ele próprio por não ter pensado mais cedo.

Toda a gente pensou que Olivia regressou aos Céus, como Legion anunciou. Maldição, todos viram o vídeo gravado por Torin. Ela saltando da sacada do quarto dele.

Ele reviu mentalmente a cena constantemente. Ela de pé dentro de seu quarto, observando a noite. Ela endureceu, girou. Depois girou outra vez, caminhou do lado de fora, a sua boca mexia como se ela falasse com alguém - Legion disse que ela falava sobre sua excitação de se reunir a seus amigos - mas ele tinha visto *terror* na sua expressão. Então, ela saltou. Caindo, caindo e depois começou a *subir* rapidamente. Sem as asas.

Como ela poderia ter voado sem suas asas? Por que ela teve medo?

Os outros assumiram aquele terror originou-se medo do desconhecido, de perguntar-se como os anjos a receberiam. Aeron conhecia-a bem. Olivia não temeria isto. Ela disse-lhe que os anjos perdoavam - pacientes, tinha sido sua palavra - e que a receberiam com braços abertos.

A única conclusão racional era que Legion estava mentindo. Novamente. O que significava que Olivia tinha sido levada como ele inicialmente assumiu. E só existia uma maneira disso ter acontecido. Galen! Galen usou a capa da invisibilidade.

Salve-a. Castigue-o.

O demônio desejou salvar primeiro e castigar depois provando assim a profundidade do seu afeto.

Aeron bateu toda a cidade de Buda. Ele invadiu edifícios, aterrorizou cidadãos e matou. Oh, teve que matar e felizmente, sem peso na consciência, descobriu muitos caçadores que estavam nas redondezas. Ele nunca conseguiria remover o sangue das suas mãos. E mesmo assim continuou sem nenhum sinal de Olivia, nenhum odor, nenhum rumor, nenhuma pista. Ele estava desesperado. Com um desespero crescente.

— Anda. É a melhor altura para começarmos. — Ele levou Lucien corredor abaixo desde seu quarto, onde ele abriu violentamente a porta.

Legion, estava novamente em sua cama, sentada... O lençol caiu-lhe na cintura, revelando o peito nu.

— Finalmente. Está pronto para mim ou não?

Ele ignorou-a - como quando ele lançou o frasco sobre Strider - ele estava tão bravo com ela que nem soube como tratá-la, afastou-se e deixou que Lucien entrasse no quarto.

Legion soltou um suspiro de frustração.

— Trouxe companhia? Agora?

Ela foi chicoteada por Ira.

Aeron sentiu que o demônio gostou que ela tivesse ficado quieta, porque apesar da sua raiva, ele não a queria magoar. Mas Ira já não era calmo com ela. Ela destruiu o seu pedaço de -céu - e ninguém podia esquecer isso.

Lucien foi cuidadoso em não olhar em direção à cama. Ele parou no centro do quarto e girou lentamente. Ele estava aqui para captar rastros do espírito de Olivia - rastros que podiam ser seguidos até onde ela estava presa. Aeron cerrou os punhos

— Deuses. — Lucien disse, o temor de seu tom era claro. — Ela tem o espírito mais puro que eu já vi alguma vez.

Aeron não podia ver isto, mas sentia, assentiu com a cabeça.

— Eu sei.

— Quem? — Legion perguntou fazendo beicinho.

Novamente, ele ignorou-a. Só sobravam seis dias para ele estar novamente com ela e ele não sabia se ia conseguir sequer salvar os seus.

— Eu vou seguir o rastro ate onde vai, — Disse-lhe Lucien. — e se eu...

— Quando você. — Aeron corrigiu, um grunhido baixo formou-se na garganta. *Ela está bem. Ela tem que estar bem.*

O guerreiro assentiu.

— Quando eu a encontrar, voltarei para vir te buscar. — Com isto, Lucien desapareceu no reino dos espíritos para seguir o rastro.

Deuses, ele sentiu-se impotente. Ele queria — precisava — estar lá fora procurando ativamente ele mesmo. Mas sua primeira tentativa não surtiu nenhum efeito, e no fundo sabia que outra procura não iria adiantar. Galen podia ter levado-a para qualquer lugar e Lucien chegaria muito mais rápido. Se Aeron deixasse a fortaleza agora, Lucien teria que procurar a ele também após tê-la descoberto.

— Aeron! — Legion saltou para seus pés, amarrando nele o lençol enrolado a sua volta. — Isto é sobre o anjo, eu sei. Bem, ela foi embora. Deixe-a ficar onde está. Nós ficamos melhor sem ela. Porque não consegue ver isso?

— Nós não estamos melhores sem ela. — Ele gritou incapaz de controlar o seu temperamento. Ele enfrentou-a, olhando-a fixamente com raiva. Porque *ela* era incapaz de ver o quanto ele necessitava de Olivia? — Ela é melhor que qualquer um de nós!

O brilho da desilusão ofuscou-lhe o olhar como lagrimas.

— Eu não acreditei nela, mas ela estava certa. Você... Você a ama.

Aeron não se permitiu o luxo de responder. Se ele admitisse, até para ele mesmo, que ele amava Olivia, ele não a poderia deixá-la ir quando chegasse a hora. Ele a manteria, não importava as consequências.

— Diga-me o que aconteceu quando ela desapareceu. E diga-me a verdade, maldita seja!

Ela abriu sua boca, para mentir. Ele soube; Ira sentiu.

— Não o faça. — Com qualquer outro, o demônio o teria enchido de desejo de mentir também. Os pecados de Legion nunca aborreceram Ira antes, nunca ligou sequer, mas furiosos como eles estavam com ela, isso estava mudado. — A verdade, maldição. Apenas a verdade. Depois de tudo o que fiz por você, será que mereço menos?

— Está... Está certo. Eu... Eu sinto muito. Eu pensei que fosse mais fácil para você pensar que ela te deixou.

Não. Caralho, não. Um grito cru ecoou dele, de Ira.

— Então Galen...

— A tem. Sim. Eu sinto muito, Aeron. Muito mesmo.

Tendo suas suspeitas confirmadas... Bem, ele poderia também cortar o coração de seu peito e queimá-lo. A sua bela Olivia, estava realmente com o seu inimigo, provavelmente a magoa-la de maneira insuportável, pois misericórdia não era algo que Galen conhecesse.

Ele pendeu a cabeça para trás e rugiu.

— Aeron. Diga-me o que posso fazer para...

— Cale-se! — Encarou-a, e mordeu a sua própria bochecha ate que sentiu o sangue. — Você magoou uma mulher que desistiu da sua vida para nos salvar. A todos nós! Não só a mim, mas a você também. Se está aqui, deve isso a ela.

— Eu sinto muito. — Legion repetia humildemente olhando para o chão. — Eu realmente sinto muito...

— Agora não importa. — Não ia devolver Olivia.

Castigue-a.

Ira exigia. O demônio lançou-o na direção dela.

Ela nos traiu...

Cuidado. *Não prefere salvar a Olivia?* Aeron perguntou.

Ira transformou-se em tristeza. *Céus.*

Tomou isso como um sim. Empurrou Legion através da sua mente, Aeron foi até o seu armário para preparar-se para o regresso de Lucien, armando-se o melhor que podia.

Por via das dúvidas, ele pegou também o que restou do Rio da Vida, meia garrafa. Não explicou a Strider as instruções assim tão bem, mas um pouco era melhor que nenhum. Se tudo corresse bem, Olivia não iria necessitar. Mas se Galen a *tivesse* magoado, não existiria lugar onde aquele bastado pudesse se esconder ou nada que o protegesse. No fim Aeron o acharia.

Vingança.

Sim. A vingança seria sua.



O que eu fiz? Pensou a Legion horrorizada assim que saiu do quarto que ele tinha decorado para ela. Ele estava sofrendo. E a culpa era dela. Ele estava certo. Ele só a tinha tratado com generosidade e ela o reduziu a *isto*. O olhar dele estava vazio, a sua voz cheia de desespero.

O seu estômago embrulhou com náusea. Ela faria qualquer coisa, qualquer coisa, para ajudá-lo. Talvez... Talvez até afastar-se de forma a ele e Olivia poderem estar juntos novamente. *Não. Não pense assim.* Porque ela fez aquela barganha miserável com Lúcifer, o seu destino estava traçado. E o de Aeron também.

Tinha que haver outra maneira de fazer Aeron feliz, outra coisa que ela poderia fazer para ajudar... Algo como...

A resposta atingiu-a. E ela fechou os olhos.. *Não, não, não*, ela pensou. Mas então... *Era a única maneira...*

Por Aeron.

Com as mãos trêmulas, ela arrastou-se nas roupas... Um par de calças e uma camiseta que Danika lhe emprestou. Ela podia conseguir trazer o anjo de volta. Não para ela e Aeron ficarem juntos, mas para que finalmente ele pudesse se despedir. Legion não podia seguir rastros de espírito como Lucien, mas ela podia sentir aos seus irmãos. Foi assim que ela encontrou Aeron no dia em que o viu pela primeira vez. Ela sentiu o seu demônio perto. Ela poderia sentir Galen, também.

Eu não devia tê-lo deixado levar o anjo. Apesar do capote ela soube o

momento em que ele andou pelo quarto, e nunca disse nada, demasiado concentrada em livrar-se da competição. *Eu sou uma menina má, muito má.*

Encontre-o. Sim. Certo. É isso que ela faria. Ela iria trazer ambos, Olivia e Galen, e Aeron iria adorá-la novamente.



— Deixe-me só, criança.

— Eu não sou uma criança. — Gilly colocou suas mãos nos quadris, era o retrato de amuo feminino. Um amuo muito-jovem feminino. — Precisa de alguém que cuide de seus ferimentos...

— Meus ferimentos, — William disse a ela com uma carranca. — estão curando bem. — Desde que ele retornou a fortaleza crivado de cortes que ela estava sempre em cima dele.

Claro que ele gostou disso. Que homem não gosta de ser paparicado? Mas ele manteve em mente que Gilly era condenadamente jovem para ele. E ele estava em pânico. Ele não devia ter que se lembrar disso constantemente, pois sempre preferiu mulheres mais velhas, mais sofisticadas.

Ele não devia ter que lembrar a ele mesmo que ele até preferia mulheres casadas. Deuses, ele amava mulheres casadas. As com os corações partidos, também. Eles eram fáceis de enganar. Realmente, alguém com baixa autoestima era um afrodisíaco para ele. Ele sentia-se eufórico, sentindo-as a florescer com as suas lisonjas. Mas a pequena e adorável Gilly?!

Não. Não, não, não. Fora dos limites. Nunca. Não importa a idade. Com todas as mulheres que ele havia tido - e sim existem milhares - ele soube que não se estraga as coisas de casa. Isso faz muita bagunça. Estraga-se na casa dos outros.

— Porque está sendo assim? — Ela prendeu uma mecha escura de cabelo áreas das orelhas. Uma orelha delicada. Uma orelha feita para acariciar.

Idiota!

— Sai. — Disse ele mais severamente do que pretendia.

Ela vacilou, e então como que um véu de tristeza cobriu os traços de seu adorável rosto.

— E vou onde? As outras meninas estão com os namorados e eu não gosto de rondar os homens solteiros.

Uh, olá.

— Eu sou solteiro.

— Sim, mas não é como eles. — Ela disse, olhando para os sapatos.

Isso era verdade. Ele era mais bonito e inteligente. Provavelmente um pouco mais mortal, também.

— Gilly. — Ele disse com um suspiro. — Eu penso que é hora de termos uma conversa. Eu sinto que tens algum... Tipo de sentimento para comigo. Eu não te culpo. Inferno, eu sei que é inteligente e perspicaz. Mas nós somos amigos, você e eu, e isto é tudo que nós podemos ser.

— Por quê? — Aqueles grandes olhos com suas enormes pestanas

questionavam-no, imobilizavam-no, dando-lhe ideias que ele não devia ter. Como ensinar-lhe que o prazer não tinha de ser mau.

É pior que um idiota. Ele queria moderar seu tom.

— Porque é muito jovem para estar com um homem e entender o significado.

Ela riu amargamente.

— Eu há vários anos que *sei o que isso significa*.

Lá estava outra vez, uma confirmação verbal de coisas que lhe tinham feito. Coisas que nunca deviam ter sido feitas.

— Quem esteve contigo fez mal. — Disse firmemente. — Muito mal.

Um rubor subiu-lhe as bochechas e ele não estava certo se o rubor era de vergonha ou de alívio por alguém reconhecer que ela foi mal tratada. Ela não sabia que ele soubesse sobre o padrasto e não iria dizer-lhe; ela só soube que William culpava às pessoa que a machucaram, não a ela.

O que era verdade. Seu padrasto devia ser baleado. E estripado. E então enforcado. E então incendiado. E William assistiria. De fato, seria a sua próxima missão. Sua mãe não gostaria muito.

— Com você não seria errado. — Ela sussurrou.

Deuses, ela queria matá-lo.

— Porque você me ronda? — Ele não lhe diria o que planejava. Ela poderia tentar impedi-lo. — Onde sou diferente dos outros?

Ela lambeu os lábios, a ponta rosa de sua língua desapareceu antes de ele ter observado o suficiente.

— Bem, não fuma.

Foi *isso* que ela achou atraente?

— Temos outros homens daqui, e diferente deles eu estou ponderando estudar o hábito. — E começaria imediatamente — E não usarei filtro!

Ela cruzou seus braços sobre o peito bateu com as unhas.

— É mais que isso. Você é bonito, como mesmo disse.

— Não existe como negar esse fato.

— Modesto, também. — Ela secamente adicionou.

Ele era o que ele era. Ele soube da atração, e não tinha vergonha de admitir.

— A aparência não é tudo. Especialmente porque não sou tão linear assim. Eu uso as mulheres, Gilly. Eu durmo com elas e então as deixo mesmo que elas queiram mais de mim. — Ele odiou manchar as ilusões dela sobre ele, mas tinha que ser feito. Um deles tinha que ser esperto neste assunto.

Ela trocou de um pé até o outro, uma vez mais olhando para ele.

— Eu soube disso tudo. Eu ouvi conversas sobre você.

— De quem? — Quem tinha fofocado sobre ele precisava ser...

— Anya.

Espancada. Duramente.

— O que ela possa ter te dito, lembre-se que ela é mentirosa...

— Ela disse que você faz uma mulher esquecer as suas dificuldades. De tal forma que uma mulher fica mais feliz quando a deixa do que quando a encontra, não importa o coração quebrado que deixa para trás.

Oh.

— Bem, por uma vez ela não mentiu. — Seu toque era mágico. — Mas escute-

me. Em alguns anos, o homem *certo* vai aparecer e você vai ser feliz. — Certo, aquele homem teria que se encaixar nos padrões de William para ganhar a sua aprovação, mas ultrapassariam esse obstáculo quando chegassem a ele. — Quanto a mim, eu não sou esse homem. Eu não sirvo para ninguém a longo prazo.

Novamente, a dor manchou o seu rosto.

— Mas...

— Não. Nós não vamos acontecer, Gilly. Não agora, nem no futuro.

Ela tragou, recuperando a sua compostura.

— Muito bem. — Ela finalmente disse. — Eu vou te deixar só. Como prefere.

— Fiel a sua palavra ela saiu do quarto batendo a porta atrás dela.

Infelizmente, ela deixou o doce odor da baunilha, que lhe torturou o nariz.

William obrigou-se a ficar de pé, os flancos doíam, os ferimentos ainda estavam no processo de cicatrização, mas ele tinha de sair dali antes fosse atrás dela. Quanto mais distância entre ele e Gilly melhor. Além disso, ele tinha cigarros para comprar.

Talvez ele fosse ajudar Aeron a encontrar o seu anjo — não se importava se era possível ou não encontrá-la — e então ele estaria totalmente recuperado e ele localizaria e mataria a família da Gilly.

Um bom plano, se ele pensava realmente assim porque se sentia de repente tão incompleto?



Uma esposa, Gideon pensou, ofuscado. Ele tinha uma esposa. Uma esposa ele não lembrava. Como era possível?

Depois de Scarlet ter anunciado, parecia ter tropeçado no calabouço. Ele não soube o que lhe dizer. Não soube se podia acreditar nela. Mentiras não ajudavam absolutamente nada. Tudo que ele soube é que não quis deixá-la, mas ele prometeu fazer isso, então ele teve que deixá-la.

Só que ele ficou perto, nas escadas, esperando pensando, debatendo-se se ela ia chamá-lo. Ela não chamou. E agora horas mais tarde ela estava dormindo e ele estava indo... A algum lugar. Ele olhou para cima, tentando orientar-se quando encontrou um igualmente distraído Strider.

— Olha por onde anda, — Disse o amigo com um sorriso. — e não devia estar no seu quarto?

Ele estava com o ombro encostado contra a parede para suporte, arquejando e suando. Ele já não comia há muito tempo e estava a enfraquecendo a cada segundo.

— Provavelmente não. Não preciso de ajuda.

Preocupação afugentou o sorriso de Strider.

— Permita-me.

Um braço forte apertou sua cintura e Gideon trocou seu peso.

— Não obrigado, inimigo.

— De nada. — Algum tempo Strider contou-lhe sobre o bombardeio do Asilo e a sua vitória. E isso explicava o brilho feliz nos seus olhos... Mas existia algo mais

algo escuro e triste.

— Não é o melhor momento, mas que tal me dizer o que está te perturbando?

Strider olhou para trás e examinou o corredor, assegurando-se que estavam sozinhos. Estavam a sós mas mesmo assim ele manteve-se calado até que Gideon entrou no seu quarto e se sentou no colchão.

Ele se sentou na cadeira de Ashlyn, uma vez sentado apoiou os cotovelos nos joelhos e debruçou-se para frente e pousou a cabeça nas mãos.

— Escuta isto. Encontramos os Tácitos. E eles são maus, cara. Maus mesmo. Eles sabem onde o quarto artefato está e eles estão dispostos a dá-lo a quem lhes trazer a cabeça de Cronus. Até aos Caçadores.

— Então nós não vamos..?

— Não, nós *não vamos*. Lembra-se da pintura que Danika fez de Galen?

Merda. Sim, lembrava-se. Nela, *Galen* tinha a cabeça de Cronus.

— Se isso se realizar, — Strider continuou. — os Tácitos que são extremamente poderosos serão libertados das regras de Cronus e poderão fazer o que quiserem. Como, sei lá, comer todas as pessoas do planeta. Notei que eles gostam de uma dieta rica em órgãos.

Merda.

— Isso é incrível.

— Eu convoquei Cronus esperando poder conversar com ele sobre isto para ver se havia alguma maneira de destruir os Tácitos antes que Galen se torne criativo com a faca, mas ele ignorou-me. Torin também o convocou e nada. E ouve isto, fui falar com a Danika e ela acabou o seu último quadro.

Medo rolou por Gideon. Normalmente, Strider apreciava um desafio. Agora ele parecia doente.

— Eu não quero saber...

— Vai mudar de ideia quando ouvir isto. Era de Cronus e da sua esposa Rhea. Oh, sim! Sabia que Rhea está ajudando os Caçadores? De qualquer maneira eles contam com Lysander, Cronus deitando fumo e Rhea aplaudindo. E Lysander é o anjo marido de Bianka.

— Não. — Sim.

— Então Cronus está furioso com Lysander e Rhea está contente com ele. O anjo não nos diz respeito. Bem, o seu demônio descobriria isso. O que é uma mentira. O anjo diz nos respeito, sim senhor.

— Por favor, não continue. Não se preocupe com os detalhes. Quer dizer, eu adoro que esteja investigando isto.

Ele estava dando as más notícias aos poucos para que não caísse como uma bomba, assim tinha tempo de reunir coragem. Mesmo assim Gideon não conseguia suportar muito mais. Strider olhou para cima com uma expressão mortificada.

— Aeron estava lá na pintura e Lysander cortou-lhe a cabeça.

Capítulo Vinte E Sete

Foi a dor que a acordou.

Olivia lentamente abriu os olhos. *Bip, bip*. Inicialmente, o quarto estava nebuloso, como se alguém o tivesse manchado com óleo. Mas então, pouco a pouco a claridade surgiu. Não uma clareza total – os olhos dela estavam inchados – mas o suficiente para ver que ela ainda estava no armazém, mas em outra sala. Esta tinha macas. Ela estava presa em uma intravenosa, e tinha eletrodos cobrindo o peito, monitorando seu batimento cardíaco. Seu braço quebrado não estava com gesso, ela notou, mas algemado a armação da maca.

— Lysander?

Mesmo falar estas poucas sílabas causou a sua garganta nada além de agonia. Lágrimas surgiram de seus olhos devastados.

Não houve resposta.

Ela tentou novamente.

— Lysander

Novamente, nada.

Então, ele tinha ido embora. Ele não a teria ignorado, este não era seu estilo. Ele teria gritado mais ainda com ela e agora, aquela gritaria seria bem vinda. Ela estava sozinha e assustada.

Não, sozinha não, ela percebeu, seu olhar verificando o resto do ambiente. Ao lado dela havia um homem em sua própria maca. Um homem que ela não reconheceu. Ele era jovem, talvez com uns vinte e poucos anos, e havia hematomas sob seus olhos. Suas bochechas estavam escavadas e sua pele um pouco desgastada²³.

Ele estava olhando para ela.

Quando ele percebeu que foi descoberto, ele se ruborizou e disse:

— Uh, olá. Estou feliz que você esteja acordada. Meu nome é Dominic.

— Olivia. — Ela disse automaticamente. Ow. Aquilo doera ainda mais.

— Você soa horivelmente. — Remorso e culpa derramavam sobre ele. — Nós supostamente somos os mocinhos, você sabe. Stefano me disse que você era a namorada de Ira, mas eu não me importo. Você não deveria ter sido machucada desta forma. Nenhum humano deveria ser machucado desta forma.

Ele não precisou perguntar quem o “nós” era. Os Caçadores. Seu olhar percorreu o corpo do garoto, procurando por lesões. Ele estava sem camisa e não havia nenhuma atadura em torno de seu ombro e mão. A única em torno de sua costela estava manchada de sangue seco. Ele usava um par de calças soltas.

— Machucaram... Você também?

Ele não pareceu ouvir, de tão perdido em seus pensamentos.

— Eles me disseram que nosso líder é um demônio também. — Assim que a última palavra foi pronunciada, ele começou a tossir. Tossir com tanta força que ele cuspiu sangue. Quando ele finalmente se acalmou, ele completou. — Eu deveria ter acreditado neles. Depois do que foi feito com você, eu tenho que acreditar neles.

Neles. Os Senhores? Ela não conseguiu sentir um tom de mentira em sua voz, mas também ela não pode sentir a verdade, todavia. De qualquer forma, ela sabia do

²³ Como se tivesse icterícia. É uma síndrome caracterizada pela coloração amarelada de pele e mucosas devido a uma acumulação de bilirrubina no organismo (hiperbilirrubinemia). Há três causas possíveis para o aumento dos níveis de bilirrubina no sangue:

- Hemólise, isto é, a destruição de hemácias que leva à produção de bilirrubina a partir da hemoglobina
- Falha no mecanismo de conjugação nos hepatócitos
- Obstrução no sistema biliar

OBS: a hepatite causa o amarelamento da pele e dos olhos através da acumulação da bilirrubina.

fundo de seus ossos que ele não viveria muito mais tempo. Ela odiava que ele fosse morrer assim, aqui. Como ele provavelmente iria.

Não. Não. Ela não deveria pensar assim. Ela portava uma alegria no coração, tantas emoções, sim, mas isso não significava que ela era uma impotente. Ela resistiu ao fogo do inferno. Ela suportou ter suas asas arrancadas de seu corpo. Ela poderia escapar disso. Ela *iria* escapar disto.

Dominic se sentou, hesitou um pouco e esfregou suas têmporas. Quando ele se estabilizou, chutou as pernas para o lado da maca e se levantou.

— Cuidado. — Ela conseguiu resmungar.

Novamente, ele pareceu não ouvi-la.

— Eles me encontraram na rua. Eu era um ladrão e um puto e eles me disseram que não era minha culpa. — Havia vergonha em sua voz, vergonha muito maior do que o remorso havia sido. — Me disseram que a *culpa* era deles. Dos Senhores. Que o Demônio da Derrota estava se alimentando de mim e de minhas circunstâncias. Eu acreditei neles porque era mais fácil do que me culpar.

— Mentiram. — Ela disse. Ele estava fazendo uma última confissão e isso quase a fez chorar. A Morte não deveria incomodá-la. Nunca o fez antes. Mas agora ela sabia a finalidade disto. Este garoto, porque era isso que ele era, deveria ter tido a oportunidade de viver uma vida longa e feliz. Em vez disso, ele conheceu apenas tristeza e arrependimento.

Um passo vacilante, dois, ele andou a sua maneira em torno da maca, se aproximando dela.

— Eu sei que eles mentiram. Agora. Os Senhores, eles me mandaram de volta. Libertaram-me. Eles não queriam, mas o fizeram. *Derrota* o fez e havia compaixão em seus olhos. Eu vi. Maldade não sente compaixão, sente?

— Não.

— Eu o estudei você sabe? Mais do que os outros. Eu queria matá-lo, mas ele me salvou. E Stefano, o que ele fez com você... — Dominic sacudiu a cabeça, franziu o cenho. — Não há compaixão no ato de espancar uma mulher indefesa. Galen estava irritado quando descobriu, mas o *anjo* não puniu Stefano por suas ações.

Galen chateado com os maus tratos a ela? Surpreendente.

Quando Dominic finalmente a alcançou, ele lhe ofereceu um pequeno sorriso que conseguiu ser triste e feliz ao mesmo tempo.

— Aqueles bastardos nunca imaginaram que eu te ajudaria. — Ele puxou um dos laços de sua calça e lá no final pendia uma tira fina de metal. — Estavam errados. Ao longo dos anos, eu aprendi a sempre estar preparado para qualquer coisa.

Os olhos dela se arregalaram em surpresa enquanto ele trabalhava no punho de seu cativeiro. Eles, os olhos dela, choraram novamente. A dor estava insuportável, quase a mandando de volta para aquele buraco negro. Felizmente, o metal rompeu antes dela cair, a libertando, facilitando a agonia de alguma forma.

— Obrigada.

Ele balançou a cabeça.

— Nós temos dez minutos. Talvez. Alguém sempre vem aqui para te checar. — Enquanto ele falava, ajudou-a a se sentar. — Além disso, eu deveria ligar para o Galen quando você acordasse. Claro que eu não farei isso. — Com apenas uma pausa, ele acrescentou. — Na porta vamos virar à esquerda. Passaremos todas as

portas e espero que meu corpo bloqueie o teu. Há homens aqui, apenas alguns, mas mesmo sendo a equipe médica eles não hesitarão em te derrubar se perceberem que você é e que você está livre.

Incerta, Olivia colocou seu peso sobre seu pé esquerdo e depois sobre o direito. Eles se mantiveram. Um suspiro de alívio separou seus lábios – e a fez estremecer. Seus lábios foram cortados e a ação, mesmo sendo pequena, separaram as abrasões.

— Eu não posso partir sem a capa. — Disse ela. — Onde está...

— Impossível. Galen a mantém com ele o tempo todo. A única forma de consegui-la é confrontá-lo e você não sobreviveria se fizer isso.

Dominic estava certo. Ela não tinha a força para derrotar Galen. Mas ela não podia deixar a capa em sua posse. Ele poderia “sequestrar” alguém. E ele o faria. Galen não hesitaria, e ele pode não ser tão... Clemente coma próxima pessoa.

— Vamos. — Dominic disse e com a mão em volta de sua cintura, ele a conduziu pela única porta.

— Onde está Galen agora?

— Oh, não. Eu sei o que você está pensando, mas eu já te disse. Não podemos fazer isso. Não há forma de fazê-lo.

— Eu tenho que tentar. — Disse ela, deixando sua determinação escoar.

Ele se silenciou, fechou seus olhos. Ela podia sentir o coração dele bater contra suas costelas, errático, com dificuldade.

— Ele está aqui. Esperando. Impaciente. — Ele sorriu amargamente. — Tentei te acordar mais cedo, mas você estava muito fora de si.

Se ela fugisse, Galen abandonaria este armazém e nunca mais voltaria, sabendo que ela poderia trazer os Senhores aqui. Ela não mais saberia como encontrá-lo e isso era uma vantagem da qual ela não desistiria.

— Eu quero que você vá sem mim. — Ela disse. Ela deu as indicações para a fortaleza. — Os Senhores o localizarão quando você chegar à colina. Pergunte por Aeron e diga a ele...

— Não. — Dominic sacudiu a cabeça. — Quantas vezes eu tenho que te dizer. Você não pode vencer Galen. Ele vai te matar antes de ir embora com aquela capa. Eu estou morrendo de qualquer forma, eu não me importo de fazê-lo ou outra pessoa. Mas não você... Não. — Ele disse novamente. — Eu não te deixarei. Eu não morrerei sabendo que não fiz nada para te ajudar.

Ela abriu a boca para protestar, para dizer a ele qualquer coisa que o convencesse a fazer o que ela queria, mas o som de passos e um grito distante a impediu.

Dominic enrijeceu.

— Ele está voltando para te verificar. — Ele sussurrou horrorizado. — Merda, merda. — Ele a arrastou até a porta e a pressionou contra a parede, onde estariam escondidos quando aquela porta se abrisse.

— Eu não posso ir sem a capa. Apenas não posso.

Novamente Dominic fechou seus olhos, como se estivesse pesando suas opções. Levou apenas um segundo, um segundo que parecia se arrastar pela eternidade, mas quando os abriu havia uma expressão de determinação mais profunda do que ele vira em qualquer outra pessoa antes.

— A capa estará no bolso dele. Quando dobrada, ela encolhe. É cinza, macia.

Agarre-a e fuja. Não olhe para trás. Apenas fuja. Certo?

Tal como o dele, o coração dela estava batendo contra suas costelas. Suor caía sobre sua pele, seus membros tremiam e sua boca estava seca.

— E quanto a você? — Ele alegou que estava pronto para morrer, mas ela não estava pronta para vê-lo morrer. Ele era um bom garoto que vira muita coisa ruim em sua vida curta. Ele merecia um final feliz.

— Eu cuidarei de Galen. Certo? — Ele puxou o outro cordão de sua calças e havia uma lâmina adjunta. Suas articulações embranqueceram enquanto ele empunhava a arma. — Apenas alcance o bolso dele, agarre o que puder e corra.

Bolsos. Galen vestia um manto assim como o de Olivia, então ela sabia onde estavam os três bolsos. Dois deles a direita e um a esquerda. Seria impossível revistar todos os três ao mesmo tempo. Ainda sim ela disse:

— Ok. — E rezou para escolher corretamente.

A porta se abriu e Galen caminhou para dentro. Ele parou no centro da sala, movendo a cabeça para a direita e para a esquerda examinando as macas vazias. Ela não pensou em suas ações seguintes, apenas se empurrou contra ele deslizando suas mãos nos lados dele, em seus dois bolsos.

Ele amaldiçoou e tentou afastá-la. Talvez Lysander a estava ajudando afinal de contas, porque Galen não conseguiu.

Seu braço quebrado latejava, seus dedos inchados e lentos para reagir a comandos mentais, mas ela pegou tudo o que ela tocou, virou-se e correu. Assim como Dominic queria.

Dedos tocaram seus cabelos e empurraram, mas ela continuou se movendo.

Ela passou pela porta, a meio caminho esperando que mãos duras tocassem seu ombro ou emaranhando seus cabelos novamente, mas isso nunca aconteceu. Em vez disso, ela ouviu um grito, um grito de dor e sabia que Dominic tinha acabado de esfaquear Galen.

A fachada não manteria o imortal baixo por muito tempo.

Pelas portas abertas de outras salas, vários homens correram para o corredor. Enquanto os olhares confusos e em pânico a atingiram, ela aumentou a velocidade de sua corrida e olhou para a sua recompensa. Ali, no centro de sua palme, era um quadrado composto de material cinza.

Alívio. Excitação. Sim, ela vivenciou ambos. Eles lhe deram força. Olivia abandonou todo o resto, não era importante agora e sacudiu o material. Por causa de sua desatenção, ela se chocou contra uma sólida parede de um homem.

A ação a abalou, a machucou, mas não o suficiente para fazê-la parar de sacudir o material enquanto ela caía. Assim que o homem se curvou para agarrá-la, ela se cobriu com a capa.

Num minuto ela poderia ver seus membros, no próximo não podia. *Nem mesmo respirou*. Permaneceu quieta.

Todos os homens giraram, franzindo a testa, procurando por ela. Eles atiraram no lugar em que ela estivera, mas ela já tinha se movido. Ela se pressionou contra a parede, e eles finalmente passaram por ela gritando por ajuda.

Galen saiu da sala, o sangue jorrando de suas entranhas. Ele estava arrastando um inconsciente amarrado – *por favor, deixe-o viver* – Dominic atrás dele.

— Para onde ela foi? Ele exigiu.

— Eu não sei.

— Ela simplesmente desapareceu

Galen passou sua língua por entre os dentes. Ele derrubou Dominic, que nem se quer proferiu um suspiro.

— Ela não pode ter ido longe. Ela está machucada. Espalhem-se e avancem em direção ao covil dos demônios. É para lá que ela está indo. Se vocês sentirem qualquer coisa que não possam ver atirem. Se vocês ouvirem uma mulher ofegante que não possam ver, atirem. Entenderam? Estou cansado de ser bonzinho. Ela tem algo que me pertence. Não pisem no morro, apesar de tudo. Os Senhores vão ver vocês e eu ainda não estou pronto para isso;

Um coro de “Sim” foi emitido e os homens se foram.

Galen ficou lá por um tempo, estalando seu queixo, respirando profundamente. Olivia não ousava arriscar uma exalação, ela simplesmente segurou oxigênio em seu nariz e esperou. Finalmente, ele se foi, seguido atrás dos homens.

Ela andou na ponta dos pés e colocou seus dedos no pescoço de Dominic. Sem pulso. Seu queixo tremia e novamente lágrimas saíram de seus olhos. Ele esteve pronto para morrer, até mesmo desejou, mas isso ainda machucou o coração dela. Ele nunca conheceu alegria. Ele deveria ter conhecido alegria.

Reze pela Alma dele. Depois. Você não pode ajudar ninguém se você morrer também. Olivia levantou-se, suas lágrimas caindo de seu rosto como chuva. Ela mal podia ver a sua frente, mas seguiu tropeçando. Indo pelo mesmo caminho de Galen.

O corredor conduziu para uma área vazia, mas a área vazia levou a uma porta fechada. A saída. Provavelmente. A abertura entre as portas duplas revelaram uma brecha de luz solar.

Engolindo, ela segurou sua mão machucada e empurrou os painéis abertos. E com certeza o sol estava brilhando sobre um estacionamento. Muito brilhante para sua nova e sensível visão. Ainda, ela piscou contra os raios e marchou para frente.

Até que um sorridente Galen pisou em seu caminho.

Suas asas estavam bem abertas e ela estava se movendo rápido demais para parar. Ela bateu nele e tombou para trás, caindo na parede metálica do armazém. Com o choque, um suspiro doloroso, ela deslizou pelo chão carregado de pedras.

— Eu achei que você ficaria para checar o garoto. — Ele disse ampliando o sorriso. — Seus amigos causaram a morte dele, e mesmo assim você ainda pensa em retornar a eles. Tão decepcionante. Tão previsível.

Bastardo!

Ele estendeu a mão para a parede e Olivia rolou para fora do caminho, agarrando tantas pedras quanto podia, ela ficou sob seus pés, cuidadosamente para não fazer barulho e Galen acabou batendo no prédio.

Ele se endireitou.

— Não importa. Eu posso ver as suas pegadas. É apenas uma questão de segui-la agora.

Obrigada pelo aviso. Ela ziguezagueava a esquerda e a direita, o olhar se movendo continuamente, procurando um caminho seguro. Só a sujeira e o cascalho a cumprimentou. O que significava que onde quer que ela pisasse ele continuaria a ver suas pegadas. E ele viu. Ele a seguiu.

— Fuja de mim e eu irei atrás de Aeron. Cortarei a cabeça dele enquanto você

assiste impotente.

Ele a estava insultando, tentando enganá-la em retirada.

Lentamente, centímetro por agonizante centímetro. Olivia moveu para trás. Ainda assim Galen a seguiu. Ela lançou um olhar sobre o ombro. A cem jardas de distância havia uma área movimentada, com uma estrada de tráfego intenso e muitos outros edifícios. Caçadores provavelmente tinham escolhido o local como uma maneira de se camuflarem a vista, mas com o que eles não contavam era que seria mais fácil para os seus prisioneiros se *esconderem*, também. Tudo o que ela precisava era chegar até lá e então ela estaria segura. Ele nunca seria capaz de capturá-la ali.

Problema: Ele era rápido, mais rápido que ela e não estava machucado. Se ela corresse, ele poderia capturá-la. *Valia o risco.*

Apoiando-se em um reservatório de força que ela não sabia que possuía, ela virou-se e correu para frente. Houve o barulho do cascalho e ela sabia que o Galen estava bem próximo de seu rastro. Todo seu corpo gritava em protesto cada vez que ela colocava uma perna na frente da outra, mas ela só aumentou a velocidade.

Quase lá... Galen segurou a capa e puxou. Ganindo, lutando pelo material com sua mão livre para mantê-lo em sua volta, ela virou em uma esquina e bateu em um grupo de pedestre. Dois caíram para trás quando seus ombros e braços foram revelados. Ofegante, Olivia recolocou o material ao seu redor, então se engessando contra a parede mais próxima.

Ela jogou um punhado de pedras em um poste. Pop, pop, pop. Ela assistiu esperançosa, enquanto Galen passava por ela em direção ao poste, perseguindo o lugar que ele achava que ela tinha ido.

Tão perto. Tão perto do desastre. Mas ela tinha conseguido. Realmente ela conseguiu.

Um fôlego quente bateu dentro e fora de seu nariz, queimado sua garganta e seus pulmões. Suor escorria obscenamente agora, e ela provavelmente cheirava. Seus membros mais uma vez tremiam. Infelizmente ela não poderia ir para a fortaleza. Os homens de Galen já estariam cercando o local quando ela chegasse lá. Ela não podia ligar para Aeron buscá-la porque ela não sabia o número.

Ela tinha que fazer algo, ir para algum lugar; ela não poderia ficar aqui.

Usando o muro para se sustentar, ela se moveu para frente, contornando várias esquinas, se deixando ficar perdida em diferentes multidões e locais. Finalmente, ela avistou um beco sombrio, vazio e se sentou. Um erro. No momento em que seu corpo se acalmou, ela sabia que não seria capaz de movimentá-lo novamente. Seus músculos apertaram para baixo em seus ossos e cada fagulha de energia foi drenada.

— Lysander. — Ela sussurrou. Esperou.

Uma vez mais, ele não obteve resposta.

Sozinha. Um pensamento aterrorizante. Este não era o melhor lugar para se esconder. Alguém poderia tropeçar em suas pernas invisíveis. Mais do que isso, Caçadores vasculhariam em cada beco quando ela não conseguiu chegar à fortaleza. Mas...

Ela descansaria seus olhos, ela pensou. Apenas um pouco. Recuperar seu fôlego. Depois, ela iria se recompor e se moveria novamente. Exceto que ela deve ter adormecido, porque quando ela finalmente abriu seus olhos, ainda incapaz de se mover, ela viu que o sol se pusera e que a lua brilhava lindamente.

Sua dor foi ampliada, ela percebeu finalmente abalada. Ela não conseguiria fazer isso. Ela não conseguiria seguir em frente. A Morte seria bem vinda. Ela não resistiria. Ela iria...

— Olivia. — Uma voz masculina disse, assustando-a. — Vamos, querida. Eu sei que você está aqui. A trilha de seu espírito termina aqui, mas eu não posso vê-la. — Um segundo depois, um corpo se materializou.

Lucien. Ela o reconheceu, embora nunca tivesse sido devidamente apresentados, e sabia que ele carregava o demônio da Morte. Que apropriado. Ele poderia acompanhá-la...

— Não vou te machucar. Quero te ajudar. Aeron está procurando por você.

Aeron. A Morte que se danasse. Com uma mão trêmula que parecia como se pedras tivessem ancorado nelas, ela estendeu a mão e puxou a capa dos ombros.

— A-aqui. Estou aqui.

Os olhos de Lucien arregalaram quando ela apareceu de repente.

— Oh, querida. Eu sinto tanto. Tudo estará... — Ele sacudiu a cabeça. — Não há tempo para explicar o que está acontecendo. Há uma alma no armazém que você foi torturada e eu preciso escoltá-la para o pós-vida.

— O nome dele é Dominic. — Ela disse com sua voz selvagem. — Ele me salvou. Seja gentil com ele, por favor.

— Eu serei. — Lucien desapareceu.

Ela dobrou a Capa da melhor forma que pode, esperando. Lucien reapareceu com Aeron.

Todos os outros pensamentos desapareceram. Aeron. Inesperado. Bem vindo.

— Eu pensei que você estivesse... A alma...

— Isso é o que farei agora. Vejo você de volta na fortaleza. — Lucien disse e novamente desapareceu.

— Oh, querida. — Aeron disse gentilmente enquanto se agachou ao lado dela. Apesar da gentileza ela podia ouvir sua preocupação e sua fúria. Mas ele estava aqui, ele estava seguro depois da batalha anterior. — O que eles fizeram com você?

Como Lucien, ela não tinha tempo para explicações.

— Eles estão por aí, procurando por mim. Esperando próximos à fortaleza.

Ele ficou rígido imediatamente, seu olhar verificando a área.

— Ninguém está perto de nós. Você está segura. E vou ligar para o Torin informado o que está acontecendo. Qualquer um na área será tomado conta antes de chegarmos lá. — Com uma expressão carinhosa, ele retirou um frasco do bolso e segurou-o aos lábios dela. — Beba querida, beba.

Ela balançou a cabeça. Não havia necessidade de desperdiçar uma gota com ela. Ela iria para casa logo e...

Determinado, ele separou os lábios dela e inclinou o vidro. O líquido frio deslizou por sua garganta, mais que um gole, e estabeleceu-se maravilhosamente em seu estômago. Em poucos segundos, o líquido foi inundando o resto dela, dando-lhe força, paz. A dor deixou seu corpo completamente, deixando um zumbido gostoso de prazer em seu lugar.

Homem teimoso.

— Você não deveria ter me dado tanto. — Mesmo que sua garganta estivesse curada, as palavras não deixaram sua boca suavemente.

— Eu te daria tudo.

Que coisa mais doce de se dizer. Doce e errada. Ela não queria ouvir coisas deste tipo. Não agora. Faria a partida muito mais difícil.

— Como você me encontrou?

Ele estreitou seus olhos.

— Eu sabia que você não me deixaria sem dizer adeus, então eu mantive Lucien caçando a tua trilha de espírito. O que significa que ele viu onde você esteve, que caminhos você percorreu. Eu nunca me perdoarei por quanto tempo demoramos a te localizar. E eu vou matar aquele filho da puta do Galen, mesmo que seja a última coisa...

— Aeron. — Ela exclamou. Ela não o colocaria em perigo por ela. — Apenas me abraça.

Os braços dele se posicionaram debaixo de seus joelhos e suas costas e a levantou, embalando-a contra seu peito.

— Quando chegarmos a casa, você vai me dizer o que fizeram com você. Você pode muito bem me dizer o que os demônios fizeram com você na primeira noite também. Com todas as palavras. — A voz dele endureceu. — E depois eu encontrarei Galen e os demônios e devolverei o favor. Ninguém machuca a minha mulher e vive.

Capítulo Vinte E Oito

Aeron deitou Olivia em sua cama o mais suavemente possível. O inchaço desapareceu, seus cortes e ossos curados, mas ele não arriscaria. Legion estava ausente e ele estava feliz por isso. Ele não sabia onde ela estava; tudo o que ele sabia era que não poderia lidar com ela agora. Sua querida Olivia... Quando ele encontrasse seu...

Suas mãos se fecharam em punhos. Ira gritou por vingança, e Aeron queria lhe dar. Agora. Sem espera. Ele queria que Lucien o transportasse para onde quer que Olívia tenha sido presa e apenas começar a matança. Na verdade, o “queria” era mais uma necessidade, como respirar ou comer. Mas os covardes já tinham fugido, o armazém estava vazio. Isso Lucien tinha dito antes de transportá-lo para aquele beco. Não que isso importasse ao seu demônio.

Evidentemente Olivia fora espancada e torturada. Lucien lhe havia dito que a energia dela estava num tom vermelho brilhante, decorrente da dor e do medo. Aeron não se importava com o que tivesse que fazer para encontrar Galen. Ele o faria e finalmente mataria o bastardo.

Lenta e dolorosamente, disse Ira.

Lenta e dolorosamente, ele concordou. Primeiro, entretanto, ele teria que lutar contra aqueles impulsos sombrios e ter aquela conversa prometida com Olivia. O conforto dela, as necessidades dela, vinham antes de qualquer coisa. E também, ele não poderia punir Galen apropriadamente até que ele soubesse exatamente o que aquele filho da puta tinha feito com sua mulher.

Ele iria puni-lo apropriadamente.

Relaxe. Por Olivia. Aeron se agachou ao lado da cama e Olivia rolou para o

lado, mantendo contato visual.

— Eu teria entendido se você tivesse ido... Para casa durante o interrogatório de Galen. — Ele disse. Na verdade, ele teria preferido que ela tivesse ido. Ele preferiria tê-la perdido para sempre do que saber que ela tinha sofrido

— Eu não quis ir embora. Ainda. Eu tinha que ter certeza que você recebesse isso. — Ela levantou um pequeno pedaço dobrado de material cinza. — É a capa da invisibilidade.

Por um momento ele pode apenas piscar perplexamente. Depois ele sacudiu a cabeça e riu. Pela primeira vez desde sempre, ao que parecia. Esta pequena mulher, este anjo caído, conseguiu o que um exército de imortais não foram capazes de conseguir. Ela roubara o terceiro artefato sob o nariz dos Caçadores, e ela derrotou Galen no processo. Orgulho cresceu em seu peito.

Recompense-a.

Primeiro o demônio quis castigar Legion, agora a Ira queria dar um prêmio a Olivia. *Nós estamos na mesma página agora, demônio.*

— Muito obrigada. Não que estas duas pequenas palavras expressem a profundidade de minha gratidão, mas agradeço da mesma forma.

— De nada. Então, o que você acha? Do artefato, eu digo.

— Parece tão pequeno. — Ele o estudou de todos os ângulos. Tão inócuo também. — Como é que isso...

— Cobre um corpo inteiro? Ela expande conforme você a desdobra.

Ele não queria deixá-la nem por um segundo, mas ele tinha que garantir a segurança da capa.

— Voltarei em um minuto. Ele disse e ela balançou a cabeça.

Ele beijou sua testa, depois ficou relutante, praticamente correndo do quarto. O primeiro guerreiro que ele encontrou foi – Strider. Novamente Aeron colocou o material em suas mãos e disse:

— Capa da invisibilidade. O entregue a Torin por segurança. Obrigado.

Pronto. Feito. Não era mais seu problema. E então ele estava fora, voltando para seu quarto.

Strider o alcançou logo que ele chegou a porta, agarrando seu braço e empurrando-o para parar.

— Como você conseguiu isso?

— Mais tarde.

— Certo. Detalhes sobre a capa estão em espera. Nós temos coisas mais importantes que discutir, de qualquer forma.

— *Mais tarde.*

Ele tinha apenas mais cinco dias com Olivia – *se* ele conseguisse convencê-la a ficar pelo resto deste tempo. Se não... Inferno, não. Ele conseguiria. Ele era um guerreiro. Ele agiria como tal. Vitória a qualquer custo.

Paraíso. A qualquer custo.

Dois contra um. Ele gostava desta proporção. Depois, quando o tempo dos dois estivesse acabado, *depois* ele finalmente teria sua vingança.

— Isso não pode esperar. — Strider insistiu.

— Que pena. — Seus dedos enrolaram em torno da maçaneta.

Seu amigo deu outro empurrão.

Aeron virou-se carrancudo.

— Deixe-me ir, cara. Estou ocupado.

— Pelas notícias que eu tenho você precisa arrumar tempo para mim. Por que aqui vamos nós. Você está prestes a perder a cabeça. Literalmente. Eu queria ter informado com cuidado, mas você é um grande imbecil.

Ele congelou.

— O que você quer dizer com perder minha cabeça? Como você sabe?

— Danika pintou um novo quadro. Nele, sua cabeça estava separada do teu corpo.

Ele iria morrer? Até agora, as pinturas de Danika nunca se provaram erradas. Os Deuses permitiram que eles pudessem mudar alguns de seus resultados, certo, mas eles nunca realmente aprenderam quais eles poderiam alterar e quais não. O que significava que era mais provável que ele iria morrer.

Ele esperou a raiva enchê-lo. Não aconteceu. Ele esperou a tristeza dominá-lo. Isso não aconteceu. Ele esperou o desejo de cair de joelhos e implorar por mais tempo. Novamente, isso não aconteceu.

Ele viveu por milhares de anos. Mas agora, por conhecer Olivia, ele levou uma vida plena e gloriosa. Porque ele amou. Seus amigos, com certeza. Sua filha substituta Legion, apesar de suas ações recentes. Mas, na maior parte Olivia. Ele amava. Ele não poderia negar o sentimento por mais tempo. Ela era sua. Ela era de Ira. A razão deles existirem. A fonte de suas felicidades. A obsessão deles.

O paraíso dos dois.

Ele a teria perseguido por todo o mundo, apenas por mais alguns minutos de seu tempo. Minutos. Talvez tudo o que eles tivessem agora, ele pensou, ao invés dos dias que ele pensou que teria que batalhar por. Ela era tudo para ele, e ele não perderia mais nenhum momento longe dela.

Finalmente ele entendeu os humanos. Eles não imploravam por mais tempo porque queriam aproveitar o que eles tinham curtindo um ao outro. E não desejando o que teria sido.

Ira também deve ter compreendido. O demônio não estava chorando, não estava incitando-o a mudar o seu curso. Sem o anjo, eles não tinham nada. E quanto eles completassem a sua missão – a destruição de Galen – eles morreriam felizes.

— Aeron. — Strider chamou.

Ele se forçou a voltar ao presente.

— Quem vai pegar minha cabeça? — Ele ainda teria que ficar com Legion. Ele não permitiria que seus amigos tivessem que lidar com uma confusão de sua criação se ele, mas ele cuidaria disso depois que Olivia se fosse e estivesse vingada. E então, então ele poderia morrer em paz. Seria melhor assim de qualquer forma. Ele não queria viver sem a sua Olivia.

Agora ele não teria que viver sem ela.

— Lysander. Eu acho. Cronus e Rhea estão lá. Eu conversei com os outros e nós decidimos...

— Mais tarde. — Ele disse. O que quer que os outros tenham especulado não importa agora. Se eles não tivessem os fatos, eles não tinham nada de que ele precisasse. — Diga-me depois. Eu agradeço o aviso, mas como eu disse, agora eu estou ocupado. — Ele empurrou o seu caminho de volta para o seu quarto e fechou a

porta, seu olhar permaneceu no de Strider até que a madeira o bloqueou.

Em qualquer outro momento, a confusão e preocupação na face de Strider o teria feito rir.

Houve uma batida.

— Aeron. Vamos lá, cara.

— Vá embora ou eu juro pelos deuses que cortarei a sua língua e a pregarei na minha parede.

Aquilo ganhou um rosnado.

— Cale a sua boca, Ira. Eu estou tentando ignorar o desafio em seu tom, mas não está funcionando. Agora escute. Nós não podemos te perder. Nós não podemos passar por algo assim novamente. Apenas não podemos. — Enquanto ele falava, Strider bateu na madeira. — Você se lembra como foi depois de Baden.

Não vá lá. Aeron abriu a porta, deu um soco no rosto de seu amigo e depois fechou novamente.

Apenas uma batida de coração depois, Strider abriu por si mesmo a porta, socou Aeron duas vezes, sorriu docemente, embora um pouco triste, e repôs a barreira entre eles.

— Eu ganhei. Quanto à outra coisa, você tem trinta minutos e depois cada um de nós estará dentro daquele quarto para falar com você. Entendido?

— Sim. Infelizmente.

Passos ecoaram.

Atrás dele, Aeron ouviu Olivia se sentar.

— Do que ele está falando? Perder você? E por que vocês estavam socando um ao outro?

Com o som de sua voz, Ira soltou um suspiro de contentamento.

Lentamente Aeron se virou e a olhou. Sua preocupação não era algo que ele permitiria, então ele lhe ofereceu um sorriso, um que ele esperava que transmitisse tudo o que ele sentia por ela. Talvez tenha transmitido. Seus olhos se arregalaram e ela lambeu nervosamente os lábios.

— Ignore-o. Eu acho que ele está sofrendo de danos cerebrais. — O que não era necessariamente uma mentira. Aeron sempre considerou o guerreiro um pouco perturbado. — Além do mais, nós temos assuntos inacabados. Eu nunca a tive na cama, e eu *realmente* te quero na cama.

Sim.

De início, ela não teve reação. Depois, antes que o pânico florescesse dentro dele com o pensamento de uma rejeição – *não!* Ela alcançou a gola de seu manto e puxou. Com o material separado, revelando aqueles belos seios rosa com os mamilos perolados, aquele estômago liso e pernas longas e perfeitas.

— Eu gostaria disso.

Sim. Sim.

Um tremor percorreu todo o corpo dele, seu membro se enchendo, endurecendo. Ele andou em direção a ela, tirando a roupa ao longo do caminho. Um processo que incluiu chutar suas botas e tropeçar em si mesmo porque ele se recusava a parar, mesmo por um segundo. Pele com pele. Era disso que ele precisava. Quando ele chegou até ela, ambos estavam nus. Ele se arrastou até seu corpo luxurioso, colocando um pouco de seu peso sobre ela.

Perfeito. Calor, muito calor. Ambos sibilaram em uma respiração. Ela fechou os olhos e se arqueou contra ele, mesmo com suas mãos agarrando as costas dele. O pescoço dela estava exposto, seu pulso batendo descontroladamente. Seus lábios se separaram e seus cabelos emaranhados em volta dos ombros.

Paixão nunca pareceu mais requintada.

Ele deveria gastar cada minuto daquela meia hora dando-lhe prazer disparadamente. Lambendo-a, sentido seu gosto, chupando-a. Ele deveria ter começado por seus dedos e trabalhado até o caminho de sua boca. Ele deveria ter demorado mais em suas coxas e seus seios. Mas não o fez. Não poderia. Ele tinha que estar dentro dela, e não poderia passar outro minuto sem estar unido totalmente e completamente a ela.

— Prenda seus tornozelos nas minhas costas. — Ele ordenou.

Ela não hesitou. Obedeceu imediatamente.

No momento em que ela estava aberta para ele, ele estava empurrando para dentro. Profundo, tão profundo. O mais profundo que ele pudesse ir. Um gemido a deixou, porque ele não era o mais fácil de encaixar. Seu segundo impulso foi um pouco mais suave, embora o seu terceiro um deslize arrebatador.

— Aeron. — Ela engasgou.

Minha.

Nossa. Aprenda a compartilhar, Ira. Eu tive que fazê-lo. Ele firmou suas mãos em suas têmporas, apenas um pouco, bebendo-a enquanto ele se movia para dentro e fora, dentro e fora. Ele não poderia ter se acalmado mesmo se Galen entrasse no quarto e colocasse uma arma em sua cabeça. Esta mulher o deliciava, o frustrava, o extasiava, o irritava... Pertencia-lhe. Como ele pertencia a ela. Ele queria marcá-la, para que assim ela nunca o esquecesse. Ele queria se apagar da memória dela, para que ela nunca se lembrasse dele.

Ele não queria que ela sofresse quando eles partissem. Ele queria que ela encontrasse alguém, tanto quanto queria matar este alguém. Mas principalmente, ele queria que ela fosse feliz. Para sorrir. Para se divertir.

Diversão. Sim. Era isso que ela lhe dera neste dia. Diversão.

— Eu já te disse o porquê é ruim ser um pênis? — Ele perguntou, retardando suas estocadas.

Seus olhos piscaram, abrindo-se. Paixão ainda brilhava nas profundezas do céu azul, mas misturado com uma súbita confusão.

— O quê?

Paris lhe tinha contado um monte de piadas ao longo dos anos, mas ele só se lembrava desta. Ele nunca fora capaz de apagar esta coisa de sua mente.

— Por que é ruim ser um pênis. — Ele torceu os quadris deslizando para dentro, atingindo-a em um novo local.

Um grito de prazer saiu de seus lábios.

— Não. Não, mas isso não me importa agora, eu quero que você...

— É ruim ser um pênis porque tem um buraco na sua cabeça.

Seus lábios se contraíram enquanto ela se agarrou a ele.

— Eu nunca pensei nisso desta forma.

— Bem, a coisa piora. Seu proprietário está sempre te estrangulando.

A contração muscular se tornou um meio sorriso. Seus joelhos apertados em

seus quadris, e ela mordeu um pouco o lábio inferior.

— O que mais?

— Você encolhe na água fria.

Houve uma risada sufocada.

— E você é forçado a andar com dois malucos²⁴.

O riso tornou-se uma risada completa. Deuses, ele adorava o som de sua risada. Era pura e mágica, caindo sobre ele como uma carícia, como sobremesa para seus ouvidos. Ele se sentiu como um rei, que tinha sido o único a causar esta reação nela.

— Bem, o seu pênis pode andar comigo quando ele quiser.

Agora, *ele* riu. Ele desejou. Oh, como ele desejou.

— Bebê, minha doce bebê. — Ele disse. — Meu bebê.

Nossa. Aprenda a dividir.

Ele torceu novamente o quadril e ela novamente fechou os olhos e gritou. Ela alcançou a cabeceira, engatando os seios em seu peito, e encontrando impulso por impulso. O senso comum escapuliu, a necessidade de realização tomou conta. Sim, sim, tão bom.

O corpo dela se apertou contra ele, molhado, quente e suave como seda. Mais e mais rápido ele bombeava dentro dela, incapaz de diminuir, incapaz de saborear. Ele tinha que ouvi-la gritar de abandono. Tinha que colocar sua semente dentro dela. Tinha que marcá-la, assim como ele queria.

Logo ela estava se debatendo sob ele. Logo, ela estava chamando seu nome repetidas vezes. Ela era tudo o que ele podia ver, tudo o que podia ouvir, tudo o que podia cheirar e ele queria que isso durasse para sempre. Mas quanto mais ele colocava dentro dela, mais próximo ele chegava do final. Seus músculos se tencionaram, seu sangue se aqueceu em ebulição, queimando-o, arruinando-o para qualquer outra coisa. Qualquer outra pessoa. Era isso. Tudo pelo que ele existia. Tudo o que seu demônio desejava.

— Eu te amo. — Ele rugiu, indo para o limite.

Desta forma, ela também atingiu o clímax, espasmos em torno de seu membro, mãos em volta dele, unhas se cravando profundamente. Ele até se inclinou um pouco e mordeu o lado de seu pescoço. Talvez tenha tirado sangue. Ele não sabia. Não se importava. Só sabia que seu corpo continuou rígido dentro dela, jorrando, apertando e queimando um pouco mais, seu demônio zumbindo, ronronando, tão perdido quanto ele estava.

E quando Olivia finalmente se estabeleceu, quando ele finalmente tomou fôlego, ele caiu em cima dela antes de rolar para o lado. Imediatamente ela se refugiou contra ele, vários minutos passados em silêncio. Nunca teve um orgasmo tão intenso, tão demorado.

Ele queria marcá-la, mas ele era o único que tinha sido marcado. Ela estava em todas as partes dele, dentro dele, seu tudo. Sua respiração. Com ela, ele estava calmo, o demônio estava calmo e a vida fora tudo o que ele sempre sonhara.

— Isso foi... Isso foi. — Ela suspirou com contentamento. Um de seus dedos traçou um coração em seu peito.

— Maravilhoso. — Ele disse. Você é maravilhosa.

— Obrigada. Você também é. Mas... Mas... Você quis dizer o que disse?

²⁴ Trocadilho com os testículos.

Cautela. Se ele lhe contasse a verdade, ela talvez decidisse ficar, mesmo que ele tivesse que ficar com Legion, mesmo que o seu fim estivesse próximo, forçando-a a presenciar tanto sua traição quanto sua morte. Forçando-a a viver sem ele – quando – a previsão de Danika se provasse correta.

— Sim. — Ele disse, em seguida amaldiçoou em voz baixa. Ainda, o arrependimento não veio. Ela merecia saber. Ela era mais do que sexo para ele. Ela era mais para ela do que, bem, qualquer coisa. — Eu te amo.

— Oh, Aeron. Eu te...

— Não diga mais nada, Olivia. — Resmungou um homem do centro do quarto. Na interrupção, Ira rosnou em fúria.

Aeron ficou rígido, já alcançado as lâminas que repousavam em sua cabeceira. Ele não relaxou quando viu as asas douradas de Lysander estendidas, túnica branca brilhando à luz do luar. Os olhos do homem foram estreitados com fúria.

Quem arrancou minha cabeça? Ele perguntou a Strider.

Lysander. Eu acho.

— Lysander. — Olivia ofegou, segurando o lençol sobre o peito. — O que você está fazendo aqui?

— Silêncio. — Ele ordenou.

— Não fale com ela desta forma. — Aeron se levantou, sacudiu um par de calças e disse. — Nos diga o que você quer e saia. — *Não esteja aqui pela razão que eu penso que você está. Eu ainda não estou pronto.*

Lysander encontrou seu olhar e pronunciou as palavras que Aeron receava ouvir.

— Eu quero a sua cabeça. E não vou sair até que a tenha tomado.

Capítulo Vinte E Nove

Finalmente, Legion achou Galen. Ele estava em uma taverna suja em Londres. Ela tinha andado por todo lugar, de Buda até a Bélgica para os Países Baixos, e agora Londres. O covarde voou ele mesmo até aqui e estava e estava olhando a um copo de uísque em um canto cheio de sombras. Ela podia cheirar a ambrosia que ele já tinha consumido; ela reconheceu o odor doce porque Paris sempre cheirava assim, e ela sabia que Galen ficaria bêbado logo. Ela só tinha que esperar.

Ela era muito impaciente para esperar.

Ela olhou para seu próprio corpo. Ela ainda vestia aquela camiseta e calça jeans. Eles eram simples, mas limpos. E embora eles não mostrassem muito, seus peitos eram tão grandes que eles esticavam o material. Vários homens a notaram e assobiaram enquanto ela passeava. Exteriormente, ela não prestou atenção neles. Interiormente, ela estava excitada em ser vista como algo diferente de feio, repugnante ou em melhor, algo para ser tolerado.

Ela parou na mesa de Galen, e ele olhou para cima pela proteção escura de suas pestanas. —Vá embora.

Cuidado. O instinto exigia que ela atacasse primeiro e fizesse as perguntas mais tarde. *Resista.* Galen encantou-se em enganar os Senhores, e enviar uma isca

para distraí-los na frente de combate. Hoje, ela seria sua isca²⁵.

— Você é bonito. — Ela disse, e ele era. Com seu cabelo pálido e pálidos olhos azuis, com seus traços sem defeitos e boca sensual, ele era a fantasia de toda mulher. Mas ele ajudou a destruir vida do seu Aeron, e por isso ele pagaria. — Eu quero você. — Morto, mas ela não adicionou aquela parte.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Claro que você quer. Você não pode evitar. Nenhum de vocês podem. — Ele quase soou... Chateado por isto. — Aqui vai algumas notícias rápidas para você. Não importa o que eu faça você sentir, esperança de um futuro, um casamento, bebês, você não vai conseguir isto de mim. — Lá no fim, ele tinha zombado. Ele bebeu o resto de sua bebida. — Agora vá embora como eu disse a você. Eu vim aqui para ficar em paz e calmo.

Ele foi o segundo homem que a recusou desde sua transformação. Ela não podia evitar; ela bateu nele. Sua cabeça chicoteou para o lado, e uma gota de sangue se formou no canto de sua boca. *Acho que eu sou mais forte do que eu pensava*, ela meditou presunçosamente. Bom.

Quando ele a olhou novamente, sua expressão estava iluminada com interesse.

— Por que você fez isto?

— Talvez você não me ouviu quando eu disse que eu queria você.

— E você pensou que me bater me conquistaria?

— Você está ainda aqui, não é?

Ele a estudou antes de mover seu olhar através do bar.

— Então onde você me quer?

— Banheiro. — Nenhuma testemunha. Não para o que ela planejou. — E a propósito. Eu não quero casar com você e eu não quero seus bebês. Nós apenas vamos fazer sexo, e você vai gostar.

— Coisinha forte, você não?

— Você não tem nenhuma ideia. Então nós vamos fazer isso ou não?

Aqueles lábios luxuriantes se torceram.

— Deixe-me dizer isto diretamente. Nós estamos indo para o banheiro, e eu estou indo foder você, e você não se importa em saber meu nome?

— Eu realmente preferiria se você mantivesse sua estúpida boca fechada. — Oops. Seu ódio estava escapando.

— Bem, bem. Você poderia ser minha alma gêmea. — Ele estava em pé e uns segundos mais tarde, sua cadeira deslizou pelo chão pegajoso. Ele não disse outra palavra enquanto ele se colocava em movimento, braço serpenteando ao redor da cintura dela e a puxando perto dele.

Existia uma mulher no banheiro, lavando suas mãos, e Galen a empurrou para fora sem preâmbulo.

— Hey. — A menina chorou em irritação. Ela suavizou enquanto seu olhar varria por ele. — Hey. — Provocante agora.

— Fique fora ou morre. — Ele disse a ela de modo plano. E então ele bateu a porta e a fechou e chicoteou ao redor para enfrentar Legion.

Ela tremeu, ela não podia evitar. Existia tanto calor em seus olhos que ela estava momentaneamente e estupidamente chocada. Era o que ela queria de Aeron. E

²⁵ Bait em Inglês significa Isca por isso ela fez o trocadilho, hoje ela seria a Isca.

o que ela nunca iria conseguir.

Um passo, dois, ele a abordou. Ela se afastou. *Ataque agora. Mate ele.* Mas ela não fez.

— Assustada? — Ele perguntou sedosamente. — Você devia estar.

Ela levantou seu queixo, olhando atrás dela - e viu o balcão e o espelho. Seu reflexo a atordoou. Seu cabelo caia dourado, implorando pelas mãos de um homem. Os olhos largos, escuros e tão cheios de desejo.

Desejo? Ela o queria? *Ele?* Como ela podia querer Esperança? Ele era seu inimigo. Ele era inimigo de Aeron.

Mãos fortes enrolaram ao redor da cintura dela e a levantaram. Ela ofegou enquanto retornava para enfocar a ele. Ele já estava trabalhando no botão calça jeans dela. Aquele botão cedeu facilmente e então ele estava a empurrando pelas pernas delas.

Ele riu.

— Nenhuma calcinha. Você *está* ávida por mim.

A diversão dele a irritou - até mesmo quando temperava seu desejo em certo ponto. Isso não era por causa dele, ela disse a ela mesma. Ela recusava a acreditar nisso. Ela queria fazer sexo; isso era uma das razões pela que ela barganhou por este corpo. Ela esperou que fosse com Aeron, entretanto.

Ainda que ele nunca pudesse a querer daquele modo. Para falar a verdade não.

— Quem disse que eu estou ávida por você? Você é bonito, sim, mas você é só um substituto para outra pessoa. — Verdade. Uma verdade, ela gostava. Ela o podia usar. Ter o sexo que ela queria e então o matar.

Os olhos de Galen se estreitaram para rachas minúsculas.

— Isto é certo?

— Lá vai você, conversando novamente. Eu pensei que eu tinha dito a você o quanto eu odiava isto.

— Você é a pessoa que tem que tomar cuidado com a boca. — Com um grunhido, ele arrancou a camiseta dela. Ela não estava usando um sutiã, também. Ele não pediu permissão, mas se debruçou adiante e chupou um mamilo em sua boca. Uma boca que era quente como fogo e a fez gemer. De prazer.

Isto era... Maravilhoso.

Sim. Sim, ela teria o sexo que ela procurada. Distrairia-lhe de forma que ela pudesse matá-lo mais facilmente. Isso era toda a razão que ela precisava para espalhar suas pernas e se empurrar nele. Suas calças que cobriam a ereção dele bateram em seu lugar doce, e ela gritou.

Maravilhoso não era a palavra para descrever *isto*. A *perfeição* era. Quanto melhor teria sido com Aeron, então? Aeron. Ela não queria pensar sobre ele agora mesmo. Ela só queria sentir.

— Mais. — Ela se achou dominante. Ela arqueou nele, roçando-se contra ele. Sua pele estava sensibilizada e isso apenas aumentava mais. Existia uma dor dentro dela, um calor como o que ela viu nos olhos dele. Ambos estavam se construindo.

— Você não quer as preliminares? — Galen trabalhou nas calças dele, liberando sua ereção. Era grande. Então deliciosamente grande. Os demônios faziam frequentemente sexo enquanto estavam no inferno - um com o outro, almas malditas - então ela sabia que grande era preferido e pequeno era ridicularizado.

— O que são preliminares? — Verdadeiramente. Ela não tinha nenhuma pista. Ele riu novamente.

— Eu gosto de você, fêmea. Eu realmente gosto. — Ele tentou beijá-la, mas ela virou sua cabeça. Ele seguiu o movimento, e ela virou sua cabeça novamente.

— Sem beijo. — Ela raspou. Ela queria, oh, ela queria mesmo, mas beijá-lo mataria a ele antes dela ter acabado com ele. Ela parecia com um humano, sim, mas seus dentes eram veneno puro. Ela podia saborear isto.

Ela acomodou seus tornozelos nas suas costas, entrincheirando-se, forçando ele a se mover contra ela. Mente... Obscurecida... Corpo... Queimando...

— Beije-me. — Ele comandou.

— Não.

— Beijo.

— Não!

— Por que não? Não é como se isso fosse coisa especial.

— Pare... Falar! — Ela rosnou.

O grunhido dele foi como uma carícia.

— Bem. Você quer uma fodida rápida, isto é tudo que você conseguirá. — Ele agarrou a base de sua ereção e apontou isto para entre as pernas dela, então ele estava empurrando adiante, a distância toda dentro dela.

Ela gritou de dor, mas a dor desapareceu tão depressa quanto brotou, deixando apenas um sentimento de possessão absoluta.

— Mais. — Ele a esticou, a preencheu, e foi inebriante. Nenhuma maravilha que todos os tipos de seres faziam isto tão frequentemente.

— Virgem? — Ele ofegou, claramente chocado. Maravilha das maravilhas, e pareceu que sua expressão estava se suavizando.

— Não é da sua conta. Termine.

Ele trancou seus dentes nela, mas ele bombeou dentro e fora. O esticamento e o preenchimento só aumentava, empurrando ela para... Algo. Logo ela estava trilhando contra ele, desesperada por algo, disposta a matar todo mundo neste edifício se ela não pegasse isto.

— Se apresse.

— Deuses, você se sente bem.

Ela arranhou a ele, estalando para acima de... Finalmente acima de... Acumulando, flutuando, girando, vendo estrelas que piscavam em seus olhos. Cada músculo em seu corpo apertava, soltava, e apertava novamente. Era poderoso, estava se movendo, mas muito cedo desapareceu. Deixando-lhe estranhamente despedaçada.

Suas pálpebras se abriram. Ela estava ofegante. Galen estava ainda dentro dela, ainda se movendo dentro e fora. Um prazer absoluto consumia cada polegada de seus traços. Ele deve estar chegando perto de seu fim, como ela fez.

E ela não podia permitir isto, ela pensou. Ele não merecia se sentir assim. Embora ele a fez se sentir melhor do que ela já tivesse se sentido antes. Embora sexo fosse seu novo jogo favorito e ela planejasse ter isto tão frequentemente quanto possível.

— Galen. — Ela disse, e o olhar chocado dele encontrou o seu. Um tremor passou por ela, reacendendo o fogo em seu sangue. Que estranho. Mas não existia nenhum tempo para apreciar outra rodada. — Vejo você no inferno.

Com isto, ela afundou seus dentes no pescoço dele, e o sujeitou à medida que ele rugia. Um rugido nascido da dor em lugar da conclusão. Ele empurrou a ela, tentando se afastar, mas ela o segurou apertado, bombeando seu veneno bem no fundo de sua veia. Só quando a última gota saiu dela, ela o fez erguer sua cabeça e sorriu para ele. Ele ficou pálido, quase verde.

— O que fez você... Para mim? — Seus joelhos falharam e ele se afundou no chão.

Em silêncio, ela pulou e ficou em pé e se vestiu. Seus joelhos tremeram o tempo inteiro. Parte dela queria ficar, o aliviar, mas ela não podia esquecer o que e quem ele era - não novamente. Isto tinha que ser feito. Por Aeron. Ela devia muito a ele, no mínimo.

— Eu planejei tomar você para meu homem e esperar que ele matasse você, mas isto é melhor. Tenha uma vida boa. — Ela disse, e então soprou a Galen um beijo. — Não que durará muito mais tempo.



Aeron olhou fixamente acima para Lysander. A ameaça de decapitação tinha sido emitida, a determinação sem vacilar do anjo.

— Olivia. — Ele disse. Ele não se moveu do lado da cama. Ele e Ira estavam ambos esquisitamente tranquilos. — Retorne para casa. Agora. Por favor.

— Não. Não. — Ela lançou seus braços ao redor da cintura dele, apertando sua bochecha nas costas dele. O calor molhado de suas lágrimas o escaldou. — Não faça isto. Por favor, não faça isto.

— Você causou a ela nada além de dor, demônio. — Lysander friccionou. — Você não a viu ser torturada na mão do seu inimigo. Eu fiz. Você não implorou que ela retornasse para casa para se salvar da dor. Eu fiz. E por que ela me negou? Porque ela fez uma promessa para você. Porque ela queria dizer adeus. Novamente, por você. Eu não darei a você tempo para exigir outra promessa dela. Eu não darei a você outra oportunidade para fazer um escárnio de meu pacto com você. Isto termina agora. Hoje. — Um momento suas mãos estavam vazias, o próximo ele segurava aquela espada de fogo. Uma espada que quando ele girava, faíscas de chama crepitavam disto.

Não ainda, Ira chorou. Não ainda. Nós devemos matar Galen primeiro.

— Lysander, não! — Olivia chorou. Percebendo que ela não chegaria nenhum lugar com Aeron, ela tentou se mover na frente dele. — Não a espada. Qualquer coisa exceto a espada. Eu estou implorando para você.

Tirando força de sua culpa, Aeron empurrou suas costas sobre a cama e espalhou suas asas totalmente. Ele queria esta batalha fora do quarto e longe de Olivia. E existiria uma batalha. Ele simplesmente não ia deitar e morrer. Não ainda, como seu demônio lembrou a ele. Ele tinha mais para fazer.

— Você me quer, — Ele disse ao anjo guerreiro. — então venha e me pegue. — Com isto, ele se lançou para fora pela janela, quebrando o vidro com a força de seu impulso antes de subir rapidamente alto no céu.

No caminho, ele soltou seus punhais, assistindo eles baterem inofensivamente no chão. Olivia amava Lysander. Não importa o que, até para salvar ele mesmo, Aeron não mataria o guerreiro. Isso machucaria Olivia, e Aeron jurou então que não faria isso novamente.

Não importando as consequências.

Lysander foi rápido para segui-lo. Ele soube por que Olivia gritou:

— Não, Lysander. Não faça isto! Volte.

Ele odiou sua preocupação, seu desespero. Mais tarde, se ele ainda vivesse, ele a acalmaria. Dar a ela qualquer coisa que ela desejasse. Ele também acharia um caminho para salvar Legion da possessão de Lúcifer sem ter que a tocar. Ele tinha que conseguir. Ele não podia se doar para qualquer mulher exceto Olivia. Ele não tinha nenhuma ilusão sobre isso agora.

Ela ficou por ele. Ela suportou a brutalidade do Caçador por ele. Ele não a penalizaria com isto.

Recompense-a.

Sempre. Aeron deu uma guinada no ar, e com certeza suficiente, um grunhido de Lysander estava apenas a alguns pés de distância. Ele não segurava mais a espada, suas mãos estavam vazias, mas em forma de bola. O momento em que seus olhares se encontraram, eles dois pararam, pairando, a pouca distância.

— Não tem que ser deste modo. — Aeron disse.

— Pode não haver nenhum outro modo. Você reivindica amá-la, — O anjo estalou. — e ainda assim, você manteria a ela aqui enquanto você está na cama com outra. Você arruinaria seu espírito.

— Eu planejei deixá-la ir primeiro! — Mas ele poderia fazer isso? Ele queria matar algo toda vez ele que considerava isto. E quando ela quis ir, ele a segurou pedindo para ela ficar um pouco mais de tempo. Apesar do perigo.

Não, ele nunca poderia deixá-la ir. Ele nunca poderia dormir com Legion.

Ele teria alcançado esta decisão eventualmente. Lysander meramente acelerou isto.

— Eu somente estarei com ela. — Ele disse com uma inclinação orgulhosa em seu queixo.

— E isso vale continuar a permitir que ela se ponha em risco? Você sabe o que os Caçadores fizeram a ela?

Ele agitou sua cabeça, o estômago se apertou dolorosamente.

— Não. Mas eu a vi, vi os resultados finais, e eu serei assombrado por aquela imagem para toda eternidade.

— Isto não é suficiente! Escute. E saiba. Stefano bateu nela com um punho fechado, como também uma palma aberta. Ele quebrou seus ossos. Tentou a afogar. Ela, que não tem um único fio de malícia dentro dela. E os demônios, aqueles com que ela batalhou para alcançar você? Eles a tocaram em lugares que só um amante deveria. Mas ela suportou isso tudo. *Por você.*

Ouvindo isto, Aeron abriu seus braços, rosto erguido para a parte mais alta do céu e rugiu. Rugiu com fúria tão potente que ele nunca soube como isso era. Ele sabia que Olivia tinha sido machucada; como ele disse, ele viu a evidência. Ele tinha sido atormentado até então. Mas agora, tendo os detalhes lançados sobre ele, mais afiados que qualquer lâmina... Aquela ira se intensificou. Cresceu. Ela era tão delicada, tão

frágil. Ela podia ter sido morta, sozinha e humana. Destroçada pela dor.

Castigo.

— Stefano pagará. Pela minha mão. — Objetivo, trocado. Resultado final, o mesmo. Outro voto. Ele já tinha decidido matar todos os envolvidos, mas isto... Stefano seria trazido para a beira da morte inúmeras vezes, só para ser reavivado e assim eles podiam começar novamente. — Os demônios, também.

CASTIGO!

— Eu voltei e assisti a tudo isto, impotente parar impedir isto de acontecer. — A própria ira de Lysander pareceu diminuir. — Eu tentei barganhar com você. Eu tentei ajudar sua causa, até distraindo os deuses que puxavam suas cordas. Mas não mais. Você sentirá dor pela minha mão. Você sofrerá como minha Olivia sofreu.

Pontos vermelhos alfinetaram a vista de Aeron.

— Ela não é sua Olivia. Ela é minha.

Nossa. Nossa para proteger, nossa para recompensar.

— Por quanto tempo? — O anjo estalou.

— Para sempre.

— Você não entende? — Lysander gritou. — Você não pode dar a ela para sempre. Você decidiu não ir para a cama com o demônio Legion, por causa de Olivia, então Lúcifer estará vindo por você. Não existe nenhum outro caminho. Seus amigos morrerão, um por um. Seus demônios não poderão derrotar seu mestre. E é isso que Lúcifer é para eles. Mestre. As mulheres serão as próximas. Pense na sua mulher, sua mulher *humana*, será omitida? Só sua morte pode consertar os problemas que você tem forjado.

Asas se agitaram, um grito de guerra soou, e então Lysander estava lá, toda distância entre eles conquistada. Eles colidiram, rolando pelo ar. Punhos martelando nele, até o seu próprio batendo no anjo em defesa. Existiam grunhidos e gemidos, explosões de respiração. Suas pernas se misturaram, chutaram.

Eles se tornaram tão absortos, que eles se esqueceram das pontas de suas asas e começaram a cair em direção a um precipício rochoso em um amontoado de colisão. Logo antes do impacto, Aeron percebeu o que estava acontecendo e segurou no cabelo do anjo, empurrando suas asas com todo seu poder. Os dois foram arremessados de volta para o céu.

Lysander rasgou livre e arranhou Aeron na boca. Dor explodiu pelos seus dentes e gengivas, sangue que gotejava abaixo em sua garganta. Quando o anjo veio para ele novamente, Aeron o chutou no estômago, mandando a ele com propulsão para trás. Eles alcançaram a fortaleza, e o anjo atingiu uma parede. Pedras desintegraram e pó flutuou ao redor dele.

Através daquele pó, ele se atirou para ele, batendo em Aeron e mandando a ele estalando de volta em direção ao chão. Esta vez, ele não se segurou e bateu com força total. Oxigênio abandonou a ele, nada além de um doce sonho. Alguns ossos até estalaram separadamente.

Ele ficou em pé depressa – se encolhendo quando seu tornozelo cedeu – e se empurrou de volta para o ar. Uma de suas asas estava quebrada. *De novo não*, ele pensou, ignorando a dor que gritava através dele. Onde estava Lysander? Seu olhar circulou a área, mas ele - um peso duro acertou suas costas, lançando a ele pelo ar.

Ele soube que Lysander estaria esperando, pronto para esmurrar no momento

em ele parasse. E então quando aquele momento inevitável de quietude veio, *ele* cortou primeiro, conseguindo fazer contato com o lado de Lysander. Talvez atingindo um rim.

Isso teria derrubado a qualquer outro. O anjo meramente grunhiu. Mas ele não atacou novamente. Ele permaneceu no lugar, asas douradas deslizando suavemente de cima abaixo.

— Você quer salvar ambas, Olivia e Legion, como também seus amigos?

Aeron, também, permaneceu no lugar, arquejando, suando.

— Sim. — Mais que qualquer coisa.

— Bem, o único caminho para fazer isto é morrer.

Claro que Lysander diria isso.

— A barganha de Legion...

— É anulada se você morrer antes do tempo atribuído. Isso era parte de suas condições.

Anulada. Anulada com sua morte. Ela estaria livre. Seus amigos podiam viver sem a ameaça que ela agora apresentava. Mas...

— Olivia? — Ele perguntou, um nó súbito em sua garganta.

— Será capaz de ir para casa, sem a culpa de saber que você machucou alguém que você amava por causa dela. Sem o fardo de se perguntar se você um dia você ia se ressentir com ela. Sem a vergonha de deixar você para trás, se ela *decidisse* que você iria se ressentir um dia. Sem ser capturada mais uma vez por seu inimigo. Sem temer que ela seja forçada a matar você.

Ela faria qualquer coisa por Aeron. Ele sabia disto agora. Ela suportaria qualquer sofrimento, qualquer dor mental ou física. E é isso que a vida dele traria para. Dor. Não importa o que ele fizesse, como ele vivesse, ele traria para ela dor. Palavra chave: *Vivesse*.

Ele não podia fazer aquilo com ela. Não podia dar a ela aquela escolha. Ela não devia ter que suportar qualquer coisa, se ela estava disposta ou não.

Sem ele, ela podia viver sem culpa e vergonha. Sem dor. E isso foi o que o pegou. O pensamento dela vivendo como ela deveria: Feliz, livre, segura.

Nós vamos morrer agora? Ira perguntou, sabendo, como ele sempre fez, a direção dos pensamentos de Aeron.

Eu vou.

E eu?

Você continuará. Louco, mas Aeron não lembrou ao demônio isto.

Castigar. Uma declaração, não uma pergunta.

Sim. Para castigar. Ele rezou para que o demônio se lembrasse disto depois que ele partisse. *Eles a machucaram.*

Então eles morrerão.

Tão simples. *Obrigado por tudo.* Agora, para o resto.

— Você a protegerá? — Ele perguntou a Lysander. — Sempre?

— Sempre.

— E meu demônio? — Se o anjo queria...

— Seu demônio será contido. Galen agora tem Desconfiança, então para equilibrar a balança, eu capturarei Ira e o darei para Cronus. Eu já falei com o deus-rei, e ele escolheu um corpo. Um corpo que pertence a alguém que ele poderá

monitorar por si mesmo, assegurando que ela não ajudará seu inimigo ou machucará seus amigos.

Pânico floresceu.

— Ela? — Não Olivia, não Legion. Seguramente.

— Não, não Olivia ou Legion. — Lysander assegurou a ele, claramente sentindo seus pensamentos. — Não tenha nenhuma preocupação por esse motivo. A Legion retornará para casa. Como eu disse a você, eu cuidarei de Olivia eu mesmo, agora e sempre.

— Ira tem uma missão para completar. Você assegurará que Cronus...

— Eu sinto a natureza da missão, e eu assegurarei que será completado. Até certo ponto você acharia altamente satisfatório.

Muito bem, então. Entretanto ele odiou que ele não teria nenhuma parte no massacre por vir, e é isso que vai ser.

— Eu tenho um último pedido, antes de eu permitir a você pôr fim na minha vida.

Um aceno com a cabeça.

— Peça.

— Olivia almeja diversão. Ela *precisa* divertir-se.

Antes de a última palavra deixar a boca de Aeron, Lysander começou a agitar sua cabeça.

— Tal necessidade originou-se de sua associação com você. Uma vez que você for...

— Jure isto ou a briga continua! — Nisto, também, ele não se curvaria.

Lysander grunhiu para ele.

— Eu farei o meu melhor.

— Isto não é bom o suficiente. — Ele friccionou. — Você vive com Bianka, uma Harpia. Eu conheço a pequena bruxa e ela é a diversão encarnada.

— Sim. — Lysander disse, e existia orgulho em seu tom. Orgulho que Aeron provavelmente exibiu ele mesmo quando ele falava de Olivia. — Muito bem. Eu me certificarei que elas passem tempo juntas.

Todos os detalhes foram cuidados, então.

Morte, ele pensou em seguida. Aqui estava, olhando fixamente ele no olho. Finalmente o alcançou, e ele estava disposto. Não existia nenhuma resistência de sua parte. Novamente, ele esperou pelas emoções o consumirem, mas novamente, elas permaneceram ausentes.

Ele teria gostado de dizer adeus para Olivia, lembrar a ela que ele a amava. Mas ela tentaria e o convenceria a sair disto. Ele sabia disto, da mesma maneira que ele sabia que ele se desintegraria. Isto tinha que acontecer agora.

Aeron retraiu uma respiração funda, segurou isto... Segurou isto... Então, enquanto ele lentamente soltou-a, ele alargou seus braços.

— Faça isto. Tome minha cabeça.

Lysander olhou meramente para ele, cabeça balançando ao lado curiosamente, como se ele não esperasse que Aeron fosse concordar.

— Você está certo?

— Sim.

O anjo esticou seu braço e a espada ígnea mais uma vez apareceram.

— Não! — Olivia gritou debaixo deles. — Não! Aeron! Lysander! Por favor, não!

Aeron não quis que ela visse isto, mas era muito tarde para pedir a Lysander parar o movimento rápido e eles irem para outro local. Aquela espada de fogo já estava se curvando em direção a ele.

Adeus, Aeron, Ira disse suavemente.

Ele sentiu o primeiro chiar de contato, e então ele não soube de nada mais.



Olivia gritou e gritou e gritou. Aeron. Morto. Foi-se para sempre. O corpo do seu guerreiro bonito ficou desfalecido, e caiu do céu. Uma queda que pareceu durar para sempre, lenta e agonizante, assombrando-a e fazendo ela espera isto talvez, talvez, ele suavemente aterrissaria, e ele estaria bem. Ela tinha apenas que o alcançar...

— Por favor. — Ela soluçou, correndo para fora de seu quarto e chegando lá fora. Mas no fundo, ela sabia. Alcançar ele não faria nenhuma diferença. Aeron. Morto. Foi-se para sempre.



Legion havia acabado de relampejar de volta para a fortaleza para dizer a Aeron o que ela fez quando ela sentiu seu laço com ele se quebrar. E ela soube. Soube. Só uma coisa quebraria um laço como o seu.

Morte.

Ela estava viva, de forma que queria dizer - Não. Não! Nunca. Ela agitou sua cabeça violentamente.

— Aeron! Aeron! — Sem seu laço, ela não podia permanecer aqui. Ela iria...

— Não. — Ela gritou, até quando ela foi arrastada da fortaleza e levada de volta para o inferno.

Quando as chamas a envolveram, ela ouviu eco de grito de Lúcifer e do seu próprio.

— Não!

Capítulo Trinta

Olivia chorou até que ela não teve mais lágrimas, o corpo de Aeron apertado em seus braços. Ela mal notou como o sol se pôs e nasceu novamente. Mal notou quando os amigos de Aeron desceram. E ao verem no que se transformou o guerreiro, Strider caiu de joelhos e uivou. Torin chorou. Lucien esperou para escoltar sua alma,

mas nunca foi chamado, e ninguém soube por que. Maddox atormentava por respostas, e a maior parte dos outros permaneceram olhando fixamente em choque e descrença, pálidos, tremendo. Até Gideon tropeçou para abrir caminho, e oh, suas lágrimas a destruíram. Mas a reação que mais a matou, o que a rasgou e a deixou ferida, foi a de Sabin.

— Ele não. — O guerreiro entrecortadamente articulou. — Não este homem. Leve-me ao invés.

Um sentimento que ela, também, engoliu.

Como ela, eles se recusaram a deixar a colina. Cameo tentou convencer ela a subir, deixar Aeron ir, de forma que outros pudessem o segurar e dizer seu adeus. Ela recusou. Até mesmo tirar aqueles braços fortes longe dela. Finalmente, eles a deixaram sozinha, mas ela sabia que eles esperariam por perto, assistindo, querendo sua vez.

Isto não podia ser o fim, ela pensou, entorpecida. Simplesmente não podia ser. Nenhum imortal podia se recuperar de uma decapitação. Ela sabia isto. Mas isto não podia ser o fim.

Aeron não podia morrer sozinho.

As palavras passavam por sua mente uma vez, então uma segunda e terceira vez. Aeron não podia morrer sozinho.

Aeron não podia morrer sozinho.

Em todos os níveis, esta morte estava errada. Desnecessária, insensata.

Aeron não podia morrer sozinho - e ele não iria.

Esperança de repente floresceu da escuridão de sua alma, e, entretanto exigiu cada grama de força que ela possuía, Olivia afinal soltou o guerreiro - *não, segure ele, nunca o deixe ir* - ela se levantou do chão. Oh, não. Ele não morreria sozinho, ela jurou.

— Olivia. — Um dos amigos dele que esperava disse, aproximando-se dela, projetando tanto tristeza, tanto remorso, tanta dor.

Ignore. Fechando seus olhos, ela abriu seus braços e ergueu sua cabeça para o brilho do sol. *Ato.*

— Eu estou pronta para retornar para casa. Para reivindicar meu lugar legítimo no céu. Para ser o anjo que eu fui criada para ser.

Imediatamente ela foi lançada para o céu, asas brotando em suas costas em uma onda gloriosa. Ela enrolou a elas ao seu redor e as examinou, chocada de não ver nenhuma linha de ouro. Não seria mais um guerreiro, então. Engraçado. Não seria mais um guerreiro, ainda que nunca em sua vida ela tivesse mais intento de lutar por algo.

Aeron não morreria sozinho.

Lysander estava ao seu lado um segundo mais tarde, sua expressão muito torturada ele a olhava como se ele estivesse com uma dor física.

— Eu sinto muito, Olivia, mas tinha que ser feito. Era o único modo.

Existia remorso verdadeiro em sua voz, e ela movimentou a cabeça ao reconhecer isto.

— Você fez o que você tinha que fazer, da mesma maneira que eu irei. — Ela não deu a ele tempo para a questionar. Não, ela marchou em direção à câmara do tribunal, pronta enfrentar o Conselho.



Aeron lentamente abriu seus olhos. O primeiro pensamento a atingi-lo: *Como ele foi capaz de fazer isso?* Franzindo a testa, ele levantou a cabeça, e maravilha de maravilhas, ele tinha olhos, um nariz e uma boca. Sua cabeça estava presa ao seu corpo, mas por incrível que pareça, não existia nenhuma crosta em seu pescoço - ou tatuagens em seus braços, ele percebeu com choque quando ele descobriu que pele estava lisa e bronzeada.

Com sua carranca se intensificando, ele se sentou. Ele não experimentou nenhuma vertigem, nenhuma dor, só uma brisa fresca que se enrolava ao redor dele como se o abraçando e dando as boas vindas. Seu olhar se moveu pelo seu corpo. Intacto. Incólume. Ele estava deitado sobre uma plataforma de mármore, e ele estava vestindo uma bata branca bem parecida com a de Olivia. Suas pernas também estavam destituídas de tatuagens.

Como que era possível? Como uma coisa dessa era possível?

Lysander não errou. Ele sentiu a queimadura.

Então o que aconteceu? E onde ele estava? Ele estudou o ambiente. Existia uma espécie de bruma no ar, como se ele estivesse preso dentro de um sonho. Não existia nenhuma casa, nenhuma rua, só coluna de alabastro depois de coluna de alabastro com hera cheia de orvalho que subia dos lados.

Céu? Ele de alguma maneira tinha sido transformado em um anjo? Ele alcançou ao redor e sentiu suas costas. Não. Nenhuma asa. A decepção o balançou. Como um anjo, ele poderia procurar por Olivia, estar com ela.

Olivia. Doce, doce Olivia. Seu peito doeu e suas mãos coçaram para tocá-la. Ele sentiria falta dela todo dia de sua... Vida? Morte? Totalmente e sem diminuir. Onde ela estava agora? O que ela estava fazendo?

— Aeron.

A voz profunda o atingiu, e ele se agitou em reconhecimento e choque.

Entretanto milhares de anos passaram desde que ele ouviu aquele timbre rouco, ele sabia a quem pertencia imediatamente. Baden. Uma vez ele foi seu melhor amigo, mas há séculos ele havia falecido. Aeron ficou de pé e girou, inseguro do que ele encontraria. Como..?

Baden estava apenas alguns metros de distância.

Aeron batalhou contra o choque. Seu amigo parecia o mesmo de quando ele estava vivo. Alto, musculoso, cabelo vermelho claro espalhado ao redor seu rosto. Olhos marrons, pele escurecida pelo sol. Como Aeron, ele vestia uma bata branca.

— Como você está... Como nós... Estamos? — As perguntas ainda não se formavam de tão grande que era sua surpresa.

— Você mudou. Muito. — Baden sorriu, revelando dentes retos e brancos, e em lugar de resposta, ele prendeu Aeron com seu olhar. — Mas deuses, eu senti saudades de você.

E então eles estavam correndo um em direção um ao outro, envolvendo seus braços ao redor um do outro. Aeron segurou apertado. Ele nunca pensou que veria

este homem novamente. Mas aqui estava ele, segurando seu melhor amigo perto.

— Eu senti saudades de você, também. — Ele conseguiu sufocar o duro nó em sua garganta.

Um longo tempo passou antes deles se afastarem. Aeron ainda não podia acreditar que isto estava acontecendo. Que ele estava aqui, com Baden. Vendo-o, vendo-o.

A última vez que eles estiveram juntos, antes de Baden ser decapitado, Aeron queria colocar fogo no homem. Ou melhor, Ira queria que ele fizesse isso. Baden tinha queimado uma aldeia inteira, certos de que eles conspiraram seu assassinato, e o demônio de Aeron considerou o reembolsar do mesmo modo, fogo por fogo, embora a culpa assolasse Baden, talvez até levando sua — confiança — para Hadiee, a Isca que o levou a sua morte.

Agora Aeron sentia... Nada além de afinidade. Nenhuma ameaça de qualquer tipo. Nenhum desejo para começar uma competição. Não existia nenhuma imagem dentro de sua cabeça, também. Nenhum grito em suas orelhas. Realmente, ele não sentia Ira mesmo.

Isso não fazia nenhum sentido. Ele ainda tinha sua cabeça, então Ira tinha que estar dentro dele. *Certo?*

— Onde nós estamos? — Ele perguntou. — E *como* nós chegamos aqui?

— Bem vindo a vida após a morte, meu amigo. Criado por Zeus depois de nossa possessão, por via das dúvidas se nossos demônios nos matassem. Ele não quis que nossas almas corrompidas fossem capazes de alcançá-lo. E sim, eu sei que teria sido bom saber que nós tínhamos um lugar para ficar, mas o velho bastardo nunca disse uma palavra. — Baden girou ao redor de si mesmo e acenou com sua mão para seu entorno. — Eu chamo isto de terra do Mal. Entendeu? *Baden*²⁶.

— Sim, eu entendi.

— Ainda sem nenhum senso de humor, eu acho. Nós teremos que trabalhar nisto. De qualquer maneira, eu sei que não há muito para ver e o lugar é chato como uma merda, mas é melhor que a alternativa.

A alternativa?

— Então eu realmente estou morto?

— Eu temo que sim.

Seus ombros afundaram, um movimento vil para a sensação de perda esmagante que de repente o invadiu. Nenhuma chance de procurar por Olivia, então.

E nenhuma Ira, ele percebeu com uma inalação afiada. Seu demônio tinha sido tirado dele, libertado quando ele morreu. Ele estava só. Verdadeiramente só, pela primeira vez que em séculos.

Ele estava... Entristecido. Sim, entristecido. Lá no fim, eles haviam chegado a um acordo.

— Você e eu somos os únicos uns aqui?

— Não. Existem alguns outros, mas eles mantêm distância de mim. Eu não sei por que. Eu sou tão doce quanto um biscoito de açúcar. Não que eu tenha chegado a apreciar um ultimamente. — Baden murmurou. — Pandora, entretanto... — Ele estremeceu. — Ela também reside aqui e ela não mantém sua distância. Infelizmente.

Novamente Aeron batalhou contra seu choque. Pandora. A mulher à que foi

²⁶ Trocadinho para "Badin", tradução literal: Mau dentro. No contexto da frase: Lugar com o mau dentro.

dada a responsabilidade pelo *dimOuniak*, a caixa contendo todos os demônios fugitivos dos Senhores Altos que estavam cativos. A mulher que tinha assombrado a ele e seus amigos com seu status elevado, lembrando a eles inúmeras vezes que os deuses os havia negligenciado.

Uma vez ele a desprezou. Agora... Tantos anos se passaram desde que ele até mesmo pensou nela, ele não podia trazer à tona o ódio. Ele estaria jubiloso por saber que ela estava aqui e perto, porém? Inferno, não.

— Por que você não a matou? — Ele perguntou. — Novamente.

— Ele não é forte suficiente. — Uma fêmea disse por detrás deles.

Em uníssono, eles giraram. Pandora descansava contra uma das colunas, braços cruzados acima de seu peito.

Vendo-a, embora ele tivesse sido advertido de sua presença, era como ser esmurrado no rosto com juntas de metal. Aeron a olhou. Como ele e Baden, ela era alta e musculosa, entretanto em uma escala muito pequena. Seu cabelo marrom batia em seu queixo e emoldurava seu rosto. Um rosto muito severo para ser bonito. Seus olhos eram dourados. Muito dourados. Muito brilhante. De outro mundo. E cheio com desdém.

O mesmo olhar que ela sempre dava a ele nos céus.

Ah. Lá estava sua velha sensação de repugnância, subindo dentro dele, o enchendo. Até na morte era para ele ter um inimigo, parecia.

— Deve ser meu aniversário. — Ela disse com um sorriso cruel. — Um por um os homens que me mandaram para cá decidiram se juntar a mim.

— Você está enganada. O presente é meu. Agora seu tormento eterno pode ser assegurado.

Ela andou em direção a ele — para atacar? — Mas ela parou, e ofereceu a ele outro sorriso.

— Então. Como está Maddox? Morrendo, eu espero.

Maddox tinha sido aquele que a matou. O guerreiro tinha perdido para seu demônio, Violência, e a apunhalou, inúmeras vezes.

— Você ficará desapontada por saber que ele está bem. Ele até está esperando para ter um filho.

A respiração prendeu em sua garganta.

— Ele está agora? Que maravilhoso. — Ela exalou, e com o lançar, uma represa pareceu quebrar dentro dela. — Aquele bastardo! Ele não merece ser feliz! Ele me matou, permitiu que minha caixa fosse roubada, e agora ninguém sabe onde está. É nosso ingresso para sair daqui, mas *nãooooo*. Até eu não posso achar isto. Ele arruinou tudo e agora seus sonhos estão se realizando? Você pensa que eu não sabia que ele sempre quis uma família? Eu sabia! Mas ele deveria morrer! Ele foi a pessoa que...

— Oh, se recupere já.— Baden lançou um olhar a Aeron de “olha o que eu tenho que suportar”. — Deuses. Você é a mesma cadela agora que você era então.

Silêncio. Arquejando. Seus olhos se estreitados na cabeça ruiva.

— Sentindo-se invencível agora que você tem um amigo para proteger você?

— Dificilmente. Eu sou invencível de qualquer modo.

Eles continuaram a brigar, mas Aeron se desligou deles, sua atenção travada na parte da fala comovida de Pandora. Achando a caixa, *dimOuniak*, livraria eles deste

reino? Verdade ou mentira, ele não sabia. O que ele sabia? Se ele pudesse escapar, ele podia procurar por Olivia, como ele queria.

Ela poderia vê-lo?

Sim ou não, ele não se importava. Ele poderia vê-la.

Aquela caixa é minha.

Capítulo Trinta E Um

Olivia esteve na frente do Alto Conselho Divino, vida e morte em suas mãos pela segunda vez. Por dias ela pleiteou seu caso, se recusando a desistir ou partir, mas eles continuaram a rejeitá-la, muito satisfeitos com o resultado. Aeron estava morto, como eles queriam, e Legion havia retornado ao inferno. Sua casa. Algo que Lysander não explicou completamente para Aeron.

Ela abriu seus braços, suas asas, e girou, permitindo a eles vê-la. Toda ela. O sangue de Aeron tinha sido limpo de sua bata, mas não das suas mãos. Ela não deixou suas mãos nem roçarem no material. Ela queria que aqueles no comando vissem o que eles tinham forjado.

O olhar dela travou com cada membro, pousou neles enquanto eles estavam sobre seus tronos. Eles eram bonitos, cada um deles. Fortes, orgulhosos e puros. Eles se sentiram justificados. Eles se sentiram exonerados. Eles não vacilaram debaixo da sondagem do olhar fixo dela.

Não oscile. Você é confiante, agressiva.

— Por castigar a ele, — Ela clamou. — vocês me castigaram. Eternamente. Eu caí, sim, mas vocês permitiram que eu retornasse. Eu sou uma vez mais como vocês. Um anjo. Isso significa que minha alma é tão pura quanto as suas. Então eu pergunto a vocês: o que eu fiz para merecer tal castigo?

Afinal, um murmúrio surgiu.

Esperança floresceu uma vez mais.

— O que você quer dizer? — Um dos machos perguntou a ela.

— Permitir a você retornar aqui não significava um castigo, mas um privilégio.

— Eu amo Aeron. Eu não posso ter ser feliz sem ele.

— Você pode. — Uma das fêmeas disse. — Você apenas precisa de tempo para...

— Não! Nenhum tempo. Eu mereço ser tão feliz quanto eu fiz milhares de outros, e eu disse a você o que isso requeria.

Desta vez, não existiu nenhum murmúrio. Só silêncio. Silêncio pesado. O silêncio da derrota. Ela ainda não havia curvado sua cabeça ou se desculpado por seu descaramento. Ela não voltaria atrás. Não sobre isto. Se eles não devolvessem Aeron para ela, ela morreria com ele.

Ele não morreria só.

Confiante.

— Se vocês deixarem as coisas como elas estão, um bom homem morto, vocês não serão melhores do que aqueles de quem vocês protegem os humanos. — Eles seriam como os demônios. Ela não disse isso textualmente, mas seu significado era

claro.

— Bons homens são mortos o tempo todo, Olivia. Este é o preço do livre arbítrio. — Outra das fêmeas, seu tom mais suave agora, transbordando uma sugestão de compaixão.

Agressiva.

— Nós castigamos Aeron por suas escolhas. Por que nós não podemos o recompensar, também? Por que isso é o que nos separa verdadeiramente. Nossa compaixão, nossa generosidade. Nosso amor. O amor que ele próprio demonstrou por uma humilde. Ele desistiu de sua vida por mim. Esse sacrifício não excede em valor seu crime? Ele não provou sem sombra de dúvidas que ele é merecedor de redenção?

Murmúrios novamente. E então, finalmente, um suspiro.

— Talvez algo possa ser arranjado...



Os dias passaram em uma rápida sucessão, de um pôr do sol para outro. Aeron passou todo o seu tempo com Baden. Eles conversaram, riram, choraram e se recuperaram, o tempo todo dissecando locais possíveis para a caixa de Pandora. Sua determinação em achar aquela caixa era mais forte que nuca. Não para parar aos Caçadores – que, entretanto seria uma gratificação maravilhosa – mas por Olivia.

Ele descobriu que ele não precisava dormir, e ele não precisava comer. Ele meramente existia em um branco infinito, sua resolução sem vacilar.

Até agora, eles haviam desenvolvido algumas boas teorias. A caixa foi escondida em plena vista. Talvez armazenada em um reino como este aqui, ninguém capaz de passar para o lado de dentro. Talvez enterrada no fundo do mar. Quem pensou nisto, entretanto, e por que, eles ainda não compreendiam.

— Eu quero muito voltar. — Baden disse enquanto eles caminhavam pela névoa. Eles pensavam melhor deste modo. — De vez em quando, ao acaso, nós recebemos vislumbres de vida lá embaixo, mas eles nunca são suficientes.

— O que você viu?

— Algumas das batalhas de Sabin com Caçadores antes dele se mudar para Budapeste. Sua fortaleza. A explosão que trouxe vocês todos de volta juntos. Cada uma das mulheres que ajudaram você. Lucien é um sortudo bastardo. Sua mulher é minha favorita.

— Você provavelmente ofereceria a ele condolências se você realmente encontrasse Anya.

Baden riu.

— Uma desordeira, não é? Entretanto, não são todas elas. — Conforme sua diversão enfraquecia, ele deu uns tapinhas nas costas de Aeron. — Eu acho que o que mais eu sinto falta é da suavidade de uma mulher.

Pensando em Hadiee?

— Por que você fez isto? — Finalmente Aeron perguntou o que ele se perguntou por séculos. — Por que você permitiu aos Caçadores cortar sua cabeça?

Seu amigo encolheu os ombros.

— Eu estava cansado, tão cansado de olhar constantemente por cima de meu ombro, suspeitar sobre qualquer coisa e tudo. Eu até comecei a duvidar de você.

— De mim?

— Todos vocês, na verdade. — Baden suspirou. — Eu odiei isto. Eu odiei que eu esperava que cada um de vocês se virasse contra mim quando eu sabia em meu coração que isso nunca aconteceria.

— Você está certo. Nós nunca teríamos machucado você. — Eles amaram este homem muito ferozmente. Apesar de seu demônio, Baden tinha sido o homem em que todos confiavam. O homem que todos buscavam por direção e suporte.

— E então a mulher veio. — Seu amigo continuou. — Eu suspeitei que ela fosse uma isca, mas o que fez isto pior era que eu esperava que ela fosse. Então eu fiz isto. Eu escoltei-a à sua casa, deixei ela me seduzir, embora eu soubesse que os Caçadores apareceriam. Eu estava... Aliviado quando eles finalmente me abordaram. Eu até não lutei contra eles...

Como ele em última instância ele se recusou a lutar contra Lysander.

— Você está feliz com o modo como coisas terminaram?

— Para ser honesto, eu não sei. Pandora é tudo que eu tenho para diversão e como você viu, ela nem é muito divertida.

Não existia como negar isto.

— Falando em Pandora, ela parece ter desaparecido. Eu não peguei nenhum vislumbre dela desde que eu cheguei.

— Isto é o modo como ela trabalha. Ela dá a você alguns dias de paz, acalmando você com uma sensação falsa de segurança, e então ataca. Mas já é o suficiente dela. Por que você fez isto? — Baden perguntou, sacudindo ele com seu olhar. — Por que você permitiu ser morto? E sim, eu sei que você se permitiu morrer. Você é muito bom soldado para ter sido levado de qualquer outro modo...

Aeron suspirou, imitando o som cansado de Baden.

— Todos estes anos eu temi a morte, mas lá no fim, você está certo. Eu, também, dei boas-vindas a isto. Não porque eu estivesse cansado, mas porque eu queria salvar minha mulher.

— Ah, uma mulher. A queda de todos nós. Fale-me sobre ela. Eu ainda posso receber um vislumbre. — Baden esfregou suas mãos juntas, com antecipação. — Eu quero conhecer o tipo de criatura que cativou um homem tão astuto.

— Sim, Aeron, eu quero ouvir isto, também.

Aeron ficou imóvel.

— Você ouviu isto? — Ele girou, seu olhar procurando de modo selvagem pela mulher que ele almejava mais do que a vida. Ele não achou nenhum sinal dela.

— Eu ouvi. — Baden disse, franzindo a testa agora. — Uma voz de fêmea, certo?

Ele não estava louco, então.

— Olivia? — Ele gritou. Ele teria jurado que seu coração começou a bater em seu tórax. — Olivia!

Várias jardas de distância, o ar começou a tremular resplandecendo em uma tela de pérola, e uma forma ficou nítida. Cachos escuros. Olhos azuis claros. Pele sem defeito. Lábios em forma de coração. Círculos rosa pintaram suas bochechas, e asas brancas gloriosas estavam esticadas atrás dela.

Asas. Anjo. Ela foi para casa.

— Você pode me ver? — Desesperado, ele deu um pulo em movimento. — Você pode ver os mortos?

— Oh, sim. Eu posso ver você.

Quando ele a alcançou, seus braços se enrolaram ao redor dela e a ergueu. Ele a abraçou como ele nunca abraçou ninguém, e girou com ela. Aqui, ela estava aqui. Com ele. Ele nunca a deixaria ir.

Sua cabeça caiu para trás e ela riu com despreocupado abandono. Aquele riso... Como acalmava sua alma.

— Olivia. — Desesperado por saboreá-la, ele esmagou seus lábios juntos. Ela abriu de boa vontade, avidamente, e ele se alimentou de beijo depois de beijo, saboreando tudo sobre ela. O calor de seu corpo, a doçura de suas curvas. *Sua. Só sua.*

— Aeron. Existe tanto que eu tenho que dizer a você.

Trêmulo, ele a abaixou e segurou o rosto dela com as duas mãos, nunca perdendo contato.

— Coração, o que você está fazendo aqui? Como você está aqui? E eu vejo que você é um anjo uma vez mais. — *Meu anjo.*

— Sim. Um que traz alegria e não mais um guerreiro.

— Você era sempre meu anjo que traz alegria, mas como... Eu não entendo.

Ela sorriu para ele e passou seus dedos por toda parte no rosto dele, como se ela, também, não pudesse aguentar deixá-lo partir.

— Minha Deidade é o criador da vida, e Ele ofereceu a você uma nova. Da mesma maneira que o Alto Conselho Divino ofereceu a mim meu trabalho antigo de volta – embora eles dissessem que eu estou agora melhor vestida para a classe de guerreiro. De agora em diante, eu serei seu anjo pessoal que traz alegria. Eles perceberam que você não podia ter muita alegria sem mim, e eu não teria nenhuma felicidade sem você.

Ele ainda não podia embrulhar sua cabeça em torno dos detalhes.

— Por que eles se importariam? Eles foram às pessoas que me quiseram morto em primeiro lugar.

— Você sacrificou tudo. Por mim. Minha Deidade reconheceu seu sacrifício e buscou recompensar você. Ele o devolverá para o seu corpo, curará aquele corpo, e você poderá retornar a fortaleza. Nós podemos ficar juntos.

— Juntos. — Ele quis cair de seus joelhos em agradecimento. Ele quis gritar e dançar. Ele só podia ficar maravilhado. Olivia era sua.

O olhar dela se tornou questionador, inseguro.

— Você está feliz sobre isto?

— Eu sou mais feliz que eu nunca fui, coração. Você é tudo o que eu quero, tudo que eu preciso.

Outro sorriso floresceu.

— Eu sinto o mesmo.— Aquele sorriso escurecendo um pouco. — Ira... Seu demônio não pode retornar a você, eu tenho medo. Eu tentei. Mas ele já foi dado para outro.

— Quem?

— Uma mulher chamada Sienna Blackstone. Uma vez ela foi mortal, morta por

tiro. Mas Cronus salvou sua alma e a manteve com ele.

A Sienna de Paris. De todos os resultados... O que isso designava para o pobre Paris? Ele podia ter sua mulher de volta, afinal, parecia, mas ela estaria enlouquecida por Ira pelos muitos anos que viriam. Ela existiria só para a vingança daqueles que pecaram.

Aeron faria tudo que ele pudesse para aliviar sua transição. E esperava que o demônio o reconhecesse. Eles ainda tinham um trabalho para fazer, afinal. O castigo de Stefano. Os demônios que a machucaram, também.

— Eu serei mortal? — Ele perguntou. Não que ele se importasse. Ele estaria com Olivia. O que um corpo que envelhecia importava?

— Não. Você será imortal, da mesma maneira que antes. De fato, seu corpo será restabelecido para o que era em sua criação. Você estará sem suas tatuagens, sem suas borboletas. Sem suas asas. — Novamente ela pareceu insegura. — Isto está bom?

— Bom? Isto é magnífico. — Rindo agora, ele a girou uma segunda vez. A vida podia ficar ainda melhor? Talvez não. Ela não parecia tão feliz quanto ela devia estar. — O que está errado? — Ele perguntou enquanto ficava imóvel.

— Legion. Ela voltou para o inferno, saltou mais uma vez para suas chamas porque seu laço com você foi destruído.

Gelo cristalizou em suas veias – junto com a percepção. Foi isso que Lysander quis dizer pelas palavras: ela retornará para casa. — Ele devia ter sabido, suspeitado no mínimo.

— Lúcifer está tão bravo com ela, ele a deixou em seu corpo humano e os demônios a atormentam sem cessar. Galen está procurando por ela, e eu penso... Eu acho que ele até se aventurará no inferno por ela. Ele quer matá-la porque aparentemente ela tentou matá-lo.

Os olhos de Aeron se alargaram. *Legion tentou matar Galen?* Tanto aconteceu desde sua morte.

— Eu não posso deixá-la lá. — Ele disse. Apesar de tudo o que aconteceu, ele ainda amava a pequena demônio.

— Eu sei. Foi por isso que eu falei com o Conselho sobre meus novos deveres. Como seu anjo pessoal que traz alegria, eu expliquei que você precisa do demônio em sua vida ou aquela vida não será completa. Eles concordaram que se você decidir ir buscá-la, eles a deixarão ficar com você, porque o que ela está suportando agora é um inferno que durará por mil vidas. Depois de seu salvamento, entretanto, ela será atribuída a um anjo guardião para assegurar que ela não prejudique nenhum humano.

— Sim, sim, eu aceito por ela. — Legion odiava anjos, mas ela podia lidar com isso. Ela teria que se acostumar a sua Olivia, de qualquer maneira. — Sim. — Ele disse novamente. Ele até não teve que pensar sobre isto. — Você, Olivia, é até mais surpreendente do que eu percebi. Você fez isto, e eu nunca poderei te agradecer o suficiente. — Ele choveu pequenos beijos por toda parte do rosto dela. — Você é meu deus tudo.

— Da mesma maneira que você me deu tudo.

— Eu passarei o resto de meus dias me assegurando que você tenha sua diversão.

— Tudo que eu preciso é o seu amor.

Aeron mergulhou nela para outro profundo e penetrante beijo, e logo eles estavam perdidos nisto, suas mãos por toda parte um no outro, ávidos, prontos para mais, determinados...

— Uh, pessoal. — A voz de Baden se infiltrou na ilusão de isolamento e eles dois giraram em direção a ele. Ele acenou para Olivia. — Oi. Eu odeio interromper isto, porque uau, mas e eu? Eu quero esta ação. Eu quero voltar para meu corpo.

— Eu sinto muito. — Ela disse. — Você não fez nenhum sacrifício. Eu tenho medo que você tenha que permanecer aqui.

Arrependimento e remorso imediatamente estragaram a nova encontrada paz de Aeron. *Ele havia acabado de encontrar Baden, e agora ele deveria abandoná-lo?*

Ombros de Baden caíram.

— Há alguma coisa...

— Não... — Olivia suavemente inseriu. — Eu sinto muito. Você já está morto. Não existe nenhum sacrifício que você possa fazer.

— Eu acharei um caminho para buscar você. — Aeron jurou. — Pandora mencionou a caixa. Eu nunca pararei de procurar por isto, eu juro por minha vida.

Seu amigo movimentou a cabeça, mas existia tristeza em sua voz quando ele disse:

— Eu sentirei faltarei você.

— E eu você. — As lágrimas agora queimaram seus olhos.

Baden sorriu, entretanto era triste.

— Diga a Torin que ele me deve uma espada. Diga a Sabin que eu não esqueci como ele me enganou no xadrez. E diga a Gideon que eu quero uma nova disputa. Ele saberá o que eu quis dizer. — Ele falou uma mensagem para cada guerreiro, e maldição se elas não quebraram o coração de Aeron. Pelo fim, suas lágrimas estavam livremente fluindo. — Até nos encontrarmos novamente, Aeron.

— Nós iremos. Nos encontrar novamente.

— Eu nunca perderei a esperança. — Sem outra palavra, Baden caminhou para trás, andando a um passo agonizante. Então mal Aeron quis gritar para ele parar, mas da mesma maneira que ele abriu sua boca para fazer isso, incapaz de tomar o pesar, o guerreiro desapareceu na névoa.

— Eu sinto muito. — Olivia disse, acariciando seu peito.

Aeron a empurrou de volta para seus braços, a apertando.

— Isto não é o fim. Eu juro isto. — Ele enterrou seu rosto no buraco do pescoço dela. Ele podia nunca a reembolsar por tudo que ela fez por ele. — Eu amo você. Muito.

— Eu amo você, também.

— Eu vou fazer você feliz. De todas as coisas que eu já jurei, isto é o mais importante mim.

Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou.

— Você já me faz feliz. Agora vamos para casa. Existem muitas pessoas ávidas para ver você.

— Primeiro, e eu não posso acreditar em que eu estou dizendo isto, mas nos voe para meu quarto. Nós precisamos de uma reunião adequada. Então nós nos encontraremos com os outros.

Isso ganhou outra risada dela.

— Está certo. Eu tenho asas agora e você não tem. Acho que significa que eu estou no comando de nossas... Atividades mais ilícitas, também. Então você pode considerar isto feito. Cuidar de sua felicidade é meu trabalho, afinal.

— Pelo que eu serei eternamente agradecido.

Eles se beijaram novamente antes de voarem para casa.
